Cammie McGovern

CONTATO VISUAL



Novo Conceito


Cammie McGovern
CONTATO VISUAL
Novo Conceito

Table of Contents

Folha de Rosto
Créditos
Dedicatória
1
2
3
4
5
AGRADECIMENTOS
Notas

CONTATO VISUAL

Cammie McGovern

Tradução: Alyne Azuma

Copyright © Cammie McGovern, 2006
Publicação original por Penguim Book Ltd, nos EUA, em 2006
Copyright © 2010 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados - 2010
Título original: Eye Contact
Versão Digital - 2012
Produção Editorial
Equipe Novo Conceito

Tradução: Alyne Azuma
Preparação de Texto: Marco Pacce
Revisão de Texto: Henrique Zanardi de Sá e Vania C. B. da Silveira Cobiaco
Capa: Esper Leon
Diagramação e Editoração: Triall
Diagramação E-pub: Brendon Wiermann
Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

McGovern, Cammie

Contato visual / Cammie McGovern ; tradução Alyne Azuma. - São Paulo : Editora Novo Conceito, 2010.

Título original: Eye contact
ISBN 978-85-99560-39-6
eISBN 978-85-8163-169-1

1. Ficção norte-americana I. Título.
08-04923 CDD-813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 – Pq. Ind. Lagoinha
14095-260 – Ribeirão Preto – SP
www.editoranovoconceito.com.br

Para os rapazes que eu tanto amo:
Mike, Ethan, Charlie e Henry

"Kevin está bem", a srta. Lattimore, professora da quinta série, informou. "Está *ótimo. Ele sofreu um pequeno dano cerebral, só isso." Ela ergueu a mão mostrando* o polegar e o indicador para que todos vissem: *só uns dois centímetros de dano cerebral. "Se ele tiver dificuldade de* fazer certas coisas, como falar, por exemplo, ou se movimentar, lembrem-se: lá dentro ele continua o mesmo." Ela transformou os dedos que mostravam os dois centímetros em um punho e bateu no peito. "Ele tem os mesmos sentimentos que vocês."

Cara e Suzette olharam uma para a outra. A secretária do pai de Suzette era tia de Kevin. Elas já sabiam que ele não estava bem, que usava um andador e só conseguia mover um lado do rosto. A baba era um problema, assim como usar o banheiro. Kevin era um garoto comum sobre o qual ninguém pensava muito até o verão anterior, quando ele desceu de bicicleta a longa colina de Brewster Boulvevard sem capacete, entrou em um caminhão de pão da Pepperidge Farm e passou dois dias em coma com um rim faltando e um sangramento no cérebro. Ele havia se tornado mais interessante.

Quando ele apareceu na porta para o primeiro dia de volta às aulas, Cara estava pronta, com as mãos unidas em frente ao corpo e um sorriso congelado de boasvindas. Semanas antes, ela decidira aproximar-se de Kevin quando ele retornasse — ajudá-lo com a bandeja do almoço, abrir o zíper da mochila, tirar o estojo se ele precisasse. Ela não tinha medo dele, da maneira como todos obviamente tinham e observavam enquanto ele chegava na sala, com o andador de metal na frente, e a mãe — usando um batom vermelho forte e um lenço predendo os bobes de esponja rosa — atrás. Seu rosto era exatamente como Suzette havia descrito: metade bem, metade caída como um bolo; contraído em si mesmo, a boca inclinada em um sorriso torto que não se movia enquanto ele levava o que pareceu ser a manhã toda para se sentar na fileira atrás de Cara. O punho da srta. Lattimore voltou ao peito: "Estamos felizes em tê-lo aqui, Kevin. Muito, muito felizes".

A tosse e o farfalhar do papel pela sala deixaram a negação evidente. Ninguém estava feliz em ter Kevin ali. Ele havia se tornado a moral da história, o nome que todos os pais usavam quando os filhos saíam de bicicleta. Conforme se aproximava, até mesmo Cara, com seus sonhos de justiça à moda de Florence Nightingale, estava tão impressionada com a visão que tinha e com o desastre que um momento de inconseqüência podia causar, que quando ele passou com seu andador barulhento, ela fez o que havia prometido a si mesma não fazer: baixou os olhos para a barra do minivestido, conferiu suas pernas saudáveis, ativou as mãos e checou o rosto levantando as sobrancelhas. Quando ele finalmente se sentou e deixou o andador bloqueando a fileira, a srta. Lattimore voltou-se para sua aula e para a sala cheia de alunos tão ansiosos por voltar sua atenção para qualquer coisa que não fosse Kevin que é possível que ninguém, com exceção de Cara, tenha ouvido uma espécie de som de pigarro se transformando em palavras truncadas, cheias de saliva e pronunciadas por metade de uma boca: "Estou vendo sua calcinha".

Mais tarde, Suzette disse que deveria haver algo de errado com ela, por amar um garoto capaz de dizer algo assim. "Não consigo evitar", disse Cara. "Tem alguma

coisa nele…"

Suzette e ela tinham essas conversas desde a segunda série, quando se conheceram e ficaram amigas. Se Cara era a romântica, Suzette era a prática, a profetisa que rechaçava a popularidade e todos os seus requisitos. Atualmente, a tendência das garotas populares na hora do recreio era trançar um cordão com longas fitas de plástico pretas e vermelhas para usar no pescoço. "Cores de puta", uma garota explicou, e Cara cometeu o erro de correr para comprar seus próprios exemplares. Ela não entendeu o princípio básico da popularidade: você precisa ser *chamada,* convidada. Não é só chegar e sentar e com um saco de papel cheio de coisas dinte de você. Por anos, ela não entendeu as regras do discurso social, e então, em um simples diálogo, ficou claro: "A gente senta aqui", Patty Sweet disse a ela. "Tipo, com nossas amigas."

"Ah", exclamou Cara, colocando o saco no colo e abrindo espaço no banco.

Depois disso, Suzette revirou os olhos. "Até parece que são tão incríveis. Tenha dó. Elas não têm nada de especial, além de serem magras e terem cabelo liso." Suzette não via utilidade nas garotas populares em sua escola, ou em qualquer outra pessoa. Ela queria trabalhar com animais no futuro. "Talvez na África", dizia ela. "Os animais são honestos. Quando querem comida, comem você."

Apesar de Suzette não entender a diferença, Cara não almejava a popularidade tanto quanto a facilidade com as pessoas, uma maneira de circular mais tranqüilamente pelo mundo e ser como sua professora da quarta série, a sra. Simon, que certa vez deu aula a manhã inteira com o zíper da calça aberto e riu quando se deu conta. "Então, quem ouviu uma palavra do que eu disse?", ela brincou. Para Cara, um erro como aquele a teria perseguido por dias, teria se tornado uma explicação para as conversas que se acumulariam em sua cabeça, as palavras que ela nunca disse para as pessoas que ela passava o dia observando.

Na primeira semana do retorno de Kevin, Cara observou-o tanto quanto pôde. Toda vez que ela se virava com alguma desculpa inventada — não lembrar onde o apontador estava, olhar as nuvens pela janela — ele estava olhando para ela, com rosto torto e aquele mesmo meio sorriso. Internamente, ela começou a questionar essa coisa de dano cerebral. Quando olhava nos olhos dele, via profundidade, inteligência, um cérebro em perfeito estado preso a um corpo meio paralisado.

No começo da segunda semana, a srta. Lattimore começou a aula sussurrando:

"Preciso pedir que um de vocês seja o ajudante de Kevin esta semana". Apesar de Kevin não estar lá (ele ainda chegava uma hora atrasado todos os dias), ela inclinouse na direção da sala como se fosse um segredo coletivo, algo que não deveria ser comentado fora da classe. A mão de Cara se ergueu, um pilar solitário em um mar de incerteza. Até então, ela não havia sido notada na sala, não havia se destacado como nada além da única pessoa com unhas limpas no dia em que a srta. Lattimore explicou a transmissão de germes da mão para a boca. ("Não tenho medo de apertar a mão da Cara", disse ela. "Dos demais, não tenho tanta certeza.") Agora isso iria mudar.

A srta. Lattimore a chamou para uma conversa em particular na mesa do professor. "Tente pensar nas coisas que ele vai precisar e ajude antes que ele peça. Acho que é a melhor forma." Cara fez que sim com a cabeça e planejou ser a melhor ajudante do mundo para Kevin, tão boa que ninugém mais se candidataria ao cargo, que seria dela o resto do ano.

No final das contas, Kevin não precisava de muita ajuda e raramente pedia alguma coisa. Aliás, ele pouco falava. A srta. Lattimore chamou-o duas vezes e, em ambas, todos viram o esforço e a concentração que falar exigia. Em ambas, ele não conseguiu dizer nenhuma palavra, e a srta. Lattimore disse: "Tudo bem, Kevin, obrigada pela tentativa. Quem sabe da próxima vez". Eles almoçaram juntos, como a srta. Lattimore havia recomendado, e Cara manteve a conversa fluindo como havia planejado antecipadamente para preencher o que poderia ter sido uma refeição silenciosa. Ela falou sobre tudo que andava pensando nos últimos tempos: que não estava interessada em ter um monte de amigos, que preferia ser legal a ser popular e às vezes, tinha descoberto, não era possível ser os dois. Para a surpresa dela, na presença silenciosa de Kevin, as palavras vinham facilmente, assim como as opiniões, os pensamentos. De repente, Cara tinha vários deles. Ela soava como Suzette, que, todos sabiam, era a mais esperta das duas. Ela contou a Kevin que estava pensando em ser enfermeira quando crescesse, ou bióloga marinha por causa da visita às piscinas formadas pela maré no verão anterior quando surpreendeu a todos pela maneira destemida e imprevisível como tocara as texturas.

"Algumas anêmonas parecem molengas, e aí voce coloca a mão e são duras como pedra. Como tocar um crânio, o que seria estranho. Quem iria querer fazer isso?"

Os olhos perdidos dele piscaram rapidamente.

Meu Deus, ela pensou. *Alguém havia tocado o crânio dele, muitas mãos,*

provavelmente. O coração dela acelerou, e Cara temeu algum tipo de combustão interna, uma morte por vergonha, um ataque cardíaco causado por burrice.

Mais tarde, a srta. Lattimore disse que Cara tinha feito um bom trabalho, mas que ia chamar um garoto dali em diante. "No caso de Kevin precisar de ajuda no banheiro, vai ser mais fácil. Ele vai ter menos vergonha de pedir." Cara parou ao lado da mesa da srta. Lattimore na segunda e última conversa que teria com a professora pelo resto do ano e viu, em um *flash* aterrorizante que as crianças, às vezes, têm e espantam, confusas com sua própria capacidade de enxergar a verdade, que não estava sozinha em seu amor por Kevin por razões inexplicáveis: as necessidades dele, os silêncios, a mão problemática que ele colocava com a outra sobre a carteira. A srta. Lattimore o amava também e pensava sobre ele à noite, muito mais que deveria. Cada uma acreditava em sua própria verdade sobre Kevin: para Cara, ele estava bem, ou talvez melhor que bem — um encontro com a morte o havia envelhecido prematuramente e colocado um adulto entre eles, aprisionado em um corpo de uma criança defeituosa. Para a srta. Lattimore, ele seria eternamente a criança que subiu em uma bicicleta e pedalou por três minutos de braços abertos. Talvez ambas desejassem as mesmas coisas: apagar os ferimentos com cuidados, encontrar uma brecha, um espaço pelo qual derramar seu amor líquido, ou talvez fosse um pouco mais obscuro, aquilo que Suzette tinha sugerido irritada quando Cara se recusou a almoçar com ela a semana toda. "Você só quer que todo mundo repare em você."

Suzette era sua melhor amiga havia três anos. Elas tinham sofrido sete meses como bandeirantes e desistido juntas quando o distintivo reconhecendo sua criatividade artística foi negado porque o projeto de vitrais usando os *kits* de decoração Shrinky Dinks que Suzette havia sonhado, incorporando penas de pássaro e pedaços de folha de alumínio, não se encaixava em nenhuma definição de arte que a líder conhecia. Elas tinham aprendido juntas a andar de bicicleta, a nadar, a fazer "olhos de Deus" com fios coloridos para pendurar sobre a cama. Suzette sabia tudo sobre Cara e tinha dito uma meia verdade: Cara queria ser notada. Contra a dura e plácida verdade das necessidades de Kevin, ela via a si mesma pela primeira vez durante os almoços, ouvia a própria voz, sentia a transformação na pessoa que um dia viria a ser.

Em alguns anos, Cara viria a perceber que também não estava errada sobre a srta. Lattimore. Ela descobriria que existem muitas reações a uma criança com "necesidades especiais" (como ainda não eram normalmente chamadas, mas logo seriam), que as pessoas parecem ter, na mesma medida, como compaixão, desprezo,

horror e pena, e também isto — uma série de possibilidades: *Aqui você tem essa necessidade. Sente ao meu lado. Deixe que eu preencha.*

Agora, aos trinta, Cara está sentada no escritório de sua antiga escola, esperando Margot Tesler, a diretora, voltar e explicar o que está acontecendo com seu filho, que está desaparecido há tempo suficiente para que ela tenha sido chamada. Na maior parte do tempo, Cara esquece que freqüentou essa escola uns vinte anos antes, que se as paredes falassem, os corredores poderiam contar as histórias de seus fracassos e sucessos. Isso só ocorre a ela em alguns momentos: ajoelhada ao lado do guarda-volumes enquanto Adam tenta se livrar das calças para neve, ela vê um duto de calefação e lembra que ela e Suzette, entediadas, decoravam as aberturas com pequenos *Olás* escritos com caneta esferográfica, e se inclina para ver se as camadas de tinta bege não apagaram as provas de sua amizade antiga e agora morta.

Apesar de Cara nunca ter sido mandada para a sala do diretor quando criança, ela conhece bem essa sala agora, com prateleiras cobrindo as paredes e uma mesa de reunião grande o suficiente para acomodar o antigo plano de educação de Adam, que às vezes envolve oito pessoas traçando planos, estabelecendo referências — as acomodações necessárias conforme o currículo cresce a cada ano. Estranhamente, Cara tem lembranças felizes de estar nesta sala. Ela não é amiga de nenhuma dessas pessoas, mas também não é inimiga, como suspeita que sejam muitos pais de crianças com necessidades especiais, com suas intermináveis listas de pedidos e exigências. Cara usa a abordagem contrária: faz biscoitos para todas as reuniões, distribui doces todo Natal e todo ano escreve notas de agradecimento elaboradas para todos na equipe porque acredita no que sua mãe ensinou — generosidade atrai generosidade — e que se agradecer às pessoas repetidas vezes, o mundo de Adam será acolchoado por um pouco de gratidão guardada. Até o momento, Cara diria, a abordagem tem funcionado. Mesmo quando entrou, Shirley, a secretária da diretora, olhou-a nos olhos e disse: "Nós amamos Adam, querida, e estamos enlouquecidos. Logo ele vai aparecer". Cara fez um aceno com a cabeça e murmurou um obrigada.

Adam é amado pelos adultos da escola, pelo menos, que sempre falam de seu sorriso largo, da alegria contagiante em seu rosto quando ele volta do recreio. Apesar de, aos nove anos, ainda ter ataques capazes de constrager a todos, ele também pode ser incrivelmente descomplicado: quando oferecem uma bala de goma

ou a oportunidade de ouvir um ensaio vespertino da banda, ele praticamente explode de alegria. "É mesmo?", diz, sua nova expressão favorita. "É mesmo? Uma bala de goma?" No meio de uma escola de ensino fundamental cheia de crianças crescendo rápido demais, vestidas como astros do pop e carregando celulares, Adam é, para essas mulheres que parecem avós, a criança eternamente perfeita — satisfeita com o comum, uma pilha de lascas de madeira, um novelo de fiapos, nada de mais. Um ano, até mesmo a diretora, a sensata Margot, com seus sapatos ortopédicos quadrados e seus horríveis coletes de crochê, encerrou uma reunião do IEP, o programa especial de educação: dizendo: "Adam vale ouro, Cara, e todos nós o amamos. Eu só queria deixar isso claro".

Cara sempre via esses comentários como um sinal cheio de esperança para o futuro. Os adultos o amam, e algum dia ele também será um adulto! A implicação, na lógica de seu coração esperançoso: ele também será amado! Amado por pessoas de sua idade, não trinta anos mais velhas!

No entanto, manter-se otimista sobre o futuro de Adam diante da diferença entre seu crescimento e o de seus colegas é um esforço e exige mais trabalho a cada ano. Ele está na terceira série, e a lista das coisas que não consegue fazer torna-se, a cada ano, maior, mais minuciosa e, na cabeça dela, mais agourenta. Ele não sabe dizer as horas, não compreende conceitos abstratos de tempo: ontem, amanhã, semana que vem. Não consegue jogar cartas e ainda dá o resultado de dois dados contando os pontos de cada um. "Ele não deveria ser bom nessas questões matemáticas?", uma professora certa vez perguntou, pensando obviamente no *Rain Man* de *Dustin Hofmann. "Ele não é", respondeu Cara, em um raro momento de respostas curtas.* "As crianças autistas são muito diferentes entre si, e matemática é a matéria mais difícil para Adam. Ele é bom em leitura. *Bom.* Totalmente dentro da média." Ela falou enfaticamente, apesar de haver uma certa dúvida sobre isso também: uma nota mais baixa em interpretação de texto que ele havia obtido seis meses antes e que ela ia investigar, mas acabou não conseguindo porque havia tantas lacunas e tantos déficits agora, questões incontornáveis que passavam pela mente dela toda noite: *Por que se preocupar com a leitura se ele está indo tão mal em matemática? Por que se preocupar com matemática quando ele ainda, três vezes por semana, não se veste sozinho? Por que se preocupar com tudo isso quando faz um ano que ele não é convidado para brincar?* Nos últimos tempos, ela ia dormir preocupada com os convites para brincar, pensando: Preciso tentar outra vez logo. Os garotos gostam o suficiente de Adam, ou pelo menos não se importam em vir aqui brincar com os brinquedos dele. Às vezes aparecia um que passava o tempo todo conversando com ela, e Cara via o doce Adam em um canto com as mãos unidas em sinal de

contentamento diante da facilidade do encontro, de como tudo está indo bem, como se quisesse dizer, eu amo minha mãe, veja *só!, você também! Depois, ela tinha* de falar sobre tudo, lembrá-lo de que é preciso conversar com as pessoas para ficar amigo delas, é preciso responder perguntas, é preciso, por exemplo, *dizer oi.* E o rosto de Adam perdia o brilho lentamente, assimilando o que ela estava dizendo aos poucos — que não tinha sido um sucesso, que a amizade exige algo um pouco mais complicado que estar no mesmo local, entre os mesmos brinquedos, apesar de Cara, com seu próprio histórico de amizades fracassadas, não saber dizer exatamente o quê.

A situação toda a deixa triste, incapaz de pensar no grande pântano cinzento do futuro de Adam. Matemática não é a matéria mais difícil para ele na verdade. A matéria mais difícil é a vida, e tudo que diz respeito a vivê-la. Na semana anterior, absorto em seus pensamentos, Adam quase acompanhou a mulher errada e desceu do ônibus. Cara teve de ir até ele, puxar o capuz de seu casaco e gritar: "Adam, preste atenção". "Oh, oh, oh", ele respondeu, o rosto tomado de gratidão e alívio: *Quase perdido e então salvo!* Ele afundou a testa no peito dela, suspirou, riu e quase chorou enquanto dizia sem parar: "Você está bem, você está bem". Aos nove anos e em pânico, ele ainda invertia os pronomes, ainda repetia palavras de conforto exatamente como as tinha ouvido. "Você *está* bem", Cara disse, passando mão no cabelo dele enquanto Adam, seu bebê, se balançava ao lado dela com o rosto apertado de uma maneira estranha contra a lateral de um dos seios.

Agora Margot Tesler entra bruptamente na sala e se senta em frente a Cara para explicar o ocorrido: Phil, o auxiliar de Adam, estava doente, e Teresa, a substituta, já estava ocupada, então ele estava com uma pessoa nova hoje, a sra. Warshowski, que não havia entendido as instruções e achava que o intervalo das aulas também era um intervalo para ela.

Cara olha para ela. Até então, não estava terrivelmente preocupada. Ela presumia que ele seria encontrado em um de seus lugares estranhos, atrás da máquina de doces, embaixo do piano na sala de música, que logo haveria uma risada forçada e um desconforto geral sobre a comoção causada. Agora não tinha tanta certeza. "Ele foi para o recreio sozinho?"

"Os monitores do playground foram avisados. Eles estavam cientes de tudo."
"Mas ele estava lá fora quando desapareceu?"

Margot encontra o olhar dela e assente: "Sim".

Cara se levanta. Ela não havia considerado a idéia de que ele estivesse lá fora, que tivesse realmente desaparecido. Ela precisava sair e procurar em todos os lugares onde Adam poderia estar. "Ele deve ter ouvido alguma coisa — um cortador de grama, talvez. Ou alguma música. Você olhou o almoxarifado? Eles às vezes deixam o rádio ligado lá."

"Nós olhamos. Ele não está lá."

Cara pega suas coisas. "E a sala de música? A banda está ensaiando?"

"Nós checamos. Não estão."

"Adam consegue ouvir coisas que as outras pessoas não ouvem. Se algum garoto estiver tocando violino em algum lugar do prédio, ele provavelmente vai ouvir e tentar se aproximar."

Margot dá a volta na mesa. "Temos gente procurando aqui dentro e lá fora."

"Deixe-me procurá-lo, Margot. Sinto muito que isso tenha causado tamanha comoção, mas vou encontrá-lo. Ele não deve ter ido longe." Antigamente, quando Adam era menor e mais movido por sua compulsão de investigar máquinas, aquecedores e torneiras mal fechadas, Cara o perdia com mais freqüência que gostava de admitir. Ela conhecia o pânico, a rapidez com que ele desaparecia, mas também sabia, intuitivamente, como encontrá-lo: Pare. Procure atentamente o murmúrio dele, aqueles barulhinhos guturais parecidos com o canto de um pássaro ou com o que ele possa ter ouvido — talvez música ou o ronronar baixo e fascinante de uma máquina ganhando vida.

"Eles podem pedir que você vá até lá em alguns minutos, mas, por ora, você precisa ficar aqui."

"Eles? Eles quem?"
"A polícia."

"A polícia? Há quanto tempo ele sumiu?"

"Um pouco mais de uma hora. Uma garota também sumiu. A polícia diz que é um bom sinal, que diminui a possibilidade de um seqüestro. Praticamente nunca se

ouviu falar de alguém levar duas crianças de uma vez."

Cara tenta engolir, mas não consegue, e sua boca se enche de um gosto insuportável. Ela assente com a cabeça, mas não se senta.

"O que aconteceu, Margot? Por que ninguém estava de olho nele?"

"Na verdade, havia mais monitores que de costume. Seis adultos estavam lá fora quando aconteceu. Não havia nenhum estranho no *playground,* nenhum carro desconhecido no estacionamento, ninguém viu nenhuma movimentação suspeita. Estamos falando com as três salas que estavam lá fora naquela hora, vendo se alguma criança falou com eles, sugeriu que se escondessem, talvez, algum tipo de brincadeira, ou que fossem para o bosque."

O bosque, ela pensa. Além do campo de futebol que fica depois do *playground,* há uma linda clareira entre os pinheiros que dão nome à escola, Woodside Elementary.

"Deixe-me ir lá fora, Margot."

"Ainda não. Estão fazendo uma busca sistemática, e por enquanto pediram que você fique aqui."

Cara olha pela janela. "O que eles acham que aconteceu?"

"Eles acham que é alguma travessura. Alguém pegou duas crianças vulneráveis e disse a elas para fazer algo idiota." Margot balança a cabeça em sinal de desgosto. "Foi por isso que chamei a polícia tão rápido. Quero que o responsável por isso saiba que está bem encrencado."

Antes Cara não se preocupava excessivamente com os abusos de outras crianças.
Ao andar de ônibus com Adam na primeira semana de aula como faz todos os anos, pôde ver como ele passa praticamente despercebido para as outras crianças. Elas passam por ele, olham através dele, praticamente sem notá-lo além da estranheza de um aluno da terceira série tomar o ônibus escolar com a mãe. É triste, claro, e também um alívio. Se os valentões conseguem saber intuitivamente quem chora mais fácil e escandalosamente, não é Adam. Ele pode cantarolar ou ir embora, mas é bem provável que ouça muito pouco do que uma outra criança disser. Ela tem de ser

honesta sobre isso, tem de lembrar muitas vezes de deixar claro quem Adam é e do que é capaz. "Se outra criança disse a ele para fazer algo, não acho que ele faria. Não é o costume dele."

"Nunca se sabe, Cara. Ele está mudando. Adam mudou muito este ano."

Em outro contexto, isso seria motivo para comemoração. Ele está mudando! Até a *diretora percebeu! Agora só parece preocupante. "Quem é a menina?"*

"Amelia Best?", ela diz como uma pergunta, como se esperasse que o nome pudesse soar familiar, o que não acontece. "Ela chegou este ano. Quarta série. Ela está na escola há… o quê? Seis semanas. Uma menina excepcionalmente bonita. Muito…" Ela procura a palavra certa. "Loira."

Adam desapareceu com uma menina especialmente bonita? Pela primeira vez em anos, ela pensa em sua fixação por Kevin Barrows e entra em pânico. "Tem certeza que eles estão juntos?"

"Não sabemos. Nós conhecemos Adam melhor que Amelia. Percebemos o desaparecimento de Adam primeiro, porque não é típico dele. Ele tem sido tão dócil ultimamente que quando não o vimos na fila ao primeiro sinal, Sue teve certeza de que algo estava errado e ligou para o escritório imediatamente."

"É possível que algum garoto mais velho do ensino médio tenha vindo? Ou do ginásio?"

Margot une e aperta a ponta dos dedos. "Teoricamente, eles não têm permissão, mas é possível." O ginásio fica a uma distância visível do primário — no alto de uma colina, com alguns campos de futebol entre eles. "Vou ter de perguntar — onde está o pai de Adam?"

Cara olha para cima. Ela não esperava por essa. "Ele não está… Presente."

Essa é sua resposta padrão, pela qual ninguém passa por cima.

"Certo, disso eu sei, mas onde ele está? Só estou perguntando porque a polícia perguntou diversas vezes. Pelo jeito, um pai ausente é o primeiro lugar onde eles procuram."

Cara sente a boca seca. "Eu não sei quem o pai dele é... Ao certo."

Margot arregala os olhos em sinal de surpresa. "Oh, então ele nunca esteve presente?"

"Não, ele não teria como saber."

"Nada? Qualquer coisa sobre Adam? Não existe nenhuma chance de ele estar envolvido nisso?"

Cara balança a cabeça. "Nenhuma."

Margot levanta a mão. "É só o que eu preciso saber." Ela olha pela janela do escritório, como se admitindo sair neste momento e contar a alguém. Então ela se vira, com um novo pensamento: "Você acha que se Adam estava no playground, ele talvez possa ter ouvido um rádio no bosque?"

O estômago de Cara começa a latejar, como um segundo coração. *Que ele não esteja no bosque, ela reza. "Sim", ela diz delicadamente. "Ele pode ter ouvido algo* que ninguém mais ouviu."

"Ele teria ido se, digamos, tivesse ouvido vozes?"

"Não", ela sussurra por não conseguir suportar o fato de não ter certeza disso.

Adam é sua vida, sua companhia constante, o garoto pelo qual ela abdicou de qualquer outra vida, mas o que Margot disse é verdade: nos últimos anos, ele mudou. Ele, às vezes, adquire uma bravura, e seus antigos medos desaparecem misteriosamente. Mesmo neste breve ano letivo, ela, algumas vezes, alertou os professores desnacessariamente — Adam não sabe lidar com os exercícios de incêndio, ele não vai bem nas aulas normais de educação física — em ambas situações ela estava errada e subestimado o filho.

De repente, há uma agitação no corredor, duas secretárias levantam-se de uma só vez. Pelo vidro da janela da sala da diretora, Cara vê uma delas olhar para ela e então para a direção oposta. Quando a maçaneta gira e uma mulher coloca a cabeça para dentro, Cara não olha. "Ele foi encontrado, Cara. Adam está bem. Eles vão trazê-lo agora."

Cara solta a respiração, seu alívio é tão grande que ela não consegue falar.

"Onde ele estava?"

"No bosque, então talvez tenha alguns arranhões."

"E a menina? Ela também foi encontrada?"

"Sim."

"Ela está bem?"

"Não."

"O que aconteceu?"

"Eles encontraram o corpo."

"Esta É a Minha Confissão", Morgan escreve cuidadosamente no alto da página. Ele quer deixar tudo claro, fazer direito. "Eu não pretendia machucar ninguém, talvez só a mim mesmo, o que entendo que foi uma estupidez, foi errado, E NÃO ERA A SOLUÇÃO, mas estou tentando ser honesto, e essa é a verdade. Confissões devem ser uma narrativa factual dos eventos em que o autor diz, basicamente, Fui Eu. Para que eu faça isso direito, no entanto, preciso deixar algumas coisas claras. Número 1: eu não sou, nunca fui, o tipo que se mete em encrencas. Na quarta série fiquei muito chateado por causa de um mal-entendido de algo pichado na parede perto de onde eu sentava. Quando a professora perguntou se eu sabia o que era patrimônio escolar, disse a ela que não tinha sido eu, nem era o meu estilo. Mas foi isso que eu aprendi: as pessoas podem fazer certas coisas mesmo que não seja o estilo delas."

Ele está sendo claro, cuidadoso com o que escreve, respeitando as linhas, mesmo que não pretenda mostrar para ninguém. Ele está na sala de estudo, o que é uma aula vaga porque ninguém estuda, e o inspetor, o sr. White, é tão velho que não se importa com o que as pessoas fazem, que é basicamente conversar. Como ninguém se importa, Morgan continua escrevendo. "Número 2: como não pretendo me

entregar, o que significaria não ter futuro para o resto da vida, e talvez ir para a cadeia, vou agir do meu jeito, todos os dias, para compensar o que eu fiz, que foi um erro terrível."

Morgan olha para o relógio, vê que o tempo acabou e fecha o caderno. Duas vezes por semana, às terças e quintas, ele almoça com um grupo que não tem nome, mas que se encontra na sala 257. Em sua cabeça, Morgan se refere a eles como o Grupo de Pessoas que Precisam de um Grupo como Este. Para ele, isso significa pessoas que não têm outros amigos, apesar de não ter certeza disso. Ninguém nunca disse "eu não tenho amigos", isso só parece ser um dado na maioria das discussões, que até o momento, têm sido sobre tópicos como Manter uma Conversa, Controlar a Raiva e Lidar com a Ansiedade. Morgan não tem todos esses problemas, só alguns deles. Controlar a raiva, por exemplo, nunca foi um problema, apesar de ser mais difícil de as pessoas acreditarem nisso agora.

Há outros cinco garotos, e mais Morgan e Marianne Foster, que lidera o grupo. Alguns deles têm problemas óbvios: Derek, por exemplo, gagueja tanto que mal consegue falar. Tudo deixa Sean ansioso: filas no refeitório, frutas estragadas, o sinal, as aulas de educação física, a idéia de crescer. Chris é o que provavelmente tem a maior variedade de problemas: asma, eczema, óculos que não param no nariz, além do medo de água, mesmo em uma caneca. "Eu nunca coloco a mão", diz ele. "Não nado, não ando de barco, não bebo nem tomo banho. Eu me lavo com um talco que minha mãe manda trazer." Um dia Morgan quis perguntar se Chris nunca toma banho, ou só de vez em quando. Talvez os outros queiram fazer a mesma pergunta e tenham medo — ele não tem certeza.

De início, hoje foi um dia como os outros. Marianne começa perguntando como estão indo as metas de cada um. Todos têm metas em que estão empenhados, apesar de Morgan não conhecer as dos demais, com exceção de Howard, que contou a dele no primeiro encontro, sem perceber que não era necessário. "Estou empenhado em fazer perguntas às outras pessoas sobre elas mesmas e não brincar com o meu pênis pelo meu bolso". Depois disso, todos preferiram não contar as suas.

"Certo, se ninguém quer compartilhar nada hoje, vamos passar para o que prometi que iríamos falar: o projeto do semestre." Marianne se vira e escreve no quadro negro: Ser voluntário em nossa comunidade. Ela explica que, para a tarefa, eles vão escolher uma posição e se encontrar uma vez por semana com a pessoa que precisa de ajuda. "Por exemplo, pode ser um idoso. O que vocês podem fazer por um idoso?"

Sean levanta a mão. "Desculpe, Marianne, mas eu tentei algo assim uma vez e fiquei extremamente ansioso."

"Por enquanto, Sean, vamos só ouvir o que eu tenho a dizer com mente e ouvidos abertos e tentar não nos preocupar demais antes que eu diga o que você está fazendo."

"Só estou dizendo que…"

"Eu entendo, certo, Sean? Eu sei do que você está falando."

Morgan gosta de Marianne, gosta do fato de a chamarem de Marianne, o que ele não fazia com uma professora desde a pré-escola. Ele entende que ela não é exatamente bonita, que tem um belo corpo, mas que o rosto tem mais queixos que deveria, o que, ela explicou certa vez, era uma conseqüência do lúpus e de ter de tomar certos remédios que fazem com que seu rosto inche. Morgan gosta que ela conte coisas assim, que simplesmente as diga em voz alta.

Ela olha para o relógio de pulso. "Vocês vão poder escolher entre quatro alternativas: uma comunidade de aposentados, uma pré-escola, um grupo que dá sopa para os desabrigados ou uma prática de conversação bilíngüe para estrangeiros. Pensem no que vocês teriam mais interesse em fazer."

Enquanto ela fala, a porta se abre e uma mulher da diretoria entra. Por um instante, todos se entreolham. Até Marianne parece chocada. "Barbara, você não deveria…"

O grupo é um local privado, Marianne disse a eles no começo. Ninguém precisa saber quem faz parte dele, ninguém deve repetir o que é dito. Barbara ergue a mão com um pequeno pedaço de papel dobrado. "Sinto muito, Marianne, mas houve uma emergência."

Marianne pega o bilhete e o lê. "Meu Deus, preciso ir", ela diz e se levanta. "Desculpem, pessoal, vamos falar mais da próxima vez."

No minuto seguinte, ela se foi.

Agora ela sabe, Morgan pensa. O bilhete deve ser sobre mim.

Durante todo o quinto período, Morgan fica impaciente e nervoso.

Durante a aula de ciências do sexto período, vem um comunicado da sala da diretora pelo alto-falante cancelando as atividades extras. "Os pais estão sendo avisados", ele diz. "Todos devem ir direto para os ônibus escolares depois da dispensa." Morgan levanta a mão, pega o passe para ir ao banheiro com o sr. Marchetti e vai para o corredor em que fica a sala de Marianne. Ele quer entrar, mostrar a ela sua confissão, explicar tudo, mas, em vez disso, pára ao lado da porta aberta do escritório principal e ouve uma sobreposição de vozes elevadas, algo sobre uma ambulância."A polícia já está lá. Esses garotos vão ver."

"Precisamos garantir que não vejam. Coloque todos no ônibus ou no carro dos pais."

"Meu Deus, Paul."
"Foi o que nos disseram até agora. É tudo que sabemos. Não temos escolha."

Morgan ouve passos atrás de si e se afasta, tarde demais.

"Morgan", ele ouve, e vira e encontra Marianne com o rosto coberto de manchas de um vermelho vivo. "Não sei o que você acabou de ouvir, mas algo muito triste aconteceu." Ela estende a mão e — ele não acredita e pensa por um momento que seu coração vai parar — pega a dele. Pela primeira vez, ocorre a Morgan. *Talvez isso não tenha a ver comigo. "Uma garota morreu. No primário. Provavelmente todo* mundo vai ficar sabendo logo, então é melhor dizer, acredito eu." Ela aperta a mão dele.

"Espero estar certa. O importante agora é seguir as instruções, ouvir atentamente e fazer exatamente o que disserem, está bem?"

Morgan acena com a cabeça e segura a mão de Marianne. Ele imagina, por um segundo, estar casado com ela, morar em sua casa, ajudá-la a escolher as blusas de gola alta. Ela se inclina e olha diretamente para ele. "Isso é sério, Morgan."

"Eu sei", diz ele.

Para Adam, a língua sempre foi uma luta. Suas primeiras palavras só surgiram aos três anos e vieram na forma de substantivos dispersos, as palavras mais importantes para ele: instrumentos musicais, compositores, máquinas que o fascinavam. Aos quatro anos, ele era capaz de identificar um clarinete, um oboé, um fagote, mas não conseguia, nem sob pressão, apontar para uma calça. Essa é a peculiaridade de um cérebro autista, a maneira como alguns caminhos funcionam, e outros não. Por que uma criança autista pode aprender a ler antes mesmo de conseguir organizar sua boca para exprimir palavras? Por que outra consegue memorizar um cardápio no tempo que a maioria das pessoas levaria para lê-lo?

No decorrer dos anos, Cara aprendeu que o cérebro pode se mover em uma dissonância titubeante, viajar em alta velocidade e em nenhuma velocidade simultaneamente. Certa vez, na mesma conversa de quatro minutos, Adam identificou um trecho de música em um elevador como Bach, mas não conseguiu dizer, ao estranho impressionado que estava no elevador, seu nome e sua idade. Cara sabia que ele não conseguiria porque conhecia o cérebro do filho e seus muros. "Como você se chama?" era uma pergunta que ele não conseguiria, aos quatro anos, resposnder sem uma dica, sem que ela tocasse o queixo dele e começasse a resposta, "Aaaa...". A parte difícil era o pronome. Para Adam, *seu* significava a outra pessoa, e como ele haveria de saber o nome dela? Existe uma lógica nas incontáveis coisas que ele não consegue fazer, uma maneira de seu pensamento fazer sentido.

Por anos, ele nunca conectou as palavras, nunca adotou aquelas frases dos bebês que dão contas de uma refeição: *Acabou! Quero mais!* E então, no decorrer de apenas uma manhã, quatro anos atrás, isso mudou. Cara se lembra de tudo com exatidão: o almoço que ela estava colocando no prato dele, a fatia de presunto, o picles ao lado. Sentado de lado na cadeira, com a mão misteriosamente erguida, ele iniciou um monólogo surpreendente: "Você não pode simplesmente sair da calçada desse jeito. Isso é uma rua, com carros. Eles andam rápido e não *olham*. Podem atropelar você, amassar você. Como um papel".

Foi um discurso que ela havia feito um dia antes, em uma caminhada à tarde pelo parque. Por um longo período, Cara não conseguiu se mexer, não ousou levar o prato para o outro lado da mesa. Antes disso ele jamais havia juntado mais que três palavras, e mesmo assim só com ajuda de lembrancinhas ou recompensas, marshmallows e insetos de gelatina quando ele encontrava as palavras e as dizia. Isso era vinte e cinco, talvez trinta palavras de uma vez, ditas sem motivo, lançadas ao ar, simplesmente — apesar de ela saber que não podia se empolgar demais. O

segredo com os grandes avanços era não fazer um grande escândalo ao elogiá-los. "Nossa", ela disse docemente, colocando o prato diante dele. "Eu me lembro. Foi quando você estava na calçada. O que será que fez você pensar nisso?"

Imediatamente, ele estava perdido de novo, focado na comida, que exigia toda sua concentração, então ela contiunuou falando como estava habituada a fazer. "Será que você ficou assustado quando eu falei isso?" Ele olhou para o espaço acima do ombro dela onde, ela acreditava, Adam pousava o olhar quando estava ouvindo o que ela dizia. "Deve ter sido isso. Deve ter assustado muito você, acho eu. É bom ter medo de carros, mas lembre que nada vai acontecer quando eu estiver com você."

Ela está pensando nessas palavras agora, e como ela tinha de seduzi-lo a sair de suas ausências auto-impostas e unir-se a ela neste mundo, com todos os seus perigos reais e imaginários. Enquanto o escritório ao redor dela se enche de estrahos, Cara reza para que ele não tenha absorvido o que quer que tenha acabado de testemunhar. Para que quando ela chegar lá, ele esteja confuso com tanta atenção, com os policiais na escola, com tudo tão fora do normal, sendo que tudo o que fez foi andar até o bosque no recreio. Ela também sabe que Margot está certa — Adam mudou recentemente. Ele tem registrado e se chateado com coisas inesperadas — outra criança no *playground* pegando uma lasca qualquer, duas crianças no ônibus brigando por causa de um chiclete. Ainda assim, havia uma chance. Quatro anos atrás, quando os pais de Cara morreram em um acidente de carro, ele foi ao funeral, ao velório e a todo lugar com ela porque Cara não podia suportar se separar dele nos dias que se seguiram, mas o tempo todo, cercado por lágrimas e rostos sombrios, ele pareceu não ser afetado. Ele amava os avós, mas, mesmo assim, nenhuma vez perguntou onde estavam ou o que tinha acontecido. Por uma semana inteira, ela deixou que ele fizesse tudo o que queria: jogar pedrinhas lá fora, enfiar pedacinhos de papel pela abertura da lata de refrigerante. Ela não o colocou na mesa, não usou os cartões com imagens de revistas coladas que tinha feito para melhorar o vocabulário dele. Não disse nenhuma vez, para o corpo dele, que se balançava ao lado dela, "Onde está a alface? Onde está o prato?" Ela queria esperar, ver o que ele faria, se a morte dos avós o tinha atingido, e, pelo jeito, não tinha. Na noite após o funeral, eles comeram cachorros-quentes no silêncio que sempre reinava se ela deixasse. Ouviram uma fita de músicas da Vila Sésamo. Ele tomou banho. Na cama, ela leu para ele uma história de Christopher Robin saindo da floresta. Será que ele entendia que se tratava de perda e despedida, do amor que perdurava mesmo quando você nunca mais vê alguém? Não, ela finalmente decidiu, desejando naquela ocasião que isso fosse uma bênção, rezando agora que ainda fosse verdade: ele não tinha

assimilado a terível dor do mundo, não havia comprendido a finitude da morte.

Por um tempo imensurável, ela não tem permissão para ver Adam. Ele está bem, dizem a ela, está tudo bem, há um paramédico examinando-o no local. Finalmente, um policial alto e absurdamente magro inclina-se até a cadeira dela: "A senhora é a mãe?", ele sussurra, e ela assente, apesar de obviamente haver outra mãe, a da garota. "Venha comigo. E traga suas coisas. Precisaremos que a senhora vá para a delegacia depois."

Ela segue o policial e pára ao seu lado quando ele aponta para uma ambulância estacionada no meio do campo onde, dois anos antes, ela tinha levado Adam para uma temporada de futebol aos sábados, quinze jogos em que ele não tocou a bola nenhuma vez. Se ela perguntasse sobre futebol agora, ele provavelmente lembraria das laranjas do recreio e das caneleiras que ele sempre usava nos braços quando voltava para casa de carro. Por favor, ela reza, indo em direção à ambulância. Que *ele esteja intacto em relação a isso. Que se lembre deste campo, olhe em volta e se pergunte onde estão as laranjas.*

Quando ela chega, no entanto, sabe antes mesmo de entrar na ambulância que é tarde demais.

Ela jamais o vira com essa postura antes, inclinado dessa forma, com os braços apertados ao lado do corpo. Cara corre até ele e se abaixa para colocar a cabeça de Adam em seu ombro. "Adam. Está tudo bem. A mamãe está aqui." Ele está respirando? Ela ajoelha e coloca os braços nos ombros dele. "Respire, querido. Respire."

Do lado de fora da porta da ambulância, a multidão aumenta, mais viaturas, a van de um canal de televisão. Ela ouve alguém dizer "A mãe está com ele agora", coloca a mão no rosto dele e o envolve. Ele não se move, não responde à voz dela. Ela nunca sentira nada como esse nó que ele deu em si mesmo.

Por três horas, June Daly, professora do ensino especial de Greenwood da quarta à sexta série, relata ao policial o que se lembra de Amelia: que ela geralmente ia de vestido para a escola (ou pelo menos tinha sido assim no mês e meio em que freqüentara a escola), que era dócil e quieta, mas tinha dificuldades de aprendizado e

talvez — se o exame sugerido tivesse sido feito — talvez apresentasse um leve retardo. Isso não estava na ficha de Amelia (que estava incompleta e em trânsito, vinda de sua antiga escola), mas June havia notado que havia tarefas que ela não conseguia executar na primeira avaliação: contas de adição simples, leituras compatíveis com a primeira série. O policial toma nota de tudo e retorna a um tópico sobre o qual já havia perguntado — os garotos da sala. "Algum deles parecia demonstrar algum interesse especial nela?"

June baixa os olhos até as próprias mãos, vê que o dedinho da mão direita está tremendo. "Não", ela responde à pergunta, apesar de não ser exatamente verdade. Amelia era linda e a única menina em uma classe de cinco alunos — todos os meninos estavam interessados nela. Eles a chamavam por apelidos, ofereciam Tic Tac a ela, seduziam-na com piadas, apesar de, na maior parte do tempo, ela ignorálos e se sentar com as mãos unidas e o ar empertigado de uma pequena bibliotecária. Mas Amelia era uma combinação estranha. Ela podia ser reticente, passar dias sem falar com quase ninguém na sala, e então, imprevisivelmente, passar uma manhã inteira fora de sua carteira rodeando June a uma distância de cinco centímetros, encostando em seu braço, colocando o queixo em seu ombro. Nos primeiros dias de aula do ano, quando o calor do verão durou mais que o comum, e o desconfortável cerco de Amelia tornou-se grudento e desconfortável, June pensou em falar com a menina sobre respeitar o espaço alheio, mas não o fez, temendo parecer muito indelicada, como uma professora sobrecarregada à beira de um ataque de nervos, mesmo que ainda fosse setembro. E em alguns dias, isso não acontecia. Às vezes, Amelia passava o dia contida e bem, sentada em sua carteira.

Não foi um dos meninos, ela sabe disso.

"Algum comportamento estranho depois do recreio?"

"Não. Meus alunos não são exatamente bons em disfarçar, e em quarenta e cinco segundos eu descubro se algo aconteceu no recreio, se houve uma briga, e hoje não houve nada. Ela simplesmente não voltou do recreio."

June sabe o que o mundo acha de seus alunos. Anos atrás, começou a trabalhar com educação especial porque esses eram os alunos que mais a intrigavam e assustavam. Também parecia ser o grupo para o qual o professor certo na hora certa poderia fazer a maior diferença. E ela fez a diferença. Ela pensa em Jimmy, que chegou a sua classe aos dez anos lendo no nível da primeira série e que lê em voz alta, cheio de orgulho, livros da biblioteca do Capitão Cueca que ela comprou com seu próprio dinheiro. (Uma de suas estratégias de leitura é oferecer livros aos alunos

que tenham um interesse genuíno, o que pode gerar mais piadas sobre fraldas e puns que ela gostaria, mas vale a pena receber uma resenha de Jimmy — como havia acontecido duas semanas antes — com *meleca de nariz* e *evacuação intestinal* escritos corretamente. "Eu adorei o livro", ele escreveu, "porque fala de uma coisa que me interessa.") Ela tinha essas histórias de sucesso, mas também havia alunos que ainda não havia conseguido fisgar, que permaneciam sentados durante a aula em um silêncio cheio de cautela, inabalados por seus truques e piadas. Amelia era um deles.

"Por que ela estava na classe especial?"

"A mãe dela pediu."

"Então ela tinha um programa especial?"

"Sim. Nenhuma criança vai para a minha sala sem um programa especial."

"De que você se lembra do encontro com a mãe?"

June se lembrava de uma mulher magra usando um terno roxo, cujo objetivo principal parecia manter Amelia fora da qurta série regular e na sala de educação especial. Hoje em dia, a maioria dos pais quer o oposto: auxiliares, intérpretes, o que for necessário para manter seus filhos nas salas regulares. Normalmente, a sala de June era o último recurso, a gota d'água depois de meses de comportamento explosivo e destrutivo. Como a mãe queria Amelia na sala de educação especial, a reunião havia sido relativamente breve. June deveria ter perguntado o que Amelia gostava de fazer e no que era boa, porque sempre fazia questão de perguntar isso — para dar aos pais a oportunidade de falar dos pontos fortes dos filhos. Ela se lembra vagamente de a mãe de Amelia dizer que a menina adorava desenhar, mas não elaborar muito o tema, o que era estranho. A maior parte dessas conversas se estende infinitamente e tem de ser interrompida por alguém tossindo e apontando para o relógio na parede.

"Você teve algum contato com a mãe depois da primeira reunião de educação especial?"

"Sim. Uma vez por semana ou algo assim, ela trazia Amelia para a escola, o que não é incomum. Às vezes, os pais fazem isso para marcar presença regularmente."

"Hum... Alguma conversa ou diálogo especial que você lembre?"

"Eu me lembro que uma vez ela perguntou se eu conhecia alguém de quem Amelia podia ficar amiga. Era difícil para ela, por ser a única menina da sala."

"Você deu alguma sugestão?"

"Eu disse a ela que ia perguntar a alguns professores da quarta série. Às vezes, nós tentamos formar pares entre os meus alunos e seus colegas das salas regulares que possam precisar de uma pausa de sua aula por alguma razão. Damos a eles um projeto: medir todas as portas da escola ou coisa do gênero. Descobrimos que é uma boa maneira de fazer os garotos muito ativos entenderem matemática."

"Mas ela não era uma criança muito ativa."

"Não."

"Então o que ela fazia com o parceiro?"

June hesita. O que ela pode fazer além de admitir a verdade? Ela queria seguir a recomendação da mãe, que outra menina fosse o par de Amelia. Ela ia — tinha até falado com uma professora — e no final, não o tinha feito. Ela nunca tinha encontrado uma amiga para a aluna.

Mais tarde, depois que a polícia foi embora com todos os pertences de Amelia que June conseguiu encontrar — o diário, o caderno, a mochila, até mesmo o cardigã rosa, ainda pendurado impecavelmente na cadeira até que um oficial o removeu com seus dedos envoltos em luvas de látex e o colocou em um saco de Ziploc —, ocorre a June que há uma história que ela não contou, uma que esqueceu quase completamente.

Aconteceu no fim de uma manhã, na segunda ou na terceira semana de aula, quando a sala estava vivendo um breve momento de quietude. Liam, o encrenqueiro habitual, estava com o orientador educacional, e Jimmy estava em casa doente, então só havia três alunos, que estavam ocupados, debruçados sobre alguma atividade de leitura, lápis à mão. Era um momento tão raro de paz que quando o cheiro soprou em sua direção, ela temeu que a manhã se perderia em piadas de pum e acusações. Mas ninguém disse nada. O fedor permaneceu tão forte no ar que ela silenciosamente se levantou e abriu a porta (não havia janelas, obviamente, era uma sala central, de

baixa prioridade), quando o cheiro permaneceu por cinco, dez minutos, ela discretamente perguntou se alguém precisava usar o banheiro. Ninguém se manifestou.

Ela não se moveu pela sala, não tentou identificar a origem do cheiro, apesar de ter uma suspeita. June deixou passar, liberou-os para o refeitório para o almoço e cambaleou até a sala dos professores. Mais tarde, quando a tarde passou sem grandes acontecimentos e o cheiro havia sumido, ela foi até o banheiro feminino e procurou atentamente as evidências da limpeza. A essa altura, ela se sentia culpada. *Não faça um faxineiro enfrentar o que eu não sou capaz, não deixe outra criança encontrar uma calcinha suja e inventar alguma história, ela disse a si mesma. June* andou de uma cabine a outra checando todos os cantos, em volta dos vasos sanitários, no lixo. Nada. Quando todos foram embora, checou o banheiro masculino e não encontrou nada. Nesse momento ela soube, sem sombra de dúvida, que havia sido a garota, a loira e quieta Amelia.

Hum, ela pensou depois, planejando fazer uma anotação para que eles pudessem unir as peças dessa criança-enigma. Então, entre uma coisa e outra — como ela podia explicar? Não tinha certeza, não tinha visto a calcinha, não tentou ajudar —, ela não fez a anotação.

No dia em que Amelia Best morreu, sua ficha continha todas as quatro folhas de papel.

A mãe de Morgan odeia a televisão e diz que é porque era viciada na juventude. "Desperdicei minha infância assistindo só lixo", ela costumava dizer, e Morgan pensava que estava falando literalmente, que a mãe ficava olhando a lata de lixo. Esse é o tipo de erro que Morgan às vezes comete, até que ela explica: "Não, Morgan, meu Deus. Televisão ruim, estou falando de programas como The Price *Is Right, The Love Boat. Esse tipo de porcaria".*

Normalmente, Morgan tem direito a uma hora de televisão depois que ela checa sua agenda de tarefas e toda a sua lição de casa. Agora ficou claro que depois que um assassinato aconteceu na vizinhança, tudo bem ver TV porque ainda não anoiteceu e eles a estão assistindo ininterruptamente há quase duas horas, sem

menção alguma à agenda de tarefas nem à lição de casa. Morgan deseja que estivesse com seu caderno para que pudesse anotar o que aprendeu, os fatos que o repórter narra: "Com a autópsia ainda pendente, a garota parece ter morrido em decorrência de um único ferimento à faca no peito".

"Meu Deus", sua mãe exclama, cobrindo a boca com a mão, fazendo-o imaginar que ela vai vomitar. Se ela vomitar, Morgan sabe que vai vomitar também, porque já aconteceu antes, na escola, duas vezes para ser mais exato.

Mas sua mãe abaixa a mão, engole, e eles continuam vendo TV. É estranho passar todo esse tempo sentado no sofá ao lado dela. Geralmente, no jantar, ela faz algum tipo de comida e fica em pé enquanto ele come, segurando e lendo uma grossa pilha de papéis grampeados. Sua mãe é advogada e trabalha em um grupo de ação ambiental, o que significa que se não está lendo, está no telefone. "Tenho que telefonar para um poluidor compulsivo hoje à noite", ela diz, e ele dá de ombros e não faz perguntas. Ela tem seus problemas e ele tem os dele. Agora estão sentados juntos, olhando para a tela e piscando.

Uma foto de Amelia aparece — cabelo loiro enrolado em cachos, presos em duas
maria-chiquinhas atrás das orelhas. O repórter diz: "Não sabemos o que ela estava fazendo no bosque ou como foi até lá sem o conhecimento do monitor do *playground". Margot Tesler, a diretora,* tem algo a dizer sobre o assunto: "Os pais precisam saber que o playground é muito bem cuidado. A segurança dos alunos é a prioridade número um desta escola".

A mãe de Morgan balança a cabeça. "Claro, agora é."

O repórter relata o que se sabe sobre Amelia: "Ela gostava de animais e de desenhar. Tinha um pássaro chamado Yo Yo". Morgan ouve essas coisas e as arquiva para registrá-las depois em seu caderno. Então surge isso: "Amelia estava matriculada no programa de educação especial da escola. Seu diagnóstico específico, ou se isso foi um fator em seu rapto, ainda é desconhecido". Para Morgan, parece estranho dizerem isso agora que ela está morta. E então a mãe de Amelia surge sendo filmada: "Nós nos mudamos para cá há apenas seis semanas. Viemos para este distrito escolar porque ouvimos que o programa de educação especial era muito bom. Viemos de Fitchburg e agora acontece isso..." Ela está segurando um bebê, olhando para alguém fora do campo da câmera.

"Meu Deus, dá para imaginar?", comenta a mãe de Morgan.

Morgan balança a cabeça. Ele não consegue imaginar. Ele nunca esteve em Fitchburg.

O que Morgan consegue imaginar é isto. Ele conhece a sala de educação especial de Woodside porque no ano passado, quando ainda era aluno de lá, ele se voluntariou para brincar com os alunos mais novos um recreio por semana. Foi sua professora, a sra. Heinz, que sugeriu. "Você seria uma espécie de irmão mais velho para eles. Alguém que sirva de exemplo", ela havia dito.

Morgan deduziu que havia recebido essa incumbência porque, apesar de estar na sexta série, tinha habilidades de leitura de um aluno da oitava, o que, em um futuro bem próximo, levaria seu cérebro ao colegial. Ele fez par com um garoto chamado Leon, que tinha Síndrome de Down e era legal, pelo que Morgan lembra — era uma maneira de se livrar do recreio, que sempre era um período vazio e sem sentido. Como Leon não falava muito, eles geralmente jogavam damas enquanto Morgan conversava com a professora, sra. Daly. Tudo ia bem até que Emma, uma menina de sua sala, comentou ter ouvido alguns professores dizerem que escolhiam, para essa tarefa, alunos que também precisavam de ajuda. "Como socializar e tal", ela havia dito. "A idéia é ajudar a todos." Era a primeira vez que alguém chamava atenção para algo que Morgan nunca havia notado antes: que as outras pessoas tinham amigos e faziam alguma coisa no próprio aniversário além de ir a um restaurante com a mãe. "Não é sua culpa, Morgan", Emma havia dito, enrolando uma pequena mecha de cabelo, encostando-a à ponta na língua. "É que ninguém entende as coisas que você diz."

Um ano antes, Morgan costumava falar o tempo todo, até demais, ele sabe agora. Isso acontecia no primário, quando ele ainda era esperto e recitava de cor livros e fatos que havia lido, isso quando, em vez de inventar roteiros de filmes, ele achava que sua vida era um filme, que uma câmera o seguia aonde quer que fosse, porque tudo era interessante, até mesmo as meias que ele escolhia. Agora que estava no ginásio, tudo havia mudado. Ele entende que não pode mais ser a mesma pessoa que tinha sido um dia, que se sentava no refeitório e recitava fatos sobre a Guerra de Tróia. Ele entende que as pessoas riem quando você fala o que pensa sem pensar antes.

Agora ele pesa tudo e prevê até mesmo respostas como sim ou não.

Depois da conversa com Emma, ele renunciou as visitas à sala de educação especial e ficou tenso quando Leon tentou abraçá-lo no corredor.

Duas horas e meia de televisão depois, eles descobriram que outra criança havia desaparecido com Amelia. "Ele está sob a custódia da polícia, que está determinando quanto ele viu, se é que viu alguma coisa", o repórter afirma. Alguns pais estão na televisão, reunidos no refeitório no meio da escola para uma reunião de emergência. As câmeras da televisão não estão autorizadas a entrar, então eles conversam com pessoas vestindo casacos enormes do lado de fora do prédio. Uma mãe fala através de uma echarpe. "Quero descobrir o que a escola está fazendo. Quero saber se é seguro para meu filho vir à escola amanhã."

Morgan não havia pensado nisso: as pessoas vão ficar com medo e talvez não vão à escola.

Outra mãe surge na tela usando um capuz com borda de pele. "Só consigo pensar nessas duas crianças. Estamos rezando pela família de Amelia. Estamos rezando por Adam."

Os olhos do repórter vão lentamente da mulher para a câmera, e até Morgan enxerga o problema — ela disse o nome que não deveria, ela o revelou: Adam.

Morgan se lembra de um Adam, que às vezes estava na sala de educação especial.

Uma vez, ele e seu auxiliar, Phil, estavam jogando Boggle1 no mesmo recreio em que jogava damas com Leon. Ele se lembra de tê-los observado porque Morgan costumava observar todos os garotos com auxiliares e fantasiar sobre ter um para si. Claro, tecnicamente, ninguém queria um auxiliar e o que isso revelava sobre suas aptidões, mas ele imaginava o conforto de ter um adulto designado só para si, alguém cujo trabalho era ouvir o que ele estivesse pensando, e, às vezes, achava que podia valer a pena. Naquela vez, ele se lembra de observar Adam e pensar: *Que estranho, aquele menino sabe ler.* E então ficou óbivo, ele não só sabia ler como era muito bom em Boggle. Sua lista de palavras corria a página toda, era o dobro da lista de Phil. Morgan se aproximou, para ver o que Adam estava escrevendo. Algumas eram palavras, outras não: *Blip, Ting, Bing*. "Essas não contam", Morgan disse, porque isso fora antes da conversa com Emma, antes de ele aprender a ficar quieto a maior parte do tempo.

Phil levantou os olhos da própria lista. "Nós jogamos um pouco diferente. Do nosso jeito, os sons contam."

Os sons estão em toda parte e são numerosos demais para que Adam os distinga. O *zzzzzzzzzzzzz das luzes, o tchitchita, tchitchita da máquina de cópias que encontrava* e na qual se fixava, porque adorava máquinas copiadoras. Adora o papel que aparece magicamente dos lábios cinza e é depositado em uma língua dura, quadrada e limpa, um retângulo branco pousado sobre um cinza.

Ele ia olhar, mas não se atreveu. Não consegue mover o corpo porque se mexer não é seguro, ele se lembra agora, e deve lembrar-se para sempre. Ele precisa ficar sentado aqui e tomar cuidado com os joelhos, com a calça, e conter os braços. Essas partes ele ainda tem. O rosto pode ter sumido, ele ainda não sabe, não tem coragem de procurar com as mãos.

Há um telefone tocando, um lápis escrevendo, a roda de uma caderia fazendo um barulho estridente, alguém mascando chiclete. No corredor, há o assobio dos canos atrás de um bebedouro de metal na direção em que iria se pudesse se mover, mas não pode.

Também há gente conversando, ele acha. Ali mesmo, em volta dele.

Não dá para acompanhar o que estão dizendo, então nem tenta. Mas o silêncio deles são duros e o deixam nervoso. Ele se preocupa que deveria dizer algo para preenchê-los.

"Você tem de responder", sua mãe, às vezes, diz. "Você pode dizer 'não sei'."

Ele podia dizer não sei.

Ele ouve o próprio nome. Pensa: *eu não sei.* Mas nada vem, sua boca não se mexe, porque tem quase certeza de que seu rosto deve ter sumido. Ele não sente nada, nenhum cheiro, não consegue abrir os olhos e ver. Tudo o que consegue fazer é ouvir cada som.

Por duas horas, Cara e Adam ficaram sentados lado a lado, em cadeiras de plástico, em frente a um homem que parece ser jovem demais para ser investigador. Adam ainda não foi interrogado — ainda não disse nenhuma palavra, mesmo quando Cara se aproximou de seu ouvido e sussurrou "Você está bem?" e "Quer suco?" (em ambas, ele respondeu simplesmente se balançando e cantarolando mais alto). Até o momento, o investigador — Matt Lincoln — disse que tudo bem se ela falar, então ela respondeu a todas as perguntas: *Não, Adam não tem tendência a desobedecer regras. Não, ele nunca mencionou essa menima. Não, ele não será capaz de dizer o que viu. Não, ele não consegue contar uma história dessa forma.*

Estão esperando uma equipe de especialistas chegar: uma psicóloga infantil, aparentamente, uma assistente social e um investigador especializado da divisão de menores. Ela deduziu que, na presença de Adam, todas as conversas sobre o crime devem ser suspensas, tudo que possa plantar sugestões ou contaminar o depoimento de qualquer maneira. "Com crianças é difícil", Lincoln havia dito antes. "A memória é mais curta, eles são mais sugestionáveis. É por isso que tentamos fazer isso o mais rápido possível. Quanto menos ele vir, quanto menos pessoas falarem com ele, melhor vai ser seu relato."

Será que ela precisa dizer a ele que isso não será um problema, que Adam não é sugestionável da mesma maneira que as outras crianças? Estranhamente, apesar de não usar aliança e parecer jovem demais para ser um pai divorciado, ele é a única pessoa com quem falaram até agora que sabe instintivamente o que fazer com Adam. Quando chegaram, ele se inclinou diante do garoto, olhou-o nos olhos sem tocá-lo e fez perguntas que permaneceram sem resposta, apesar de Cara saber — pela maneira como seu corpo parou e o murmúrio ter sido momentaneamente interrompido — que elas foram ouvidas.

Quando Adam finalmente é conduzido para fora da sala por uma policial que diz que eles estão prontos, Lincoln explica: "Tenho um sobrinho com o mesmo problema. O filho mais novo da minha irmã. Ele tem três anos".

Cara ouve isso e sabe o que ele provavelmente está pensando: três ainda é pequeno o suficiente para que exista esperança para tudo — curas mágicas, recuperação completa. Por um segundo, ela deseja que ele não tivesse contado nada. Agora ele vai olhar para Adam o tempo todo procurando sinais para o futuro de seu sobrinho. Quando Adam era um aluno da pré-escola recém-diagnosticado, ela

detestava ver crianças mais velhas perdidas no universo do comportamento autista por medo de que isso arruinasse a fé cega que a amparava. Toda vez que via uma, ela dizia para si mesma, Aos doze anos, Adam não será desse jeito. Nem daquele. Agora ela não segue mais essa linha de pensamento. Ela pensa: Adam é Adam.

Ficou decidido que Cara não ficará com Adam enquanto estiver sendo interrogado. A sugestão dela foi feita com a explicação "Se eu estiver lá, a tendência é ele deixar que só eu fale", para que todos entendam que ele sabe falar, mesmo que ainda não tinham visto nenhuma prova disso. Uma vez dentro da sala de observação, com sua luz acinzentada e lúgubre, além do espelho falso que fica do lado onde Adam será entrevistado, ela se pergunta se isso será um erro. Há três baldes de brinquedos no chão e nenhum deles vai despertar o mínimo interesse em Adam.

Quando se sentam, Lincoln volta a ser totalmente profissional, explica as regras e como tudo vai ser. "Preciso observar a médica, garantir que ela faça as perguntas certas, sem influenciar Adam de nenhuma maneira. Você precisa ficar de olho em Adam, ver se ele está fazendo ou dizendo algo que possa nos revelar alguma coisa. A médica também vai usar um ponto no ouvido para que possamos fazer sugestões sem que Adam ouça, só ela. A idéia é que qualquer coisa que possamos extrair de Adam, qualquer coisa — cor da pele, cor da camisa, barba, bigode, alto, baixo, qualquer coisa — vai nos dar um ponto de partida. Até o momento, temos muito pouco com que trabalhar."

O coração de Cara fica apertado. Ele é um homem gentil e compreensivo; ela quer que Adam magicamente produza respostas que o ajudem, mas como pode fazer isso se ela nunca introduziu cor da pele no currículo dele, nunca exercitou com ele as gradações de diferença? *Parece marrom, mas chamamos de negro. Algumas pessoas acham que a cor da pele importa, mas não importa. Lá dentro, somos todos iguais. Como ela pode ensinar isso a Adam se ele nunca reparou?*

"Preciso dizer que não acho que Adam vá ser capaz de dizer nenhuma dessas coisas. Ele não consegue descrever uma pessoa que não estiver diante dele."

Ele a encara. "É mesmo? Se alguém perguntasse a ele 'a sua mãe tem cabelo loiro ou castanho?', ele não saberia responder?"

Instintivamente, ela leva a mão ao cabelo e nega com a cabeça, sem, é claro, saber com certeza. Nunca houve uma situação assim antes. Ela nunca fez essas perguntas. "Vamos ver", ele diz. "Talvez ele nos surpreenda."

Eles olham para o vidro, e, por um momento, ela se flagra olhando, não para a sala de interrogatório, mas para o contorno do rosto do detetive. Ele não é atraente da maneira tradicional, o rosto é muito infantil, as sobrancelhas encontram-se no arco do nariz, lembrando-a de uma piada que Suzette fez certa vez para descrever um professor: é como se as sobrancelhas dele estivessem dando um aperto de mão. Ela só consegue pensar: é estranho que alguém que não o conhece, que só viu Adam em *seu pior momento, com a aparência mais autista que ele teve em anos, pode ter mais esperança de um avanço que ela.*

Enquanto esperam, olhando para a sala vazia, Lincoln tem tempo de dar alguns detalhes do que descobriram: "A questão é", ele diz delicadamente, "temos alguns fatores incomuns aqui. O primeiro é: ninguém viu as duas crianças saindo. Ninguém. Nenhum dos professores, nenhum aluno, e nós já falamos com as três salas a essa altura. Em uma situação como essa, espera-se um efeito cascata — alguém os desafiou, alguém os viu e contou para outra pessoa. Nada disso. Até onde sabemos, ninguém está envolvido na saída deles".

Cara acena com a cabeça. Para ela faz sentido. Adam não sairia do playground por causa de um desafio porque não sabe reconhecer um.

Lincoln muda de posição na cadeira. "A outra coisa é: temos quarenta policiais no local, neste momento, reunindo evidências. Em um crime a céu aberto como esse, não é possível saber se alguma coisa vai ser útil. Você coleta duzentas bitucas de cigarros, cinco com batom, e o que isso significa? Alguém de batom esteve lá fumando. Nada, basicamente. A questão é que temos uma coisa a nosso favor: o chão é macio. Tem chovido, certo, então conseguimos identificar algumas pegadas — boas pegadas —, mas só das crianças. Temos muitas evidências das crianças no local, muita coisa nos diz que poderíamos ser capazes de descobrir, mas não fomos. Lembre-se, adultos pesam mais, então geralmente é muito mais fácil encontrar pegadas de adultos. Isso é o oposto do que se esperaria."

A porta se abre, e Adam entra na sala seguido de uma psicóloga de meia-idade que Cara conhece, outra mulher e um homem que nunca viu antes. A psicóloga começa pegando lápis de cera, papel, dois bonecos de pano, um menino e uma menina. Cara sabe que não vai funcionar, que Adam não fará um desenho voluntariamente e que os bonecos são insignificantes para ele — seria o mesmo que cobrir a mesa com roupas. Adam vê o que a mulher está colocando sobre a mesa e vai até a parede mais distante da sala.

"Também não há marcas de pneu na estrada de terra. Ninguém — até agora —

relatou ter visto alguma pessoa na estrada. Claro, ainda é cedo, e isso pode mudar. Mas até agora não encontramos evidência de nenhuma outra pessoa no bosque."

Meu Deus, Cara pensa enquanto vê Adam fazer algo que não fazia em anos: ficar parado no canto da sala, olhando para a parede e se balançando.

"Claro, ele pode ser bom, não é? Pode ser muito meticuloso e organizado, cobrir todos os seus vestígios e limpar o local, e, ao que parece, ele foi. Mas não tem como correr usando sapatos de menina, não é?"

Espere um segundo. Ela se vira e olha para o investigador: o que ele está dizendo? "Alguém acha que foi Adam?"

"Precisamos considerar a possibilidade. Ele estava lá, e não há evidência de que houvesse nenhuma outra pessoa."

"Adam não poderia..."

Ele levanta a mão. "Aí é que está. A coisa não encaixa. Onde ele teria conseguido uma faca? Não há vestígio de sangue nele. Ele teria muito a esconder, enterrar a prova do crime, mudar de roupa."

"Ele não faria isso."

"Nós falamos com os professores dele, com pessoas que o conhecem. A questão é, qualquer um que o conheça há três minutos vai concordar que não foi ele. Então, não, ele não é um suspeito até o momento." Cara respira fundo, sente o nó em seu estômago se desfazer. "Mas estamos tentando ter uma idéia de que diabos aconteceu. Como duas crianças atravessam um campo de futebol sem serem vistas? Isso foi planejado de alguma maneira?"

Ela balança a cabeça. De quantas manieras diferentes ela pode dizer a ele que não, Adam não faria isso? "Alguém disse que os viu juntos?"

"Sim, às onze e quinze, Carla McQuiston, uma professora da segunda série, os viu sentados juntos no balanço." Ele vasculha as próprias anotações .

"Ela disse que parecia que estavam conversando e que ficou curiosa com o que poderiam estar dizendo. Ela conhece Adam, não conhece?"

"Sim. Ela foi professora dele ano passado." Ela volta a olhar para a sala onde Adam começou a se mexer compulsivamente. Ele está na ponta dos pés, murmurando e choramingando, agitando os dedos em sua adorada visão periférica, parecendo uma versão crescida da criança de colo da qual ela se lembra de antes que a terapia intensiva, oito horas por dia, o tirasse de seu casulo. Nessa época, tudo tinha de ser treinado: *Atenção, olhe para mim, mantenha as mãos paradas em seu colo, não cantarole, não ande na ponta dos pés*. No passado, esses sinais reapareciam periodicamente — Adam cantarola por um minuto, mexe os dedos —, mas em cinco anos ela nunca viu todos aparecerem de uma vez e tomarem conta, retraindo-o dessa maneira.

"Ela se aproximou e percebeu que não estavam falando, estavam cantando."

Meu Deus, Cara pensa. Sua boca fica seca.

"A professora decidiu não interromper o que parecia ser um momento agradável e foi embora. Por alguns minutos, ela se envolveu com alguns garotos que estavam jogando pedras pelo escorregador. Quando voltou a olhar, cinco minutos depois, não estavam mais lá. Ninguém se lembra de ter visto nenhum dos dois depois de onze e vinte. Tudo indica que eles saíram juntos."

Não ajuda em nada o fato de que todas essas pessoas sejam estranhos. Por cinco minutos, Cara os vê lutando bravamente com Adam, que não se senta, não pára de andar em círculos na área perférica da sala. "Talvez três pessoas seja gente demais na sala. Ele está ficando nervoso", ela diz, apesar de ser só um chute. Cara não tem certeza do que pode ajudá-lo agora. Lincoln fala ao microfone que tem na mão. Um segundo depois, dois dos adultos dizem a Adam que têm de ir embora. Sozinha com o menino, a psicóloga começa a se mover, tentando acompanhar o vôo de Adam pela sala.

"O que nós somos, Adam? Aviões ou pássaros?"

Cara conhece essa estratégia — participe de uma brincadeira aparentemente vazia da criança, obrigue-a a atribuir significado a ela, estabeleça uma conexão, interaja de alguma forma. E se a criança não responder, ofereça algumas possibilidades de resposta, deixe que ela escolha uma. "Estamos voando, Adam, ou correndo?"

Normalmente, Adam conhece tão bem essa técnica que é capaz de fazer uma

piada, ou a sua versão de uma piada: "Estamos voan-correndo", ele diria. Ou "Somos pássaros-helicópteros." Não é exatamente engraçado, mas é alguma coisa. Dessa vez nada vem. Duas pessoas em uma órbita oval e nenhuma reação.

"Ela precisa dizer a ele mãos e pés parados. Fazê-lo prestar atenção ao que ela está dizendo."

Lincoln passa o microfone a Cara. "Fale com ela."

Ela o faz e ouve, no momento seguinte, suas próprias palavras saindo da boca da psicóloga. Adam faz uma pausa no canto mais distante da sala, e Cara vê que o rosto dele registra a confusão de ouvir as palavras de sua mãe saírem da boca de uma estranha. Ele sabe, Cara pensa consigo. Ele sabe que eu estou em algum lugar *observando tudo isso.* Os dedos de Adam se erguem, primeiro para tocar seu queixo, e então a lateral do rosto. Ela conhece esse antigo hábito. Aos três anos, ele costumava acordar à noite e chorar até que ela deitasse ao seu lado, com um braço envolvendo seu pescoço como um lenço, permitindo que ele sentisse o próprio queixo, soubesse que sua cabeça ainda estava lá. Essa sempre foi a parte do corpo para a qual ele mais precisou de lembrete. As mãos, ele vê. As pernas, a barriga. Mas como saber que a cabeça está mesmo lá? Ela acabou encontrando um cobertor com nervuras de bebê que também funcionava, e toda noite, desde então, ele ia para cama com o cobertor enfiado gentilmente entre o queixo e o pescoço. Hoje em dia, na maior parte do tempo, ele dorme a noite toda. Agora seus dedos tocam suas bochechas, chegam até o nariz e, tão rápido quanto surgiu, a preocupação desparece. Ele retoma o vôo e o zunido pela sala.

"Esse não é o Adam", Cara sussurra, mas é claro que talvez seja. Quanto mais ela olha, mais assustada fica: ele não parece um garoto traumatizado, parece um garoto feliz por estar fazendo coisas que tinha esquecido que adorava. Ela deixa que tudo continue até que não suporta mais. "Não está dando certo."

"Talvez possamos tentar outra coisa? Levar um dos homens lá dentro?"

Ela balança a cabeça, precisa levar Adam para casa, cercá-los de suas próprias coisas: seu cobertor, sua comida, suas óperas, a voz dela. Iniciar o processo de levá-lo de volta ao próprio corpo. "Isso não vai funcionar. Eu conheço o meu filho", ela diz enfaticamente, mesmo que a essa altura não tenha mais certeza disso. Nos detalhes do dia, a dúvida se instalou e abriu as asas. Eles estavam no balanço. Eles *cantaram juntos. No minuto seguinte, eles desobedeceram todas as regras e*

desapareceram. Nada disso condiz com o Adam que ela conhece, o Adam que ela passou nove anos criando, o Adam que agora se move como um helicóptero tomado pelo instinto de voltar no tempo e começar tudo de novo.

Mais tarde, Cara e Lincoln conversam rapidamente no corredor. Ao tirar Adam da sala de interrogatório depois de apenas meia hora, ela recebeu uma olhar coletivo de desaprovação de todos. Depois que Adam sair daqui, nada do que ele disser vai ter muita utilidade. Ele vai assistir à televisão, vai ver os jornais. Tudo o que disser será distorcido ou colorido. Ela quer Adam em casa, a sós para que ela o acalme e o devolva ao seu eixo, para que ele volte a si, mas não consegue não se sentir mal. Eles estão falhando em um esforço que era obviamente importante. "Sinto muito", ela diz com delicadeza a Lincoln, o único a acompanhá-la até a porta. "Ei, ele fez o melhor que pôde. O importante agora é garantir que vocês dois fiquem bem."

Ela já havia recusado a sugestão dele, que ficassem com algum amigo hoje. "Você vai se sentir mais segura", ele disse. Ela balançou a cabeça e disse que Adam precisava ficar em sua própria casa. "Claro. Eu entendo."

Do lado de fora, eles se surpreendem com o ceú escurecendo. Tinham passado o dia todo lá dentro. "Sabe, o que você disse antes é verdade. Adam pode nos surpreender."

Ele concorda e enfia as mãos no bolso. "Claro."

"Talvez ele acorde amanhã e comece a falar sobre isso." Não é uma esperança de todo irracional. Nos últimos anos, ele a havia surprendido ao voltar da escola e contar uma história perfeita em três frases sobre uma garota que derrubou leite e chorou no refeitório. Não acontece sempre, mas acontece. "Então, se ele disser qualquer coisa, eu ligo para você, certo?" Talvez isso soe ridículo, insuficiente e tarde demais.

"Sem dúvida." Ele une as mãos e vira para a direção da porta. "Sem dúvida. Ligue."

Ela o observa enquanto Lincoln volta para o prédio. Não foi isso que ele quis dizer, claro. Até mesmo um homem disposto a oferecer a um garoto autista o benefício da dúvida tem seus limites. Durante o dia, ela ouvira um sargento ao telefone dizendo de forma bastante objetiva: "A testemunha é retardada, então vamos ver se conseguimos alguma coisa." Ela queria se levantar e dar uma palestra para

toda a delegacia sobre autismo, mas, no final, que diferença teria feito, uma vez que Adam não ajudou em nada?

Quando ela finalmente leva Adam para casa, Cara liga para a primeira pessoa que lhe ocorre, Phil, que foi auxiliar do menino por um pouco mais de um ano.

"Que merda, Cara. Essa coisa toda. Sinto muito…", diz Phil.

Ela o interrompe porque não quer solidariedade, precisa fazer algumas perguntas. "Você já tinha visto Adam com Amelia antes?" Ela presume que a resposta será não, que se Adam e Amelia tivessem conversado, ela teria ficado sabendo.

"Sim, algumas vezes, no recreio. Mais recentemente. Acho que foi ela que tomou a iniciativa, mas não tenho certeza."

Meu Deus, Cara pensa. Que não seja uma menina com um propósito nobre, como eu. "Quem é ela?"

"Talvez ela também tivesse necessidades especiais, não tenho certeza. Nunca ouvi ninguém falar nela antes de hoje. Só reparei que ela e Adam, às vezes, sentavam juntos no balanço. Ou ela ia até ele quando ele ficava sentado nos pneus."

"E eles conversavam?" Uma hora antes, ela havia dito a Lincoln que isso não era possível.

"Sim, acho que sim. Eu me lembro de tê-los visto cantando algumas vezes."

"Por que você nunca me contou?"

"Achei que tivesse contado. Eu pretendia. Não era uma grande coisa. Era só uma coisa boa. Sabe…" Tecnicamente, Phil é jovem demais para esse trabalho, tem 21 e faz faculdade à noite. Ele foi contratado porque ela tinha insistido em um homem, de preferência jovem, e feito a escola colocar um anúncio no jornal até encontrar um, porque queria alguém que conversasse com Adam como os garotos conversam entre si, o que Phil de fato faz. No ano em que ele foi o auxiliar de Adam, ela adorava ouvir a fala rápida e cheia de gírias de Phil, a maneira como ele dizia a Adam que matemática podia ser um saco, mas que depois seria legal, que eles iriam lá fora jogar basquete. Normalmente, Cara adora o ritmo da fala de Phil, adora ouvir Adam dizer, genuinamente, *legal* em vez de *sim,* quando ela pergunta se ele quer jantar.

Agora teme que essa seja uma história que Adam não tem vocabulário para contar direito. "Phil, por favor. É do Adam que estamos falando."

"Eu sei, Cara. Eu entendo o que você está dizendo, mas ele gostava dela. Ele gostava das roupas dela. Nos últimos dias, ele sempre voltava do recreio cantando alguma música sobre uma cor e finalmente eu descobri que era a cor das meias dela naquele dia."

Ela quase não suporta ouvir esse detalhe porque também se lembra disso, lembra dele cantando *amarelo, amarelo, amarelo* em um murmúrio no banco de trás do carro. As meias dela? Ela precisa lembrar: ele tem nove anos. A garota tinha dez. Eles ainda nem foram tomados pela maré de impulsos causados pelos hormônios. Ainda assim, a possibilidade a assombra: Adam gostava das roupas dela? Reparava *nas meias? Será que era uma menina precoce que prometia retirá-las?*

Em toda a sua vida, Adam havia demonstrado mais interesse pelo funcionamento das máquinas que em qualquer mistério do corpo humano. O mais próximo que já tinham chegado de uma conversa sobre sexo foi quando ele viu Cara ir ao banheiro e perguntou por que ela fazia xixi pela xoxota. Ela comentou que pelo jeito ele nunca tinha reparado antes — que ela não tinha um pênis — e ele deu de ombros, perdeu interesse e voltou para o que quer que estivesse fazendo. Ela diz para si mesma, não, ela não deixou algo crucial passar, algum salto que ele havia dado em particular, longe dela.

Mas a verdade era que, se Adam tinha mudado nos últimos meses, Cara também tinha, de maneira que ninguém reconheceria ou notaria, mas que para ela pareciam monumentais.

Quando ele ainda era bebê, ela não conhecia outros bebês, não percebia que o dela era mais difícil que os demais. Demorou meses até que ela percebesse que seu filho chorava mais alto e por mais tempo que os outros bebês, que era diferente de muitas maneiras: vomitava tudo ou a maior parte do que comia, sua maior fonte de conforto não eram os braços da mãe, e sim um balanço mecânico. Quando ele tinha oito meses, ela o viu voar da cadeirinha ao batente da porta, virando e girando loucamente, e pela primeira vez pensou: *Espere, isso é normal?* Com um ano, ela entendeu. *Não é.* Ela observava outros bebês no parque balbuciando enquanto brincavam, apontando dedinhos gorduchos para cachorros e poças, dando tchau e mandando beijos, enquato seu filho ficava sentado por uma hora, vendo satisfeito a areia escorrer pelos dedos, e ela foi aceitando aos poucos. Primeiro, disse a si

mesma: Ele vai demorar para falar. Gradualmente, começou a ver: Vai ser diferente *em outros aspectos também.* Quando ele ainda não andava, com um ano e quatro meses, falou-se em pouco tônus muscular, recomendações a um terapeuta, um número de telefone para uma intervenção rápida. Então, quando Adam tinha dois anos e meio, o pediatra de gravata borboleta sentou em um banquinho com uma prancheta em mãos e disse: "Ele deveria ir a um neurologista fazer alguns exames".

Não, ela queria gritar, mas não o fez. Em vez disso, perguntou calmamente: "O que um neurologista pode dizer, que Adam é lento? Que ele vai ser diferente? Eu sei disso. Eu aceito isso".

"Pode ser mais que isso", o médico disse.

O pediatra sabia, obviamente, assim como qualquer um que conhecesse crinças de colo minimamente e tivesse visto a dela: perdido em seu próprio mundo, nenhuma fala, nenhuma comunicação. Mesmo assim, ela demorou seis meses para marcar a consulta.

Como era possível viver tanto tempo em negação? A única coisa possível de dizer é: "É possível". Você diz a si mesma que não está interessada em rótulos, que o problema de hoje em dia é que há muitos rótulos. Você entende que seu filho é muito extremo em vários aspectos, tão exageradamente sensível quanto impenetrável, e acredita que pode trabalhar essas questões, que elas estão melhorando regularmente, ainda que não muito, mas como a avaliação de um médico vai ajudá-la a entrar e sair de uma mercearia sem um escândalo? Você quer ter fé, acreditar no direito que seu filho tem de ser diferente. Você aperta os olhos e revê um garoto mais velho da sua escola: um menino quieto que era bom em matemática e nunca tirava os olhos dos próprios sapatos, ou o membro da banda em quem ninguém reparava até o show de talentos do fim de ano, quando ele tocou um solo de saxofone e partiu o coração de todas as meninas. Você pode saber que ele não é normal e ainda assim achar que seja possível: talvez ele seja extraordinário.

Certa vez, quando Adam tinha um ano e meio e os pais de Cara ainda estavam vivos, ela o colocou perto das caixas velhas e enormes do aparelho de som deles, que estava tocando música clássica em volume baixo e, por quarenta e cinco minutos, ele nem sequer enconstou no brinquedo que estava em sua frente. Ele levantou a cabeça, absorto na música, e Cara ficou observando o filho o tempo todo, impressionada pelas expressões adultas que passeavam em seu rosto — sobrancelhas erguidas, como se dissessem: Ah, as *flautas,* e abaixadas: Que ótimo, *os violoncelos*. *Mesmo o pai dela, que por um ano permaneceu em silêncio sobre o*

tópico da criança escandalosa, ficou mais interessado e pegou os velhos vinis de ópera que amava. Eles respiraram fundo e viram Adam fechar os olhos para absorver as maravilhas dessa nova música: um vibrato em língua estrangeira em *surround-sound. Adam amou ópera desde a primeira que ouviu. Quando um disco* acabava, ele chorava até que alguém fosse até o toca-disco, levantasse a agulha e começasse o disco de novo. "Muito impressionante", seu pai havia dito, o que fez tudo parecer possível — que Adam fosse um gênio, que a vida dela seria diferente do esperado, mas não pior. Não pior.

Ele tinha três anos e meio quando finalmente foi diagnosticado. Demorou demais, foi tarde demais, hoje ela sabe disso. Depois do diagnóstico, ela rapidamente mudou a marcha, colocou toda sua energia em ler livros sobre o autismo e crianças que se recuparam, todas sempre com uma mãe incansável envolvida, forçando as brincadeiras, gerando interação, fala, reação. Ela se tornou obcecada porque entendeu que era preciso ser — que o autismo era uma guerra e que a recuperação exigia um plano de batalha claro. Ela pegou o apoio financeiro de seus pais e reuniu terapeutas três horas por dia para trabalhar com imagens, construir vocabulário e praticar com uma caixa de sapato e um carrinho de brinquedo as preposições básicas: "Coloque o carrinho dentro da caixa. Agora ponha fora". O interessante era que Adam aprendia substantivos com relativa facilidade, mas qualquer conceito que envolvesse uma relação era um bloqueio enorme para ele. Coloque duas coisas juntas e pergunte qual é maior, a mais pesada, e ele se esforçava, lutava e chorava de frustração. Fora da terapia, ela não relaxava. Ela brincava com ele, fazia fantoches com as mãos dele, as envolvia em massinha de modelar, o arrastava para rodadas de Porco e Candy Land, uma tortura que ele suportava em troca da promessa de assistir a ópera depois. Mas mesmo quando isso funcionava, como foi acontecendo aos poucos — ele aprendeu a fingir que uma banana era o telefone, o sofá era uma montanha —, ela esperava pelo milagre que acompanharia esses avanços: uma conversa, um vislumbre de interesse pela brincadeira de outra criança e honestamente — mesmo sendo duro admitir, e doloroso — isso nunca aconteceu.

O que ele realmente aprendia, ela desconfia agora, era como agradá-la. Que para deixá-la feliz, ele segurava uma banana perto da orelha e conversava com ela, ou colocava uma meia na mão e conversava com um dos dedos, mas nenhuma dessas atividades tinha nenhum interesse genuíno para ele, nada era tão atraente quanto, digamos, um cortador de grama, um rádio transistor ligado em estática. Nada o modificava fundamentalmente do que era desde o início, um garoto mais interessado em ficar sozinho, em estudar máquinas, em ouvir sozinho música complicada e cantada em línguas que ninguém que eles conheciam falava.

Não foi fácil decidir que era hora de parar de lutar tão bravamente. Começou no verão, após um longo período de resistência à meta estabelecida para as férias escolares: andar de bicicleta. Para Adam, uma meta como essa não tinha nenhum sentido. O que ele adorava na bicicleta era apoiá-la nas rodinhas e ver o pneu dianteiro fazer suas lentas e maravilhosas voltas.

Ele não levantou os olhos nem reparou nas crianças do bairro que estavam crescendo em sua volta, não viu que os garotos grandes agora andavam em bicicletas de verdade e certamente não percebeu que estava ridículo.

"No verão, as rodinhas vão embora", ela havia dito a Adam em maio, mesmo que ele não tivesse registrado a novidade até um sábado de manhã em junho, quando viu Cara trabalhar uma hora e meia com alicates e chaves e fenda para retirá-las e chorou em sinal de protesto. Ela se manteve firme, obrigando-o a praticar todas as tardes até que as costas dela começaram a doer de tanto segurá-lo. No final, ela marcava o tempo e prometia uma recompensa. "Cinco minutos na bicicleta e a gente liga a mangueira."

"Sem bicicleta, por favor. Mangueira, por favor."

"Eu sei, querido. Eu sei que você quer a mangueira. Olhe para mim. Aqui está o relógio. Aqui está a mangueira. Cinco minutos na calçada de casa e acabou. Só isso. Acabou."

"Acabou. Tchau."

"Tchau para você. Suba na bicilceta. Vou contar até três."

Então, em uma noite especialmente difícil, em que ele não colocava os pés no pedal, não segurava o guidão, ela se encheu. Disse a ele que se não se esforçasse mais, cortaria a mangueira com a tesoura de jardinagem. Mais tarde, ela o chamou para jantar, e ele não respondeu. Cara procurou pela casa, por todos os lugares onde ele normalmente pudesse estar, e não o encontrou. Ele sabia que não podia sair sozinho e nunca tinha feito isso antes, mas assim que ela saiu da casa, ouviu um barulho e foi atrás dele, correndo, até encontrar Adam sozinho na parte coberta do jardim ao lado de sua bicicleta caída, derramando um vidro de cola nas engrenagens. "De volta", ele disse com lágrimas correndo pelo rosto enquanto colocava as rodinhas naquela meleca. Ela pensou nas horas que Adam costumava gastar andando

com a bicicleta inclinada pela rua, os olhos nas rodas, tocando a campainha a cada vez que passava por uma casa. Ela tinha tanta certeza de que retirar as rodinhas era a coisa certa a fazer — que isso expandiria a vida dele, em vez que de privá-lo de um de seus poucos prazeres garantidos. Cara sentiu seu coração inchar e se apoderar de sua garganta. Ela nunca mais teria tanta certeza do que era melhor para Adam, decidiu. Nunca mais.

Não foi negatividade que a fez listar os déficits de Adam tão enfaticamente para Lincoln (quando por anos ela vinha fazendo o oposto, insistindo que as pessoas o vissem mais como normal que anormal, forçando as portas a se abrir, inscrevendo-o no futebol, dizendo, "ele vai ficar bem", mesmo que ele não estivesse bem). Era um esforço de ser clara, de amar Adam sem negação nem ilusões.

Este é o meu filho, ele não está bem, ela estava dizendo basicamente, porque acreditava que era melhor, que o amor verdadeiro enxergava os limites da criança, aceitava os fatos, não deveria ser condicional.

Em setembro, pela primeira vez, a primeira reunião com a professora não foi uma *performance digna de uma animadora de torcida organizada, da parte de Cara, como* havia sido no ano anterior, quando ela animadamente insistiu, "Adam adora ciências! Talvez ele possa participar da feira de ciências!", para perceber, tarde demais, que era uma péssima idéia, que réplicas de vulcões e baterias caseiras exigiam esforço e motivação. Este ano ela havia sido mais clara: "Adam não sabe lidar com os exercícios de incêndio, ele não vai bem nas aulas normais de educação física. Ele vai precisar de um espaço reservado no almoço e um professor para acompanhá-lo".

Assim era melhor, ela tinha certeza. Nas seis semanas de aula, tinha visto um Adam mais feliz de modo geral; um Adam que não estava sendo levado em direções que eram inúteis para ele. Ela não o estava obrigando a aprender Uno2 (como havia feito quando ele estava na primeira série e viu os outros garotos brincando), não estava praticando com os cartões Yu-Gi-Oh3 (para que ele conseguisse reconhecer uma moda quando ela surgisse diante dele). Ela o estava deixando seguir os próprios impulsos. Quando a lição de casa acabava, ela colocava as óperas que havia anteriormente limitado, acreditando que ele precisava assistir às mesmas coisas que as outras crianças, saber que Bob Esponja também era importante.

Ao desligar o telefone com Phil, só há mais uma ligação que pensa em fazer, um número que ela encontra com facilidade na agenda de telefones, o único listado com

esse sobrenome.

"Sra. Warshowski?"

"Sim?", a voz do outro lado parece mais velha que o esperado.

Cara se apresenta, e um silêncio se segue por tanto tempo que ela fica com medo de a mulher desligar. "Olhe, eu sei que houve uma falha de comunicação sobre o recreio. Não quero nem falar sobre isso. Eu queria perguntar sobre a manhã de Adam, sobre o que aconteceu antes do recreio."

"Eu falei para a polícia, não foi culpa minha. Ninguém me disse que ele fugia."

"Ele não foge", diz Cara, ciente de que esse era um eufemismo para crianças que desaparecem, que os auxiliares recebem um pouco a mais para cuidar de crianças que fogem. "Além disso, você não estava lá fora com ele no recreio. Ninguém disse que devia estar. Não é culpa sua."

"Não, estou falando de antes. Quando ele fugiu de manhã."

Cara hesita. "Ele fugiu de manhã?"

"Ninguém contou para você? Quando Adam desceu do ônibus, eu estava lá. Disse a ele para ficar ali porque eu precisava pegar outro aluno. Quando me virei, ele tinha sumido. Assim."

"E você tinha dito a ele claramente que ficasse lá?"
"Claro, eu até gesticulei. Meu filho é surdo, então é força do hábito, e posso dizer que ele gostou."

Adam realmente adorava linguagem de sinais e conhecia todos os comandos básicos.

Ficar ali deveria estar claro para ele. Não faz sentido. "Pelo jeito ele não sumiu por muito tempo."

"Talvez dez minutos. O suficiente para me deixar bem preocupada."

"Onde você o encontrou?"

"Achei que você soubesse de tudo isso. Com ela. Amelia. No banheiro masculino."

Não demorou muito para ligar para Lincoln. "Por que você não me contou do incidente do banheiro?"

"Desculpe, achei que você soubesse", Lincoln suspira. "Sim, eles foram encontrados juntos no banheiro masculino central no lado oposto à biblioteca naquela manhã. Totalmente vestidos. Perto das pias. Nenhum dos dois disse o que estavam fazendo. Ambos foram mandados para suas respectivas salas. Tecnicamente, a aula não havia começado, foi três minutos antes do sinal. Ele não tinha feito nada de errado — era ela que estava no banheiro dos meninos. É possível que ele tenha ido ao banheiro e ela o tenha seguido."

"Mas é isso que faz vocês pensarem que eles tinham planejado alguma coisa?"

"Parece plausível, não? Eles estavam sozinhos. Três horas depois os dois despareceram."

Naquela noite, Adam jantou, tirou a roupa, tomou banho e foi para cama em silêncio. Cara o encheu de perguntas não relacionadas ao dia. Se um assassinato o tinha colocado em um casulo, ela o lembraria de todo o resto para tirá-lo de lá. "Que música vamos escutar? O que podemos comer aqui? Você está com frio, querido?" A voz dela tinha o gorjeio de uma anfitriã abrindo caminho por um jantar ruim, como se Adam subitamente tivesse se tornado um estranho, alguém que ela mal reconhece. Até que Cara finalmente desiste. Amanhã, pensa exausta. Falarei de novo amanhã. Em vez disso, ela o observa cuidadosamente, a maneira como o corpo se fechou em si mesmo, os olhos voltados para dentro. Ele não está mais se mexendo ou correndo em círculos, então deve ter registrado que está em casa, onde é seguro o suficiente para que fique totalmente parado, fique sentado por vinte minutos no sofá e outros vinte na mesa da cozinha, mas sua ausência é tão completa, tão impenetrável, que parece que algo pior que a regressão está acontecendo. Mesmo antigamente, quando Adam estava em seu pior momento — tendo ataques em público, gritando por coisas que não sabia nem nomear nem apontar —, ele estava em seu corpo, lutando. Ela nunca tinha visto essa completa retirada antes. Esse modo de andar, engolir, essa catatonia complacente.

Mais tarde, quando Adam já estava na cama, ela ligou a televisão e viu a imagem

de Amelia congelada — linda e morta — no canto do que parece ser todo e qualquer canal. Quando não consegue mais agüentar, Cara desliga a TV e percorre a casa vazia de sua infância, a casa que eles ocuparam mas quase não modificaram desde a morte de seus pais. A caligrafia de sua mãe ainda dá nome aos temperos, a entrada da copa ainda tem as leves marcas a lápis que acompanharam seu crescimento quando criança — linhas com datas, porque como não havia irmãos, não havia a necessidade de identificar à qual criança correspondia a marca. Certa vez, ela as havia mostrado a Adam: "Olhe, meu amor. Essa era a minha altura quando eu tinha sua idade". Mas enquanto falava, sabia que ele não entenderia um conceito tão complicado: a mamãe, pequena? Agora, ela se pergunta se morar aqui foi um erro. Enquanto percorre esse chão, o passado passa por ela, maior e mais claro que deveria ser. Está aqui agora, fantasmas sussurrando acusações, a sensação de que os eventos do dia devem ser culpa dela, porque ao tentar invocar a imagem de Adam e dessa garota juntos no *playgroung,* balançando lado a lado, ela vê apenas a lembrança de si mesma na quinta série, fixando seus olhos, como um par de cursores em um garoto pálido e acidentado.

Depois do último almoço juntos na quinta série, Cara perdeu a coragem de abrir a boca na presença de Kevin, apesar de ter continuado a observá-lo indo de uma sala para a outra, do primário ao curso secundário. No outono da nona série, Kevin chocou a todos ao voltar para a escola com uma barba tão cheia que parecia que ele havia criado uma fantasia para si mesmo. Apesar de a barba não ter durado (os orientadores protestaram e mencionaram regras de aparência das quais ninguém nunca tinha ouvido falar), aquele foi o ano em que Kevin passou a ser uma menção constante no diário de Cara, não como uma paixão ou um amigo, mas como alguém ultrapassando obstáculos maiores que ela podia imaginar ou reivindicar. Em dezembro, ele pegou pneumonia, ficou afastado da escola por quatro semanas e só retornou em janeiro, tão magro que suas roupas pareciam vazias e seu rosto trazia as marcas de novas rugas. Na décima série, o único rim que havia restado depois do acidente começou a falhar. Ela ficou sabendo disso por intermédio da tia de Kevin, que ainda era secretária do pai de Suzette. Dessa mesma mulher, ela descobriu que Kevin lutava contra a depressão, que os invernos geralmente eram difíceis para ele e, às vezes, exigiam o uso de medicamentos. Foi a primeira vez que Cara ouviu a palavra antidepressivo, e pensava nela toda vez que o via na escola, rindo com os amigos, parado perto de seu armário, folheando uma revista sobre guitarras apoiada no antebraço, com a mão machucada pendurada. Ela tinha quinze anos na época, e, durante todo aquele período, estranhamente, eles nunca mais haviam se falado desde o almoço na quinta série.

Talvez não fosse tão estranho. Cada escola para a qual eles mudavam tinha o

dobro de tamanho da anterior. Apesar de Kevin agora conversar, as palavras vinham lentas, pesadas, como um idoso com um sotaque de imigrante. Como Kevin tinha dificuldades de aprendizado, suas matérias eram uma colagem de disciplinas especiais e regulares. Surpreendentemente, ele fazia as aulas normais de educação física, vestia-se para elas, e então se sentava ao lado do professor e registrava as estatísticas, um papel de que devia gostar, porque, no segundo colegial, ele se tornou um improvável estatístico de futebol americano.

Cara observava Kevin, pensava nele, torcia escondido por seu progresso, mas nunca, em todo aquele tempo, esperava o que aconteceu no primeiro dia do último ano do colegial: entrar na aula de inglês e encontrá-lo lá, sentado. Eles olharam um para o outro por tanto tempo que seria impossível não falar nada, ou fingir que não tinham se reconhecido. "Meu Deus", ela finalmente disse. "Olá."

Ele olhou para baixo e corou. "Olá", murmurou.

Naquela manhã, Cara fez um esforço consciente de mudar de aparência, das camisas soltas e dos macacões que ela usara a vida inteira para ir à escola, para uma regata justa de alcinhas e shorts curtos. "Céus, Cara, eu consigo ler a etiqueta de seu sutiã", Suzette disse a ela — e o fez, para provar. No decorrer dos anos, elas continuaram amigas, apesar das diferenças. Enquanto Cara ainda ansiava por sinais de aprovação e convites para festas por parte da mesa dos alunos populares, Suzette pairava distraidamente acima disso tudo, sua conta bancária recheada com o dinheiro de todos os serviços de babá que fazia todo fim de semana. Suzette ligava cada vez menos para as matérias, em que tão facilmente obtinha a nota máxima, e, em vez disso, passava horas no estúdio de arte da escola, pintando telas que Cara tinha muita dificuldade em comentar. Era óbvio que Suzette era uma boa artista — ela ganhava prêmios, todos comentavam —, mas seu interesse principal era o expressionismo abstrato, que sempre deixava Cara nervosa, tentando adivinhar sobre o que eram as pinturas: "Uau", ela dizia. "Adorei essa. São flores?"

Suzette revirava os olhos. "É o Teddy", ela explicava, o irmão mais novo e objeto freqüente das pinturas de Suzette. Três anos antes, a vida de Suzette tinha sido virada do avesso quando seu pai se apaixonou por outra mulher e deixou sua mãe desmoronar no conforto de seu banheiro e passar a maior parte dos dias de camisola, dormindo e folheando revistas que ficavam espalhadas pela cama. "Não quero nem falar na minha mãe", Suzette dizia, balançando a cabeça. E não falava. Em vez disso, ela assumiu a cozinha e outras tarefas domésticas, como preparar o almoço de Teddy para a escola, todos os dias, e, apesar de o menino ter oito anos, esperar com

ele no ponto de ônibus para que não ficasse sozinho com os alunos da quinta série que o assustavam.

"Teddy é uma alma sensível", ela dizia para justificar o fato de organizar sua rotina pós-escola em torno dele e de sua chegada de ônibus. "Não quero que a vida dele seja ainda mais difícil."

Esse foi o ano em que Suzette começou a fazer e seguir regras. "Precisamos ir para a minha casa. Não quero que o Teddy fique lá sozinho", ela dizia. E mesmo que sua mãe obviamente estivesse em casa, Cara nunca tocava no assunto. Ela sabia o impacto que o divórcio tinha tido em Suzette, como a tinha deixado com medo de tudo que sugerisse uma mudança. Cara conhecia esse lado de Suzette, assim como sabia que suas próprias roupas novas não eram um erro. Ela tinha visto a confirmação em muitos rostos surpresos, na metade do rosto de Kevin que demonstrava emoção.

"Que tal eu não sentar em sua frente, como se fosse a quinta série? Posso falar sem parar e fazer papel de boba de novo."

Kevin riu e Cara ocupou o lugar em frente dele, animada com a própria ousadia. Quando se falaram de novo depois da aula, a voz dele, suave e pausada, a surpreendeu: ele respirava entre as palavras, como um gago. "Eu queria experimentar uma aula… De inglês regular. Mas não sei. Ler me deixa com… Dores de cabeça fortes. Meus olhos…" Ele parecia estar procurando no céu as palavras de que precisava. "Não são bons."

"Eu posso ajudar", ela disse simplesmente. Significado: ajuda real, de que ele precisava, não a ajuda exibida do passado, quando ela abria os potes de iogurte e mergulhava a colher no conteúdo para ele. "Posso ler os livros em voz alta. Gravar fitas. O que você acha?"

Ele fecha os olhos e sorri meio torto. "Acho ótimo."

Foi uma amizade o que eles desenvolveram? A troca de fitas era sempre furtiva, como se ambos tivessem vergonha, ele da necessidade, ela do inexplicável esforço. Ela dizia a ele que não era incômodo nenhum, que sua leitura era tão devagar que fazê-la em voz alta não levava mais tempo, mas não era verdade. Ler em voz alta, página após página, era uma tarefa trabalhosamente lenta. Dessa forma, ela descobriu como havia lido pouco desses livros densos. Diálogos, cenas, primeiras e últimas frases de cada parágrafo. Esse esforço de ajudar a deixava presa, não a ele,

e sim às intermináveis descrições da vida puritana em A Letra Escarlate. Finalmente, após duas semanas, ela resumiu o texto. "Tem um monte de coisas aqui sobre vestidos e o que eles usavam, mas juro que não importa, Kevin", ela disse para o pequeno microfone.

No dia seguinte, ele entregou um bilhete e ela, sorrindo. "Quero saber sobre os vestidos."

Ela escreveu no final do bilhete: "A parte estranha é que todos eles usavam roupas de banho por baixo. Biquínis vermelhos".

Logo eles tinham criado dois segredos: as fitas que ela nunca contou a ninguém, nem a Suzette, e os bilhetes que escreviam regularmente, durante toda aula de inglês. Eram sempre engraçados, e talvez a melhor parte fosse que ela era um pouco mais engraçada. Não muito, mas um pouco. "Como você descreveria o cabelo dela hoje?", ele escreveu, com uma flecha que apontava para a professora, a sra. Green, cujo cabelo era um território em constante mutação. Alguns dias ele estava torcido com força, em uma espécie de coque que se separava na altura dos ombros como duas amarrações de lingüiça. Naquele dia, estava amontoado no alto da cabeça, alto o suficiente para limpar o quadro-negro. "Cônico", ela escreveu na resposta.

No papel, Cara descobriu por que ele tinha amigos — era um homem bom e honesto, criava situações para piadas e deixava os outros as contarem — mas, depois de um tempo, ela começou a se preocupar como se aquilo estivesse ido longe demais. Ele escrevia muito, guardava os bilhetes. E intitulava as fitas Cara, Parte 1, como se ela fosse o livro. Parecia um erro deixá-lo continuar, entender as coisas de forma errada.

"E então, Kevin", ela escreveu depois de um mês e tanto de troca de bilhetes. "Acho que não vou poder ler o próximo livro para você. Estou meio atolada esses dias."

Durante toda a aula, o bilhete não retornou. Então, quando estavam juntando os pertences, ele deixou um retângulo no colo dela. "Sem problema", dizia.

Cara decidiu que era melhor não discutir a questão. Quando era preciso formar pares para alguma atividade, ela se inclinava para a frente, para uma garota chama Yolanda, e dizia para si mesma, *É melhor assim. Estou pensando no bem dele.* E era, supostamente. Scott, o único jogador de futebol americano da sala que, pelo

tamanho e pela voz prematuramente grossa, parecia tão deslocado quanto Kevin, debruçou-se sobre duas carteiras e disse, com sua voz surpreendente e raramente ouvida, "Kevin, mano, você e eu." Cara suspirou de alívio. *Ele não é minha responsabilidade, ela pensou.*

Foi Suzette que apontou, semanas depois, quando Cara achava que a coisa toda havia ficado no passado. "Reparou como o Kevin Barrows olha pra você?"

Cara ficou vermelha, girou-se na cadeira. "Não olha não", respondeu, sentindo o estômago virar pedra. Ela era responsável por isso, tinha criado algo terrível.

Depois disso, Cara parou de falar com ele totalmente.

No intervalo do semestre, quando a sra. Green sugeriu que todos mudassem de lugar para quebrar a monotonia, Cara foi para o lado oposto da sala e deixou Kevin na sombra mastodôntica de Scott. Ela voltou toda a atenção para sua nova paixão, Peter, que conheceu na produção de *Guys and Dolls* [Meninos e Meninas], o musical que ele estava estreando. Antes disso, Cara só tinha namorado um garoto, Robbie, que jamais fora um namorado muito atencioso ou respeitoso. Alguns fins de semana se passavam sem nenhum telefonema, e quando estavam juntos, Robbie, muitas vezes, ficava inquieto, desejando que a cidade tivesse mais a oferecer, o que a fazia se revirar em busca de idéias: "Meus pais não vão estar. Você pode vir para a minha casa", ela oferecia, com uma voz sugestiva que ele parecia não captar. O sexo era muito mais interessante para ela que para ele.

"É porque ele é gay", Suzette declarou depois que Cara e
Robbie estavam namorando há três meses. "Desculpe, mas é verdade."

Cara piscou, atordoada pela possibilidade. "Robbie não é gay", ela disse, a nova dúvida abrindo um vórtice de preocupação em seu estômago.

Robbie *era* gay no final das contas, fato revelado seis meses depois que eles terminaram, e ele apareceu na escola usando uma camisa pólo social e com um triângulo rosa na mochila. Lição aprendida: Cara se conteria dessa vez, deixaria o garoto se esforçar, vir até ela, e desde o começo, esse foi diferente. Peter flertava com ela desde os ensaios até a última apresentação, quando sussurrou nos bastidores: "O que você vai fazer mais tarde? Voltar a ser Cara, a menina bonita com uma amiga?".

Ela piscou os olhos, chocada que ele tivesse notado a única verdade que definia sua vida até o momento — ela só tinha uma amiga. Naquela noite, eles se beijaram na última fileira escura do auditório, e uma semana depois viraram um casal que chocou a todos. Ela via no rosto das pessoas: Por que Peter está com ela? Menina *da produção e astro? Um mês depois, ela entendeu a resposta quando ele teve uma* crise e confessou, com os olhos marejados e cheios de incerteza, sobre um amigo que havia conhecido jogando tênis em um acampamento de verão. "Ele é só um amigo", Peter disse, mas ela era velha o suficiente agora para reconhecer as lágrimas e saber que tinha ouvido o suficiente.

No fim de semana depois que ela terminou com Peter, Kevin foi internado no hospital. Seu rim estava falhando, disseram, e ele estava indo para o topo da lista de espera para doações. "Acho que todos que o conhecem devem ir visitá-lo no hospital", a sra. Green disse à sala. "Nessas situações, é bom ter a certeza de que fizemos todo o possível."

Cara sentiu que a sala toda estava olhando para ela.

"Olha, eu vou com você", Suzette disse mais tarde. "Acho que nossa professora louca pode estar certa."

Cara esparava que a visita resolvesse a terrível culpa que sentia, que fosse ficar a sós com Kevin no quarto, segurar a mão dele e sussurrar desculpas enquanto os olhos dele se abririam e fechariam pacificamente. Em vez disso, a mãe dele ficou na entrada do quarto quando elas chegaram, com o rosto tomado por rugas de preocupação. "O que vocês estão fazendo aqui?", ela disse, um cumprimento que chocou tanto Cara que coube à Suzette preencher a lacuna.

"Somos amigas do Kevin da escola. Só queríamos dar oi."

A mãe dele balançou a cabeça. "Não me lembro de ele ter falado de nenhuma menina."
"Nós o conhecemos há muito tempo. A secretária do meu pai é a tia Joanne dele."

A mãe franziu os lábios e balançou a cabeça. "Não gosto de Joanne. Ela fala demais. Conta tudo sobre nossa vida para os outros."

"A senhora provavelmente tem razão", Suzette respondeu. "Ela realmente fala demais."

Com isso, a mulher pareceu relaxar. Ela as deixou entrar no quarto de Kevin, mas só com a promessa de que não ficariam mais que cinco minutos e não falariam de nada que pudesse chateá-lo. "Ele está exausto e precisa de todas as suas forças agora. A coisa mais importante é que ele não precisa de distrações agora."

Quando entraram, ele abriu os olhos e sorriu com a parte normal do rosto. Estava pálido, mais magro que há três semanas. "Olá", Cara murmurou, sem saber ao certo o que dizer com a mãe dele ali parada. "Você não está perdendo muita coisa na aula de inglês. Estamos escrevendo tipos diferentes de parágrafos introdutórios. Como se estivéssemos escrevendo textos. Argumentativo, pessoal, analítico, essas coisas."

Depois disso, um silêncio se abateu sobre eles, e Kevin fechou os olhos novamente. "Meu corpo está finalmente se desfazendo", ele disse, e as três ficaram paralizadas pela verdade dessa simples declaração.

Cara pegou a mão dele. "Não está não", ela sussurrou, como se fosse possível controlar essas coisas.

Quando saíram, Suzette a surpreendeu. "Você está certa sobre o Kevin", ela disse, em resposta a nada. "Todos esses anos, eu não tinha percebido, mas é interessante, não é?" Cara se virou e olhou para ela. Ela não se lembrava de Suzette dizer algo assim sobre nenhum garoto antes.

Duas semanas depois, na véspera do transplante de Kevin, Cara recebeu uma carta pelo correio, uma folha de caderno dobrada dentro de um envelope branco apenas com seu nome e endereço na frente. Dentro havia um bilhete escrito à mão com uma caligrafia grande e com espaços irregulares: *Este é o meu parágrafo introdutório. Há sete anos, eu amo você.*

Kevin sobreviveu a operação, mas por pouco. Dessa vez, a informação veio por meio de Scott, o jogador, que visitou Kevin no hospital e contou a todos que por três dias a febre dele tinha aumentado tanto que ele começou a delirar. "Eu também ouvi, foi louco", Scott comentou.

Enquanto ele falava, Cara pensava sobre a carta que não tinha respondido, mesmo com o endereço do hospital de Kevin na lousa, com um quadrado em volta e não apague escrito logo acima. A sra. Green ainda apontava para ele de vez em quando: "Nessas situações...", dizia, e agora Cara sabia o que ela queria dizer — nessas situações de vida ou morte.

Ela comprou dois cartões, um com flores e o outro com um desenho de uma mulher com o que parecia ser um animal na cabeça, que dizia no interior: "Tenha um cabelo melhor da próxima vez". Ela escreveu algumas mensagens: "Somos amigos há muito tempo, eu gostaria de conhecer você melhor. Queria que fosse possível conhecer melhor as pessoas". Isso pareceu o mais honesto possível e também potencialmente o mais cruel. Talvez pudesse dizer, Eu sinto a mesma coisa, o que ocasionalmente acontecia, até que considerasse a estranheza que uma recuperação completa poderia causar, encontrá-lo na escola de novo, rostos paralisados pela expectativa.

No final, ela mandou o cartão com as flores e uma única frase que tentava, da melhor maneira possível, incorporar o sentimento de Suzette: "Estou pensando em você, assim como todo mundo". Ela esperava que isso ao menos mitigasse a desconfiança da mãe dele nela. Ela imaginava a mãe lendo o cartão em voz alta, colocando-o ao lado da cama e pensando, Bom, é alguma coisa.

Agora Cara vê tudo pela perspectiva da mãe, como uma garota a deixara aterrorizada, impotente. Talvez ela o tenha rasgado furiosa.

Kevin se recuperou o suficiente para ir para casa e, apesar de falarem em levar as tarefas para ele, Cara nunca se ofereceu para o trabalho. Ele nunca mais voltou para a escola. Na formatura, o nome dele foi lido e celebrado com aplausos ensurdecedores, que ele não ouviu por não estar presente.
"Você quer saber o que eu penso sobre o autismo?", Martin diz, sentado em uma pequena mesa de bar em frente a June.

Não, June pensa. Não quero. Um dia cheio de horror agora estava no final, e ela estava sentada em frente a Martin, um conselheiro da escola de que não gostava muito, apesar de os alunos gostarem, especialmente os meninos que o cercavam no corredor para falar
sobre resultados de jogos. Ele se esforça para ser popular, usa jeans que ficam um pouco soltos, da mesma forma que os meninos da sexta série, e seus grupos de discussão no almoço se enchem tão rápido que os outros adultos, às vezes, se perguntam — é normal que as crianças estejam tão ávidas por aconselhamento?

No último ano, June evitou almoços e longas conversas no corredor com ele. Que eles estejam tomando um drinque juntos é um atestado de como o dia de hoje havia soltado as amarras de todos. Ambos moram sozinhos e — ela suspeitava — têm

medo de voltar para casa esta noite.

"Fico pensando nesse cara de quem um amigo meu cuidou por um tempo. Ele era adulto, sabe? Nenhuma comunicação verbal. Tinha incontinência. Completamente fora do eixo. Mas uma vez eu fui visitar meu amigo no trabalho e uma criança começou a chorar do lado de fora da janela do apartamento e, juro por Deus, o cara fez de tudo para chegar até a criança. Balançar, gemer. Meu amigo teve de pegá-lo no colo. Ambos eram adultos. Você se pergunta, o cara tinha uma conexão com as outras pessoas — com aquela criança, com quem cuidava dele? Deus de céu. Eles se amavam. Nada de sexo, nada de palavras, tudo aquilo que confunde as coisas. Fiquei lá olhando e pensei: esse é o amor mais puro que eu já vi."

É estranho que Martin esteja pensando mais em Adam quando todos estão pensando mais em Amelia.

"Quando eu estava na faculdade, trabalhei durante um verão em um acampamento para autistas. Quer saber o que eu pensava?" Ela não responde. Ele se inclina para a frente para dizer mesmo assim, polegar e indicador unidos. "Eu costumava pensar: esse é um bando de crianças tão brilhantes, tão verdadeiramente à frente de nós intelectualmente, eles saíram do útero, deram uma olhada neste mundo miserável e disseram a si mesmos: 'Tchau. Vou continuar vivendo, mas não aqui. Não neste planeta'."

Ele acha que foi *Adam?* June balança a cabeça. Todos conhecem Adam pelo menos um pouco, e ninguém acha isso. Aliás, ele está fazendo uma coisa que detesta — romantizando excessivamente os alunos mais misteriosos — apesar de ocorrer a June que o dia todo ela lutou contra o sentimento que ele está tentando expressar. Quando revisita as poucas lembranças que tem, imagina que Amelia talvez fosse mais esperta e mais sofisticada que todos achavam. Ela saiu hoje à noite querendo perguntar a Martin do que ele lembra em relação a Amelia, quais eram as suas impressões. Parecia a ele (a um homem) que ela entendia a própria beleza? Eles já tinham recebido a notícia (uma surpresa, um alívio, se é possível), de que exames preliminares não indicavam nenhum sinal de abuso sexual. Que mesmo que tenha havido tempo suficiente em que isso fosse possível, o assassino aparentemente não estava interessado em fazer sexo com ela. Mas o que June não conseguia entender é: Amelia estava interessada, senão no sexo, na atenção que um homem mais velho poderia ter dado a ela? Ou era outra coisa — ela teria ido ao bosque para brincar de médico com Adam? Era tão precoce assim?

Se era, não estava óbvio. Ela ainda se vestia como uma menininha, com saias e macacões. Na maior parte do tempo, ela usava maria-chiquinhas. June precisa da opinião de alguém que tenha visto coisas que ela não viu. Enquanto June cuida do *playground uma vez por semana, Martin está lá todos os dias. "Você já viu Amelia* falar com garotos mais velhos? Fazer coisas como — sei lá — flertar?"

"Não, nunca. Nada do tipo."

"Ela já tocou você?"

Ele balança a cabeça, franzindo o cenho. "Não que eu me lembre."

É estranho que isso traga alívio, mas traz. Ela pega sua taça de vinho, toma um gole. Talvez o problema esteja só nela, ela seja séria demais, esteja nesse emprego há tempo demais, preocupada demais que essas crianças que ama a considerem uma mãe.

"Ela já conversou com você?" Isso seria uma medida. Martin parecia ter algum grau de flerte com todos os alunos com quem conversava.

"Uma vez, que eu me lembre. Ela perguntou se eu podia ajudá-la a encontrar o pé de coelho que tinha derrubado na nos gravetos."

"E você encontrou?"

"Sim, depois de um tempo. Demorou. Fui interrompido e quando a vi de novo, ainda procurando, eu voltei. No final, encontramos o pé de coelho dentro dos pneus."

June se lembra do pé de coelho que Amelia carregava na mochila, deixava sobre sua mesa, deixava no chão ao lado de seu pé. Foi a primeira coisa de que Amelia falou, June relembra, e de repente, consegue ouvir a vozinha da menina, tão delicada que ela não entendeu da primeira vez e pensou que estivesse dizendo: "Quer ver o meu pé de joelho?" Ela consegue ver Amelia buscando algo na mochila, tirando o punho fechado e, como uma criança de cinco ou seis anos, erguendo-o e abrindo-o, um dedo de cada vez.

June pensa nisso e, subitamente, as lágrimas que havia evitado o dia todo surgem. Antes de se dar conta, ela está chorando tão ininterruptamente que Martin não tem outra opção além de levantar da cadeira, dar a volta na mesa e envolvê-la no abraço

de bar mais estranho da história. "Estou bem", ela diz, movendo a mão, tirando da cabeça as insuportáveis coisas que descobriram no docerrrer do dia — um ferimento à faca, um pulmão perfurado, pouco sangue, surpreendentemente. ("Quando a encontrou, o policial achou que ela estivesse dormindo.") Ela imagina Amelia oferecendo seu pé de coelho — o tesouro mais simples, o prêmio mais infantil — e se pergunta, sinceramente, por que seu primeiro pensamento em tudo isso foi um questionamento à inocência da menina.

Quando alguém pergunta, Cara diz que sua vida é mais fácil que antes, o que é verdade. Adam não dá mais escândalos a cada ida ao mercado; seus medos mais antigos e extremos — estacionamentos cobertos, relógios digitais, movimentos súbitos que um skatista possa fazer — estão apaziguados agora. Ele não reage mais a esses estopins misteriosos gritando tão alto que precisava proteger os próprios ouvidos. Faz anos que ela teve de retirá-lo de uma calçada ou loja pela última vez.

Na maior parte da vida de Adam, a estratégia dela foi a mesma — colocar o menino hesitante no mundo, andando dez passos à frente dele e preparando o que ele possa encontrar. Ela já cobriu relógios com guardanapos, guardou o próprio em uma gaveta, descobriu onde os skatistas mais vão, estacionou a dois quareirões de distância e encontrou um caminho que não cruzasse com eles. Cara fez tudo que pôde para garantir a Adam que o mundo não é tão ameaçador. "Veja só", ela diz, conhecendo as coisas específicas que ele adora — uma cochonilha descendo um galho, um homem em um guindaste de caminhão consertando os fios de um poste. Ela conhece as coisas interessantes o suficiente para merecer a atenção dele, e ao apontá-las, acredita que o ajudou a olhar mais, a ver além do inseto no galho e enxergar a árvore, o céu, as formas surpreendentes que as nuvens formam.

Agora ela se pergunta se tudo o que fez não foi um erro. Ela o fez olhar, olhar em volta, o fez acreditar que o mundo é, na maior parte, um lugar gentil, que os estranhos são pessoas que devemos cumprimentar, que os amigos vão ajudá-lo e os adultos são, na maioria, um grupo confiável. Teria ela feito isso à custa da lição mais óbvia de todas, aquela que todas as crianças aprendem desde o jardm de infância? Não fale com estranhos, não ande pelo bosque, onde eles podem estar.

De manhã ela acorda e encontra Adam parado silenciosamente ao lado de sua

cama, os olhos arregalados de terror, como se estivesse lá há algum tempo e não tivesse certeza de que ela está viva. Ela se senta. "Está tudo bem, querido." Cara tenta ler os pensamentos dele e acredita que, às vezes, consegue. "Estou bem. Eu estava só dormindo."

O rosto dele suaviza e se transforma na expressão mais adorável: olhos arregalados, um sorriso de boca fechada. Ele sempre foi uma criança linda, cabelo escuro e ondulado e olhos castanhos e enormes, tão expressivos que chamam a atenção das pessoas. Uma vez, no metrô de Nova York, um estranho apontou para Adam, sentado no chão de trem — o único lugar onde ele andava no trem, a única maneira de ele se sentir seguro com tudo se movendo — e perguntou se ele tinha um agente para comerciais. Adam devia ter quatro anos na época, uma franja pesada, olhos enormes e — era verdade — uma fotogenia incomum. Cara ficou vermelha e negou, balançando a mão como se o elogio fosse para ela.

Toda manhã, Cara mede cada expressão no rosto de Adam, cada movimento de sobrancelha, em busca de um indício do que está acontecendo. Ele certamente teve fases no passado, altos e baixos que geralmente seguem um padrão. O começo do ano letivo é difícil, e no final, quando a exaustão dos nove meses se faz sentir, ele regride novamente, fala menos quando chega em casa, torna-se oscilante quando escova os dentes ou abotoa a camisa, tarefas que, em teoria, domina. Ela já consegue ver algo diferente. Não se trata de uma habilidade conquistada e perdida, é muito mais. Desde que aprendeu a falar, ele nunca havia passado tanto tempo sem fazê-lo — vinte horas até o momento.

Ela tenta diferentes táticas, qualquer coisa para obter uma reação.

"O que você quer no café-da-manhã?", pergunta quando vão para a cozinha. Ele olha vagamente em volta, como se aquela fosse uma sala que mal conhecesse. Seus olhos param no fogão, na geladeria, na despensa cheia de comida, cada coisa é um mistério. "Você quer aranhas? Ou vermes?"

É uma piada antiga, algo que ela usava anos atrás para ensiná-lo sim e não.

Ela espera longamente. Nada. "Adam? Você quer um martelo no café-da-manhã?"

Isso deveria arrancar uma risada dele — sempre funcionou antes. Em vez disso, ele olha para ela e pisca, perplexo. Seu lindo rosto não reconhece nada, nem a cozinha, nem as palavras, nem mesmo ela.

"Ei, Adam? Você consegue dizer alguma coisa?"

Nada.

Ela nem se preocupou em se vestir naquela manhã. O pânico atravessa seu corpo,
enche seu sangue de adrenalina. Se Adam regrediu e perdeu tudo, ela terá de começar do zero, voltar ao começo, pegar as caixas com os cartões e praticar como eles fizeram seis anos antes. Se ele não falar, ela o fará dar nome às imagens dos cartões. Se não conseguir fazer isso, ela vai espalhá-los no chão e fazer exercícios de "Aponte para..." *Está acertando,* ela diz a si mesma. *Não perca tempo. Não deixe que o cérebro dele se reorganize em torno do que viu. Não deixe que ele se encha com um filme cheio de sangue, os ouvidos tomados pelo som dos gritos de uma menina.* Cara decide trazer os favoritos dele de volta e vasculha a pilha de cartões, procurando cortadores de grama e instrumentos musicais. Esses são os presentes que ela pode oferecer ao filho que, em nove anos, nunca pediu que ela comprasse nada — as fotos de coisas que ele ama foram cortadas e coladas em cartões: um trator, um piano, um ventilador, chaves. Talvez ela nem queira usá-los, só queira ouvir o uivo de prazer dele quando vir um de seus favoritos se aproximando. Ela não vai dificultar muito, decide, espalhando imagens de uma camisa, um piano, um trator vermelho-vivo. Ela os tem há anos. Será como um jogo, como a família na parte alta da rua cujos filhos têm dez e onze anos agora, mas de vez em quando jogam Porco em nome dos velhos tempos. Esse vai ser o Porco deles.

Cara põe a mesa, faz Adam se sentar.

"Ok, querido. Olhe para mim", ela diz, e ele olha. Isso não foi perdido. O primeiro comando, as primeiras palavras, ela tem certeza de que ele entendeu. "Muito bem."

Mas os olhos dele estão alterados de uma maneira que ela não sabe descrever. Antigamente o contato visual o assustava tanto que seus olhos tremiam enquanto ela contava até três, período em que tinha de olhar para ela sem desviar se quisesse ganhar um pretzel.

O tremor se foi e em seu lugar está um vazio que ela nunca tinha visto. Por cinco segundos inteiros, eles olham um para o outro.

"Agora, aponte para o trator", ela diz, imaginando se cometeu um erro, deixando-o olhar por tempo demais nos olhos dela e fazendo-o esquecer a tarefa diante dele. "Aqui, Adam." Ela bate de leve na mesa. "Estou vendo um trator em algum lugar."

A expressão dele não muda. Os olhos movem-se mais, desviando dela, para olhar para o vazio acima do ombro de Cara. Ela se inclina para a frente e segura o rosto dele nas mãos. "Meu amor, escute: você precisa tentar. Eu sei que voce consegue. Aponte para o trator."

A respiração de Cara fica curta. Ela quer sacudi-lo, e fica com medo de ser capaz de sacudi-lo de verdade — e então ele aperta os olhos diante de um fio de luz do sol vindo das árvores. Adam parece ter ouvido alguma outra coisa, não as súplicas dela, mas um barulho na luz, algo que o faz registrar, pela primeira vez, que é de manhã. O rosto dele muda. As sobrancelhas parecem dizer, O que foi aquilo? E então, passa.

Ele não olha mais para ela.

Ele nem repara nos cartões.

Ela está enlouquecida. Ele percebe pela voz. "Aponte para o trator", ela diz, e ele aponta com os olhos, não com as mãos. As mãos são o problema.

Mover-se quando alguém pede para ele se mover é o problema.

"Mexa-se", o garoto diz, com o dedo apontando uma arma do Battle Zone. "Mexase ou eu atiro."

Se ele aponta, a mão se torna uma arma. Ele vai atirar em sua mãe e matá-la por acidente. As pessoas morrem no Battle Zone, ele já viu antes: a colina coberta de grama atrás do playground coberta de corpos de garotos.

Ele pensa na garota, naquela voz que é como o sol e as sombras de que ela fala o tempo todo. É a luz, saltitante, cantarolante, e então o escuro. "Eu odeio essas pessoas. Todos eles", ela diz. Ele não sabia de quem ela estava falando, mas viu as mãos dela se fecharem, ganhando a forma de ovos. "Odeio cada um deles." Um dedo apontou. "Rá-tá-tá". Pronto. Matei todos. Não temos permissão para falar com esses

garotos agora. É a regra."

Cerrados em punhos, os dedos dela parecem a parte espiralada da concha de um caracol. Ou os desenhos que as pessoas fazem da concha de um caracol. Ele nunca viu um de verdade.

Ele pode seguir a regra porque é fácil, porque também nunca fala com crianças. Mas existem outras regras, regras interessantes. "Só posso andar pelas sombras. Se não houver sombras, ando na minha. Vou andar para trás se precisar, para formar uma sombra."

No dia do passeio deles havia sol. "Muitas sombras", ela disse, abrindo e fechando a torneira. "Não vamos ter problemas."

E não tiveram. Uma vez eles andaram tão perto que as sombras se encontraram. "Não deixe ninguém ver", ela disse, "ou vão atirar em nós com suas armas idiotas". Ele a seguia porque queria ouvir mais de seu canto, queria ver sua garganta, de onde vinham os sons, os glissados e vibratos. Ele imaginava elásticos dentro da garganta dela, esticando e vibrando.

Uma vez, sua mãe o levou para uma aula de piano em que a professora começou abrindo o piano para mostrar a ele o interior. Pela primeira vez ele viu como o som era produzido, um milhão de martelos de feltro tocando gentilmente as cordas, e depois daquilo, não conseguiu mais nem cogitar a idéia de tocar. Ele só queria observar a mecânica da música, que era o que sentia em relação a ela. Ele não queria cantar. Queria olhar a garganta dela, ver se havia surpresas lá como a do piano.

No corredor da escola, Marianne parece feliz em vez Morgan. "Estou tão feliz que você esteja aqui", ela diz. "Tantos alunos ficaram em casa, o que é terrível. Deixa todo mundo mais assustado." Ela está com uma blusa de gola alta preta, uma saia cinza e uma meia-calça que tem pequenos bolos de fiapo presos.
"Não estou com medo", diz Morgan.

"Que bom. Acho que é importante mostrar a quem quer que tenha feito isso que ele não controla a nossa vida."

"Só havia três pessoas na aula de matemática. A professora deveria dar um teste, mas ele foi cancelado."

Ela balança a cabeça e olha para o corredor. "Veja só, eu acho isso um erro. Até os professores estão se afastando. No que estão pensando?"

Ele não sabe. Não sabe sobre o que os outros pensam. Na noite passada, depois que Morgan e a mãe assistiram a tanta cobertura do assassinato quanto foi possível, ele foi para o quarto, fechou a porta e abriu seu caderno. Estava pensando muito sobre pistas, mas até agora havia pensado em pistas para o próprio crime, não o de outra pessoa. Esse era um novo lugar onde depositar seus pensamentos: "Vai ser assim que Vou Compensar o que Fiz", ele escreveu. "Vou solucionar esse crime, e as pessoas vão entender que sou uma pessoa boa, não um criminoso. Se eu tiver um arquivo um dia, talvez isso faça parte dele: Cometeu um Crime, Resolveu Outro." Ele analisa Marianne. "Tem uma coisa que eu queria perguntar." Ele pensou nisso a noite toda, se convenceu a perguntar no próximo encontro, e agora ela está logo ali, por que não? "Tive uma idéia sobre me voluntariar."

Ela franze o cenho, confusa. "Voluntariar? Ah, sim, eu tinha esquecido."

"Eu estava pensando em fazer alguma coisa com aquele menino, Adam. Brincar com ele depois da aula, talvez."

"Que menino Adam?"

"Do primário. O que…"

"Ah, sim. Sim, claro. Não sei, Morgan. Não sei. Por que você não passa na minha sala mais tarde e nós conversamos sobre isso?"

Pelo resto da manhã, ele se sentiu bem. Pensou no que dizer a Marianne quando se encontrarem. Ele sabe que ela gosta de se manter focada no assunto, então vai fazer isso: vai dizer que já fez isso antes, com crianças da educação especial, que gostou, que não tem medo deles. Claro, não vai contar a ela que fez um péssimo trabalho, abandonou Leon depois de cinco sessões e fingiu não reconhecê-lo depois no corredor.

No almoço, Morgan se serve e vai em direção à mesa no canto onde sempre se

senta sozinho e tenta comer o mais discretamente possível, mas vê Chris, do grupo, sentado em sua cadeira. Normalmente, os garotos no grupo não se falam fora do grupo. Eles podem dizer "oi" e acenar, mas é só. Morgan cogita procurar outro lugar para sentar, mas e se vier uma multidão e gritar com ele, como as pessoas fazem com tanta facildade por causa das mesas no refeitório. Morgan coloca sua bandeja em frente a Chris.

"Não era para eu estar aqui", Chris afirma. "Eu geralmente almoço em uma das salas porque multidões me deixam extremamente desconfortável. Mas fui expulso hoje porque todo mundo está em reunião por causa do assassinato. Você acredita?"

Acredita em quê, ele pensa. *Que uma menina foi assassinada? Que houve reuniões em decorrência disso? "Sim", responde Morgan. "Acredito."*

Chris toma um gole do suco de caixinha. Ele está comendo algo que ninguém colocaria na lancheira: batatas-doces, pedaços de abacaxi, uma caixa de uvas passas. "Sou extremamente alérgico", ele diz quando Morgan o vê pegar uma batata doce. "Um pedaço de pão e fico coberto de urticárias. Uma vez tentei comer pizza e sabe o que aconteceu?"

Morgan olha para ele. "O quê?"

"Hospital", Chris responde. "Por três dias. Tenda de oxigênio e tudo. Mas tudo bem. Não me importo de ficar no hospital. Pelo menos você não precisa ir à escola. Se ficar muito mal, posso fazer de novo."

Chris é mais velho que Morgan. Ele já está no ginásio há um ano, o que faz com que Morgan se pergunte o que quer dizer com isso. "Fica mal como?"

"Acredite em mim, você não quer saber. Espere até o inverno, quando fica bem feio. Você vai achar que uma tenda de oxigênio não é nada. Assassinato seria um alívio."

Morgan olha para Chris.

"Ah!", Chris diz, tão nervoso que Morgan se pergunta se colocaria Chris em sua lista. "Estou brincando."

No grupo, Chris contou histórias sobre um acampamento de verão onde, pelo que

conta, era extremamente popular e todos o amavam como ele era. "Por duas semanas, fui eleito Supervisor dos Beliches do Acampamento", ele contou. "O que significa, vocês sabem, que eu fiscalizava as coisas. No final, fui escolhido Atleta Mais Aprimorado do Verão." No começo, ninguém acreditou porque Chris é tão magro que não consegue usar relógio nem manter as meias nas pernas. Quando Sean perguntou: "Você foi eleito o Melhor Atleta?", Chris fechou os olhos e balançou a cabeça. "Mais aprimorado. No começo eu não conseguia nem chutar uma bola. No final, eu marquei um gol. Na última fogueira, fui aplaudido de pé." Sempre que Chris mencionava o acampamento, Morgan tinha vontade de perguntar o nome de uma vez. Tenta imaginar como seria ficar de pé na luz fraca de uma fogueira, receber um prêmio ao som de uma centena de pessoas o aplaudindo.

Morgan decide arriscar, contar a Chris o que tem em mente. "Fico pensando naquele menino. Que viu a coisa toda."

"Que tem ele?"

"Fico pensando... Não sei. Não sei no que estou pensando."

Falar com alguém da mesma idade é complicado, a cabeça de Morgan fica confusa e se transforma em um borrão de palavras que não se organizam. "Que ele quase morreu, para começo de conversa."

"Sim, claro", diz Chris. "Mas veja, eu não gosto de pensar nessas coisas. Não gosto de pensar em quase morrer."

Na outra ponta da mesa, um trio de garotos mais velhos começa a soprar embalagens de canudo na direção deles. Eles vêem os tubos de papel voando e dançando em sua direção.

"Certo. Muito engraçado. Ha ha", diz Chris. "Vou colocá-los em minha lista." Ele parece estar falando com os tubos de papel.

"Que lista?", Morgan pergunta.

"Minha lista, né? Minha lista de pessoas que vão ficar encrencadas por assédio logo logo. Estamos tentando almoçar aqui, certo? É isso que eu não suporto."

"São apenas embalagens."

"É, talvez para você. Você não vê a metade das coisas. Você não vê o que realmente está acontecendo."

Talvez Chris esteja certo, Morgan pensa, mas quando olha para o outro lado da mesa, os meninos tinham ido embora.

Naquela tarde, a programação das aulas foi modificada para acomodar uma assembléia para a escola toda sobre segurança em relação a estranhos, conduzida por uma mulher que ninguém nunca viu antes. Ela começa a reunião de pé no palco, microfone em punho, sem falar nada por tanto tempo que as pessoas começam a ficar nervosas e virar-se nas cadeiras para procurar algum professor que possa dar uma explicação.

Então, com um estalo de seu polegar e uma pequena microfonia, ela começa:

"Todos nós sabemos por que estamos aqui. Todos vocês conhecem Amelia Best, uma menina de dez anos que foi assassinada em plena luz do dia durante o horário da escola a menos de trezentos metros de onde vocês estão neste momento. Vocês podem ser crianças, mas não são burros. E sabem que o responsável ainda não foi preso. Que um perigo bastante real para todos vocês, cada um de vocês, ainda existe."

Morgan vê a menina na frente dele começar a chorar. Ao lado dela, outra menina a abraça. "Ele não vai matar você, Amy", ela diz. "Não vai." Morgan muda de posição na cadeira, olha em volta para ver se mais alguém está chorando. Ninguém mais está.

Depois da assembléia, Morgan vai até a sala de Marianne. Para sua supresa, dois meninos que ele nunca viu antes já estão esperando do lado de fora da sala. Assim que ele chega, ela coloca a cabeça para fora. "Jeff, entre, depois você, Fiona. E Morgan." Ela sorri. "Você se importa de esperar?"

"De jeito nenhum", ele diz, movendo a cabeça.

Ele se senta do lado oposto da garota, que em outro contexto o deixaria aterrorizado: toda de preto, com maquiagem escura em volta dos olhos e jóias pretas em todos os lugares possíveis: polegares, orelhas, até no nariz. Talvez ele esteja olhando muito fixamente, porque depois de um minuto ou dois, ela o surpreende

dizendo: "Você quer saber o que eu ouvi?"

Ele balança a cabeça.

"Ouvi dizer que foi ela. Ela se cortava."

Morgan tem dificuldade de julgar piadas, mas tem quase certeza de que essa deve se tratar de uma até que a menina olha para a luz, e ele vê que ela está chorando. Ele já teve esse problema antes. Depois da conversa com Emma, chorar na escola era sempre um perigo e podia acontecer a qualquer momento se não tomasse cuidado. Uma vez, quando Leon o pegou no corredor desprevenido e prendeu-o em um abraço, ele saiu com os olhos marejados, como os dessa menina. Teve de ir ao banheiro e sentar em uma privada até passar. "Acho que não. Acho que ela foi morta, como disseram."

Ela pára de olhar para a luz e vira para ele. "Mas talvez ela *quisesse*. Você já pensou nisso? Talvez fosse uma menina triste e quisesse que algo acontecesse. Talvez ela tenha visto um homem no bosque e pensado, 'vou até lá ver o que acontece comigo: Vou'." Morgan olha para ela. Esta é a primeira vez que uma menina fala com ele no ginásio. Desde Emma, ele morre de medo delas. Ele quer discutir com essa menina, mas as palavras lhe escapam, não sabe o que dizer. No minuto seguinte, Jeff sai e a menina se levanta.

Quando ele finalmente entra na sala, Marianne parece exausta. "Você se importa se eu comer enquanto conversamos, Morgan? Tem sido um dia longo, ainda não consegui almoçar." Ela pega uma lancheira de vinil e tira meio sanduíche de dentro. "A pergunta é, Morgan, por que você escolheu ser voluntário com esse menino?"

"Bom, eu conheço Adam um pouco. Lembro dele. E não sei o que ele tem de errado, mas não é, você sabe, retardado."

"Ele é autista."

"Oh."

"Mas isso não deveria assustar você necessariamente. É o que pode tornar isso uma boa idéia. Mas teríamos de ter muito cuidado."

"Ok." Ele sorri. Ele adora que ela tenha dito "nós".

"Ele obviamente passou por uma experiência traumática. Algo mais terrível do que podemos imaginar. Não sei muito sobre ele, mas levei sua idéia para uma reunião que acabei de ter. Descobri que é filho de mãe solteira e que é considerado de médio-alta atividade. Disseram que é geralmente muito afável e querido no primário, todos estão preocupados com o peso que isso vai ter nele. Pelo que se sabe, ele não falou mais nada desde o assassinato e entrou em uma espécie de regressão."

Morgan assente. Ele mal consegue acreditar que ela esteja lhe contando tudo isso.

"Mas há uma questão. Eu liguei para o primário e falei com a conselheira sobre sua idéia. Ela quer falar com algumas pessoas, mas não disse 'não' automaticamente. O que disse foi: 'Pode ser uma boa idéia. Há cada vez mais pesquisas hoje em dia que dizem que conforme esses garotos ficam mais velhos, a melhor coisa para eles não é necessariamente passar mais tempo a sós com adultos, e sim simplesmente ficar com outros garotos. Especialmente garotos dispostos a ser pacientes em uma conversa que pode levar mais tempo'." Ela pega a bolsa e tira uma barra de cereal. "Na verdade, existe um estudo fascinante. Sempre achamos que a maleabilidade do cérebro de uma criança parasse em um dado momento. Que com crianças com atraso de desenvolvimento, uma intervenção o quanto antes fosse a chave: tentar colocar o máximo possível lá dentro antes dos seis anos, porque depois não há muito a fazer. Os ganhos que se pode fazer são muito mais lentos, mais graduais. Agora há uma nova pesquisa que diz que a curva da puberdade é outra oportunidade; que o cérebro se abre novamente, se torna mais maleável, e outros avanços também podem ser feitos mais tarde. A questão é batalhar por isso. Acredito que devemos tentar, pelo menos. Mas temos de seguir orientações rígidas. Não é apenas passar algum tempo com um menino que viu um assassinato. Você não pode ir até lá e fazer perguntas. Entendeu? Isso é para os profissionais. Certo, Morgan? Você está me ouvindo?"

Sim, ele faz com a cabeça, percebendo, enquanto ela fala, todas as possibilidades. Em casa, ele havia começado uma lista de possíveis suspeitos, incluindo a diretora da escola, a sra. Tesler, por parecer tão defensiva nas entrevitas. Na noite passada, ela declarou na TV: "Há 150 escolas primárias neste estado que não têm cercas", apesar de o repórter não ter perguntado nada sobre cercas. Quando Morgan tentou pesquisar a informação, não descobriu nada na Internet sobre escolas primárias e cercas, e só pôde presumir que ela está inventando coisas, o que o leva a crer que seja uma suspeita.

Também estava na lista dele o sr. Herzog, o professor de música que pede a quem não consegue manter o ritmo para "por favor, não bater palmas". O sr. Herzog usa

ternos e sapatos marrons e certa vez disse a eles: "Eu toco em uma banda de jazz, mas não importa, porque ninguém mais liga para o jazz", o que, Morgan percebe agora, é um comentário raivoso. Morgan lembra de uma vez em que viu o sr. Herzog no corredor empurrando um carrinho cheio de estojos pretos de insturmentos musicais com a cabeça baixa, de modo que seus óculos escorregaram e foram atropelados pelo pesado e incontrolável carrinho. Quando ele os recuperou, pareciam um W em sua mão. "Com licença", ele disse, forçando os olhos na direção de Morgan. "Mas minha inútil vida acabou de ficar um pouco pior, e acho que preciso de um pedaço de fita adesiva. Você pode me ajudar?" Morgan lembra-se de tudo, só nunca soube como interpretar antes. Mas agora sabe. Significa que o sr. Herzog está triste e talvez furioso com muitas coisas: jazz, óculos, alunos sem talento nem interesse. Talvez Amelia o tenha levado ao limite — tenha colocado chiclete em uma clarineta, rido de seus óculos, alguma coisa.

Morgan formula um plano: se não pode perguntar a Adam diretamente sobre o assassinato, talvez possa fazer uma lista de nomes e inseri-los, um por um, na conversa.

Na escola, June ouve histórias que estão brotando e ganhando vida própria — primeiro sussurradas e depois contadas em voz alta, lá fora, no playground: Ele vai *tentar de novo, talvez no Halloween. Ele quer o menino que o viu, mas se não conseguir, vai pegar outro. Os professores foram avisados que, ao falarem da morte* de Amelia com os alunos, é importante serem francos, deixarem os alunos falar, mas enfatizar os fatos o máximo possível, deixar espaço para um mínimo de especulação. "Isso é o que sabemos", foram instruídos a dizer. "Isso é o que não sabemos."

Quanto mais fatos forem revelados, mais seguros os alunos vão se sentir, então a idéia é que usem os fatos para chegar ao mesmo ponto: A polícia está aqui, fazendo *o que precisa fazer, todos estão seguros, está tudo bem. Mas qualquer um vê que as* crianças ouvem isso e dizem outra coisa para si mesmas: Pode ser alguém que nós *conhecemos. E provavelmente é. Um vizinho, um zelador, alguém que não parece ser louco, mas é.*

Na sala de June, encontraram alguém novo para apontar: o sr. Fawler, que cuida do

laboratório de informática e, muitas vezes, procura os óculos que estão em sua cabeça. "Ele carrega um canivete", Jimmy diz ao grupo, e todos ficam em silêncio por um momento, são forçados a imaginar um homem tão obeso que não consegue abotoar seu cardigã parado no bosque, empunhando um canivete. Também tem o Perry, que está no grupo de manutenção há 30 anos e é tão quieto que a maior parte dos alunos nunca o ouviu falar. "E vejam só, ouvi dizer que Perry mora com a mãe. Como o cara em Psicose", diz Brendan, e June fica desconcertada: Brendan está na quinta série e já viu esse filme? E espera que os demais também tenham visto?

"Por favor, gente", ela diz e olha duramente para Brendan, sem passear os olhos por Leon, mesmo que não precise. Todos entendem: *Há crianças aqui, não as assustem.* Ela terá um momento como esse, um corte rápido, sem ambigüidade, e uma hora depois vai desejar ligar para Teddy e sussurrar no bocal, Alguém verificou *Perry, o zelador? Alguém se deu conta de que ele ainda mora com a mãe?*

Teddy foi para lá todas as noites desde o assassinato, mas, às vezes, só chega às onze ou meia-noite, porque agora, obviamente, trabalha dupla jornada. A primeira noite que o viu, depois do drinque com Martin, ela caiu em seus braços e começou a chorar de novo. Agora ele está entrando, e eles se sentam à mesa da cozinha, mãos em volta de canecas de café.

Teoricamente, essa relação com Teddy deveria ser uma aventura. Ele é seis anos mais novo que June e mais bonito que qualquer homem que ela namorou em anos. Na faculdade e na pós-graduação, June era a melhor aluna de todas as matérias e geralmente atraía alguma variação do mesmo homem: inteligente e pálido, barriga em processo de formação, óculos que escorrregavam do nariz enquanto discutiam educação e filosofia. Teddy é o oposto disso tudo: ele é lindo e jovem, olhos de um castanho-avermelhado salpicado de laranja, cabelo enrolado e loiro escuro, rosto sardento, um mapa da Irlanda, como sua mãe teria dito. Ele é um policial que ela conheceu quando foi parada por excesso de velocidade, e a primeira coisa que disse ao se abaixar até a janela do carro foi: "Nossa, olá". Ela nunca havia se imaginado com alguém como ele — um rapaz de uniforme, doce e, em qualquer assunto de peso, nada articulado. Por um ano, recusou-se a levá-lo a sério. Era uma diversão a que ela se permitia tarde da noite, quando ele ligava do estacionamento do Dunkin' Donuts para perguntar, timidamente, o que ela estava fazendo, como se não quisesse presumir nada, nem mesmo o lado vazio da cama.

"Tudo bem, Teddy, venha para cá."

"Mesmo?", ele sempre dizia. "Agora?"

Ela costumava fazer piadas, apontar para um cabelo branco e dizer que o tempo não seria misericordioso para um casal como eles. "Quando você tiver 40 anos, vai parecer que eu tenho 150", ela dizia. Agora não faz mais essas piadas porque algo mudou. Ela se pergunta se ambos estão sentindo algo que se encaminha para uma mudança, algo mais profundo, e maior, mas ambos estão envergonhados demais para comentar. Para ela, não se trata mais de uma aventura, ou a vingança de uma intelectual por uma vida de menosprezo pelos homens mais bonitos. Ele não é mais só um homem bonito — também é esperto da maneira mais discreta já vista em um homem, cheio de consideração, correto e leal. Parte disso se deve aos últimos cinco anos, que ele passou cuidando de sua irmã, Suzette, o que na cabeça de June o torna ainda mais atraente, mas também restringe o tempo que têm juntos e o mantém a uma certa distância. Eles nunca fazem planos com mais de dois dias de antecedência, nunca falam sobre o futuro, nunca cogitam morar juntos, o que é impossível, ela entende, com Suzette na história. Namorar Teddy deu certo até agora porque ela aceitou os fatos: que ele pode ir embora de uma hora para a outra, que um telefonema de Suzette pode encerrar uma noite em três minutos, o tempo que ele leva para se vestir. Mas também existe isto: desde que o assassinato virou o mundo deles do avesso, Teddy foi todas as noites ficar com ela.

No começo, ele contava tudo o que sabia sobre a investigação. "Dizem que há 80% de chance de que o autor conhecia a menina antes. Ele é um membro da família, vizinho, alguém com quem ela teve contato nas útimas seis semanas. Tudo indica que eles conversaram. Talvez ela tenha brincado com o cachorro dele, talvez tenha comprado um sorvete com ele, alguma coisa, e ele ficou obcecado. Acham que ele observava Amelia há algum tempo do bosque. Vamos investigar a vizinhança, bater nas portas, e mais cedo ou mais tarde vamos encontrar alguém que o tenha visto." Na primeira noite, ela se deixou acreditar nessa certeza. "Em 24 horas, isso terá acabado."

Não acabou, e eles obviamente estão empacados, procurando idéias por todo lado. "Ela fazia aulas de natação na Y,4 então estamos interrogando todo mundo que tenha um cartão para usar a piscina, qualquer um que a tenha visto de maiô."

June olha para ele. "Mas não houve abuso sexual."

"Supostamente, ela usava um biquíni rosa de bolinhas. Algumas pessoas comentaram."

June concorda com um movimento de cabeça e pensa em sua própria primeira reação — que Amelia, que sempre parecera tão cega para a própria beleza, talvez não o fosse, que ela devia ter feito algo, atraído atenção para si de alguma forma.

"Tem uma coisa que eu não contei para você", ele disse, virando a caneca nas mãos. "Sobre o menino que estava com ela."

"Adam?"

Ele balança a cabeça. "Eu conhecia a mãe dele. Ela era amiga de Suzette."

"Jura?" É difícil imaginar Suzette com uma amiga, mas, até aí, é difícil imaginá-la com qualquer um ou em qualquer lugar além do apartamento de que não sai há um ano. "Ela sabe disso? Que é o filho da amiga dela?"

"Não, ainda não."

O exílio auto-imposto do mundo de Suzette começou um ano atrás, depois de um verão cheio de visitas ao pronto-socorro com reclamações de dores no peito e taquicardia. Teddy nunca estava com ela quando esses episódios aconteciam, e as chamadas geralmente vinham de telefones públicos e de enfermarias. "Estou no hospital! Acho que estou morrendo!", Suzette dizia, e Teddy saía correndo, murmurando desculpas: "Essa coisa do coração de novo", ou "Ela diz que os dedos estão dormentes". Quando disseram a ele que esses eram os sintomas clássicos de uma crise de pânico, June perguntou do que Suzette tinha medo, mas nunca havia estopins óbvios. Uma vez acontecera em uma lavanderia, outra, em uma biblioteca. Hoje June entende melhor a inutilidade dessa questão. Que a mente é uma coisa poderosa e que os sintomas físicos de seu desasossego são reais.

Hoje em dia Suzette simplesmente não sai de casa e, para June, a parte mais estranha dessa retração em relação ao mundo é a aparente paz que ela parece ter encontrado. Ao que tudo indica, Suzette resolveu os próprios problemas e nunca mais precisou de viagens de ambulância. Ela lê muito, vê TV e mantém contato com o único amigo de que June ouviu falar, apesar de nunca tê-lo visto: um vendedor de uma loja perto de seu apartamento. Ele é sempre mencionado como "apenas um amigo" e, estranhamente, nunca pelo nome. Só se fala nele ocasionalmente. "Meu amigo passou aqui ontem e me enlouqueceu por três horas."

June costumava se perguntar honestamente se esse amigo era real, mas então via

provas de sua presença pelo apartamento — um cinzeiro coberto de bitucas de cigarro, uma lata de cerveja vazia (Suzette certamente não bebia nem fumava) — e entendia que, sim, Suzette tinha uma vida mais complicada que ela podia entender, uma rede de segredos que a amarravam ao mundo com teias invisíveis.

Por um longo tempo, Teddy evitou apresentá-las. Quando June finalmente conheceu Suzette, a surpresa foi quanto gostou dela. Para alguém com tanto medo do mundo, Suzette ainda se mantinha ligada a ele, mantinha a onipresente TV ligada no noticiário, lia dois jornais por dia. Ela era mais calorosa que June esperava que fosse e até surpreendentemente doce sobre a diferença de idade. "Vou dizer, estou tão feliz que você não seja uma garçonete de 22 anos", ela disse.

June não sabia como responder. "Nunca fui uma garçonete de 22 anos, se serve de consolo."

"Nem eu. Quando tinha 22, eu era louca." Tirando um comentário como esse, Suzette parecia normal, certamente capaz de sobreviver por conta própria. Ela trabalhava em casa como designer gráfica e continuava pintando, no que, pelo que June via, era muito boa. Ela disse a Teddy que Suzette parecia mais saudável que ele imaginava, e ele assentiu. "Sim, ela pode parecer saudável. Normal, assim."

Ela, às vezes, imaginava se Teddy estava próximo demais e não conseguia ver como sua ajuda poderia alimentar os problemas de Suzette. Certa vez, ela gentilmente tentou sugerir isso. "Talvez ela precise de remédios, Teddy, não de você lá, fazendo tudo para ela."

A resposta dele foi curta. "Ela tentou se medicar. Não funcionou."

Agora June pensa em Suzette e sua conexão com Adam. Ela teve apenas alguns encontros com ele este ano, mas percebeu que os olhos do menino estão mais vivos, olham mais em volta, percebem as outras crianças.

Uma vez, ela observou uma fila de crianças, todas esperando sua vez para acertar uma lata de lixo enquanto voltavam do recreio. A brincadeira era inútil, nada acontecia, mas a surpresa foi: no final da fila, quando sua vez chegou, Adam também acertou a lata. Era uma coisa pequena, de verdade, mas para uma criança autista, incomum. Ele viu 22 exemplos e, sem ser induzido, fez a mesma coisa. "Você deveria dizer a Suzette o que está acontecendo. A mãe de Adam provavelmente está enlouquecida. Talvez ela possa ajudar."

"Acho que não."

"Por que não? Talvez seja bom para ela. Eu conheço a mãe de Adam. Ela é solteira e provavelmente vai ficar feliz em ter notícias de uma antiga amiga."

"Cara era a melhor amiga de Suzette. Na época da escola, elas eram inseparáveis. Depois que se formaram, alugaram um apartamento juntas, mas alguma coisa aconteceu. Foi quando Suzette desmoronou." Ele olha para June por um longo tempo, como se precisasse se certificar de que ela entendeu. "Sabe, Cara era o problema."

Naquela tarde, Cara levou a mochila de Adam para seu quarto, abriu o zíper cuidadosamente e tirou a agenda em que Phil fazia anotações diárias com todo zelo. Ela sabe que não vai encontrar o nome de Amelia lá — ele não tem permissão para mencionar outros alunos por nome —, mas talvez exista outra coisa que ela possa encontrar. Cara lê algumas anotações: Foi difícil depois do recreio. Não quis fazer a *tarefa de matemática. O exame de ortografia foi ótimo! Só uma palavra errada!* Ela precisava dessas anotações para saber qualquer coisa sobre o dia de Adam, mas agora percebe que só contam metade da história. Todas são sobre as ativivades escolares, com quase nenhuma menção ao recreio ou almoço, os únicos momentos de que Cara se lembra de seus tempos de escola primária.

No caderno, encontra listas de Boggle, a folha para prática de caligrafia, volumosas páginas de atividades de reforço, nada que já não tenha visto, até chegar ao estojo no fundo da mochila. No começo do ano, ela a encheu de material escolar que parece não ter sido tocado, com exceção de uma surpresa: lá, no fundo, sob os lápis recém-apontados, a borracha nova e a régua, está um pé de coelho branco esfarrapado.

Cara o pega e vai até o sofá onde Adam está sentado, ouvindo música. "Adam, meu amor, o que é isso?" Ela mostra o pé de coelho, coloca-o no campo de visão dele.

Ao vê-lo, Adam começa a se balançar levemente. "Foi um presente de alguém?"

Ela espera, observa o rosto dele, mas não consegue ler sua expressão.

Deve ter sido um presente, é claro. Se não foi Cara que o colocou ali, alguém deve ter dado a ele, mas será que essa pessoa conhecia o estojo, como encontrá-lo no fundo da mochila e colocá-lo lá dentro? Ou — o que seria ainda mais misterioso — foi Adam que o colocou ali? Parece tão estranho, ali dentro da bolsa, no fundo da mochila, o mais perto que ele chegou de esconder algo dela.

A razão por que Morgan passou os 13 anos de sua vida sem ter feito nem um único amigo é bastante simples: nunca houve tempo. Seus interesses exigiam muito dele, preenchiam os dias. Trens, por exemplo, tomavam bastante tempo; ele tinha de desenhá-los e depois escrever histórias em que participavam de dramas típicos de trens: descarrilhamnetos, colisões, tornados. Essas histórias exigiam idas à biblioteca, livros para copiar, coisas para aprender. No final, ele constatou que nada do que escrevesse ou pesquisasse na biblioteca se comparava à satisfação de comprar coisas. A fase do barco viking durou apenas três semanas porque não havia o que comprar além de eletricidade. Planetas? Mapas estelares e telescópios? Cada interesse novo enchia a caixa do correio com catálogos cheios de produtos surpreendentes passíveis de compra: um planetário pessoal, um kit para criar grilos, um aquário para incubar e criar artêmias. Ele só conseguia uma fração das coisas que queria. Algumas chegavam e se tornavam decepções quase imediatemente. As artêmias, por exemplo, ele devia ter imaginado, mas sua mãe já sabia. "Eu falei para você que ou elas seriam de plástico ou estariam mortas", ela disse, olhando para as larvas de crustáceo, que pareciam as duas coisas, flutuando na superfície da água.

Entre as compras, Morgan se mantinha ocupado enchendo cadernos de páginas de pesquisa, capas para sua coleção de moedas e cópias de lápide raspadas com lápis feitas em um verão, em uma viagem para Gettysburg, férias que ele insitiu em ter depois de meses lendo tudo que pôde encontrar sobre a Guerra Civil americana. Hoje em dia, suas antigas fixações parecem tão distantes que ele mal consegue recordar o prazer que vinha com elas. Morgan realmente havia gritado incontrolavelmente no carro na estrada de terra para o local da batalha em Gettysburg? Realmente tinha saído correndo do carro em direção a um canhão e o abraçado?("Juro pra você que sim", disse sua mãe. "E quando fomos embora, você chorou como um bebê.") Morgan não se lembra disso, não consegue imaginar tamanho entusiasmo e desolação por causa de um campo gramado. Ele se tornou um garoto que não deve reconhecer a criança que foi, que deve chutar suas pilhas de caderno e se perguntar o que tinha na cabeça. Um garoto que, com cinqüenta centavos faltando para comprar o almoço, pega sua antiga coleção de moedas de 25

centavos dos 50 estados sem sentir nada.

O problema é que o assassinato de Amelia o fez voltar aos cadernos de novo, enchendo-os com fatos e teorias: tempo entre o desaparecimento de Amelia e a hora *calculada de sua morte, 45 minutos. Pela experiência de Morgan, 45 minutos podem* parecer uma eternidade, especialmente se a conversa é desconfortável de alguma maneira. Ele reúne mais fatos e observações sobre esses fatos: número total de dias *que Amelia freqüentou a escola primária de Greenwood: 31. Número de dias ausente: zero.* Também há isso: não conseguiram encontrar a arma. A julgar pelos ferimentos, foi um corte pequeno, no máximo quinze centímetros de comprimento, afirmou um repórter. "Provavelmente foi uma simples faca de cozinha", ela havia dito e então, ao receber um aviso de fora das câmeras, "uma faca de cozinha serrilhada".

Mais tarde, naquela noite, Morgan analisa a foto de Amelia no jornal. Ele se imagina falando com o fantasma dela, consultando-a sobre questões para as quais não consegue achar resposta. Você *fez aulas de música ou encontrou o sr. Herzog nesses 31 dias? Você já achou a sra. Tessler um pouco antipática?* Em vez de encontrar respostas, sua mente passeia pela possibilidade de conversas que nunca existirão. Ele se imagina alertando Amelia sobre o ginásio, a solidão de andar pelos corredores lotados carregando uma mochila de 12 quilos. "Aproveite a infância enquanto pode", ele diz ao rosto fantasmagórico de uma garota morta que aparece em sua mente toda vez que fecha os olhos.

De manhã, Marianne chama Morgan para dizer que a mãe de Adam gostou da idéia e quer começar assim que possível. "Pode ser no sábado?" "Claro", Morgan diz e desliga se sentindo animado e nervoso, o que o preocupa. Às vezes, quando fica nervoso, faz algumas coisas sem se dar conta, como a vez em que passou a maior parte da competição de geografia cutucando o nariz sem perceber, até que sua mãe disse a ele depois, rindo tanto que tinha lágrimas nos olhos. Ele aprendeu com aquilo que não era tão engraçado, que parte do problema era que ambos cometiam erros como aquele. Como sua mãe e os abaixo-assinados e a mesa dobrável que ela montava na entrada do supermercado. "Você ama sua mãe?", ela grita para as pessoas, referindo-se à Mãe Natureza, o meio-ambiente, o charco de 22,5 quilômetros para cujo salvamento ela estava coletando assinaturas, e apesar de estar sentado ao lado dela, ele via a confusão das pessoas. Elas olham para os lados e de volta para ela como se dissessem, Minha mãe? Onde?

Morgan adorava passar o dia no estande de sua mãe sobre o charco, vendo-a abordar estranhos insuspeitos e dizer: "Senhor, com licença. O senhor pode dar 30

segundos para o planeta?". Mas no último ano, mais ou menos, começou a ver como as pessoas davam meia-volta com o carrinho e usavam outras portas para evitar ficar presas em uma de suas arengas. Começou a ficar com vergonha da maneira como ela gritava com as pessoas. "Se você não faz parte da solução, faz parte do problema!"

Morgan quer que dê certo com Adam, talvez se torne seu amigo, mas já consegue ver como poderia dar errado. Adam podia odiá-lo, gritar quando ele passasse pela porta. A mãe dele podia abrir a porta, olhar para ele e dizer: "Mudei de idéia". Se ela tentasse fazer isso, ele estava preparado para dizer: "Preciso voltar, faz parte da minha aula", mesmo que tecnicamente aquilo não seja uma aula, só um Grupo para Pessoas que Não Tem Amigos, e não existam créditos, notas, ou seja, para os registros da faculdade, nada daquilo importava. Mas para ele importava sim. Essa era sua única chance, Morgan acreditava. Se acertar, poderá continuar — fazer sua confissão e não ir para a cadeia.

Quando tocou a campainha de manhã, a mãe de Adam abriu a porta. "Morgan, oi. Entre." Ele não consegue olhá-la nos olhos, não consegue nem olhar para cima. De sua rápida espiada, imagina que ela seja bonita, mais jovem que a maioria das mães, com o cabelo mais comprido. A mãe dele tem o cabelo curto, um corte chamado lave-e-saia. Os sapatos dessa mulher — a única coisa para a qual consegue olhar por algum tempo — estão sujos, com os cadarços desamarrados. Ele pensa: *para algumas pessoas, os sapatos não importam. São apenas coisas que você coloca no pé para não pisar em vidro.*

"Adam está no escritório esperando você. Eu fiz biscoitos. Pensei que pudéssemos tentar jogar alguma coisa."

"Claro." Ele dobra a jaqueta e a coloca sobre o braço.

"Posso guardar sua jaqueta se você quiser."

"Não precisa. Sabe, eu não posso ficar muito tempo."

"Tudo bem. Menos tempo talvez seja melhor para o Adam. Vou ser honesta com você, Morgan, pode não dar certo. Não consegui fazê-lo jogar nada comigo, eu tentei. Não temos por que acreditar que alguém que ele nem conhece tenha mais sorte, então não tenho muitas expectativas, certo? Só quero que ele se lembre que existem pessoas legais no mundo em que pode confiar. Entendeu?"

Não, ele não entendeu, mas balança a cabeça concordando porque parece a coisa certa a fazer.

"Mesmo que ele não diga nada, ainda é bom que você tenha vindo e tentado."

"Certo, é verdade", Morgan diz, com medo de que se ela disser mais alguma coisa, ele saia correndo pela porta.

Adam lembra outra coisa.

No banheiro, a menina se inclinou na pia, com uma mão na torneira. "Certo, Adam?", ela perguntou. "Diga, 'certo, eu vou'." Ele queria abrir a água, mas não tinha coragem de fazê-lo sozinho, não se arriscaria a tocá-la ao fazê-lo. "Certo, eu vou", ele respondeu.

Havia um barulho no corredor, alguém o chamando, uma voz que ele não conhecia, o que significa *Não responda.* A garota também ouviu e não disse nada porque tinha suas próprias regras, pessoas com quem é e não é seguro conversar. Ninguém com cabelo ruivo nem tranças, ela havia dito uma vez. Ele não liga para essas coisas, geralmente não repara no cabelo a não ser que se levante sozinho, o que sua mãe diz ser eletricidade, e ele não entende, porque eletricidade pode matar as pessoas e não deveria estar no cabelo.

Ele não levanta os olhos. Não consegue nem olhar para o menino que sua mãe trouxe, pode ser uma das pessoas com quem a menina diz que não podem falar. "Essas pessoas", ela diz apontando, mas ele nunca olhou. Só ouviu as vozes.

"Adam, por favor, sente. Eu trouxe biscoitos."

Ele não consegue se virar.

"Aqui, querido. Venha sentar. Vou contar até três se ajudar."

Ele ouve barulho de pés se arrastando, o som de um estranho se sentando.

"Um... Dois... Vamos lá, Adam."

Ele ouve sua mãe levantar e ir até ele.

"Vamos, querido. Eu falei que nós íamos fazer isso, lembra? Falei que Morgan estava vindo para jogar com você, só isso. Um jogo e você está livre."

"Olhe", diz uma voz. A voz do garoto. "Eu estava pensando, podemos jogar que os sons valem."

Adam suspira. Não é o que ele esperava. É diferente das vozes que tem medo de ouvir. Ele se lembra dele de algum lugar, e a lembrança vem aos poucos. Ele se lembra da banda ao fundo tocando "America the Beautiful". Lembra de um saxofone que não podia ver, só ouvir. Esse é o menino que uma vez estava na sala de Boggle. Se ele mora lá, deve saber das coisas. Talvez ele conheça a menina de vestido rosa. Talvez saiba onde ela está. Talvez saiba o que aconteceu com ela depois que eles foram para o bosque e começaram a falar com aquele homem.
A manhã toda Cara temeu ter esperado demais da visita, desejando que um menino de 13 de alguma forma os tirasse daquele lugar congelado em que estavam. Agora ela mal consegue acreditar no que vê: a voz de Morgan ajuda. O corpo de Adam se move levemente, relaxa e se afasta da janela.

"Venha, querido, sente aqui", ela sussurra, batendo levemente na cadeira para que ele ouça. E ele vai. Pela primeira vez em dois dias, ela não tem de movê-lo colocando a mão em seu ombro. Está tão surpresa em ver consentimento de novo, que tenta a sorte: "Você pode dizer, olá, Morgan?"

O coração dela quase pára. A boca dele se abre.

"Olá, Morgan", ele diz.

É a voz dele, a linda voz que há dois dias ela esperava ouvir. "Muito bem", ela sussurra, sabendo que se elogiá-lo demais ou exagerar na reação, ele vai ficar confuso e se retrair para a janela em que estava. Os olhos de Adam continuam no chão, mas ele se senta na cadeira que ela puxou para ele. Cara não quer perder tempo. Para que seja um sucesso, eles têm de ser rápidos, surfar na onda de Adam ter vindo prontamente. "Vejamos, que tal Morgan ser o primeiro?"

Ela abre a caixa de Boggle, tira um cubo de plástico e — a peça favorita de Adam — a ampulheta. "Aqui, Morgan. Você começa?"

Morgan chacoalha o cubo e o coloca na mesa. Ela mantém a ampulheta suspensa, ansiosa por um único gesto de Adam: ele vai pegar o lápis voluntariamente?

"Adam?", ela diz, sem se mexer. *Dê tempo a ele,* Cara pensa. *Não fale nada cedo demais. E então: quando ela está prestes a apontar para o lápis dele, dar um pequeno* aviso visual, a mão de Adam milagrosamente surge e vai em direção ao lápis.

"Muito bem", ela sussurra de novo. "Comece."

A parte de cima aparece, a ampulheta começa. Morgan escreve com a firme determinação de um jogador competitivo, e ela se preocupa que o som do lápis riscando seja muita distração para que Adam escreva qualquer palavra. Para ela, é. Cara não consegue escrever, não consegue olhar para as letras, não se concentra até que vê o lápis de Adam se movendo. O tempo acabou, mas ela deixa passar, dá ao filho a chance de escrever três palavras: cavar, pote, topo. Alegria explode em seu peito como um pequeno foguete. Eles conseguiram. Ele voltou. Ele está participando do jogo.

Morgan não acredita em como Cara parece grata ao final de sua visita. Ele comeu cinco biscoitos, jogou uma partida de Boggle e falou muito pouco, apesar de ela agir como se tivesse sido muito melhor que o esperado. "Estou tão feliz por ter vindo, Morgan. Fez uma diferença enorme para nós. Nem sei como agradecer."

Ele tinha um discurso planejado insistindo que precisaria voltar, mas não tinha planejado nada para essa situação, ela segurando o casaco dele como se Morgan ainda fosse uma criança e dizendo, "Quando você pode vir de novo? Você pode voltar? Você se importa de voltar? Talvez amanhã?"

"Ah, claro", ele diz. "Quero dizer, sabe, eu não me importo."

Ele não consegue olhar para ela. Tem medo de que, se olhar, algo ruim aconteça: diga as coisas erradas, faça sua confissão, quebre o feitiço dos elogios.

"Sei que não parece muito, mas o Adam reagiu a você", ela cochicha, apesar de Adam estar na outra sala, ouvindo música, não o que estão dizendo. "Ele se sentiu seguro com você. Não ficou com medo, e ele está com medo de tudo desde..." A voz dela oscila. "Todo mundo fica me dizendo, leve-o ao médico, leve aos

terapeutas, mande-o de volta para a escola, mas eu não posso fazer isso com ele. A escola vai ser assustadora para ele, não vai?"

Ela está fazendo uma pergunta que ele deve responder? Morgan nunca teve uma conversa como essa antes. Ele tenta: "Vai".

"E então você ligou, e eu pensei, vamos tentar. Trazer o mundo de volta para ele, uma criança por vez. Vamos fazê-lo ver que está tudo bem, que ele está a salvo."

Pelo resto do dia, Adam desapareceu em seu próprio silêncio. Cara estuda as costas dele, delineadas pela janela, e observa seus movimentos. Por que ele ressurgiu por alguns minutos com Morgan e se retraiu de novo? Existem pistas aqui, ela acredita, e se ao menos soubesse interpretá-las, somá-las, entender o que significam. Cara precisa pensar como Adam, seguir o movimento do corpo do filho e imaginar as razões, as explicações por trás dele.

Elas estão lá, com certeza.

Durante anos ela não entendeu o prazer da areia escorrendo pelos dedos dele — e então um oftalmologista disse que Adam consegue enxergar melhor que a maioria das pessoas, consegue ver cada grão de areia em movimento. "Imagino que seja muito bonito", ele disse. O que parece inútil e vazio nem sempre o é. Isso a faz lembrar uma vez, depois da morte de seus pais, quando os confusos detalhes em torno do acidente se tornaram uma obsessão e ela não conseguia parar de pensar em algumas questões: por que, em uma chuva congelante, com neve preta na estrada, seu pai, um motorista compulsivamente cuidadoso, estaria indo a 130 quilômetros por hora se o limite era 80? Por que as pessoas no carro atrás deles, que ligaram para comunicar o acidente e esperaram com eles a ajuda chegar, também relataram tê-lo visto passar por uma placa de pare a menos de 500 metros, antes de perder o controle? Nos dias terríveis que se seguiram ao acidente, enquanto a casa se enchia de vizinhos e tantas travessas de comida que seria impossível comer todas, Cara tentava juntar as peças. Eles tinham ido ao cinema naquela noite ver um filme de três horas sobre a Segunda Guerra Mundial. O acidente ocorreu 40 minutos depois do término do filme, mas o cinema ficava a dez minutos da casa deles. Não era normal que seus pais saíssem para tomar um drinque, mas seria possível? Por que outra razão seu pai teria dirigido imprudentemente em condições que, mais tipicamente, o

teriam feito ir bem devagar, perto do acostamento, com o pisca-alerta ligado? Um ano depois, Cara alugou o filme que eles foram ver naquela noite, pensando que pudesse conter pistas — algo que tivesse chateado seu pai o suficiente para fazê-lo dirigir de uma maneira descuidada. Na metade, desistiu. A tragédia da guerra e o genocídio dos jovens não proporcionavam nenhum conforto ou entendimento para a sua própria e terrível perda.

Depois da visita de Morgan, Cara iniciou uma lista de mudanças perceptíveis em Adam desde o assassinato.

1. Ele anda de maneira diferente, ela escreve, sem saber como descrever o novo encurvamento, as mãos suspensas, robiticamente, no ar, como se estivesse carregando uma bandeja invisível.
2. Com exceção do eco, "olá, Morgan", ele não diz nada desde o assassinato.
3. O pé de coelho. Uma recordação? Um presente? Algo que ele roubou? Por menor que pareça, na lembrança dela, isso nunca aconteceu antes. Adam nunca pegou nada que pertencesse a outra criança.
4. Meias. Essa talvez seja a mudança mais estranha de todas. Na noite anterior, ao arrumar o cobertor depois que ele adormeceu, Cara o viu de meias — um novo par, não o que tinha usado o dia todo. Pelo jeito Adam tinha saído da cama, no escuro, procurado e vestido aquele par. Ele odiava usar meias, um vinco e tinham de começar tudo de novo, alisando e esticando, calçando os sapatos direitinho. Ela pensa sobre o que Phil dissera, se pergunta se as meias têm alguma ligação com Amelia. Ela gostava das meias, por isso ele também gosta?

Naquela noite, Matt Lincoln a surpreende com uma visita. Ele diz que estava na vizinhança por causa de alguma pistas e só queria dar uma passada, ver como estavam. Ela mostra a lista, explica seu conteúdo. "Você disse que estava difícil de encontrar pegadas, não é?"

"Sim."

"É possível que o assassino estivesse descalço?" Lincoln não diz nada. Ela tinha acabado de pensar nisso quando ele bateu na porta, mas Cara estava feliz que ele estivesse ali para dividir isso com ela. "Porque, de repente, Adam quer ficar de meias o tempo todo, e ele odeia meias. Sempre odiou. Então eu me pergunto se talvez não foi isto que ele viu: os pés de alguém."

"Interessante, é verdade. Pegadas de pés descalços seriam mais difíceis de pegar. Podemos ter deixado passar." Ele não parece tão intrigado como esperava. Lincoln vai até a geladeira e olha atentamente para os trabalhos escolares de Adam e para as fotos ali grudadas. "Mas pense na temperatura daquele dia. A temperatura máxima foi de 14 graus. Como alguém pode andar descalço pela estrada sem ser notado por ninguém? Ou o quê: ele tirou os sapatos, foi até o bosque, matou a garota e os colocou de volta? É uma idéia interessante, mas também é uma possibilidade remota."

Ela consegue ouvir o desinteresse paciente na voz dele. Ele viu Adam em seu pior momento e desistiu da idéia de que o menino possa ser últil. Dois dias antes Cara havia insistido que não seria. Agora não tinha tanta certeza. Tudo em Adam parece diferente, e ela acredita que nessas diferenças estão pistas para o que aconteceu, se for capaz de interpretá-las corretamente. Um pouco antes, naquela noite, ele tinha ido até ela com uma antiga cópia em vídeo que seu avô fizera de *A Flauta Mágica.* Fazia muito tempo que eles não o asssitiam — tanto tempo, aliás, que ver a caligrafia do próprio pai na caixa tinha sido um choque triste, como encontrar a coisa mais próxima de uma carta dele, enderçada a Adam. *Por que essa fita,* ela se perguntou, com as damas da noite, fadas da floresta e outras criaturas? Certamente isso significa alguma coisa — o primeiro vídeo que ele pediu para ver, o primeiro pedido desde o assassinato — mas o quê? "Certo", ela disse, colocou a fita, virouse e viu a segunda surpresa da noite: Adam em pé ao lado dela, de costas para a TV, esperando como se não conseguisse assistir, só ouvir a música. Certo, Cara pensou, deixando-o sozinho. *Uma coisa de cada vez.* Quando voltou, uma hora depois, ele não tinha saído do lugar.

"Você quer um chá?", ela ofereceu.

Lincoln sorri agradecido. "Sim, obrigado." Ele parece diferente fora da delegacia, mais bonito que ela se lembrava e também mais estranho, como se houvesse algo que quisesse perguntar e não soubesse como. Ela se pergunta se essa visita é um procedimento padrão ou algo um pouco mais pessoal, que tem a ver com o sobrinho dele. De uma coisa Cara tem certeza: quando seu filho é autista, a família toda quer poder fazer algo por você.

"Como vai seu sobrinho?", ela pergunta, querendo saber na verdade: Quão autista *ele é exatamente? Ele fala muito sobre trens ou simplesmente não fala?*

"Ele vai bem, acho. Estão começando uma coisa com ele, ABA.5" Ele balança a cabeça. "Você já experimentou?"

"Sim, por um tempo", ela responde. Análise Comportamental Aplicada, ou ABA, é um comprometimento que demanda tempo e dinheiro e envolve muitas horas por semana, idealmente 40, de tratamento individual da criança com um terapeuta, desmembrando e praticando todos os componentes do aprendizado lingüístico. Para Adam, Cara fez uma versão modificada do ABA, com terapeutas treinados dez horas por semana e ela mesma teoricamente preenchendo as outras 30, fazendo exercícios de consentimento e com cartões de vocabulário. Apesar de Adam ter melhorado, tornando-se mais apto gradualmente a apontar e repetir, ele nunca se habituou às exigências que as sessões faziam a ele, nunca começou nenhuma sem protestar nem passou as duas horas que duravam sem chorar em algum momento. Depois de um tempo, o tratamento sugou os recursos e a reserva de determinação de Cara. Quando Adam tinha cinco anos, na metade do jardim de infância, ela decidiu desistir: parar a terapia depois da escola e guardar os cadernos que registravam cuidadosamente os dados — metas estabelecidas, exercícios aprendidos.

"Fizemos por um tempo", ela repete e pensa em Adam na delegacia, balançandose de um lado para o outro, com os dedos na orelha, parecendo mais autista que em muitos anos. "Pensei que fosse bom. Funcionou para muitas crianças." O que mais pode dizer? Ela não pode apontar para Adam e dizer: Olhe só como funcionou.

"David sabe algumas palavras. Na maior parte do tempo, o que ele faz é alinhar carros na cama e na escrivaninha."

Ela assente. Mesmo que Adam nunca tenha feito isso, ela já ouviu falar, é claro: os lindos modelos de carros Matchbox.

"Está vendo, eu falo para a minha irmã, não conheço a ABA. As crianças dessa idade não deveriam aprender a brincar, em vez de sentar em uma mesa trabalhando?"

"Mas se não há outra forma de a criança aprender a se comunicar, fazer o que é preciso fazer... Adam nunca foi muito bom nas brincadeiras."

Ele concorda. "Sim."

É um assunto triste, tudo isso — escolher terapias, tentar imaginar o futuro. Quando Adam tinha três anos, ela não conseguia falar sobre isso com ninguém além de seus pais. "Você e sua irmã são próximos?"

"Sim. Na verdade, somos gêmeos."

Cara recorda um par de gêmeos, um menino e uma menina que estudavam no mesmo colegial e eram dois ou três anos mais novos. Ela não se lembra dos nomes, só que no primeiro ano eles almoçavam juntos todos os dias em um canto do refeitório. "Espere um minuto." Ela olha para o rosto dele de novo. "Você estudou na Whitmore High?"

Pelo jeito não é uma surpresa para ele, que faz que sim com a cabeça e sorri novamente.

"Sim, estudei. Eu toquei saxofone no Guys and Dolls."

Tocou? Talvez isso não devesse ser uma surpresa, mas é. O colegial parece um mundo diferente para ela agora, mas, pensando bem, Cara se lembra da irmã dele, que era bonita e tímida. "Como vai a sua irmã?"

"Ela está bem. É difícil. David é o primeiro filho deles e é o primeiro neto. Nossos pais, todo mundo está meio..." Ele coloca a mão na cabeça, faz um movimento de loucura. "Nós todos tentamos ajudar. O que mais podemos fazer, não é?"

Ao ouvi-lo, ela sente uma dor pela perda dos próprios pais, pela maneira como compartilhar isso diminuiu a dor do diagnóstico de Adam.

"Se sua irmã quiser conversar com alguém, é só me ligar. Cara jamais ofereceu isso antes, nunca quis fazer esse papel."

"Obrigado. Vou dizer a ela."

O nome da irmã surge agora: Mary. As pessoas se referiam a eles como Mary e Mattie, mas não era uma piada. Eles eram outra coisa: uma imagem de que as pessoas se lembram, porque não é muito comum dois irmãos sentarem juntos durante todo o almoço, convesando o tempo todo.

Ele passeia pela sala, pára na foto da formatura dela que está sobre a lareira, em que Cara está entre o pai e a mãe, sorrindo vesga por causa do cordão do capelo. "Você quer saber do que eu me lembro de você no colegial?"

O coração de Cara se acelera, e ela imagina diversos detalhes embaraçosos de que

ele possa se lembrar: você namorava gays, usava um cabelo elaborado. ("Sim", teria de admitir, lembrando as horas que passava manuseando o baby-liss no banheiro, na maioria das vezes com Suzette empoleirada no vaso sanitário dizendo: "Meu Deus, Cara, chega. Você não está curando um câncer nem nada".) Ela tinha tantos desejos na época e se arrumava tão elaboradamente para satisfazê-los.

"Eu lembro que você tocava flauta. É isso mesmo?"

É tão estranho que ela ri. "Sim, é verdade. Eu tocava." Nos dois primeiros anos de Cara no colegial, e é claro que era flauta, o instrumento escolhido por todas as meninas tímidas. Ela desistiu no terceiro ano, quando tocar na banda exigia marchar nos jogos de futebol americano e usar um uniforme vergonhoso e um chapéu que amassaria seu cabelo. "Não toquei por muito tempo, eu não era muito boa."

Ele dá de ombros. "Não sei por que me lembro. Devo ter visto você em algum concerto." Mais uma vez, ele deixa que suas mãos digam algo que ele não consegue. "Aluna mais velha..."

Ela fica vermelha e olha em outra direção, enquanto pensa: ele é mais novo, dois *anos pelo menos. "Como você se tornou investigador tão jovem?"*
Ele dá de ombros. "Departamento pequeno. Não é tão difícil."

"Você foi um policial comum por um tempo?" Ela não conhece o jargão desse mundo.

"Patrulha de rua? Claro."

Ela tenta imaginá-lo em um uniforme, aplicando multas, acabando com festas. "Algumas pessoas adoram, trabalham bem e ficam nisso. Eu não."

"Por que não?"

"Não sei. Eu gosto dessa parte. Resolver quebra-cabeças." Um bipe toca no cinto dele, encerrando a conversa. "Olhe, eu preciso voltar. Ligue se precisar de mais alguma coisa."

Ela ergue a mão para dar tchau enquanto ele desaparece pela porta, discando com uma mão um telefone que saiu de seu casaco.

Depois que Lincoln vai embora, Cara tem uma idéia. São apenas nove horas, ainda é cedo o bastante para ligar para Morgan e perguntar se ele se importa de encontrá-la no playgorund da escola amanhã.

"Claro, quero dizer, sabe, eu posso ir."

"Quero que sejamos só nós três. Se formos cedo, não vai ter ninguém lá."

"Acho que não. Ok."

Depois do banheiro, Adam não quis encontrá-la depois do recreio. Também não quis ir com ela ao bosque. Ele nunca ouviu essa regra, mas sabe que ela deve existir. *Nada de ir ao bosque; nada de sair do playground.* Ele tem medo de quebrar regras e não vai. Então ela o encontra no balanço e faz um zumbido com os lábios. Um som mecânico, como o de um cortador de grama, sem os dentes, só os lábios. Ele se aproximou para ver se ela tinha alguma máquina na boca fazendo aquele barulho.

"Elefante", ela disse. Adam nunca tinha visto um elefante de verdade, mas era o barulho que as imagens pareciam fazer. Ele sorriu porque queria que ela fizesse de novo. Ela fez e então disse que estava na hora de ir embora. *Vá você,* ele queria dizer. Eu não. Depois do recreio vinha a aula de ortografia, e depois disso, a sala de ginástica. Ele não queria perder a sala de ginástica.

"Vamos, Adam. Você disse. Lembra?"

Quando chegam, Morgan já está lá, com as mesmas roupas de sábado, o que faz o coração dela dar um salto: será que ele sabe como isso ajuda, que Adam, muitas vezes, reconhece as pessoas não pelo rosto, mas pelas roupas? Ela se senta ao lado dele, deixa Adam em pé na sombra de padrão geométrico do trepa-trepa. "Eu queria ver se vir aqui ajudaria Adam a nos contar o que aconteceu. Não com palavras, talvez, mas do jeito dele. Talvez a gente pudesse observá-lo, captar algumas pistas."

Os dois olham para ele. "Você quer vir aqui dar oi para o Morgan?", ela chama, sem esperar que dê certo, porque não há urgência na voz dela, nenhum imperativo. E então ele a surpreende. Adam sai das sombras, vai até o banco, pára diante deles

sem murmurar nem se balançar, como se fosse um menino perfeitamente normal, apenas com os olhos que ela reconhece: grudados ao chão e depois ao céu. "Olá, Morgan."

Ela balança a cabeça, impressionada. Em três dias, ele decidiu dizer as mesmas duas palavras duas vezes: olá e Morgan. Deve haver um plano por trás disso. Ele está juntando as palavras, decidindo o que dizer, como e quando dizer, e Morgan tem uma participação nisso por nenhuma razão que ela conheça, mas, na presença dele, a névoa se desfaz um pouco — Adam consegue ouvir de novo, responde às sugestões.

"Você quer ir ao balanço com Morgan?"

Ela observa. Estava certa: ele ouviu, está pensando no assunto.
"Hum... Preciso dizer, balanços me deixam meio enjoado", Morgan avisa. "Tenho um problema e, às vezes, vomito."

Ela não tira os olhos de Adam. A expressão dele muda quando olha para as longas correntes e a tira de borracha em forma de *U* sobre o caminho enlameado. Talvez tenha sido uma má idéia. Talvez isso o leve até algum limite, mas ela precisa descobrir. Cara diz docemente: "Adam sentava no balanço com Amelia. Foi a última coisa que fizeram antes de saírem para andar. Você se lembra, Adam?"

"Nossa", exclama Morgan.

Ela não olha para Morgan, não pára de olhar para Adam. "Por que você não vai, Adam? Morgan vai sentar com você. Ele não precisa se balançar. Tudo bem." Ela precisa acreditar que vai dar certo, que qualquer movimento é melhor que a paralisia. Adam vai até o balanço. "Vá com ele", ela sussurra para Morgan. "Sente com ele e fique olhando. Vou me afastar, mas diga a ele que está tudo bem, eu já volto. E então observe com atenção tudo que ele fizer. Depois eu explico."

Enquanto Morgan se afasta, ela avisa: "Mexa a cabeça se parecer que ele está ouvindo alguma coisa".

Morgan vira e experimenta mexer a cabeça. "Assim?"

"Sim", ela devolve, e então dá a volta pela estrutura, a parede mais distante da escola que dá para o outro lado da quadra de beisebol, onde uma lata de lixo está ao lado da sarjeta cheia de lama. Escondida atrás da caçamba de lixo, ela observa os

meninos sentados no balanço. A distância, ela vê que os lábios de Morgan estão se movendo, ele está conversando com Adam, mas é impossível ouvir o que ele está dizendo, então espera que ele pare e aproveita a chance: apenas um decibel acima de um sussurro, a metros de distância, ela diz: "Diga 'olá, Morgan'", e espera.

A cabeça de Adam está afundada em sua jaqueta, encoberta pelo colarinho. Ela não consegue ver seu rosto nem seus lábios, mas no segundo seguinte, Morgan mexe a cabeça.

Ela vai mais longe. A sarjeta vai até perto do bosque, que foi cercada pela fita amarela da polícia que diz cuidado. Parece estranho que a polícia não esteja lá, mas talvez três dias depois, não seja necessário vigiar a cena do crime, apesar de ela saber — Cara pensa, enquanto se aproxima que *criminosos sempre retornam ao local de seu crime*. Isso deveria ser assustador, estar tão próxima, mas, estranhamente, é exatamente o contrário — mais como um alívio finalmente, porque ela quer ver o que Adam viu. Ela não ultrapassa a fita, precisa se concentrar na situação em vista. Cara está mais longe de Adam, 70 metros talvez, e precisa experimentar diferentes sons. Tudo isso foi planejado, há uma bolsa cheia de possibilidades. Primeiro, um telefone com o qual pode ligar para si mesma, e ela liga. Mesmo a distância, consegue ver a reação de Adam: ele se vira no balanço, olha para o bosque tão rápido que ela precisa voltar com um salto para as sombras para não ser vista. Ela anda de novo, se afasta mais. Também trouxe um walkman com fones de ouvido, que, como sabe, é um pouco de exagero. A audição de Adam é extraordinária, muito superior à da maioria das pessoas, mas não é biônica. No passado, ele conseguiu identificar a música que alguém estava ouvindo em um *walkman* a dois bancos de distância num ônibus — mas a essa distância, que é, basicamente, uma quadra de futebol americano? Ela o liga, aumenta o volume e segura os fones no ar. Nada. Nenhum meneio de Morgan.

"Com licença."

Ela se vira tão surpresa que o walkman cai no chão. Um policial está atrás dela, surgindo das árvores, o uniforme coberto de pedaços de folhas. "Espere…", ela diz, levantando um dedo. Um pequeno trecho de música sai pelos fones do *walkman* caído no chão. A música sai distorcida — ópera —, fazendo parecer que são esquilos cantando. "Olhe." Ela ergue a mão para silenciá-lo antes que diga alguma coisa, porque precisa de silêncio absoluto para demonstrar o que acabou de descobrir. "Ele consegue ouvir. Ele consegue ouvir um walkman caído no bosque."

Se fosse um telefone ou vozes, Adam teria ouvido, mas não teria ligado. Teria ficado onde estava, ali no balanço, mas ela sabe disso porque conhece o próprio filho, sabe que a música é um elemento que o mobiliza, o faz atravessar sala, passar por portas, ir para longe dela. Ela sabe antes de se virar exatamente o que vai encontrar: Adam saiu do balanço, atravessou o campo e foi na direção dela.

"O homem tinha um walkman", ela diz ao policial. "Ele estava descalço e estava com um walkman."

"Cara..."

Ela se vira e vê: não é um policial qualquer, é alguém que ela conhece, um rosto que não reconhece imediatamente, mas reconhece. "Meu Deus", ela diz, fitando-o. "Teddy?"

Ele assente, apesar de ficar instantaneamente claro que isso não é um encontro nem uma feliz coincidência. Ele é um policial e ela está em apuros. "Você não deveria estar aqui. Eu liguei para a delegacia. O detetive Lincoln quer falar com você em sua casa."

Ela concorda e guarda o walkman. Quer dizer, É tão estranho, Teddy, eu estava *pensando em você e em Suzette. Quer pegar a mão dele, apertá-la e dizer, Como ela está?,* mas ele não olha nos olhos dela. Cara fica parada, o rosto congelado pela expectativa de que ele fale em algum rádio e diga a alguém do outro lado que a vítima está sob seus cuidados.

Adam se lembra de ter ouvido alguma coisa. Um pequeno trinado, como um pássaro cantando, uma música perfeita com notas que sobem e descem. Ela também ouviu, porque agora estão andando, se aproximando, e ela pode cantar junto. "Vamos fazer assim", ela disse. "Ele toca flauta, e eu canto."

Ele quer ouvir mais, quer olhar dentro da garganta dela. É lindo, não assustador, e ele se aproxima, ele a segue, andando tão próximo que suas sombras se encostam, colidem e então desaparecem na sombra das árvores e da floresta. As músicas são um chamado-e-resposta uma para a outra. Um pássaro canta, *Venha, tudo bem.* Outro canta em resposta, *Estou a caminho.* Não há a ortografia com que se

preocupar, nada de ruim pode acontecer, essa é a língua que ele entende perfeitamente, essas notas que voam alto pelas árvores e folhas e se encontram no ar, dançando juntas, invisíveis.

"Venha", ela diz. "O tempo está acabando. Ele não vai esperar para sempre."

Sentada ao lado de Lincoln no sofá, Cara se explica. "Música é a única coisa com que Adam realmente se importa. Se todos os outros canais foram bloqueados, essa é a via enorme e aberta para o cérebro de Adam. O diapasão dele é perfeito, assim como sua memória para música. Ele consegue cantar qualquer coisa que tenha ouvido uma única vez, qualquer música, em qualquer língua. Já pensei nisso diversas vezes: para Adam ter sucumbido tão completamente, a música deve ter tido algum papel na história. Alguém estava cantando, alguma música estava tocando, algo assim. Na noite anterior, pela primeira vez em meses, ele pediu para assistir A *Flauta Mágica,* e eu pensei, *Por que esse vídeo?* E então me ocorreu, é muito simples. Há uma floresta cheia de música. Papageno está tocando flauta, as fadas estão cantando. Foi isso que o levou até lá. Havia música no bosque."

Lincoln assente com a cabeça e anota tudo. Ele está totalmente profissional, como se nunca tivesse aparecido na noite passada, como se não tivessem falado sobre as lembranças do colegial. Ele balança a cabeça: "É interessante, eu admito. Mas você não deveria ter ido sozinha. Sinceramente, foi bobo e perigoso de sua parte."

"Eu tinha de ir, precisava descobrir o que ele escuta. E é impressionanate — ele conseguiu ouvir um walkman."

"Por que você tem tanta certeza de que ele ouviu a música?"

"É isso que o atrai. Isso o teria tocado o suficiente para fazê-lo desobedecer a regra sobre sair do playground."

"Qualquer música?"

"Ele tem as favoritas. Uma ópera teria sido a maior isca. Algo mais contemporâneo seria menos provável. Ele geralmente não reage ao rap ou hip hop."

Ele certamente vê como isso pode ajudar, como elimina um mundo de adolescentes suspeitos.

"Certo, Cara, vou ser honesto com você", ele diz. "Essas idéias são boas, mas a promotoria já descartou Adam. É como eles pensam. Querem a testemunha perfeita que possa testemunhar em um julgamento, querem um caso para mover uma ação, meticuloso, bem amarrado. Agora, meus instintos são diferentes. Para mim, se eu tiver o cara certo, posso montar o caso. Eu derrubo seus álibis, consigo a confissão. Faço o que for preciso. Mas neste caso, preciso dizer — eu concordo com eles. Não acredito que nada do que Adam disser ou fizer vai nos ajudar muito." Ele muda de posição no sofá, olha para a porta atrás da qual estão Morgan e Adam. "Ao ver Adam agora, a maneira como ele olha para baixo e se fecha para o que está em sua volta, tenho de dizer: não acho que ele tenha visto nada."

Cara balança a cabeça. "Claro que ele viu alguma coisa. Olhe para ele."

"É claro que ele está traumatizado, não tenho dúvidas disso. Ele sabe que todos em volta dele estão chateados. Sabe que algo ruim aconteceu, mas será que ele sabe que a garota está morta? Você falou com ele sobre isso? Explicou o que é a morte?"

O que ela pode dizer? Estamos chegando lá. Vou chegar lá. "Não", ela responde.

"Olhe, não é só ele. Muitas crianças são testemunhas ruins. Isso acontece sempre, uma criança fica a dez metros de um assassinato, e você quer saber o que ela geralmente diz? A cor da calça do assassino? Elas ficam com medo demais para olhar para cima. Rostos dão medo. Na maioria das vezes, uma criança que presenciou um assassinato não sabe dizer que arma foi usada. Elas não vêem esse tipo de coisa. O cérebro delas não processa isso."

Cara imagina que ele esteja falando de testemunhas de três ou quatro anos — que o cérebro de uma criança da pré-escola não está em um estágio de desenvolvimento capaz de compreeder isso. E talvez ele tenha razão em colocar Adam nesse grupo. É triste, mas também é um alívio, na verdade: talvez os labirintos e paredes do seu cérebro impenetrável o tenham poupado, de certa forma.
Com exceção de sentar no balanço do playground, Morgan não havia ficado a sós com Adam antes e é difícil pensar no que fazer quando Cara pede que fique com ele na sala de estar enquanto ela conversa com o policial. "Quer jogar Boggle?", Morgan pergunta, apesar de tudo indicar que Adam não está ouvindo. Ele está olhando pela janela, de costas para Morgan.

Dá para ouvir Cara conversando com o policial na outra sala. Se não der certo, Morgan decide, ele vai ficar perto da porta, tentar ouvir o que estão dizendo. E então Adam vira levemente, se afasta da janela, e Morgan tenta mais uma vez. "Quer jogar Boggle? Tudo bem se não quiser."

Em vez de responder, Adam atravessa a sala, vai até a estante e pega a caixa de Boggle. Ele a leva para a mesa e abre o jogo. Morgan pensa: É interessante *como Adam entende mais que revela. Adam pega o cubo de Boggle, chacoalha e segura a* ampulheta. Ocorre a Morgan que talvez pudesse perguntar: Ei, Adam, quem matou a *menina?* Ele senta e pega um lápis. Agora que formulou as palavras, é difícil não dizê-las. Elas ficam grudadas na cabeça.

Apesar de ser uma combinação ruim de letras — apenas duas vogais — Adam começa a escrever e, pela primeira vez na vida, Morgan não se importa em vencer, não pega o lápis nem escreve nada. Ele olha para a ampulheta e se inclina por sobre a mesa. "Adam, aquela menina…" ele começa a dizer, e então olha para baixo e vê as palavras que Adam está escrevendo. São impossíveis, longas demais para uma lista de Boggle, que deveria ter só palavras de três ou quatro letras. Morgan não consegue ler tudo — a caligrafia de Adam é terrível —, mas olha para as letras no jogo e para a lista. É ridículo. Ele escreveu elefante e não há nenhuma letra E.

"Tem mais uma coisa", Lincoln diz. "Hoje de manhã chegou a autópsia e a perda de
sangue sugere que Amelia estava morta há mais tempo que imaginávamos, aproximadamente uma hora antes de quando foi encontrada, o que significa que o autor não fugiu porque ouviu a polícia. Ele foi interrompido pelo menos trinta minutos antes de a polícia chegar. A maior probabilidade é que Adam o tenha interrompido."

Cara olha para ele, surpresa. "Adam?"

"Talvez tenha sido só a presença dele. Ele pode ter aparecido, e o assassino por ter ficado surpreso o suficiente pela possibilidade de uma testemunha ocular que fugiu. É uma possibilidade. Mas existe outra." Ele hesita. Cara olha para Teddy, que

os acompanhou até a casa e está em pé na sala, de braços cruzados. Com todo o silêncio, fica claro para ela. *Teddy está bravo comigo. Faz dez anos, e ele ainda acha que o que aconteceu é culpa minha.*

Lincoln continua: "A questão é por que, quando alguém é tão cuidadoso em esconder seus vestígios, e ele foi, pois encontramos duas marcas de pneu ao lado da estrada, mas nenhuma pegada perto delas, o que significa que houve algum tempo de preparação, ele planejou o que estava fazendo, foi bem meticuloso. Então por que um homem tão metódico não teria matado Adam também?" Cara engole e faz um movimento com a cabeça. Teddy está ouvindo isso tudo? Meu filho quase morreu e *você ainda está com raiva de mim?* "Uma idéia que tivemos é que ele conhecia Adam e gostava dele o suficiente para poupá-lo. Ou simplesmente conhecia suas limitações como testemunha. Se seguirmos essa teoria, Adam está em cada vez mais em perigo agora, e é por isso que queremos colocar um policial aqui na casa de vocês. Por enquanto, vamos pedir que você não saia com Adam sem nos avisar. E, é claro, que não volte para a cena do crime."

"Certo", ela concorda e se preocupa imediatamente: *Será que Teddy vai ser o primeiro policial?*

Lincoln olha para o bloco de anotações e vira a página. "Tem mais uma informação do relatório da autópsia. Há pouquíssima evidência de que Amelia tenha lutado; não há ferimentos de defesa, nada sob as unhas dela e isso pode sugerir algumas coisas. Ela conhecia o agressor ou foi atacada rápido demais para reagir. É raro haver tão poucas evidências para a perícia em uma vítima, apesar de acontecer, ser possível. A questão é: algumas fibras foram encontradas na roupa dela."

Ele pára de falar e força Cara a olhar para ele. "E...?"

"E elas são compatíveis com o suéter de Adam."

Por um longo tempo, ela não diz nada.

"Pode não significar muita coisa, mas significa que eles simplesmente não saíram andando juntos. Em algum momento, eles encostaram um no outro."

Quando ele vai embora, Cara fica feliz de lembrar que Morgan está aqui e que precisa de uma carona para casa. Ela precisa encontrar a chave do carro, a carteira. "Tenho permissão, não tenho?", ela pergunta, suas primeiras palavras direcionada a

Teddy desde que Lincoln foi embora. "Posso levar esse menino para casa, não posso?" Se *ele estiver bravo comigo, ela pensa, também vou ficar brava. Faz dez anos, e não foi culpa minha.*

"Sim, pode."

No carro, a sós com Morgan e Adam, Cara fala rápido. "Eu precisava ir até lá, precisava testar a acústica. Ver se algo que ele ouviu pode tê-lo feito atravessar o campo, que foi exatamente o que aconteceu. Vão me agradecer por isso, juro por Deus. Vou provar que estou certa. O que eu não entendo é como Adam e Amelia conseguiram não ser vistos. Um enorme campo verde... Como duas crianças podem atravessá-lo sem ninguém notar?"

"Ele não está vazio", diz Morgan.

"Está sim. Não é permitido jogar futebol no intervalo."

"Eles não jogam futebol. Jogam um jogo estranho, Battle Zone, em que voce não pode ser visto. É preciso correr, e se alguém vê você, é só apontar o dedo e você está morto. As pessoas começam a morrer logo que o recreio começa. Elas ficam deitadas na grama, e os professores não ligam. Eles só tocam o apito e dizem para todo mundo entrar."
"As crianças ficam deitadas no campo fingindo estar mortas?"

Morgan dá de ombros. "Nem sempre. Mas sim, às vezes. Não sei. Eles brincavam disso no ano passado. Talvez Amelia e Adam tenham ido para o bosque para fugir do jogo."

"Meu Deus, me faz lembrar por que eu odiava o primário." Cara balança a cabeça. "A única coisa que eu odiava mais era o começo do colegial."

Morgan olha para ela com os olhos arregalados, como se fosse uma relevação atordoante. "É mesmo?"

"Todo mundo é tão acanhado. Eu sempre ficava preocupada com coisas que não importavam... Quem era meu amigo, quem não era."

"Eu não tenho amigos."

Ela sorri. "Morgan, tenho certeza de que isso não é verdade."

"É sim. É por isso que faço parte de um grupo para gente sem amigos. É que antes eu não ligava. Agora eu ligo. Um pouco."

Ela não sabe o que dizer. "Bom, você e Adam são amigos agora. É um começo."

Ele concorda e parece pensar por um momento. "Por que Adam e Amelia foram até o bosque? Eles eram amigos?"

Em toda sua inocência, ele está fazendo uma pergunta que ela mal consegue considerar. "Não sei. Não sei nada sobre ela." Talvez ela tenha cometido um erro, não investigando isso mais a fundo. Talvez não suporte ouvir aquilo que teme: a garota realmente gostava de Adam e foi atrás dele de alguma forma. Ela olha para Adam pelo espelho, vê em sua expressão que o filho está ouvindo a música que está tocando baixo no rádio, e não a conversa, o que significa que ela pode ser honesta, deixar tudo claro para Morgan.

Todo ano, na primeira semana de aula, ela tira fotos de todos os colegas de classe
e faz um pôster chamado meus amigos. É uma maneira de Adam apender os nomes e as fisionomias, e ela desejava aprender um conceito abstrato como *amigos,* que deveriam ser crianças mais ou menos da idade dele, mas que nunca funcionou. Quando pedem a ele que escolha um amigo para uma atividade, os olhos dele, cheios de esperança, sempre se voltam primeiro para os professores, mesmo que a experiência o tenha ensinado que a sra. Wolf e a sra. Ellis não sejam escolhas que ele possa fazer, que amigos não são mulheres de busto grande com quem ele se sente mais confortável, e sim os meninos imprevisíveis e assutadores da mesma altura que ele que participam de jogos durante o recreio que ele não entende. "Acho que, para Adam, a amizade tem uma definição diferente. Ele pensa nos professores e nos outros adultos como amigos. Nunca teve um amigo que fosse uma criança. As outras crianças geralmente são… Confusas para ele." É difícil para ela admitir, mas talvez dizer isso ajude Morgan a entender por que ele é importante. "O fato de ele ter falado com você, brincado com você, ter sentado com você no balanço, tudo isso é bem incomum para ele."

Ele entende o que ela está tentando dizer?

"O detetive diz que eles encostaram um no outro, que havia fibras da roupa dele

nela, mas ele odeia ser tocado. Ele faz tudo para evitar, então eu realmente não entendo como isso aconteceu." Foram anos de aprendizado para descobrir que tipo de toque seu corpo suporta, e ela agora os conhece bem: pressão forte, abraços de urso. O que Adam odeia acima de tudo são os toques acidentais que acontecem diariamente entre crianças: ombros raspando, dedos cutucando. Se as fibras do suéter dele estão no corpo dela, isso significa que ela o assustou de alguma maneira inadvertida — encostou no braço dele ou puxou seu suéter por tempo suficiente para soltar fibras?

"O porquê eu posso descobrir", diz Morgan.

Ela olha para o espelho. "Como assim?"

"Eu conheço algumas pessoas na classe dela, fui voluntário lá por um tempo. Posso voltar a ser. Descobrir o que dizem."
Em casa, Cara fica feliz com um favor mínimo: Teddy está do lado de fora, sentado em seu carro, o que significa que não há necessidade para uma conversa sobre algo que, pelo jeito, nenhum dos dois quer falar. Ela leva Adam para a sala de estar, onde há uma lista da partida de Boggle que não faz sentido: *elefante, avore, pasaro, flauta.* A ortografia de Adam é ruim, mas não costuma ser tão ruim. São palavras que ele ouviu ou nas quais pensou, mas não viu escritas recentemente. E também não têm muita relação com as letras do cubo do Boggle. Ela pega a lista e se ajoelha diante do filho. "O que é isso, meu amor? Por que você escreveu elefante?"

Ela não espera uma resposta, é óbvio, mas o olhar vago de Adam a enerva. "Você consegue ler isso, querido? O que você escreveu?" Ela segura o papel porque, às vezes, isso funciona — ele consegue ler uma resposta que não seria capaz de dar de outra forma. Mas, desta vez, isso não acontece.

Adam olha em outra direção, e ela abaixa o papel.

Naquela noite, Cara fez uma tigela de canja que Adam só toma se a colher for levada a sua boca. Ela mergulha a colher cuidadosamente, sem fazer barulho, para não assustá-lo. Seus olhos estão longe, seu rosto está vazio de expressão, apesar de os lábios se abrirem toda vez para receber a comida.

Antes do jantar, ela escolheu os livros que eles leriam enquanto comessem.

Essa é uma das tradições antigas, o que fazem durante as refeições que ela insiste

que façam juntos, como fazia com seus pais. Normalmente, ela o deixa escolher dois, e ela mesma escolhe dois. As escolhas dele são sempre favoritos de infância: Dr. Seuss, Farmer Duck [O Pato Fazendeiro], livros que a maioria das crianças de nove anos já abandonou. A seleção dela geralmente tem um propósito, livros sobre andar de bicicleta ou frações, coisas que ele precisa de motivação para aprender. Hoje à noite, no entanto, ela insere um dos favoritos dele — Green Eggs and Ham [Ovos Verdes e Presunto] — entre eles. Bastam algumas páginas para Cara se lembrar que odeia esse livro, e como ele é, cheio de raposas e caixas, bodes e barcos. Anos atrás, ela costumava forçá-lo, quando o objetivo de seu currículo caseiro era "experimentar novas comidas". Agora Adam adora o livro, mas ainda come as mesmas cinco coisas, mais ou menos, toda noite no jantar: arroz, manteiga de amendoim, frango, presunto e cenouras.

No meio do caminho, ela tenta fazer uma experiência e pula uma parte do texto. Geralmente, com um favorito, o cérebro dele não permite. Ele a obriga a voltar, completar o que deveria vir a seguir, olha atentamente para a página até que o ritmo esteja certo de novo. Mas dessa vez, não diz nada. Adam nem percebe. Ela pula mais coisas, com o coração acelerado, com medo de chorar se ele não a interromper logo. Ela interrompe a leitura, fecha o livro, e eles ficam sentados por um tempo que ela não consegue medir. E então, do nada, Adam abre a boca e diz em uma voz que não é dele: "Cuidado!"

Ela olha para ele chocada. "O que foi isso, querido?"

Ele se balança na cadeira com as mãos na borda da mesa.

"Adam, meu amor. Fale de novo."

"Cuidado!" A voz é grave, exatamente como a de um adulto. São as imitações sinistras de que ele é capaz. Quase existe um sotaque, mas o que seria? Sueco? Alemão? Adam levanta da cadeira e anda em volta da mesa, murmurando algo. Ele não parece estar chateado com a lembrança, mas é difícil dizer — agitação e animação podem parecer a mesma coisa com ele. "Um homem disse isso para você? No bosque?"

Ele nega com a cabeça, olha em volta e depois para a mãe, perplexo, como se não fizesse idéia do que ela está falando.

Depois, Cara arruma a cozinha, organizando os pensamentos antes de ligar para

Lincoln e contar a ele — que Adam não viu nada, ele ouviu, e o cérebro dele é como um gravador em modo de repetição. Ele se lembra de tudo que ouve, e acabou de lembrar alguma coisa. Seus ouvidos ainda estavam em ação, daquela maneira extraordinária, absorvendo tudo, Cara pensa, e então vira e vê algo que não tinha notado antes, enfiado atrás da lata de lixo, um tufo de pêlos brancos. A princípio, teme que seja alguma criaturinha morta, e então se abaixa e vê exatamente do que se trata: o pé de coelho que estava na mochila, preso ao chão por uma faca de carne que atravessa seu centro.

Sozinha à noite, June espera por ele planejando os discursos que quer fazer, mas teme não conseguir. Esse assassinato a deixou preocupada com tudo — Teddy, a segurança dela, todos os alunos. Ela se preocupa que sem aviso, alguém morra de repente, sem saber o que ela sente por essa pessoa. Com Teddy, ela se segurou por tanto tempo que mal sabe como se expressar agora. Tamanha foi a ingenuidade dele no começo da relação dos dois — com todos aqueles encontros nervosos para um café — que ela pensava nele como uma espécie de aluno, alguém que precisava de suas gentis instruções e as seguia. ("Tudo bem você tirar a minha roupa", ela sussurrou certa vez no escuro. "Certo, claro", ele disse alegremente.) Agora, toda noite, ela tem medo de receber um telefonema dizendo que Teddy está morto e essa ser a coisa mais doce que se lembra de ter dito a ele.

Quando Teddy finalmente chega, é mais tarde que de costume; quase uma da manhã. Ela abre a porta e vê no rosto dele algo diferente. "Conheci o menino", ele diz.

June sabe, sem que ninguém diga, de quem se trata. As mãos dele estão nos bolsos de trás, e o equipamente pendurado nos quadris. Há uma urgência no que ele quer dizer, mas não há palavras. "Ele não fala."

"Fala sim. Não muito, mas fala. Vai voltar a falar." Ela conversou com Teddy sobre seu trabalho, sobre essas crianças. Ele não deveria estar chocado, mas obviamente está.

"Mas a mãe está bem ali, falando com ele o tempo todo, explicando as coisas, como se ele entendesse tudo. Então eu olho para o menino e penso que ele talvez

entenda. Vejo os dois juntos e penso que talvez exista algo que eu não entendo."

Ela sabe como é difícil para Teddy aceitar a complexidade alheia — que Cara, que um dia magoou Suzette, talvez seja digna de solidariedade ou até admiração. "Ela fez um bom trabalho com ele. Todo mundo comenta."

Agora ele deve estar repassando tudo em sua cabeça, tentando entender. Ele construiu a própria vida cuidando de uma irmã que foi magoada por uma amiga, e algo aconteceu no passado que June desconhece completamente. Ela coloca os braços em volta dele, puxa-o para dentro, e logo eles estão deitados na cama. Ela já conhece as partes daquele uniforme, os grampos e as fivelas e, mesmo na perfeita escuridão do quarto, consegue livrá-lo da armadura adotada para conquistar o mundo, proteger-se da dor que não entende.

Apesar de Suzette ter tido as notas mais altas no SAT6 em sua sala, ela anunciou logo no começo do último ano que não pretendia se matricular em nenhuma faculdade. Os professores tentaram convencê-la, o conselheiro até se ofereceu para preencher os formulários para ela. "Só mantenha as portas abertas", mas ela se negou. "Se eu quero ser uma artista, não preciso de faculdade, preciso fazer arte", disse.

Fiel a sua palavra, ela arrumou um emprego na administração do hospital em que sua mãe havia recomeçado a trabalhar e manteve sua arte, alugando um estúdio no porão de uma igreja. Por dois anos, ela e Cara moraram com as famílias até que Cara, louca para fugir do generoso e superindulgente amor de seus pais, convenceu Suzette a alugar um apartamento com ela na cidade. A essa altura, elas circulavam em grupos tão diferentes que, às vezes, era difícil lembrar o que tinham em comum, além do passado. Cara fazia um curso na faculdade local, trabalhava em um restaurante e saía toda noite, depois do trabalho, com grupos de pessoas de 19 e 20 anos que bebiam as refeições. Suzette passava todo o tempo livre pintando e vendo filmes de que Cara nunca tinha ouvido falar. Ela não entendia o novo gosto da amiga para os prazeres solitários. "Por que você não me chama para ir com você?", ela perguntava, e Suzette sorria. "Eu gosto de ir sozinha. Vejo as coisas melhor assim." Depois de um tempo, Cara tinha a impressão de que, morando juntas, elas se viam menos que nos tempos de escola, o que a deixou triste, apesar de ser a escolha que Suzette estava fazendo. "Não quero sair com seus novos amigos, Cara", Suzette dizia. "Não tenho a menor vontade de conhecer mais bartenders."

Cara não sabia dizer o que Suzette fazia com a maior parte de seu tempo, além de ficar sozinha, produzindo telas que não pareciam com nada além de explosões de cores vivas e, às vezes, perturbadoras, e complementando as horas no hospital fazendo serviço administrativo em um escritório no mesmo andar da unidade psiquiátrica. Uma noite, quatro meses depois do início da bifuraca vida das duas no apartamento, Suzette chegou em casa e anunciou: "Quer ouvir algo estranho? Quem eu encontrei hoje?" Havia um certo ânimo na voz dela, o bom e velho você *não vai acreditar. "Kevin Barrows." Cara sentiu um nó no estômago. "No hospital?"*

"Sim, mas não como paciente. Veja só: a mãe dele é uma paciente. Conversei um pouco com ele. Kevin disse que sua mãe tinha problemas de abuso de alguma substância, mas pronunciou *sustância.* 'Muita sustância?', eu perguntei. Ele foi legal. E riu."

Ela parecia saudosa, mesmo esse sorriso nostálgico sendo o mais feliz que Cara viu em meses. "Você devia convidá-lo para sair", Cara disse, e viu uma ponta de possibilidade passar pelo rosto de Suzette. Mas quando começou, a idéia tornou-se uma missão, uma resposta para os últimos seis meses de isolação de Suzette. "Ligue para ele. Se eu conheço o Kevin, ele nunca vai ligar para você. Você vai ter de tomar a iniciativa."

Suzette olhou as próprias mãos. "É você que ele ama."

Cara se aproximou e sentou ao lado dela. "Não é verdade. Depois que fomos visitá-lo daquela vez, mandei um cartão, e ele nunca respondeu."

Suzette assentiu com a cabeça como se dissesse: Talvez você tenha razão. *Acho que posso fazer isso.* Não era típico delas, não era o padrão dessa amizade: Cara pegar o telefone, procurar o número, se oferecer para discar. Suzette finalmente ligou, mas só semanas depois da sugestão inicial da amiga. Nessa época Cara estava envolvida em sua própria história de amor dramática, a primeira que não dividiu com Suzette. O nome dele era Oliver, ele era professor de redação para alunos de administração de empresas e era oposto de todos os homens que a atraíram no passado: cabelo rebelde, manchas de tinta de caneta nos bolsos e dedos. Alguns dias, ele dava a aula inteira com a braguilha meio aberta. Aparentemente, essa era uma aula de redação para negócios — cartas de apresentação, currículos, projetos —, mas no primeiro dia ele anunciou: "Não quero estar aqui tanto quanto vocês". Nada disso despertava o menor intersse nele, nada se aplicava a uma vida

bemsucedida como ele a imaginava. Em vez disso, eles passavam a aula discutindo os editoriais do jornal local. Ela ainda se lembra de um debate sobre a licença de uma casa de stritptease na periferia da cidade. "Não é liberdade de expressão?", Oliver perguntou. "Fazer strip não é uma forma de se expressar?"

Ela olhou para a sala para uma das poucas mulheres que freqüentavam o curso, mas, assim como Cara, raramente se manifestavam. *Não,* ambas disseram com o rosto. "Quantas pessoas aqui acham que deveria haver uma casa de strip na cidade? Levantem a mão. Não sejam tímidos. Talvez vocês não levem suas mães lá, mas acreditam que a prefeitura não deveria legislar sobre como escolhemos gastar nosso dinheiro destinado ao entretenimento — ou, mais importante, limitar as oportunidades que as mulheres têm de ganhar um bom dinheiro."

Todas as mãos se ergueram menos a das duas. Oliver olhou para Cara e pela primeira vez a encarou. "Por que não?" Cara engoliu e disse: "Porque elas fazem mal para todos. Acontecem crimes. O dinheiro nem sempre é um bom motivo para fazer as coisas."

Por um longo tempo, ela olhou para baixo até perceber que o som que ouvia vinha dele, que aplaudia lentamente enquanto fazia um círculo pela sala. "Excelente resposta. Que bom ver alguém pensando por conta própria." Depois daquilo, ela começou a ler mais o jornal, tentando antever o que ele levaria para a aula. Ela formulou mais opiniões, construiu mais argumentos que poderia apresentar nas discussões. Cara adorava a maneira indecifrável que ele tinha de argumentar, adorava nunca saber como ele realmente pensava. Com o tempo, ficou claro que essa sala tinha um gosto especial, que mesmo que dar aula fosse um fardo, esse grupo de alunos não era. Ele fazia cópias de outros artigos e uma vez passou para a sala a carta que havia escrito para um editor. Claro, havia alunos que reclamavam, e alguns demonstravam sua queixa ausentando-se. Um dia, de uma sala de 22, apenas seis apareceram. Oliver apontou para os assentos vazios. "Ah, o que pensar, o que pensar? Uma gripe talvez? Uma infecção desenfreada do corpo discente?" Seus olhos pousaram em Cara. "Ou serei moi?"

Naquela tarde, eles saíram da sala juntos, começaram a andar, conversar e descobriram que, no labirinto bizantino que era o estacionamento do *campus,* seus carros estavam lado a lado. "O Toyota cinza é seu?", ele perguntou, rindo de surpresa como se a coincidência representasse algo maior. Depois desse dia, começaram a ir até o carro mais vezes e conversar mais francamente: "Eu gosto dessa aula, gosto mesmo", ela disse uma vez. No dia seguinte, ele admitiu: "Reparei

que sua caneta não estava funcionando. Pensei em emprestar a minha, mas fiquei preocupado que fosse ser, não sei, muito amigável talvez". Ela ficou vermelha, apesar de essa ser uma faculdade local em que amizades entre alunos e professores não fossem tão raras. Muitos estudantes eram adultos em fase de transição. A maioria saía da aula e ia para o trabalho; alguns vinham de uniforme ou sapatos de enfermeira. Uma mulher era motorista de ônibus escolar e saía todo dia sete minutos antes do fim da aula. "Nada pessoal", ela sempre dizia. Em resposta à admissão de Oliver de tê-la visto lutar com a caneta inutilizada, Cara disse: "Eu queria escrever um bilhete para você. Perguntar se você não queria almoçar um dia desses."

Uma semana depois, eles foram almoçar.

Na semana seguinte, ela o levou ao apartamento. Algum instinto lhe dizia para guardar segredo, não dizer nada nem para Suzette, que voltou para casa na mesma semana cheia de eneriga de seu primeiro almoço com Kevin: "Ele é tão interessante, Cara, você não iria acreditar. E teve uma vida tão interessante". Cara esperou a piada que a antiga Suzette teria feito, mas ela não veio: "Ele tem dinheiro suficiente da indenização do acidente para não ter de se preocupar com empregos, por isso trabalha com garotos carentes. Ele passa todas as tardes com um desses garotos, chamando Carlos, porque a mãe precisa trabalhar e não tem acesso a uma creche". Eles estavam com 20 anos. "Ele deveria ir para a faculdade", Cara disse.

"Ele não quer ir para a faculdade. Não está interessado nisso. Quer usar as coisas pelas quais passou para ajudar as pessoas." Pela primeira vez em sua memória, Suzette estava tomando uma cerveja e tomando goles em um copo que deixava um bigode de espuma em seu lábio superior.

Cara olhou para ela. "Viu? O que eu disse? O príncipe encantado."

Depois disso, um espaço se abriu entre elas. Cara parou de contar a Suzette aonde ia à noite ou de convidá-la para ir junto. Algumas noites, ela se trocava e saía antes que Suzette chegasse, e no dia seguinte nenhuma das duas mencionava a noite anterior. Quando ela levava o professor para casa durante o dia, limpava tudo para que não houvesse vestígios do homem nunca mencionado para Suzette. Quando perguntava sobre Kevin, as respostas eram curtas. "Ele está bem. Ele é um amor."

"Mas o que está acontecendo?" Ela encarava Suzette. Isso tudo era novidade, guardar segredos uma da outra.

Suzette dava de ombros. "Está tudo bem. Eu gosto dele. Só isso."

"Ah, Suzette, conte o que está acontecendo." De repente, Cara tinha ficado com vontade de insistir no assunto. "Ele beijou você?"

"Não vou contar. É particular."

"Ah, tenha dó. Eu conto tudo para você."

"Não é verdade."

Cara olhou atentamente para a amiga. Ela sabia o que estava acontecendo?

Com o passar do tempo, Suzette parou de falar em Kevin completamente ou só falava de maneiras estranhas e tangenciais. "A mãe de Kevin vai bem", ela disse certa vez. "Não faz sentido que esteja no hospital, ela é mais centrada que a maioria das mães. Ela tenta ser honesta e aberta sobre as coisas. É muito franca sobre seus problemas com o Kevin e comigo também."

"Quais são os problemas dela?"

"Bom, quero dizer, eu provavelmente não deveria contar para você. É um assunto de família."

Suzette tinha passado a fazer parte da família? Mais tarde, ela revelou: "Kevin está pensando em se envolver com educação. Ele quer voltar para a faculdade e tirar seu diploma".

Cara olhou para ela. "Como pode voltar se ele nunca começou a faculdade?"

"Você entendeu o que eu quis dizer. Ele vai se matricular na semana que vem na faculdade local. Na verdade, acho que vou com ele. Pode ser bom. Podemos fazer algumas aulas juntos, dividir o custo dos livros."

Como isso podia estar acontecendo? Como foi que Kevin e suas necessidades conseguiram convencer Suzette a fazer algo que uma dúzia de adultos não tinha conseguido?

Cara tentou mostrar o óbvio, que Suzette tinha sido o terceiro lugar na sala e que Kevin mal tinha conseguido se formar. "Por que você vai fazer isso quando poderia

entrar em qualquer lugar?"

"Não é verdade."

"É sim. Olhe suas notas. Veja suas médias."

Suzette balançou a cabeça. "Ele não pode ir sozinho. Eu prometi à mãe dele fazer isso. Ela se preocupa que se ele tentar fazer isso sozinho, vá ser um desastre."

Eles começaram em janeiro, com exatamente as mesmas matérias, apesar de todas as aulas serem de manhã, quando Cara não estava lá. "Tudo bem", Suzette dizia. "São coisas em que também tenho interesse. Quando ele pegar o jeito, vai começar a fazer as disciplinas sozinho."

Não estava tudo bem, Cara foi entendendo aos poucos, apesar de Suzette nunca reclamar em voz alta. Ela simplesmente falava cada vez menos conforme o tempo passava e começou a contar menos histórias sobre a generosidade de Kevin; no fim, Suzette começou a admitir não ter certeza de que Kevin passaria em todas as matérias. "Ele tem dificuldade em se organizar", disse certa vez.

Cara tentava ajudar, dava sugestões: "Você não pode fazer isso por ele", dizia. "Talvez não seja a coisa certa para Kevin. Talvez você devesse pensar em si mesma."

"Que ótimo", Suzette reagiu. "Que resposta ótima."

"Suzette, estou só dizendo que é difícil para qualquer um entender por que você está fazendo tudo isso por ele." A essa altura, Cara tinha entendido que não havia um elemento de romance nisso.

"Somos amigos", Suzette disse. "Ele parece ser o melhor amigo que tenho hoje. Para mim, isso significa muito. Amizade significa que você ajuda a outra pessoa. Você fica do lado dela. Se isso significa fazer um sacrifício, tudo bem."

Cara entendeu que isso ia além dele, que ela tinha decepcionado Suzette e tinha decepcionado Kevin também, de uma maneira que jamais entenderia, e agora os dois haviam se juntado, eram aliados e estavam afastados dela. Cara não tinha amigos melhores dos quais se gabar, nada para diminuir a solidão de seu próprio fracasso. Também entendeu que havia algo de estranho — em todos esses meses, não tinha

visto Kevin nenhuma vez, nunca ouviu uma mensagem dele na secretária eletrônica. Imaginou que fosse intencional, que ele a estava evitando, e então uma noite voltou para casa, ouviu o chuveiro e encontrou Suzette de calcinha e sutiã, imóvel, no sofá. "Suze?", ela chamou, e nada.

Ela foi até o banheiro e fechou a água, que estava gelada. Saiu e tocou a amiga com a mão molhada. "Você está bem?"

Suzette não olhou para ela, não disse nada.

Na mesma semana, Cara encontrou Suzette na farmácia do bairro andando devagar, com vários cupons nas mãos. Cara tinha ido lá comprar um teste de gravidez e pensou, por um momento, que Suzette a estivesse seguindo, desconfiada e certa, mesmo nesse estado ausente, dos medos e esperanças que Cara havia mantido em segredo de propósito. Mas após observá-la por um minuto, inclinada sobre o carrinho como uma velha, Cara entendeu que a questão era outra. "Suze!", ela chamou, aproximando-se o suficiente para tocar de leve o ombro da amiga.

Suzette parou e se virou em câmera lenta. "O que você está fazendo aqui?"

"Nada. Fazendo compras. E você?"

"Preciso comprar sabonete", Suzette falou alto demais. "Está tudo sujo."

Cara olhou em volta e transformou a voz em um sussurro. "Em casa?"

"Preciso de armadilhas para formigas e sabonete. Tem formigas em todo lugar. Na cama, na pia, em todo lugar."

"Não lembro de ter visto formigas."

Suzette fixou o olhar por sobre o ombro de Cara. "Esquece."

Cara saiu da farmácia com ela e adiou a compra do teste de gravidez. No dia seguinte, Suzette anunciou que ia voltar para casa por uns tempos. Um fim de semana, talvez, ou uma semana. Naquela noite, ela encheu duas malas enormes com o que pareciam ser todos os seus pertences no apartamento. Na confusão dos dias que se seguiram, Cara encontrou o número de Kevin e ligou. Ela se desculpou por ligar, mas queria perguntar o que estava acontecendo com Suzette, se ele sabia

quanto tempo ela ia ficar em casa. Kevin ouviu sem dizer nada. "Isso… é… estranho", ele finalmente falou. "Não me lembro dela. Eu me lembro, bom, de você."

"Oh", Cara exclamou, em pânico. Como isso era possível? Como Suzette poderia ter enlouquecido tão rápido? "Ela me disse que tinha encontrado você por acaso, mas devo ter me confundido. Talvez fosse outro Kevin. Desculpe, estou com vergonha."

"Não fique. Fiquei feliz em ter notícias suas."

No dia seguinte, Oliver começou a aula contando uma história que chocou a todos: "No fim de semana, minha esposa e eu estávamos voltando da praia de carro, e o que ouvimos no rádio?" O rapaz ao lado de cara disse: "O quê?" enquanto Cara pensou Sua *o quê?* O gosto amargo do enjôo no fundo de sua boca ia da garganta para o estômago e até os pés. Depois da aula, Oliver saiu com outra aluna e não olhou para Cara. Ele obviamente tinha tomado algum tipo de decisão, e era assim que a estava comunicando.

Ela ligou para Kevin de novo naquela noite, e pergunotu se ele não gostaria de jantar qualquer dia.

Ainda não tendo feito o teste, mas com sinais de gravidez — seios sensíveis, enjôos matinais que melhoravam com uma bolacha salgada —, Cara bebeu no jantar porque havia lido em algum livro: Não se preocupe demais com o álcool consumido *antes de saber da gravidez.* Se estivesse grávida, havia uma pequena chance ali, uma noite para decidir o resto de sua vida, e ela precisava disso. Com uma taça de vinho, sentiu-se feliz pela primeira vez em meses. Há dois anos ela não via Kevin, e ele parecia surpreendentemente saudável, com a barba cheia e uma camisa de flanela que o fazia parecer rústico, apesar da bengala que ainda usava e estava pendurada na cadeira. Vê-lo de novo, longe dos olhos dos outros que a deixavam muito tensa na época, permitiu que Cara se desse ao luxo de pensar muitas coisas, inclusive: *como ele era bonito.*

"Então, Cara, Cara, Cara. Fale de você", ele disse quando ela se sentou. "Você já é uma bióloga marinha?"

Ela riu e balançou a cabeça. "Ainda não. Por que você não começa? Fale de você e depois eu falo de mim."

A surpresa — e ocorreu a ela, ele sempre a surpreendia — era como ele era honesto. O transplante de rim tinha sido terrível, e o deteve por muitos anos, ele não conseguia sair de casa, não pôde voltar para a escola. "Eu pretendia ir para a formatura. Naquela manhã eu me vesti, meus pais estavam no carro, e eu não conseguia me mexer. Não conseguia nem levantar. Meus pais entraram em pânico e me levaram de volta para o hospital." Ele fez uma pausa. "De terno, eu me lembro disso."

Foi aí que Cara percebeu a mudança mais importante — a fala dele ainda era saltada, a articulação, estranha, mas ele tinha um vocabulário a sua disposição: "Agora eu entendo como a depressão toma conta do corpo todo. Na época, eu não via isso. Quando se está mergulhado nisso, você não vê nada".

Ela se aproximou dele, pensando em Suzette, na possibilidade de que se perguntasse, poderia entender esse buraco na vida dela melhor: "O que acontece? Qual é a sensação?"

"Meu Deus", ele riu. "Você fica sem os sentidos. Não sente o gosto nem o cheiro de nada. Uma vez, coloquei sal no café e não percebi. Minha mãe tomou um gole depois e me contou."

"E o que aconteceu?"

Ele abriu um sorriso tão largo que parecia ocupar o rosto inteiro. "Remédios. Dá para ver? Eles me deixaram gordo e feliz."

Estar com Kevin a fez sentir tudo de uma vez: solidão, abandono, pavor de uma decisão já tomada. Mais tarde, quando foi a vez de Cara falar, ela tentou explicar sem especificar nada: "Acho que não quero uma grande carreira. Sei que deveria, mas não quero. Quero uma vida diferente". Ela pensou em seus pais, a felicidade tranqüila da vida deles, marcada apenas pelos abortos instantâneos que sua mãe havia sofrido antes de Cara — o milagre — chegar e ficar. "Acho que todos querem fingir que somos adultos agora. Eu vou a festas, e todo mundo está fumando e bebendo, como se finalmente fosse permitido, como se fosse aquilo que estávamos esperando, e não é." Era a primeira vez que ela pensava em tudo isso, em como estava infeliz. Por tanto tempo, seus pensamentos tinham ficado resumidos a um túnel de otimismo pelo bem de Suzette: Essa festa vai ser ótima. Os amigos deles *têm uma banda. No que ela estava pensando? De repente, ficou óbvio, na claridade* perfeita da ausência de Suzette, que tudo tinha sido horrível. Até agora ela

não tinha se permitido ver a vida que Suzette estava louca para rejeitar.

"Ah, as festas", Kevin falou, sorrindo, com o rosto inteiro iluminado. "Fui a uma festa uma vez. Quer saber o que aconteceu?" Ela riu e fez que sim com a cabeça. "Era a festa de um jogador de futebol americano. Ou, o que é mais patético, a festa de um ex-jagador. Foi no porão de Scott. Escuro, né? Com uns sofás enormes, exageradamente forrados, a única luz estava apontada para uma bomba de chop, e Scott, muito bêbado — acho honestamente que ele pretendia ter uma conversa comigo —, vem cambaleando e senta em cima de mim. Por trinta segundos ele ficou lá sentado, dizendo: 'Espere aí, Kevin?'"

Ela riu, já sabendo que algo havia mudado, uma decisão tinha sido tomada. Não fazia sentido, mas era verdade: ele parecia a única pessoa genuinamente feliz que ela via em anos. Ela levaria Kevin para o apartamento onde não suportaria passar a noite sozinha.

Na manhã seguinte, quando acordou, Kevin tinha ido embora. Na mesa de centro de vidro, havia um saco de papel pardo contendo um biscoito com gotas de chocolate e um bilhete: Comprei ontem à noite e esqueci de dá-lo para você. K. O biscoito era enorme e Cara comeu tudo, pensando, pela primeira vez, com uma alegria desenfreada, Talvez eu esteja comendo por dois. A noite havia gerado uma mudança tectônica em sua visão do mundo: Oliver importava muito pouco, a faculdade menos ainda. A crise de Suzette não era uma tragédia, e sim um aviso indicando a Cara um caminho finalmente percebido quando ela parou na livraria e começou a folhear O que esperar quando você está esperando. Kevin não era o fim desse caminho, era o catalisador, uma maneira de ver diferentes possibilidades: a vida pode não ter gosto e pode voltar a ter.

Na verdade, o que ela viu em Kevin foi a esperança do retorno de Suzette.

Três semanas depois, Cara foi até a antiga casa da amiga e a encontrou sentada na cozinha, de moletom e uma velha camiseta do Mickey. Suzette já estava melhor, Cara podia ver. Ela sorriu quando Cara entrou, e então revirou os olhos diante da resistência de Teddy de fazer chá para todos. Ele estava no colegial agora, era mais alto que as duas, mas ainda tinha a mesma doçura silenciosa de menino. "Escute, Teddy, estou bem", Suzette disse enquanto ele colocava as canecas na mesa. "Acho que Cara e eu vamos conversar a sós, se você não se importar."

Ele hesitou e então saiu. Sozinhas, as duas ficaram sentadas em silêncio por um

minuto.

"Peço desculpas por ter ficado tão louca."

"Você não ficou louca, Suzette."

Suzette levantou a mão e disse: "É melhor ser honesta. Estou tentando descobrir o que aconteceu em minha cabeça. Eu queria estar pronta para crescer e ser independente. Eu ficava pensando: Olhe a Cara, ela não tem medo das coisas. Ela *vai lá e faz. Você não olha para uma coisa e vê as mil maneiras de aquilo dar errado.* Você simplesmente vai e faz".

Cara pensou no segredo que tinha ido lá para contar. "Nem sempre."

"Não, é uma coisa boa. É ótimo. Estou tentando aprender a ser assim. Mais corajosa. Menos preocupada o tempo todo com como as coisas podem não dar certo."

"Você já parece estar melhor."

"Eu estou. Estou quase lá." Ela pegou a mão de Cara.

Cara não tinha planejado nada disso especificamente, ainda não havia escolhido que palavras usar ou como diria isto: "Tem uma coisa que eu quero fazer, Suzette". Ela se inclinou sobre a mesa e sussurrou caso Teddy estivesse ouvindo em algum lugar. "Pensei muito nisso. Tenho certeza que é a coisa certa. Eu sei. Eu sinto."

Suzette olhou para ela. "O quê?"

Ela contou, falou em voz alta pela primeira vez na vida. "Estou grávida e quero ter um filho. Quero que você me ajude. Você vai saber o que fazer. Você praticamente criou o Teddy. E todos aqueles anos trabalhando como babá. Você vai ser ótima nisso."

Suzette olhou para ela. "Mesmo depois disso tudo?"

Cara falou a coisa mais verdadeira em que conseguiu pensar. "Claro. Você é a minha melhor amiga."

Suzette não voltou imediatamente. Por quatro meses, ela morou em sua antiga casa, trabalhando meio-período e participando de um programa de ambulatório que descreveu vagamente para Cara: "Tem a terapia de grupo e a terapia individual. É bom. Ajuda". Cara entendeu que os problemas de Suzette eram relatados de alguma forma, desde o colapso de sua mãe após o divórcio, que elas testemunharam por anos, mas nunca comentaram. Mas a mãe estava melhor agora, trabalhando, o que Cara via como um sinal de otimismo.

Suzette estava se libertando disso, ela voltaria logo, mais forte que antes.

Durante esse tempo, Kevin pairou como um segredo, dentro e fora do cenário. Na primeira vez que se viram depois de passarem a noite juntos, Kevin surpreendeu Cara fazendo o mesmo discurso que ela havia preparado. "Eu gostaria que continuássemos amigos", ele disse, brincando nervosamente com um prato de cerâmica contendo sachês de açúcar na mesa em que estavam almoçando. "Tudo bem", ela respondeu, surpresa.

"Não é você, acredite. Eu me conheço um pouco melhor agora. Sei com o que preciso tomar cuidado. Muito drama não é bom para mim." Ele falava baixo, mas estava certo do que dizia.

"Eu sou muito drama?"

"Para mim, acho que é. Não sei como é sua vida. Parece um drama?"

Ele nem imaginava quanto, como estava certo. "Acho que sim", ela respondeu.

A parte sobre serem amigos era séria, Kevin disse a ela. Ele não tinha muitos amigos, apenas alguns da época das brincadeiras de guerra, alguns jogadores de futebol americano.

"A maioria foi para a faculdade em outro lugar. Para os que estão por aqui, sou uma espécie de imagem do nerd. Nunca fui amigo de uma menina antes."

De repente, ela entendeu o que ele estava dizendo — amizade mesmo, que ela tinha tão pouco. "Certo", ela disse, de coração.

E por um tempo, os dois tentaram — eles iam ao cinema e sentavam com um banquete nabanesco no colo, como se estivessem reiterando a decisão com cada punhado de comida: Está *vendo, somos apenas amigos. Amigos não se preocupam com mãos melecadas ou hálito de salgadinho. Uma outra vez, ele a levou para uma* reunião de seu clube de Dungeons and Dragons, uma concentração de gente excêntrica que ela reconheceu dos tempos de escola. Ela não ia jogar, é óbvio. As regras eram estupidamente complicadas, cheias de batalhas ardorosas entre duas pessoas chacoalhando dados. Esses eram os rapazes que ela não se deixava contemplar muito quando estava no colegial, seus olhos eram rigidamente treinados para olhar as garotas populares e os namorados em potencial.

Quando Suzette estava pronta para voltar ao apartamento, a amizade de Cara e Kevin tinha perdido o embalo. Ela estava sem prática, não sabia terminar uma noite sem desconforto. Incontáveis vezes, ela estava sentada no carro dele, motor ligado, mão na maçaneta e dizia: "E... aí? Me ligue um dia desses". Toda noite parecia um tijolo no mesmo muro. "Foi divertido", ela dizia, de coração — eles se divertiam, rindo dos professores do primário e dos nomes que os restaurantes davam aos hambúrgueres. Cara não contou que estava grávida nem que pretendia ter o bebê. Toda vez que cogitava fazê-lo, pensava na primeira coisa que ele dissera na inauguração da amizade: Muito drama não é bom para mim. Ela também descobriu a surpreendente facilidade de guardar um segredo. Por meses, nada mudou além do tamanho do sutiã e do funcionamento de seu corpo. Foi só aos cinco meses que ela começou a deixar o botão do jeans aberto sob a blusa. Se ele percebeu, não fez nenhum comentário sobre isso ou sobre as cervejas que ela deixara de beber.

Eles também falavam surpreendentemente pouco de Suzette. Cara tinha hesitado em mencioná-la por causa da maneira embaraçosa como isso os havia reconectado. E nunca quis que ele perguntasse, "Por que ela mentiria?" A própria Cara mesma não queria contemplar a questão. Em vez disso, quando o tópico surgia, ela tentava ser franca de uma maneira que refletisse a honestida dele e não abrisse espaço para especulação. "Acho que ela está lutando com a própria depressão, mas está muito melhor. Está muito mais forte, mais lúcida hoje em dia. Ela sabia o que estava acontecendo e foi procurar ajuda imediatamente."

Ele concordava o tempo todo. "Que bom", dizia e olhava em outra direção, aparentemente desconfortável com uma história sobre problemas tão parecidos com os seus.

Kevin trabalhava, quatro dias por semana, em uma loja de discos na área comercial. Uma vez, na véspera do retorno planejado de Suzette, Cara apareceu lá de surpresa. Assim que ele a viu, ela percebeu que não tinha sido uma boa idéia. Kevin estava sentando em um banco de madeira atrás da caixa registradora, usando óculos com armação de metal que ela nunca tinha visto. Quando olhou para ela, tirou os óculos. "O que você está fazendo aqui?", ele disse, sem sorrir.

"Pensei em dar uma passada. Talvez comprar alguma coisa para Suzette. Ela vai voltar semana que vem." Ela estava olhando uma prateleira como se sua intenção realmente fosse essa. As costas de Cara tinham começado a doer e ela havia começado a sentir alguma coisa se movimentando, tremulando, como um peixe nadando livremente dentro dela. "Eu posso, não posso? Vir até sua loja?"

Era para ser uma piada, uma forma de mostrar como a expressão no rosto dele tinha sido hostil. "É só" — ele olhou em volta apesar de estarem sozinhos — "algo que uma namorada faria".

Ela o encarou e no minuto seguinte saiu da loja, com o estômago revirado.

Por semanas, ela ficou esperando uma ligação, planejando explicações que daria a Suzette, que nunca, nos quatro meses desde sua partida, mencionou o nome de Kevin. Quando o momento chegasse, ela havia decidido ser honesta: *Ele me disse que nunca encontrou você. Elas teriam essa conversa e virariam a página.*

Mas ele não ligou, nunca mais ligou, e se Cara ligasse seria necessário dar uma explicação, pelo menos, agora que o bebê estava se tornando perceptível, visível toda vez que ela deitava na cama e percebia pequenas saliências passearem pela sua barriga. Ela e Suzette estabeleceram um equilíbrio cuidadoso uma com a outra. Suzette havia falado sobre ter limites desde o começo, e Cara entendeu pelo seu tom que isso significava mais que regras de limpeza. "Precisamos decidir o que esperar. Não podemos fazer planos e não comunicar uma à outra."

Cara percebeu os erros que havia cometido no passado, deixando Suzette sozinha muitas vezes. Com o nascimento se aproximando, sua barriga aumentando, ela sentiu uma certeza desesperadora. "Eu ficarei em casa, prometo. Não vou mais fazer aquelas coisas."

Suzette meneou a cabeça. "Precisamos dividir as tarefas do apartamento."

"Eu sei, nós vamos."

"Não posso ser a única que compra leite e café."

"É claro. Você tem razão."

"E nos finais de semana, talvez eu vá para casa. Não posso prometer estar sempre aqui."
"Ok. Tudo bem."

Entre conversas como essa, também havia os bons momentos — os cursos do prénatal, as compras para o bebê. Cara se manteve ocupada com os preparativos e se deu tempo para pensar no que havia acontecido com Kevin ou por que a amizade deles tinha se dissolvido tão rapidamente diante de um simples e inexplicável mau passo da parte dela. Ela deduziu que era a culpada, que visitá-lo no trabalho tinha rompido alguma regra da amizade cuidadosa que haviam construído. Apesar das saudades, na verdade, havia um certo alívio de que não vê-lo, em parte por decisão dele, eliminava uma pessoa para quem se explicar. Tinha sido suficientemente difícil com seus pais, que receberam o anúncio com um silêncio absoluto até que sua mãe teve uma atípica crise de choro. As lágrimas vieram durante o que ela imaginava ser a parte mais difícil da conversa: a questão da paternidade. Durante as consultas prénatal, um ultra-som havia determinado que o feto era menor, menos desenvolvido que deveria ser, diante das datas que ela havia informado. Cara ouviu isso, incapaz de tirar os olhos da figura em preto e branco congelada na tela do monitor — parecia um marciano, pintado de cinza, com um fio de pérolas interrompido que começava no pescoço. "Essa é a coluna", o técnico havia dito, um tanto entediado, como se fosse óbvio, e Cara sentiu uma espécie de orgulho incerto do milagre de seu feito, uma sensação que não experimentava em anos. Ela tinha conseguido! Algo com que sua mãe tinha lutado tanto e conseguido apenas uma vez. "Ele é normal", o médico disse, "só é menor que o esperado, o que significa que você pode estar errada em relação às datas".

Foi só depois que Cara pensou sobre isso tempo suficiente para considerar a possibilidade de que, quando dormiu com Kevin alegando estar protegida sem estar, talvez não estivesse grávida. "Não sei quem é o pai", ela disse aos pais. Assim era mais fácil, tinha decidido, que qualquer outra explicação que pudesse dar: *Ele é casado, era um amigo, mas não é mais. Ela tentou deixar claro, apesar das lágrimas* deles, que não importava.

Explicar isso para Kevin, incluindo a pequena possibilidade de que ele estivesse envolvido, seria um julgamento que ela ficava feliz em evitar, especialmente por estar feliz com tudo. Conforme a gravidez avançava, sua felicidade aumentava a ponto de Cara sentir culpa. Os pais dela cederam, concordaram em ajudá-la financeiramente. Suzette estava de volta e bem melhor. O mundo estava se organizando para permitir que ela pudesse realmente receber essa maravilha. Logo, ela teria um bebê.

Na última noite do curso pré-natal, Cara e Suzette saíram para jantar e comemorar o fim dos encontros com pessoas com quem não tinham nada em comum além do dia previsto para o parto. Elas sentaram, tontas de empolgação, brindando com copos de água, e Cara leventou os olhos e viu, do outro lado do restaurante, Kevin parado na entrada, com a mãe.

Ele foi lentamente em direção a ela, com a expressão mudando conforme absorvia as mudanças em Cara. Ela não avisou Suzette quem estava se aproximando lentamente por trás. Em vez disso, deixou o silêncio tomar conta, e quando ele chegou à mesa, ela entendeu — diante do suspiro de surpresa de Suzette, e na maneira estranha como Kevin recuou um passo e desviou o olhar — que naqueles meses todos Suzette não tinha mentido, Kevin tinha.

Depois daquilo, veio uma terrível noite de confissão.

"Só dormi com ele uma vez", Cara disse. "Depois que você se mudou e ele disse que nunca tinha encontrado você. Eu não sabia o que pensar. Você tinha ido embora e eu precisava de um amigo." Ela hesitou, querendo que Suzette entendesse — não tinha sido Oliver que lhe partira o coração. "Eu sentia que você era a minha família, e você se foi."

"Isso é ridículo", Suzette disparou. "Você tem uma família."

"É diferente. Você é a família que eu escolhi. E Kevin e eu éramos só amigos. Desde o começo, nós decidimos ser só amigos. Foi insistência dele. Foi ele que não quis que mais nada acontecesse."

Suzette se levantou na sala, balançando a cabeça, olhando em volta lentamente como se estivesse tentando memorizar o conteúdo daquela sala antes de sair dela. "Não posso fazer isso, Cara", ela disse. "Não quero fazer isso."

Cara inclinou-se sobre sua enorme barriga. Às vezes, na presença de Suzette, ela tentava chamar menos atenção para sua gravidez, sentar mais ereta, tirar as mãos da barriga. Agora, falantando apenas três semanas, era impossível. "Fazer o quê?" Ela estava se tornando defensiva, estava se autoprotegendo.

Ela tinha um bebê com que preocupar, algo mais importante que esses dramas.

"Não posso continuar fazendo isso. Vivendo sua vida."

"É isso que está acontecendo?"

"Meu Deus, você não percebe? Esse bebê vai chegar e eu não vou ser mãe dele. Vou ser o que sempre fui: sua amiga. Isso é ridículo. É idiota. Ninguém deveria fazer isso."

Cara recostou na cadeira. Elas já tinham conversado sobre isso, é claro. Não o suficiente talvez, mas tinham dito que seriam um novo tipo de família. "Um dia, vão fazer um seriado sobre a situação que nós vivemos", Cara tinha dito, esforçando-se um pouco, como sempre fazia, para ver as coisas com otimismo.

Suzette olhou para ela longa e duramente, os olhos tremendo com o peso das palavras que não estava proferindo. "Não vou participar do parto com você. É demais para mim. Não consigo fazer isso."

"Tudo bem", Cara disse, pensando nas palavras de Kevin: *Muito drama não é bom para mim. Para mim, você significa drama.*

"Isso não é uma amizade verdadeira, Cara. Você não vê isso?"

No dia seguinte, Cara chegou em casa e encontrou caixas de papelão empilhadas no corredor. Ao vê-las, sentiu-se um pouco aliviada. Estava grávida de nove meses, às vésperas de ser mãe e se tornar uma nova pessoa com um passado do qual pudesse se separar. Não havia tempo para se perguntar por que ela tinha esse efeito nas pessoas, por que a amizade dela era mais do que Suzette e Kevin podiam suportar. Não podia analisar isso, só decidir: *Nunca mais*. Ela nunca mais se arriscaria a cometer esse erro, acreditar que o amor verdadeiro durasse mais, fosse mais seguro e aprofundasse uma amizade.

Suzette já tinha se mudado uma vez e partido seu coração. Kevin a havia abandonado pelo crime de uma visita ao seu trabalho. Nunca mais ela iria em busca

de pessoas que se recolheriam diante de uma mão estendida. E nunca mais o fez.

Depois que Suzette se mudou, houve uma tentativa de reaproximação.

A mãe de Cara ajudou no parto, mas Suzette foi ao hospital com um buquê de bexigas metálicas cheias de culpa. "Ele é lindo", ela disse, passando as bexigas pela porta. "Não acredito, como é lindo."

Para os exauridos olhos pós-parto de Cara, Suzette parecia animada demais, muito obviamente aliviada de ter sido poupada de auxiliar a chegada de Adam ao mundo. Ela abraçou Cara, que ficou dura na cama e sussurrou: "Obrigada."

"Ok", Cara respondeu, fraca demais para discutir o assunto.

"Quero fazer uma visita quando você levá-lo para casa."

Dois dias depois, Adam foi para casa, um bebê barulhento e chorão, coberto de eczema, infecções crônicas de ouvido e um trato digestivo que só produzia vômito e diarréia verde e viscosa. Em menos de um mês ficou claro que ela precisava de ajuda, então Cara voltou a morar com os pais. Em menos de seis meses, sentia que tinha envelhecido uma década — e tinha se tornado uma mulher de 21 anos de meiaidade, exausta, que arrastava um carrinho por quilômetros para cuidar de um bebê que precisava de movimento constante para dormir e acalmar os nervos. Suzette foi visitá-la algumas vezes, e, invariavelmente, a visita acabava com um ataque de Adam, um choro que tirava Suzette da cadeira e da casa, fazendo-a sair com um nervosismo que mais parecia uma fuga. Cara se lembra de todas essas visitas como difíceis e péssimas, cheias de conversas desconfortáveis sobre amenidades, tudo que era real entre elas tornara-se impronunciável.

Sozinha com a mãe, Cara manteve uma atitude estóica de ânimo sobre o bebê e seus escândalos. Toda noite elas se faziam as mesmas perguntas enquanto Adam chorava — Ele está cansado? Está com fome? —, mas a resposta era nenhuma das duas. Ele era um menino sem paz em seu próprio corpo. Se outros bebês se acalmavam depois de serem levados ao colo, ele se contorcia nas mãos que o seguravam, se afastava do peito de Cara, endurecia em seus braços. Durante o difícil isolamento da primeira infância de Adam, ela tinha certeza de que era o problema e queria entender o que não tinha tido a coragem de perguntar a Suzette antes: O que estou fazendo de errado? Por que o meu amor é algo tão terrível?

Uma vez — na última visita de Suzette, a última vez que viu sua única amiga —, em uma trégua silenciosa durante uma soneca de Adam, Cara sussurrou a verdade que precisava contar a alguém: "Tem alguma coisa errada comigo, Suze. Meu filho não me quer. Eu não devia ser mãe". Era assustador falar assim, nessa torrente afobada e sincera, mas ela precisava, tinha de colocar tudo para fora, drenar a verdade e apresentá-la a alguém. "Ele tenta se afastar. Mesmo quando eu o seguro, ele não olha para mim. Às vezes, ele está bem e só começa a chorar quando eu o pego no colo. Semana passada, levei Adam ao médico e a única pessoa que conseguiu acalmá-lo foi a recepcionista." Suzette a encarou. "Preciso saber", Cara disse, frenética em seu cansaço: "Me diga, o que há de errado comigo? O que eu faço de tão terrível?"

Suzette não disse, nunca respondeu a pergunta.

"Uau", Lincoln exclama quando Cara conta o que Adam disse. Para que a história tenha qualquer impacto, ela precisa explicar o que é ecolalia e como funciona: "Existe a ecolalia imediata, em que ele repete a última coisa que você diz. Geralmente é uma forma de processar ou afirmar o que foi dito. Eu pergunto: 'Adam, quer um biscoito?', e ele diz, 'Biscoito?', que significa sim. Mas também existe a tardia, que vem depois, uma espécie de *playback*. Às vezes, são falas de filmes ou coisas que os professores disseram. Ele costuma repetir bastante advertências, ou regras. Acho que é a maneira dele de lembrá-las." Claro que talvez Lincoln já saiba disso.

"E você acha que ele ouviu isso no bosque?"

"Sim, tenho certeza."

"Não é de nenhum filme, é? David, meu sobrinho, repete filmes."

"Ultimamente, a única coisa a que ele assiste são óperas. Se estivesse repetindo uma ópera, teria cantado. A questão é: definitivamente existe um sotaque." Ela hesita um segundo para lembrar exatamente como ele falou. Cuidado.

"Ele consegue fazer quando alguém pede? Podemos fazer uma gravação disso?"

"Não, é muito imprevisível."

"Mas você diria que tem um sotaque?"

"Sim, com certeza."

Cara também contou sobre o pé de coelho e a única coisa que aquilo podia significar: *Sim, Adam estava olhando, sim, ele viu o que aconteceu e estava contando, a sua maneira, que arma tinha sido usada.*

"Vamos pegar o pé de coelho. Se pertencia a Amelia, talvez possamos descobrir onde ela o comprou."

"Alguma loja de brinquedos vende essas coisas?", Cara pergunta. Parece tão macabro — um acessório feito de pele de um animal morto.
"Vamos ver", Lincoln responde. "Nada vai ficar de fora."

Cara deixa de contar a outra parte da história, o que aconteceu depois que pegou o pé de coelho e mostrou ao filho Ela esperava que ele tivesse um ataque, um surto, mas, em vez disso, parece que saiu do transe em que estava. Adam olhou para o pé de coelho, de volta para o livro que estavam lendo, e sorriu ao descobrir o que era. Pegou a colher e começou a comer sozinho. No minuto seguinte, apontou para o livro como se não conseguisse entender por que ela não estava lendo.

Na manhã seguinte, na cozinha, foi a mesma coisa. Ele não falou, mas de alguma maneira estava de volta ao lado dela como não estivera por dias. Ele tem fome, abre a geladeira e se inclina para procurar o que comer.

No final, alcançou o suco de laranja, tirou-o da geladeira e pegou um copo. "Adam?", ela disse, assistindo à cena.

Ele olha para ela e sorri.

"Bom dia", ela diz.

"Bom dia", ele diz.

Meia hora depois vem outro choque. Parada na cozinha, Cara se vira e descobre que ele está logo atrás dela, totalmente vestido e com a mochila. Quando ela

recupera o fôlego do susto, vem mais um, rápido.

"Escola", ele diz. Sua primeira palavra não repetida em quatro dias.

Morgan não consegue controlar aonde seus pensamentos o estão levando. Por exemplo, ultimamente ele tem pensado o seguinte: talvez se ficar bem amigo de Cara, ela pense em convidá-lo para dormir lá, algo que ele nunca fez antes porque não tem amigos. Talvez se ela fizer isso, ele possa levar roupas suficientes para duas noites, e se tudo der certo, fique por lá. Ele vai dizer que pode ficar com Adam se ela quiser sair para fazer alguma coisa, o que é verdade, ela já comentou que Adam gosta dele. É difícil saber quando a pessoa não fala, mas ele acredita.

Claro, também pode ser um desastre.

Seria algo em que pensar — ele teria de levar seu próprio macarrão com queijo, a não ser que diga a ela quais marcas comprar. Que salsichas ele pode comer. Muita gente acha que as salsichas são todas iguais por não perceber que não são. As cores são diferentes, e algumas têm coisas que só podem ser pele. Mas se ele fizesse uma lista — do que precisa, do que lembrar — pode dar certo.

Ele pode passar uma noite por semana, e depois quatro. Algo assim.

Então, ele não precisaria estar lá quando sua mãe descobrir o que fez. Não vai precisar enfrentar o que imagina que ela vai dizer. Ela vai chamá-lo de "meu filho". "Meu *filho* fez isso." Ele pensou sobre isso umas cem vezes. Talvez ela comece dizendo: "Meu filho fez isso?"

É só uma questão de tempo antes que ela descubra. Disso ele sabe.

Quando olha para trás, Morgan consegue ver que vem cometendo alguns erros no decorrer de sua vida. No jardim de infância, ele, uma vez, chorou quando as maçãs de papel caíram da árvore de maçãs de papel com nomes — chorou tanto e tão alto que sua mãe foi chamada na sala da enfermeira para dizer: "Pelo amor de Deus, Morgan, pare de chorar agora", o que ele de fato fez, porque ficou surpreso, tão grato e aliviado em vê-la. *Minha mãe!* ele pensou, entendendo que com ela ali,

estava acabado o pesadelo da árvore de maçãs de papel.

Depois disso, houve mais erros, episódios que ele não consegue explicar. Na primeira série, Tianna Bradley bateu nele no *playground,* e em vez de revidar, ele bateu em si mesmo, repetidas vezes, até que um pequeno grupo de crianças se reuniu em torno dele para rir. "Por que você fez isso?", sua mãe perguntou quando ele contou o ocorrido, mais tarde, aos prantos. Ele próprio não conseguia explicar, nem por que essas coisas aconteciam.

Na segunda série, Morgan decidiu parar de chorar tanto. "Parece bom", foi a resposta de sua mãe. "Se você me vir chorando, me belisque bem forte", ele pediu, baseado em um programa da *NOVA7* visto na noite anterior sobre ratos serem treinados com choques elétricos. Sua mãe pensou, e então balançou a cabeça e deu de ombros. "Se é o que você quer." Ele olhou para ela, ansioso. E se ele estivesse chorando por um motivo concreto, como uma jaqueta perdida, por exemplo? Ela realmente o beliscaria?

Há duas semanas ele carrega um peso horrível, imaginando o rosto de sua mãe, imaginando sua decepção. É óbvio que ele não quis começar o incêndio. Nem quis estragar os próprios sapatos para que sua mãe tivesse de comprar um novo par. Se estivessem derretidos, pensou, ela veria que era impossível usá-los. E não diria coisas como: "Eles custam cem dólares, Morgan. São ortopédicos, é claro que são feios. Sinto muito, mas você tem pé chato. Você herdou isso de seu pai, não ponha a culpa em mim".

Eles pareciam de plástico.

Na sala de estudos, uma garota com cabelo loiro chamada Wendy perguntou se eles eram de plástico.

"Não." Como não conseguiu pensar em mais nada, ele acrescentou: "São ortopédicos".

"Meu Deus", ela exclamou e foi embora.

Esse era o problema: eles não pegavam fogo. Nem derretiam. Ele ficou lá sentado uma hora acendendo um fósforo depois do outro e nada. O erro — e ele sabe disso agora, sem dúvida — foi imaginar se havia algo de errado com os fósforos. Eles não *estão queimando de verdade, pensou. Não são fósforos de verdade. Foi quando ele*

os testou, como uma experiência, em um arbusto. Isso significa que foi um acidente? Morgan não tinha certeza. Alguém acreditaria que ele tentou parar o fogo, até fez xixi no arbusto, como tinha visto seu pai fazer uma vez em um acampamento? "O extintor da natureza", seu pai disse, sem parar de fazer xixi, como só ele conseguia fazer, com um feliz sorriso no rosto.

Claro, com Morgan não funcionou porque nada funcionava com ele como deveria.
Como ele podia explicar isso para as pessoas? Que era bom em muitas coisas, ou tinha sido — geografia, ortografia, projetos para feiras de ciências —, mas tinha uma bexiga pequena?

"Eu aprendi a lição", ele escreveu na confissão. "Em algumas situações da vida só uma coisa importa. Ou você preenche os requisitos ou não."

Adam quer voltar para a escola, encontrar a garota, alertá-la para não ir ao bosque de novo porque agora ele se lembra o que tem no bosque: folhas no chão e um homem de camisa amarela esperando. Ele precisa falar com ela, com ninguém mais, porque as regras estão claras. "Não conte a ninguém", ela havia dito. "Não importa o que aconteça, não conte."

Ele fica surpreso a princípio. Sua mãe concorda.

"Se você tem certeza", ela diz. Ela junta as mãos, vira e diz para a geladeira, "Ele disse que quer voltar para a escola".

No entanto, no ônibus, ele começa a se preocupar. As coisas parecem diferentes. Glenn, o motorista que geralmente o chama de Chefe, que deveria dizer: "E aí, Chefe?", estica a mão e diz: "Que bom te ver de novo, Chefe". Adam desvia da mão que não quer tocar e senta atrás de Glenn, que parece estar igual, mas tem algo de diferente porque não há barulho suficiente, o som monótono do motor está lá, mas não as vozes nem as crianças gritando.

Quando ele desce, Phil está lá, colocando a mão em seu ombro, o que não deveria fazer. "Que bom que você voltou, amigão", Phil diz, mas ele não responde

porque há uma multidão de sapatos em volta deles. Ele precisa se concentrar neles se quiser encontrar as sandálias marrons da menina. Na maioria dos dias, ela usa meias amarelas, mas, às vezes, usa outras cores também. Rosa. Ou laranja. Se ele as vir, vai se aproximar e dizer a ela o que precisa dizer: Não fique andando.
Existem regras na escola que o levam de um lugar ao outro em segurança sem que ele olhe para cima. Ele acompanha paredes, sabe o tipo de piso e o som dos canos onde está o bebedouro para poder desviar, pode tocar cada letra da alavanca prateada: a-p-e-r-t-e.

Ele não pode procurar a garota agora, com tantas pessoas e vozes em volta.

Ele ouve o próprio nome, sente as pessoas tocando seu ombro, sua mochila, mas não olha. Precisa da sala de aula, dos horários do dia fixados na parede, matemática, artes da linguagem, estudos sociais. Ele precisa que tudo se mova como sempre fez, até onze e quinze, quando os ponteiros do relógio fizerem o *L* torto que precisam fazer para que todos se levantem e formem as filas que indicam que finalmente chegou o recreio.

A manhã toda Cara vai de um lado para o outro da casa, nervosa demais para sentar. Para se ocupar, tenta ligar para Carol, a terapeuta ocupacional da escola, para perguntar se ela chegou a trabalhar com Amelia. Na verdade está curiosa para decobrir se a menina era desastrada, se talvez tivesse caído durante a caminhada e agarrado o suéter de Adam na queda. Carol disse que conheceu Amelia e fez alguns testes preliminares com ela na primeira semana de aula, mas não havia descoberto muito. "A menina era um enigma. Ela não conseguia fazer muita coisa, o que me deixou preocupada que ela tivesse começado os testes em um nível muito alto, o que pode frustrar as crianças, fazê-las se fechar e distorcer os resultados. Mas ela não parecia abalada com nada. No final, Amelia me perguntou se eu tinha algum bicho de estimação e falou um pouco sobre animais."

Duas horas antes, Cara havia colocado Adam no ônibus porque queria recompensá-lo por uma manhã quase perfeita. Falou com Bill, o policial estacionado na frente da casa, que entrou em contato com a delegacia pelo rádio, que deu ok e disse que reforçaria a segurança. Agora ela estava preocupada com tudo que podia acontecer: outras crianças apontando para Adam, murmurando em volta dele, mais

policiais, o que para Adam seriam estranhos assustadores, opressores. Por que ela não tinha previsto isso? Adam iria para a escola esperando aquilo que mais adora — que tudo estivesse igual — e não ia ser assim. Haveria regras, mais pessoas, diferenças que ele vai sentir, mas não entender. Ela precisa ir até lá, sentar-se da maneira mais invisível possível no fundo da sala e observar sinais da compostura que ele manteve a manhã toda se desfazer, enquanto a ansiedade toma conta, seguida do medo e de um ataque.

A caminho da porta da frente, o telefone toca. Ela deixa a secretária eletrônica atender e ouve a voz de Matt Lincoln: "Certo, Cara, parece que finalmente temos alguma coisa. Falei do pé de coelho, e todo mundo acha que pode nos ajudar. Precisamos que Adam venha aqui de novo depois da aula. Chamamos outra psicóloga, a dra. Katzenbaum, que diz que o conhece. Vamos tentar fazer Adam identificar o homem."

"Você não precisa terminar agora, parceiro", Phil diz, apontando para uma folha de exercícios de matemática. "Temos algumas coisas para recuperar, mas não muito."

Adam pensa, Se eu não preciso, não vou. Vou preferir "Não, obrigado".

Ele poderia dizer, *Não, obrigado,* alto com a própria voz, mas parece que nem isso é necessário. A folha desaparece. "Quer ir para a biblioteca? Dar uma olhada nos livros de música, talvez?"

O relógio fez um V, onze e sete — se forem até a biblioteca, ele não vai estar lá na hora das filas. Vai perder o recreio, o que, às vezes, acontece. Desaparece sem ele.

Ele não responde. Não se mexe.

Phil se levanta. "E aí, cara? Biblioteca?"

Não, ele balança a cabeça. E aponta para o relógio.

"Eu sei que horas são. Não vamos para o recreio hoje. Vamos fazer outra coisa. Vamos para a biblioteca ou para a sala de recreação. Você decide."

Não. Ele precisa ir para o recreio. Precisa encontrá-la.

Phil senta e fala em seu ouvido. "Olhe, não foi escolha minha. Estão me dizendo que você não pode sair para o recreio, tá? Foi a sra. Tesler, a diretora, que disse. Você não quer que eu me meta em encrencas com ela, quer?"

Adam se ouve dizer a primeira palavra do dia: "Recreio".

"Muito bem. Que bom ouvir você falar de novo."

Ele repete. "Recreio."

"Hoje não. Talvez amanhã ou depois."

Adam sente um barulho se formando dentro de si, um zumbido que cresce e se tranforma em sons furiosos e vidro quebrado. Ele precisa encontrar a menina. Contar para ela sobre o pé de coelho. "Você fica com isso", ela disse. "Não mostre para ninguém. Não diga para ninguém que está com você." Ela esticou a mão e, por muito tempo, ele não pegou o pé de coelho porque não sabia o que era. Adam pensou que talvez fosse um rato morto como o que sua mãe havia encontrado uma vez no porão e trazido em uma pá para mostrar a ele. "Olhe, Adam", ela disse, ele olhou e ficou um longo tempo sem saber o que era porque os pés estavam no lugar errado e não tinha orelhas. Então sua mãe apontou para as partes: "Aqui está a barriga. Está vendo os dentinhos", e ele ficou tonto porque o bicho estava de ponta cabeça. O rato devia ter ficado enjoado de ser carregado daquele jeito, e então sua mãe disse: "Não ponha a mão. Ele está morto", e Adam entendeu que *morto* significava "Dormindo de ponta cabeça". *Morto* também significava "para sempre" e "não encoste", e foi por isso que ele não colocou a mão no pé de coelho por um longo tempo.

"Aqui", disse a menina. "Você precisa ficar com ele. Pegue, esconda e não mostre a ninguém. Se mostrar para alguém, vão saber que fui eu que dei para você."

Agora a mãe dele encontrou e sabe.

Ele precisa sair para o recreio, precisa encontrar a menina e dizer a ela, *Minha mãe sabe.*

"Vá com calma, Adam. Sem gritar, tá?"

Ele sente a mão de Phil apertando seu ombro e se encolhe, com joelhos encostados

nas orelhas. Adam sabe que o som que está enchendo a sala vem dele mesmo porque quando seu rosto fica entre seus joelhos, o barulho volta para dentro dele, pelas pernas, pelo estômago e de volta para seus ouvidos.

"Vamos chamar alguém, certo, parceiro. Fique calmo."

Ele ouve caderias sendo arrastadas a sua volta.

"Você consegue levantar? Se não conseguir, tudo bem. Alguém está vindo."

Ele quer quebrar alguma coisa. Quebrar um copo vai romper esse ciclo de sons indo e voltando. Ele não consegue respirar, mas deve estar respirando porque o barulho ainda está lá. Não consegue sentir os braços nem as pernas, não sabe onde estão nem se ainda os tem. Seus olhos estão fechados, mas ele vê coisas mesmo assim, vermelho e rosa. O vermelho está se mexendo, como um círculo ou como água, tornando-se maior, e ele sabe que se não parar logo, não vai sobrar nenhum rosa.

"A mãe dele está aqui. Ela está a caminho."

"Você ouviu, amigão? Sua mãe está aqui. Ela vai levar você para casa, tá? Vamos tentar de novo amanhã. Tudo bem?"

Ele ouve a voz dela, sua mãe está ali.

"Querido, vamos para casa. Vou levar você para casa", sua mãe diz.

Quando ela o pega no colo, ele sente as calças molhadas, o que ela demora um tempo para perceber. "Oh, meu amor", ela diz. "A culpa é minha. Eu não devia ter deixado você vir. Mas você estava tão determinado, não estava?"
Adam quer que ela explique a todos o que ele precisa dizer, mas não consegue.

Ele precisa encontrar a menina e pará-la. Sua mãe sabe, ela deve saber, porque encontrou o pé de coelho.

Em vez disso, ela se levanta e o carrega para fora da sala, na direção errada do corredor. Ele tenta, com o próprio corpo, fazê-la parar, virar e levá-lo na direção certa, pela porta, para o playground. Ele grita de novo, mais alto dessa vez. No túnel aberto do corredor, o som viaja sem paredes para contê-lo. Ele bate a cabeça no

ombro dela. Grtia, bate, grita, bate, até que o barulho e a sensação se tornam a mesma coisa e ele sinta sua mãe correr. Pessoas estão correndo em volta dela, alguém grita, "Devo ligar para a emergência?"

Alguém diz: "Não, não, não".

Ele percebe que é ele mesmo que está dizendo *Não,* gritando no espaço vazio acima do ombro dela que se sacode enquanto o mundo se dissolve, rostos oscilam e desaparecem, até que ele esteja fora do prédio, dentro do carro e então, quando respira, Adam ouve: a música está tocando de novo. Sua ópera.

Hansel e Gretel. Ele pára de gritar porque conhece essa, lembra de tudo a partir de algumas notas de música. Precisa ouvir com cuidado cada parte, ouvir toda a história de novo, porque tudo de que se lembra é um menino e uma menina que vão para o bosque e nunca mais voltam.

"Certo, então vou contar para vocês o que aconteceu", Chris diz ao grupo. "Mas depois vou pedir que todo mundo esqueça esse assunto. Estou um pouco cansado de todo mundo ficar falando nisso o tempo todo. Não entendo por que não podemos deixar para lá."

Chris tem um novo hábito, Morgan percebeu: inclinar-se na cadeira e apoiar-se nas mãos.
"Você estava na lata de lixo, Chris", Sean diz.

"Certo, certo. Eu já sei disso. Eu estava na lata de lixo. Grande coisa."

"Você entrou lá por conta própria."

"Eu estava procurando latas. Na aula de ciências, nós recebemos dez pontos extras pela reciclagem. É isso. Fim de papo. Eu não estava lá comendo meu lanche, como todo mundo gosta de dizer. Vamos deixar isso claro."

"Mas, Chris", diz Marianne, "você entende agora que sua professora de ciências nunca falou para você vasculhar o lixo?"

"Sim, sim."

"Que mexer no lixo não é uma coisa saudável nem segura?"

"É claro que não vou mais fazer isso, não é? Depois que a escola toda se divertiu as minhas custas. Posso parecer retardado, mas não sou."

"Acho que você está exagerando, Chris. A escola toda não estava rindo de você."

Infelizmente ele não estava exagerando. A escola toda falou sobre isso o dia todo, a maioria dos alunos estava rindo. Mas Morgan não quer pensar nisso. Não quer pensar em nada além de seu plano para depois da aula de ir até a escola primária e encontrar tudo o que puder sobre Amelia. Nem mesmo Marianne perguntar se eles podem conversar depois da reunião de grupo hoje o distrai de sua missão.

Quando Chris termina, Marianne pergunta como todos estão se sentindo em relação à Amelia e à investigação. Esse é o primeiro encontro desde o assassinato, e ela olha para a sala. Por um longo tempo, ninguém fala. "É como se fosse a única coisa de que as pessoas querem falar", Sean finalmente diz.

"Bom, isso é natural, Sean."

"O que você quer que a gente diga?"
"Quando algo ruim como isso acontece, às vezes as pessoas dizem: 'Sinto muito'."

"Eu não fiz nada."

"Certo, a gente sabe. Mas mesmo que você não tenha feito, pode ficar triste que tenha acontecido. Sentir muito pode significar 'eu queria que não tivesse acontecido'."

Sean dá de ombros. "Eu não conhecia a menina."

"Não mesmo, é verdade. Muita gente não conhecia. A idéia de que tenha acontecido tão perto da escola assusta as pessoas?"

Chris esbraveja em sua cadeira. "Não me dá medo, mas é porque exsitem muitas outras coisas atormentando a minha cabeça neste momento."

"Como o quê, Chris?"

"Coisas. Daqui a quatro semanas vai ser o Feriado de Ação de Graças, e três semanas depois disso, o Natal, o que significa que vou ter férias, e então vou ter de voltar para este chiqueiro e ter vontade de me matar de novo. As provas estaduais vão acontecer em dezembro, e eu provavelmente não vou passar, é geometria, em que certamente não vou passar. Tem a educação física, em que cada um tem 30 centímetros de espaço para se trocar, e se encostar em alguém, ele grita e chama você de bicha."

"Chris."

"O quê?"

"Estamos falando de Amelia Best. Vamos lembrar a importância de não mudar de assunto."

Ultimamente, Morgan vinha se perguntando se Chris estava piorando. Ele faz uma coisa com a boca e as bochechas, uma espécie de rangido que deveria ser para colocar seus óculos no lugar, mas nunca funciona. Os óculos ficam equilibrados na ponta do nariz, e seu rosto parece o de uma pesoa que faz tratamento com eletrochoques.

Quando acaba o encontro, Morgan fica sentado no mesmo lugar. Quando todos saem, Marianne pega sua bolsa e senta ao lado de Morgan. "Na verdade era sobre Chris que eu queria falar", ela diz. "A mãe dele e eu estamos um pouco preocupadas."

Morgan assente com a cabeça e tenta imaginar Chris com uma mãe, mas não consegue.

Ele sempre tem dificuldade de imaginar a vida dos outros.

"Ele fica sozinho um bom tempo depois da escola, e a mãe dele se preocupa que isso seja um problema. Eu queria saber se você poderia levá-lo em uma de suas visitas a Adam. Quando falei com a mãe de Adam da primeira vez, ela gostou da idéia de receber mais crianças. Ela até pediu, na verdade."

Morgan não quer fazer isso, mas não sabe como dizer não. Se ele quer ser convidado para dormir lá, vai precisar surpreender Cara com tudo que puder — conseguir informações sobre Amelia, levar amigos. Ele imagina o rosto de Cara, o sorriso dela quando abrir a porta. "Claro", ele diz. "Sem problemas."

Na aula de educação física daquele dia Chris não coloca o uniforme de vôlei e diz ao professor que está com dor no tornozelo, que talvez o tenho torcido, e vai mancando da fila para a arquibancada, onde senta, dobra o corpo e enfia os dedos nos sapatos. Depois que os times são formados, Morgan se oferece para sair primeiro e vai se sentar ao lado de Chris na arquibancada. Por experiência própria, ele sabe que é possível que seja esquecido por vinte minutos ou mais, mais se seu time tiver jogadores que gostem de ganhar.

"Então, Chris, o que aconteceu com seu tornozelo?"

Chris senta e dá de ombros. "Nada. Estou fingindo. Eu precisava."

Em algumas questões, Chris é mais corajoso que Morgan, que se veste todo dia para receber boladas por uma hora, sem acreditar que tenha nenhuma outra opção. "Você está bem?", Morgan pergunta sutilmente, porque parece que não. Seus lábios se apertam, e ele olha em volta da quadra.

"Não, estou péssimo. A vida de algumas pessoas é boa, a minha não é. Estou pensando em nunca mais voltar para a escola enquanto eu viver."

"Nossa", Morgan balança a cabeça. "É mesmo?"

Diante deles, uma garota dá o primeiro saque da partida e arremasa a bola contra a rede.

"É o seguinte", Chris começa. "Eu tinha de mexer no lixo. Eu estava procurando uma coisa. Todo mundo quer falar sobre o assassinato, mas ninguém quer fazer nada a respeito."

"O que você quer dizer?", Morgan sussurra, bem baixo, para que Chris siga o exemplo: Gente como nós fala baixo em lugares como ginásios. Não falamos alto, *não deixamos os outros ouvirem.*

"Deixa para lá."

"Você sabe de alguma coisa, Chris"

"Ok, certo. Está satisfeito? Eu sei de uma coisa, mas não posso contar para você porque se contar, vão me matar. E se você souber, vão matar você também."

Morgan sabe que isso provavelmente não é verdade. No grupo, Chris gosta de falar assim, sobre todos que querem matá-lo e quem deveria estar encrencado, mas não está. Morgan vê seu time rodar sem ele. Um garoto olha para cima e o vê; Morgan se levanta, até que o menino levanta a mão como quem diz, Não, tudo bem. *Fique aí. Ele olha para Chris e imagina se deve convidá-lo para ir à casa de Adam.* Se Chris for com ele, talvez Morgan descubra o que Chris acha que sabe sobre o assassinato. "Então, Chris, Marianne disse que você gostaria de fazer alguma coisa despois da escola um dia desses."

"Como assim?"

"Comecei meu trabalho voluntário, eu vou para a casa do Adam visitá-lo. Ela achou que você gostaria de experimentar um dia desses."

"Você está brincando? Você quer que eu vá para a casa daquele menino?"

Morgan não sabe bem o que dizer. "Sim."

"Você sabe quem ele é?"

Morgan quer explicar direito, convencer Chris a ir com ele hoje, depois que for até a escola primária. "Sim, Adam viu o assassinato, mas é isso que torna tudo interessante. A polícia está envolvida e tem pistas, e a mãe dele vai para a cena do crime, mesmo sendo contra a lei." Morgan pára porque parece que Chris está tendo uma crise de asma. "Você está bem?"

Chris olha em volta e se aproxima. "Confie em mim, tá? Você não quer saber."

Pelo resto da aula, Morgan tenta imaginar se é possível que Chris realmente saiba de alguma coisa. Um pouco antes do sinal, Chris aperta os olhos por trás dos óculos como se tivesse visto algo novo. "Pensando bem, talvez eu devesse ir à casa do Adam; que diferença faz se eu nunca mais vou voltar para a escola, não é?"

Morgan não faz idéia do que ele está dizendo. Ele quer perguntar, mas dois

meninos passam por eles, gritam "Bichas" alto o suficiente para que todos ouçam e pronto.

"Ele teve uma crise hoje, mas parece estar melhor", Cara conta a Lincoln pelo telefone. Estranhamente, é verdade: Adam parece melhor.

Depois do terrível escândalo do corredor, ele ficou bem no carro e quando chegou em casa, tinha se recuperado o suficiente para pedir um sanduíche de presunto. As mãos dela ainda estavam tremendo, a respiração, ofegante do desgaste, mesmo sabendo que as coisas com Adam podiam ser assim — um acesso assustador podia surgir tão inexplicavelmente quanto passar minutos depois, sem nenhuma prova além dos nervos em frangalhos e pratos quebrados que ficam pelo caminho. Mas nunca tinha sido assim: nunca havia atraído uma multidão de rostos preocupados, ninguém nunca tinha se oferecido para chamar a emergência.

"Claro", ela disse. "Mas, querido, podemos conversar antes sobre o que aconteceu na escola?"

"Não quero conversar."

Esse é o antigo Adam. Palavras suficientes para dizer que ele odeia palavras.

"Eu sei, mas nós precisamos conversar. O que acontceu na escola foi muito assustador. Deve ter ficado tão chateado. Deixou as pessoas assustadas e preocupadas. Você me deixou assustada e preocupada. As pessoas acharam que você estava machucado. Elas não sabem por que você estava gritando daquele jeito. Você pode me dizer por que estava gritando?"

Ele não responde. *Não conte a ninguém o que estamos fazendo,* ela disse. *É segredo. Mas a mãe dele sabe. Ela deve saber. Ele não precisa dizer a ela.*

Ele experimenta: "Phil disse biblioteca ou sala de recreação?"

"Foi isso que Phil disse?"

"Biblioteca ou sala de recreação." Ele se balança. Feliz com essas palavras.

"Foi uma escolha ruim? Me parece bom."

"Biblioteca." Ele fica obcecado com essas palavras e não cosegue encontrar outras.

"Recreação, recreio." Como as palavras têm Rs, ele consegue dizê-las. Tudo bem dizer recreio com outros Rs.

"Você não precisa sair para o recreio. Eu falei para a sra. Tesler que talvez fosse melhor não."

"Roda", ele diz. "Rato." Saindo de sua boca, as palavras o surpreendem. "Retângulo. Reto. Rede. Rinoceronte."

Ela ri e une as mãos. "Muitos Rs, Adam! O que isso significa?"

Nada. Ele não pode dizer. Adam fecha a boca. Não sabe de onde vieram os Rs.

"Você pode me dizer de onde eles vieram?"

Não, não pode. Ele não sabe.

"Bom, tem uma coisa que precisamos fazer depois do almoço." Cara levanta e começa a andar pela cozinha. É difícil para ele olhar e ouvir ao mesmo tempo. Ele ouve esta parte: "A dra. Katzenbaum vai estar na delegacia". E então ela fala alguma coisa sobre um gravador, mas ele não ouve o quê, porque tem uma faca na mão dela indo direto para a mostarda.

Por causa dos horários do ônibus, a escola primária sai 45 minutos depois do ginásio, o que significa que Morgan tem tempo para voltar, encontrar Leon e lhe fazer algumas perguntas. Não vai ser fácil, ele teme, e não é. Do lado de fora da entrada do primário, cinco adultos com crachás laranja-néon fazem guarda como parte do programa Pais em Alerta que apareceu na TV. Ele vai até um homem alto. "Preciso

entrar. Preciso falar com uma pessoa da sala especial", ele diz por que não lhe ocorreu mentir.

O homem o encara e assente. "Tudo bem. Mas vá logo. Está quase no fim da aula."

Andar pelos corredores de seu antigo prédio faz Morgan pensar no passado e desejar tê-lo apreciado mais enquanto podia — banheiros em toda parte, bebedouros baixos. Do lado de fora da sala especial, a porta se abre e a sra. Daly, sua antiga amiga, sai. "Oh, Morgan, que bom. Preciso dar uma olhada nas vans, aconteceu algum problema. Você pode entrar um pouquinho? Só faltam dez minutos. Fique de olho enquanto eles terminam os exercícios."

"Claro", ele diz e faz um movimento com a cabeça.

Lá dentro, fica claro por que ele recebeu essa incumbência: só há dois alunos, um deles é Leon, que prefere molhar as calças que levantar sem a autorização da professora. Ele não reconhece o outro, um garoto negro vestindo uma camisa verde a branca com a palavra Patriots estampada.

"Morgan!", diz Leon. "Quer jogar damas?"

Morgan sorri, diz "Claro" e atravessa a sala, vai até a prateleira dos jogos e pega a caixa de damas. Ele sabe que não tem muito tempo, que a sra. Daly deve voltar em um minuto. "Então, Leon, você deveria conhecer essa menina, a Amelia, não é?" Ele separa as damas. Metade delas, peças de papel vermelho e preto, cortadas em círculos.

A boca de Leon forma um O. "Sim. Ela está morta. Mataram ela."

"Quem matou?"

"Eu não sei."

"Mas você a conhecia, não é?"

"Sim, claro."

"Como ela era?"

"Menininha. Era assim que Jimmy a chamava. Menininha." Parece que Leon quer rir, e então ri. "Jimmy sabe tudo sobre ela."

Do outro lado da sala, o garoto que deve ser Jimmy vira e olha para eles. "Que merda, Leon, eu não sei nada. Só sei que vi Amelia indo para o bosque algumas vezes. Ninguém quer dizer isso, mas é verdade. A polícia e os professores, eles ficam falando, não sabemos como ela foi parar lá, e eu digo, eu sei, tá? Ela foi andando. Uma vez eu fui atrás, então sei aonde ela foi."

"O que aconteceu quando você foi atrás dela? Tinha mais alguém no bosque?"

"Não."

"Então ela estava lá, sozinha?"

"É."

"O que ela estava fazendo?"

"Que merda! Eu não sei. Estava lá. Cantando, eu acho. Era o que ela fazia."

"Ela cantava?"

Leon balança sua enorme cabeça para cima e para baixo. "Muito."

"Mas tinha uma coisa que me assustava." Jimmy se aproxima e fala mais baixo. "Era como se tivesse alguma coisa cantando com ela. No começo, achei que fossem pássaros, e depois um uh-uh, não, não é um pássaro, é uma flauta."

"Tinha alguém no bosque tocando flauta?"

"Foi o que eu pensei. E aí parou. Me deixou com um pouco de medo, então fui embora."

Leon parece ansioso para participar da conversa. "Você quer saber o que mais ela fazia?"

"Claro."

"Ela desenhava. Ela não podia. A professora falou 'nada de desenhar', mas eu vi." Ele aponta para a carteira da frente.

Para Morgan isso parece uma revelação menos interessante que a flauta no bosque, mas Jimmy desvirou e voltou para as próprias atividades. Ele olha para a carteira que Leon mostrou. Morgan quer ir até lá ver se tem algum desenho nela. "Onde estão os desenhos dela?", pergunta, e no mesmo momento a sra. Daly aparece.

"A sua van vai se atrasar dez minutos, Leon. Sinto muito, a última coisa de que precisamos neste momento é confusão e desorganização, mas fazer o quê. Você pode ficar comigo até ela chegar. Obrigada, Morgan, pela ajuda. Você pode ir agora... fazer o que estava fazendo." Ela se lembra que ele não estuda mais neste prédio? Que teoricamente, não deveria estar ali? Pelo jeito não.

"Desculpe, Leon, mas tenho que ir." Morgan oferece a mão aberta, porque os toques de mão são comuns na sala especial e são uma forma de evitar um abraço de Leon. "Até depois."

Leon coloca dois dedos entre os dentes e sussurra no ouvido de Morgan: "Os desenhos estão no jogo Candy Land", envolvendo o menino mais velho no abraço que havia tentado evitar.

Mais tarde, Morgan fica no banheiro e espera até a sra. Daly levar Leon até a van, e então volta para a sala especial. Candy Land está na prateleira mais alta, o que significa que ele precisa de uma cadeira para alcançá-lo, mas, assim que sobe em uma, tem certeza de que pegou os desenhos. Ele não pára para olhar. Bingo! pensa, enfiando os montes de papel desenhado em sua mochila.

Eles haviam feito duas consultas com a dra. Katzenbaum quando Adam tinha quatro anos.

Na maior parte do tempo, elas eram demonstrações de brincadeiras, a doutora no chão, agachada com Adam diante de uma montanha-russa de bolinhas de gude. Era

inspirador observar como Adam lançava olhares de soslaio para ela, como tentou olhar dentro de sua blusa uma vez, tocar seu bracelete, sinais de interesse sincero da parte dele. Uma vez ela conseguiu que ele a ajudasse a regar as plantas.
"Primeio sou eu, depois é a vez de quem?"

Era a época da inversão teimosa de pronomes. "Sua vez", ele murmurava.

Ela pegava a mão de Adam e a levava ao peito dele. "Minha vez." Ela continuava. "Foi a vez da dra. Katzenbaum, agora é a vez de quem?"

"Sua vez."

Ela fazia de novo, tocava o peito dele. "M...m..."

"Minha vez."

Eles exercitaram a técnica de bater no próprio peito por meses até que ele entendeu. Cara se lembra de ter dito a alguém: "Se ele conseguisse entender os pronomes, eu seria feliz para sempre". Claro, não funcionou daquele jeito. A cada conquista, surge uma nova meta, algo mais em que trabalhar.

Eles chegam à delegacia e encontram Lincoln no corredor. Ele explica o que vai acontecer. "Vamos encontrar a dra. Katzenbaum na sala de interrogatórios. Se ele ficar bem, vamos levá-lo para fazer um reconhecimento. Você pode observá-lo, nos avisar quando chegar o limite dele, e nós paramos. Tudo bem assim?"

Atrás dele, há uma multidão de curiosos ainda maior que da última vez. Cara reconhece os rostos, as mesmas expressões de ceticismo. Quando ele junta as mãos e olha para os demais, ocorre a ela: Ele está se arriscando. Lincoln falou com eles *sobre o autismo e disse que valia a pena dar a Adam mais uma chance.*

"Sim, obrigada", Cara diz. "Tudo certo."

A dra. Katzenbaum está com os mesmos enormes óculos vermelhos de quatro anos atrás. Com o cabelo curto e um nariz que lembra um bico, ela parece a irmã mais séria de Sally Jesse Raphael.8 "Vamos brincar de um jogo, Adam. Você precisa olhar para mim e ouvir o que eu vou dizer", explica. Ela conhece essas crianças, sabe falar com elas. Já se livrou dos fantoches inúteis e do giz de cera que os distraem, e em quatro segundos já avançou mais que a primeira vez que Adam

esteve nessa sala. Ele vira a cabeça e olha para a boca dela. "Escute, Adam. Vou dizer uma palavra." O dedo dela se move, faz um número um no ar. "E você vai me dizer a primeira coisa em que pensar. Não uma frase nem duas palavras. Só uma."

O poder da voz dessa mulher é tamanho que na sala de observação, a um espelho de distância, Cara se inclina na cadeira, sem respirar. "neve", ela diz, e Adam — será possível? — se inclina na direção dela.

"homem", ele diz.

"Muito bem", diz a dra. Katzenbaum, como se não estivesse surpresa.

"halloween."

Adam murmura e pensa por um longo tempo.

"Vamos lá, meu amor", Cara diz em voz alta, apesar de ele obviamente não poder ouvi-la.

"abóbora", ele diz finalmente, e Cara suspira.

"Ela é boa", Cara diz a Lincoln.

"Ele também está melhor", Lincoln comenta. "Que bom."

Conforme as palavras ficam mais difíceis, a surpresa aumenta. Primeiro uma palavra, depois outra, uma palavra, outra. Cara fica sem fôlego, tonta diante do conteúdo do cérebro de Adam.

"limão", diz a dra. Katzenbaum.

"azedo", ele responde.

De onde surgiu aquilo? Cara esperava que ele dissesse verde. Onde ele aprendeu a palavra azedo? Lincoln não vai entender como isso é emocionanate, ou como é impressionante ouvir conexões lógicas, não uma simples repetição, ou exercícios treinados. Por que ninguém nunca ensinou esse jogo e ela antes? É como se todos esses anos insistindo em frases tivessem atrasado Adam, tivessem sido um erro. "encanador", diz a dra. Katzenbaum.

No passado, Cara havia desenvolvido o currículo de Adam em unidades: feriados, estações do ano, trabalhadores da comunidade. Ela usava cartões com figuras de pessoas trabalhando para treinar uma resposta. "O que é um encanador, Adam?", ela dizia, e para obter sua recompensa, ele tinha de dar uma resposta exata: "Um encanador conserta os canos".

Agora Adam está dizendo: "PIA".

Cara fica sem fôlego. Ele não foi para a resposta óbvia: canos. Ele trilhou um caminho diferente em seu cérebro, atribuiu uma palavra ao que viu na foto e depois — esta é a parte emocionante — memorizou seu próprio pensamento.

Ela se vira para Lincoln. "Isso é incrível."

Ele concorda e fala ao microfone que tem na mão. "Ótimo, Dorothy. Por que você não começa?"

Cara olha para ele. "Começa o quê?"

Dorothy meneia a cabeça. "menina", ela diz.

Adam balança a cabeça. "menino."

"menina do vestido rosa."

Meu Deus, não, pensa Cara e observa Adam atentamente. "bosque", ele diz.

"Muito bem, Adam. Você pode dizer 'chega' quando quiser. homem no bosque."

Adam se balança e murmura — Cara prende a respiração — "amarelo."

" Ótimo, Adam. O que amarelo?"

"Amarelo…"

"Calça amarela?"

Cara consegue ver a agitação de Adam se formando. Outros podem não notar os dedos dele se fechando em volta da cadeira, mas ela vê.

"Camisa amarela?"

"Camisa amarela", ele diz, e seus olhos viajam até o espelho através do qual estão sendo observados.

"Camisa amarela, muito bem. Você está indo muito bem, Adam. Quer parar um pouco?"

Ele levanta sem responder e vai até o espelho. Adam normalmente odeia espelhos. Uma vez, ele quebrou o que sua fonaudióloga estava usando, mas agora Cara olha, sem conseguir respirar direito, antecipando uma catástrofe, alguma reprise da crise da manhã. Ele *vai se jogar contra o espelho, quebrar o vidro,* ela pensa, mas acontece praticamente o oposto, seu corpo se acalma, um dedo se estende com a concentração silenciosa que seria necessária para pegar um grão de pó. A mão dele se abre e Adam a coloca, seguida da outra, no espelho com tanta força que suas linhas parecem uma estrela-do-mar subindo pelo vidro do aquário. Ela interromperia tudo agora, mas o rosto dele está sereno, intrigado por esse estranho retângulo, um espelho que não é um espelho de verdade. Ela aproxima o corpo; se ele consegue ver do outro lado, o rosto dela está bem ali, tão perto que seria possível tocá-la. Talvez Adam sinta seu cheiro ou ouça a batida de seu coração. Ela quase sussurra, *Adam, e então a boca dele se abre. "Cabelo", ele diz.*

"Jesus Cristo", Linclon diz atrás dela e se levanta. "Vá", ele aponta para um policial fardado que está na sala com eles. "Agora. Avise o Lou."

Cara se vira. "O quê?"

Ele não responde, mas fala ao microfone. "É o suficiente por enquanto, Dorothy. Vamos levá-lo lá embaixo."

"O que foi?" Há uma movimentação em volta deles, com exceção de Adam, que fica colado ao espelho, paralisado pela verbalização dessa única palavra.
Lincoln olha para ela. "O homem que está lá embaixo é careca."

Com os desenhos de Amelia bem guardados em sua mochila, Morgan chega em casa da escola e encontra a mãe na cozinha, segurando seu caderno. Estava esperando por isso, sabia que ia acontecer. Ele nunca tentou escondê-lo. Na verdade, ele fez o contrário: algumas noites ele o deixava na mesa de jantar, ao lado dos papéis que sua mãe passava a refeição lendo. Ele queria que ela encontrasse, queria acabar com isso de uma vez, mas não agora, não hoje, quando marcou de levar Chris para a casa de Cara, quando está com a mochila cheia de desenhos para mostrar a ela.

"O que nós vamos fazer?", ela pergunta.

Ele arrisca. "Nada?"

"Não, Morgan. Isso é examente o que nós não vamos fazer. Vou dizer o que vamos fazer... Vamos até a polícia."

"Mas eu preciso encontrar uma pessoa. Um amigo."

Por um segundo, isso a detém. "Quem?"

"Você não conhece."

Ele vê a surpresa no rosto dela. Primeiro um incêndio, agora isso? Do nada, um *amigo? "Bom, sinto muito. Vamos à polícia. Vamos contar a eles o que aconteceu."*

No carro, ela fica surpreendentemente quieta. Não faz as perguntas para as quais ele havia escrito a resposta. Não grita nem chora, como ele achou que aconteceria. *Quando tudo vier à tona, ele pensou, vai acabar. Essa bolha em que vivemos vai se quebrar como vidro.* Ela fala pela primeira vez quando entra no estacionamento da delegacia. "Há cinco anos eu trabalho para preservar aquele charco. Cinco anos da minha vida por água abaixo."
Sua voz está impassível e seca. Ela vira para o outro lado e abre a porta do carro.

"Mãe", ele diz, mas ela se foi, em direção às portas duplas de vidro, agarrada à bolsa, desviando de uma garrafa de cerveja quebrada no estacionamento.

Lá dentro, Morgan ouve quando ela pergunta à secretária se pode falar com um policial responsável, por favor. "Sobre o quê, senhora?"

"É particular", ela responde, alto demais. "Mas é importante. Meu filho tem

informações sobre um crime." Ao dizer isso, ela atrai a atenção de dois policiais fardados parados no balcão. Morgan espera que eles pensem que é sobre a morte de Amelia e o deixem falar com algum envolvido no caso. Em comparação, seu próprio crime parce menor.

Então sua mãe cruza os braços. "Parece que ele provocou um incêndio."

É o seguinte, Morgan planeja dizer. As *pessoas enlouquecem. Pode acontecer a qualquer um a qualquer hora.* Veja só como aconteceu com ele. Sua mãe não enxergava, não entendia como era difícil. Ela não achava que ele precisava de um grupo. "Está tudo bem com você, Morgan, pelo amor de Deus. Muita gente não tem amigos. Eu nunca tive amigos", ela dizia.

A secretária pede que eles sentem e esperem, que alguém vai atendê-los em um minuto. A mãe senta ao lado dele com a bolsa aberta no colo. "Quer um chiclete?", ela oferece, enquanto vasculha a bolsa. Ele balança a cabeça. Isso não se parece nada com o que ele imaginava. Sua mãe parece estar normal — olhos penetrantes, impaciente com a burocracia. "Gentil da parte deles nos deixarem esperando", ela diz, colocando um chiclete na boca.

Quando ele falou sobre participar do grupo, ela parecia mais brava que agora. Para ele tinha sido um alívio: Tem um grupo na escola, mãe. Lá, eles explicam tudo *o que você faz errado. Dizem exatamente qual é seu problema, você vai lá e resolve. Aí você faz amigos porque não está mais fazendo tudo errado. Eles dizem o que as suas roupas têm de errado, que sapatos você deveria usar.* Ela odiou a idéia, tudo aquilo. "É uma lavagem cerebral", ela havia dito. "É um grupo que vai dizer que você precisa de tênis de cem dólares. Não suporto isso. Algumas pessoas são diferentes. Algumas pessoas fazem coisas estranhas. No meu tempo, isso não era crime."

Ela não vê quanta coisa depende de ter amigos, como, sem eles, você passa os almoços, intervalos, viagens de ônibus, antes e depois da aula, enormes períodos do dia tentando ser invisível.

Quando finalmente são chamados para falar com um policial, ocorre um pequeno debate sobre se sua mãe deveria acompanhá-lo.

"Eu prefiro falar com ele a sós", a policial feminina diz.

"Eu gostaria de ouvir o que meu filho tem a dizer."

Morgan olha para o chão, temendo que isso gere a explosão que ele imaginou. Sua mãe não tem medo de fazer cenas em público — é até possível que ela goste disso.

"Por que não deixamos que ele decida?"

Morgan olha para os próprios sapatos — bege, ortopédicos, os mesmo sapatos que ele usa o tempo todo agora, para se punir. Não consegue olhar para ela. "Sozinho, por favor", ele diz com um fiapo de voz.

Sua mãe cruza os braços. "Certo", ela diz.

"Espere aqui e nós vamos chamá-la quando terminarmos."

Ele conta a história toda para a policial, que foi lá fora para queimar seus sapatos, não a terra, não catorze acres de *habitat* de salamandras e lar de um casal de castores em fase de procriação. "São charcos. Não dá para imaginar que peguem fogo", ele explica, mas, ao final de um verão seco, pegam fogo sim, como Morgan aprendeu.

"Isso é muito sério", ela diz. Ele quer deixar claro que poderia ser pior, que poderia ter matado uma menina, mas não matou. "Posso já contar para você qual é a melhor hipótese e qual é a pior." A melhor das hipóteses é um período de condicional, com participação obrigatória uma vez por semana em um grupo de incendiários, para aprender sobre incêndios e os danos que causam. Ele vai receber tarefas sobre segurança em caso de fogo, prevenção a incêndios e fazer trabalho comunitário relacionado ao tema. Morgan quer explicar que não é necessário, que ele não tem interesse em incêndios e nenhuma intenção de começar outro. A outra possibilidade é um período de detenção. Ela analisa as próprias anotações, como se coubesse a ela decidir agora. "Você pode me falar um pouco sobre o que estava pensando? Por que você foi para a mata com os fósforos?"

Ele faz o melhor que pode: conta a ela que queria que sua vida mudasse, queria que sua mãe enxergasse que ele tem problemas, que seus sapatos eram um problema.

"Sapatos?", ela pergunta.

Ele aponta para os próprios pés. "São ortopédicos." Ela olha, concorda e faz uma anotação.

Morgan não conta a outra parte, que não são só os sapatos. Não conta a ela que havia um plano por trás da coisa toda, porque o plano não deu certo, então para que falar dele?

Cara deixa a dra. Katzenbaum levar Adam para o andar de baixo enquanto anda com Lincoln, que explica: "Estamos seguindo alguns dos indícios que você nos deu. Esse homem entrou no Nancy's Diner na estrada 19, usando chinelos de dedo, duas horas depois do assassinato. As mãos dele estavam sujas de terra. Sangue não, só terra, e seu comportamento estava agitado. Mas a questão é: ele estava carregando uma espécie de flauta de metal pequena no bolso, foi de mesa em mesa tocando a flauta, pergutando para as pessoas se queriam comprar uma, que era bom para chamar pássaros".

"Meu Deus", Cara exclama.
"Uma pequena flauta no bosque parece algo que teria atraído Adam?"

"Sim, com certeza."

"Foi o que imaginamos. O homem não tem álibi. Ele adimite ter andado pelo bosque naquele dia, mas não se lembra exatamente onde. Queríamos ver se conseguíamos que Adam fornecesse alguma ligação antes de prendê-lo. Posso dizer que era uma boa possibilidade. Melhor que eu imaginava. Pelo jeito, ele era músico, mas tem um histórico de parentes fazendo pressão para que ele se trate, e ele recusando. A última vez que ele esteve na unidade psiquiátrica de Bayfield foi três meses atrás. Não tem ficha nem histórico violento, apesar de haver um episódio de comportamento agressivo contra uma enfermeira em Bayfield. Estamos reunindo mais detalhes, o mais rápido possível. Meu chute é que é ele. Adam ter dito cabelo agora…" Ele balança a cabeça, sua boca abre um sorriso. É a primeira vez desde aquela noite na casa dela, quando falaram sobre os tempos do colegial, que Cara o vê relaxado, feliz até. Ele até pediu para ser chamado de Matt. "Você estava certa. Você havia dito descalço e música." Ele ri. "Você podia pensar em trabalhar nesta área."

O elevador pára. A porta se abre e Adam está ao lado da dra. Katzenbaum com um sorriso no rosto, como se dissesse, *Mãe, você também está aqui! Não é incrível?! A vida com Adam tem sido assim: paralisada por dias, e agora ele está de* volta, surpreendendo-a toda hora: primeiro um surto matutino e agora isso: serenidade, aquiescência. "Oi, parceiro! Que bom ver você por aqui."

"Polícia", ele murmura, sorrindo.

"Eu sei. Não é engraçado? A polícia está em toda parte. Acho que é porque estamos em uma delegacia."

Adam ri, e todos riem com ele diante dessa descoberta inacreditável: *uma delegacia! Todos sorriem, balançam a cabeça e abrem a porta para o que parece ser,* finalemente, o começo do fim.

A dra. Katzenbaum assume o comando de Adam para o reconhecimento, pelo que Cara fica grata, porque quando os homens entram, leva um tempo até que ela se lembre de como, mas um deles parece familiar. Finalmente ela se dá conta: ele era um músico que fazia shows para crianças na época em que os dois iam a qualquer lugar para um passeio que prendesse a atenção de Adam. Cara se afasta. Ela entende que precisa ficar longe, não deixar que Adam veja qual deles ela reconhece. São seis homens, quatro carecas, ou quase, o que Matt explica ser necessário — Adam não pode simplesmente escolher uma característica dominante. Ele tem de apontar para a pessoa certa.

"Olhe para mim, Adam", a dra. Katzenbaum diz, o rosto dele está virado para ela. Ela conhece os mesmo comandos que Cara usaria: simples, diretos, com o mínimo de palavras possível. "Agora aponte para... o homem do bosque."

Ele precisa fazer alguma coisa, mas não sabe o quê. O zumbido fica mais alto, como sempre acontece quando ninguém diz a ele o que vai acontecer, mas algo acontece.

"Apenas olhe em volta, Adam. Veja se alguém parece familiar."

Ele estava de calça, calça marrom com vincos que faziam sombra sobre seus pés, que estavam sujos, com folhas entre os dedos. Todas as calças marrom-claro são chamadas de cáqui e as azuis, jeans, e todos esses homens estão de sapato, então não há nada que ele possa fazer ou dizer, só que toda vez que vira para os lados, alguém lhe diz para continuar olhando.

"Ele está aqui", a garota disse. "Só quer falar com você."

O homem balançou a cabeça. "Ele só quer conhecer você, só isso."

Ele se lembra disso tudo, mas não sabe o que significa. Havia mais de um homem. Havia mais pés, mais vozes. Ele se lembra das vozes: Merda. Que porra é *essa?* Palavras que sua mãe nunca diz, então ele também não, apesar de não sabe por quê. Uma vez, a mãe dele disse que eram desagradáveis, e ela, às vezes, fala a mesma coisa sobre alguns cheiros que ele não sente, então também não entende. Ele começa a se balançar, mas é melhor aqui, ele está bem. Não está na escola, onde precisa se preocupar com a menina.

Ele sabe que ela não está aqui, na delegacia, não precisa se preocupar com ela aqui, então tudo bem. Ele lembra que eles estavam encrencados, lembra de alguém dizendo: "Merda, vamos nos meter em encrenca". Mas estava enterrado a essa altura, em um buraco de arbustos.

Cara pensa em uma coisa: "Adam tem dificuldade com rostos, mas deve reconhecer os pés. Você pode pedir para que eles tirem os sapatos?"

Matt aperta os olhos e pensa no assunto. Ele concorda e uma voz anuncia pelo alto-falante para os homens na fila, "Por favor, tirem as meias e os sapatos".

O homem de que Cara se lembra obedece sem se abaixar. Ele tira os pés de dentro de sapatos grandes demais e remove as meias com dedos dos pés tão hábeis quanto se fossem das mãos. Todos observam, momentaneamente impressionados com esse pequeno show de excentricidade. Quando as meias finalmente saem, Adam se afasta do vidro balançando a cabeça.

A dra. Katzenbaum se ajoelha ao lado dele. "Use as palavras, Adam."

Eles esperam pelo que parece uma infinidade.

Algo rosna dentro dele, palavras se formando, sendo arrancadas como se houvesse um ímã. Agora, lá estão elas, dentro dele. Ele abre a boca, "merda, o que você está fazendo?"
Morgan vai ter uma audiência, a policial explica. Ele vai contar sua história para um juiz que vai decidir sua punição, levando em consideração sua ficha limpa, suas ações desde o crime, sua disposição em se manifestar e apresentar os fatos. "Algumas dessas coisas vão depor a seu favor", ela diz. "Mas você tem de lembrar que foi o pior incêndio que nossa área de conservação sofreu em dez anos. Dizimou um ecossistema, incontáveis animais sofreram. Você tem de se lembrar disso em cada escolha que fizer para o resto da vida. Você viu como é fácil tirar uma vida, como as ações têm conseqüências enormes."

Ele assente com a cabeça, viu sim. Ciente de que está acabando, porque ela vai em direção à porta, ele arrisca. "Posso perguntar como está indo o caso de Amelia Best?"

Ela pára ao lado da mesa. "Não posso falar sobre isso, Morgan. Mas por que você pergunta?"

"Conheço alguém que talvez saiba de alguma coisa."

Ela franze o cenho, pesando as possibilidades. Hum... O que posso dizer, porque *logo vai estar no noticiário, é que temos um suspeito detido.*

"Quem é?"

"Não posso dizer."

"É uma criança?"

"O que posso dizer é não. Por quê?"

Ele pensa em Chris. "Eu acho que foi uma criança. Uma criança que está ameaçando outras crianças que talvez saibam."

"Por que você acha isso?"

"Não posso contar."

Ela sorri. "Certo. Vou dizer a eles o que você me contou, mas só para você saber, as crianças podem fazer coisas terríveis, mas é pouco provável que alguma tenha feito isso. Você não devia se preocupar com isso, Morgan. Preocupe-se consigo mesmo."

De volta ao corredor, a delegacia está cheia de pessoas e, de repente, parece um tumulto de atividades. Deve ter a ver com Amelia, ele pensa, lembrando o que a policial lhe disse: Temos um suspeito detido. Ele olha em volta da sala para ver se reconhece alguém e reconhece: Cara do outro lado, entre dois policiais. Eles se vêem ao mesmo tempo. "Morgan!", ela chama, sorrindo e erguendo a mão. "Você ficou sabendo? Eles pegaram o culpado."

Morgan olha para onde sua mãe estava sentada, mas não está mais. A bolsa dela também não está, nem o casaco. "Que ótimo", ele diz, e então também vê Adam, ao lado de uma mulher mais velha de óculos. Ele não quer que sua mãe apareça e o veja conversando com Cara. "Eu preciso ir", ele diz.

"Tudo bem. Estou feliz, estamos todos felizes. Adoraríamos ver você em breve, Morgan. E traga seu amigo. Marianne ligou e me falou sobre ele."

Pela primeira vez desde que chegou à delegacia, Morgan lembrou que deveria ter levado Chris à casa de Adam nesta tarde. Ele não ligou, não avisou Chris que não ia conseguir, mas como poderia? "Certo", Morgan diz, desejando que fosse possível simplesmente dizer à Cara o que está em sua cabeça: Eu *queria saber se posso ir morar com você por um tempo. Não para sempre, claro. Só até essa história do incêndio passar com a minha mãe.*

Ao invés de se afastar, Cara se aproxima e coloca a mão no ombro de Morgan. "Mesmo quando a investigação acabar, Morgan, se Adam voltar para a escola, a gente adoraria continuar encontrando você." Antes que ele se dê conta, ou se prepare, ela o envolve em um abraço. "Sua amizade significa muito para nós."

Durante todo o caminho para casa, a mãe de Morgan fica em silêncio. Ele não consegue parar de pensar no abraço de Cara, e em seu cabelo, com cheiro de xampu de coco. A maneira como ela pediu que ele continuasse a aparecer o faz acreditar que pode passar uma noite lá, que ela vai dizer sim, mesmo que ele diga que precisa de algumas comidas e que não consegue dormir com nenhum tipo de ventilador no quarto ou a porta aberta, nem uma fresta. Ele olha para sua mãe, que não diz nada desde que entraram no carro. Tem certeza de que ela está pensando em punições, tentando decidir exatamente qual é a melhor. Colocá-lo de castigo não vai adiantar porque ele nunca vai a lugar nenhum, proibir a televisão não resolve porque ele quase não vê TV. Ele sabe por que sua mãe está tendo dificuldade com isso: ele não faz muita coisa, exceto visitar Adam.

Mas perceber isso o enche de medo. E se ela o proibir? E se não puder mostrar a Cara os desenhos de Amelia, se não puder sentar ao seu lado enquanto ela olha? E se não puder olhar o rosto dela quando chegar aos três últimos desenhos da pilha?

Eles chegam em casa e entram sem nenhuma palavra. Ele tenta ler a linguagem corporal da mãe enquanto ela tira os sapatos e esfrega os olhos com a lateral das mãos. Apesar de ser seis e meia, 15 minutos depois do horário normal do jantar, ela não dá sinais de que vai começar a cozinhar. Ele tem medo de não saber o que vai acontecer, o que ela vai finalmente dizer quando disser alguma coisa. Conforme ela anda pela cozinha e aperta o play da secretária eletrônica, ele imagina que sua mãe viu Cara abraçá-lo e vai dizer que ele nunca mais — nunca mais — vai ver aquela mulher de novo, ou seu filho, seja qual for o problema dele. Quando sua mãe começa, ela sabe ser incrivelmente má. Ele, às vezes, não consegue acreditar nas coisas de que ela xinga as pessoas que passam pela bancada deles. Morgan está tão ocupado imaginando o que ela vai dizer que quase não ouve o que está sendo dito: a voz de Marianne na secretária eletrônica, pedindo que ele, por favor, ligue para a casa dela, que houve um problema com Chris. Que pelo jeito ele desapareceu.

Uma hora depois de chegarem em casa, a felicidade de Cara começou a diminuir. O tempo todo na delegacia ela estava eufórica — Adam se comunicou! Ele solucionou o crime no final! A sua própria maneira, ele foi tão útil quanto qualquer típico garoto de nove anos. Apesar de não ter apontado para um suspeito, repetido o que ele fez, no exato momento em que o homem que Cara reconheceu tirou as meias,

a comunicação foi suficiente. Adam disse o que precisava dizer — *cabelo* e as palavras usadas pelo homem —, todos ouviram, ninguém duvidou do que era ou pensou por um segundo que aquelas palavras pertenciam a Adam. Ela viu um sorriso passar de um polical ao outro, viu quando se tornou um aceno de cabeça, depois risos, duas mãos se unindo e então virarem ação. O que ela tinha a oferecer nem foi necessário, o que foi sussurrado para Matt enquanto ele dava instruções aos policias a sua volta. "Nós conhecemos aquele homem. Já o vimos antes."

Matt parou. "Como?"

"Ele toca para crianças e se chama Busker Bob. Fomos a um *show* dele quando Adam era menor." Ela se lembrava surpreendentemente bem: uma calça de retalhos que era sua marca registrada, feita com lindos retalhos de veludo e cetim, com pedacinhos de espelho, botões e alfinetes com pingentes espalhados. A calça deveria pesar quase dois quilos e tilintava quando ele se mexia. Ironicamente, uma das coisas de que Cara mais se lembra era a gentileza incomum de Busker Bob. Com um rosto largo e chato como um prato e um sorriso enorme, era o artista de público infantil mais quieto já visto, inclinado sobre seu violão, como se cada música fosse um segredo que só pudesse ser contado para as crinças, ajoelhadas e ofegantes, na primeira fila. Tinha um efeito engraçado — as crianças aproximavam o corpo, um joelho por vez, até que houvesse uma ferradura de rostos colados a seu violão. "Não encostem", ele murmurava, levantando um dedo. "Não encostem."

Naquela época, cercado de crianças de três e quatro anos, Adam parecia normal — talvez até melhor que normal, às vezes. Era um garoto que se sentava imóvel, enfeitiçado, enquanto durasse a música, e ela, muitas vezes, recebia elogios pela aparência e concentração perfeita de Adam. As outras mães diziam: "Ele é seu? Estou impressionada". Com seu rostinho adulto, a maneira como ele inclina a cabeça e franze o cenho quando as pessoas riem, a mesma expressão que um adulto usaria para dizer *Isso não é engraçado,* Adam sempre impressionava as pessoas, especialmente em um ambiente como um *show,* em que ele vivia seu melhor momento. Mas tem outra coisa de que ela lembra: Busker Bob sabia.

Depois dos shows, Busker Bob sempre abria uma bolsa de pano cheia de maracas
e chocalhos e deixava as crianças tocarem enquanto ele andava pelo espaço em uma espécie de desfile. Às vezes, dava certo, às vezes, quando havia muitas crianças de colo precisando de uma soneca, não dava —, mas Adam estava sempre lá, sempre atrás dele, o mais perto possível sem que houvesse contato físico. Uma vez, Bob e

seu desfile viraram inesperadamente e as leis do contato físico atuaram contra Adam, fazendo-o colidir com o objeto de sua obsessão. Depois, Bob viu Adam ter uma de suas reações ao ser tocado por um estranho: ele deu três voltas e falou *Desculpe, desculpe,* com a mão na boca. Bob olhou para baixo, para o menino, e para a frente, para Cara. "Ele é um pouco diferente, não é?" Ela nunca esqueceu aquele momento ou a maneira terrível como ele cimentou algo no futuro de Adam — que mesmo nos lugares onde ele podia passar batido, não passava.

"Quantos shows dele você viu?", Matt perguntou.

"Cinco, talvez, é um chute. Talvez menos."

"Mas isso faz de vocês freqüentadores, não é?"

"Não sei. Ele fazia *shows* uma vez por mês, sábado de manhã, no centro comunitário. Alguns dias, umas 30 ou 40 pessoas apareciam."

"É possível que ele tenha registrado o autismo de Adam?"

"Na verdade sim. Acho que sim."

"O que ele disse?"

"'Ele é um pouco diferente, não é?'"

"Como assim?"

"Foi o que me perguntou. Havia umas 30 crianças lá, e ele reparou em meu filho e falou isso para mim. Meu único filho. De quatro anos."

Matt tomou nota de tudo isso, escrevendo furiosamente, balançando a cabeça enquanto ela falava. Cara sorriu sem caber em si de contentamento. Essa história era boa, ela percebia, era mais que esperavam. Esse homem conhecia as limitações de Adam e o deixou viver por causa delas. Ao redor deles, as pessoas iam de um lado para o outro, davam tapinhas no ombro dela, dando os parabéns. "Ótima idéia essa coisa dos sapatos", disse um homem que nunca viu antes.

Antes de saírem da delegacia, ela procurou Matt na sala cheia de pessoas. Quando capturou o olhar dele, disse: "Obrigada, Matt" e ele sorriu de um jeito que a deixou

sem fôlego. Pela primeira vez, ela pensou: *Meu Deus, ele é humano. Um homem solteiro que não tem medo de Adam nem de seu autismo.* Ela se sentiu um tanto boba, sem saber o que fazer, então fez um telefone com a mão. Eu te ligo, ela disse e, no segundo seguinte, ele fez o mesmo e pareceu tão bobo quanto ela. *A gente se fala, ele disse pelo dedo mínimo.*

Em casa, Cara sente seu alívio se transformar em uma grande sombra de dúvida. Todos ouviram a maneira como Adam repetiu aquelas palavras: com o sotaque que já tinha ouvido antes, mas são conseguia descrever nem identificar. Eles ouviram cada homem dizer o próprio nome, uma pequena amostra de voz, cinco palavras de cada um — "Meu nome é..." — e nesse pequeno trecho, Robert Phillips, Busker Bob, foi o mais quieto, o que parecia mais perto das lágrimas ou de alguma emoção, algo que todos devem ter notado (era impossíve não reparar), mas será que também ouviram o que ela ouviu? Ele não tinha sotaque.

Ela fica preocupada com isso por horas. Talvez não tenha explicado direito o que é ecolalia. Eles não entendem que Adam não tem habilidade de inventar ou florear, de colocar ou fingir um sotaque. O cérebro dele é um gravador com um botão play invisível. O sotaque faz parte da fala, e o homem não fala com sotaque.

Mais tarde, outra coisa lhe ocorre: Adam conhece a palavra *careca.* Eles treinaram de brincadeira quando ele estava aprendendo os adjetivos *comprido* e *curto com cortes de cabelo tirados de revistas. Havia duas fotos de pessoas carecas* porque Adam adorou, achou muito engraçado. Quando olhavam os cartões, Adam dizia: "Comprido, comprido, curto, comprido, curto, curto, careca! comprido, curto". Então por que ele diria cabelo para descrever sua ausência? Só a uma resposta: ele não faria isso.

Naquela noite, Cara pensou em fazer uma experiência. Antigamente, ela costumava comprar todos os CDs de cada artista dos shows que viam, porque era uma maneira de ensinar o tempo passado, de recontar histórias. (Lembra das calças *dele? Lembra da guitarra?) Será que tinha comprado o CD* do Busker Bob? Cara fica com medo de que o comentário sobre Adam a tenha deixado brava o suficiente para não comprar. Ela vasculha as caixas de sapatos perto do aparelho de som e fica surpresa ao encontrar um CD com uma capa barata com a foto de Busker Bob em um fundo vermelho, pintado à mão. "Adam?", ela chama. "Quero que você escute uma coisa."

Ela vira o CD, sem saber se Adam vai ligar os pontos, ou se vai ter alguma

reação. E mostra a foto para ele. "Você reconhece este homem? Nós vimos um show dele muito tempo atrás, e depois o vimos de novo na delegacia." Ela tenta tirar todo o peso da voz, soar apenas levemente curiosa, *Você se lembra dessa coincidência?* Ela coloca o CD, e Adam faz o que fez a vida toda quando alguma música toca: ele se agacha perto do alto-falante e encosta o ouvido nele. Sua cabeça faz alguns movimentos ocasionais e, após dois refrãos de *If I Had a Rooster,* ela pergunta: "Você se lembra desse homem? Faz muito tempo. Talvez não".

É impossível. A última vez que o tinham visto fazia cinco anos, metade da vida dele. E então Cara vê que ele está olhando para ela, o rosto franzido e imerso em pensamentos. "Calça?", ele pergunta.

Ela age rápido, pega um jornal com a foto de Amelia. Ele se lembra do homem, está calmo, está aqui, respondendo, ela não pode perder essa oportunidade. Cara desliga a música e pede que ele se sente com ela no sofá um minuto. "Essa é a Amelia, Adam. A menina com quem você foi para o bosque. Ela era sua amiga. Vocês conversavam no playground, às vezes. Ela cantava. E então vocês foram para o bosque e ela se machucou. Muito. Você se lembra disso?"

Ele não olha para cima. Quando alguém sai de trás de uma árvore, ele vê dedos dos pés, um pé descalço, a desvia os olhos.

"Ela se machucou no bosque e estão tentando descobrir quem foi o culpado. Às vezes, isso acontece, querido. Às vezes, as pessoas fazem coisas terríveis. Elas não sabem o que estão fazendo, não é de propósito, de verdade, elas têm uma cabeça ruim que diz para machucarem outra pessoa."

Ele vê sombras e ouve vozes. Ele não sabia o nome dela, nem sabia que ela tinha nome.

"Você se lembra de ter visto Busker Bob, Adam? Ele estava no bosque? Você precisa responder, Adam. Pode ser só com a cabeça."

Ele lembra disso, sabe a resposta. Adam faz que sim com a cabeça. Sim, ele meneia a cabeça. Ele estava lá. Sim.

"Certo", ela suspira. "Ele estava lá. Muito bem, querido. E ele machucou Amelia? Ele estava com uma faca?"

O rosto dele se contorce surpreso, uma reação quase legivelmente normal: Uma faca? E ocorre a ela, Meu *Deus, ninguém fez essa distinção nem perguntou a ele especificamente: Foi ele que machucou a menina?* Ao formular as questões com cuidado, pesando sua simplicidade, esqueceram completamente essa possibilidade: talvez ele estivesse lá e não seja o culpado, talvez houvesse mais alguém.

Mais tarde, depois que Adam é tomado pelo sono, Cara liga para Matt e lhe conta a conversa. Ela esperou três horas porque quer que essas dúvidas não tenham valor. Quer que ele diga, Ele confessou. Acabou. Não se preocupe mais. "Estou pensando se não havia mais de uma pessoa no bosque. Eu sei que você disse que não é possível."

Toda a leveza na voz dele se foi.

"Infelizmente, não podemos prendê-lo. Algo aconteceu."

Ela não diz nada porque começa a temer uma sensação ruim em seu estômago, como se soubesse o que ele vai dizer: "Outra criança desapareceu".
June nunca assiste ao noticiário da manhã, nunca liga a TV em busca de companhia, com medo de que se o fizer, vai começar a se parecer com Suzette, que passa os dias na vibrante onipresença do noticário. Normalmente, a TV fica muda, mas nunca desligada, nem mesmo quando Teddy pede. "Gosto de ver o que está acontecendo", ela diz, como se fosse um compromisso com o mundo que não pode habitar. Ela deixa a televisão de 13 polegadas ligada no canto, mesmo quando está fazendo suas atividades, suas pinturas ou trabalhando no computador, acompanhada da luz bruxeleante das matérias aparecendo silenciosamente na tela. June ligou a TV esta manhã porque seus nervos estão em frangalhos, e ela não consegue parar de pensar em Teddy, que foi para a casa dela após seu turno vigiando a casa de Cara e Adam. Ele mudou com o que aconteceu, está mais agitado, mais falante; talvez ambos estejam. Em vez de cair na cama e dormir, eles sentaram lado a lado no sofá de mãos dadas. Ela olhava para o rosto dele, ouvia enquanto ele desviava dos assuntos sobre os quais não podia falar, até decidir falar. "Fico pensando em Adam e no que Suzette costumava dizer sobre ele." Ela sabe que ele não vai para casa há três noites, que tem ido à casa dela para tomar banho e comer, talvez para evitar ter de confrontar a irmã, apesar de não dizer isso diretamente. "Ela não o vê desde que Adam era um bebê, mas eu lembro que Suzette falava muito dele. Ela costumava dizer que ele a assustava, que mesmo que fosse só um bebê, parecia entender o que acontecia a sua volta."

June só conhece uma pequena parte da história — que Cara e Suzette dividiam um apartamento e planejavam criar um bebê juntas, mas no último minuto Suzette deu pra trás.

"No começo, Suzette achava que era ela, que ele sabia o que tinha feito e chorava mais sempre que ela visitava. Ela achava que ele tinha um dom estranho ou coisa parecida. Então, em sua última visita, percebeu que não, que tinha algo de errado com ele — bem errado — e ela não podia mais voltar. Não podia mais vê-lo. Tinha medo que de alguma forma fosse culpa dela."

"O que isso tem a ver com o que aconteceu?"

"Fico pensando que há algo surpreendente nesse menino que a investigação não está vendo. Estão colocando tudo na menina, onde ela esteve, com quem ela falou. Mas eu vejo como o corpo foi encontrado, em uma pequena clareira, a três metros de onde Adam estava escondido e penso, não é possível — não existe uma chance de que o criminoso estivesse atrás *dele?* Que Adam fosse o alvo e a garota só estivesse lá?"

Depois disso, June ficou deitada por horas na cama e imaginou alguém que estivesse atrás de Adam, alguém que ainda está à solta. Naquela manhã, quando ela acordou, Teddy já tinha ido embora. Ela se lembrava dele se levantando no meio da noite, falando ao telefone na cozinha e voltando, totalmente vestido, inclinado-se ao lado dela e dizendo: "Aconteceu uma coisa. Eu te ligo mais tarde".

Agora ela sabe o que é: a foto de uma criança aparece na televisão, um garoto loiro, de óculos, que parece ter 12 ou 13 anos. "Uma cidade já em alerta depois do assassinato de Amelia Best, 10, agora enfrenta o possível seqüestro de outra criança. No fim da tarde de ontem, Chris Kolchal, um garoto de 13 anos que freqüenta a Kennedy Middle School, a menos de cem metros de onde Amelia foi encontrada morta no bosque, sumiu de casa. Chris foi visto pela última vez na frente de sua casa, aparentemente esperando um amigo ir buscá-lo. Ninguém o viu sair, nenhuma testemunha viu nenhuma atividade suspeita ou carros desconhecidos na região. Qualquer um que tenha informações, por favor, ligue para…" No minuto seguinte, a mãe dele está na tela, com o rímel escorrendo pelo rosto, olhando diretamente para a câmera: "Se alguém souber de qualquer coisa, tiver qualquer informação sobre o meu filhinho, estou implorando, por favor, chame a polícia. Ele é um menino doente e precisa de remédios".

June se apóia na pia para se acalmar. Ela precisa ir para a escola o mais rápido possível, vai haver reuniões, mais gente de fora dizendo a eles o que fazer. "Na possibilidade remota de o incidente se repetir…" um consultor disse uma vez, e June nem se lembra do que veio depois porque não conseguiu ouvir, não conseguiu conceber a idéia de que a maior parte de seu trabalho tivesse se tornado controlar uma paranóia. Na escola, a reunião matutina é fetia às pressas com o maior número de pessoas possível. Marianne Foster, uma orientadora do colegial, coordena a reunião que inclui rostos desconhecidos suficientes para se deduzir que seja um encontro das duas escolas. June entra enquanto Marianne está dizendo: "Chris tem um certo grau de comportamento obsessivo-compulsivo e um transtorno de ansiedade. Depois do assassinato de Amelia, ele vinha apresentando elevados sinais de estresse. Ele se sentia perseguido, ficava obcecado com os valentões da escola. É possível — e estamos rezando — que ele tenha fugido para escapar de algum perigo real ou imaginário. Estamos pedindo que todos digam às crianças que não existe nenhuma evidência de que Chris esteja ferido. Estamos trabalhando com a hipótese de que ele está vivo em algum lugar, escondendo-se do que considera ser um perigo, e precisamos de qualquer informação que as crianças possam ter de onde ele está. Chris tende a falar muito, como qualquer um que o conheça deve ter percebido, e acreditamos que aonde quer que tenha ido, ele provavelmente contou a alguém".

June admira a firme convicção de Marianne, essa certeza enérgica de que os esforços dos conselheiros vão encontrá-lo e trazê-lo são e salvo. Mas Marianne ainda não viu um de seus alunos morrer, não aprendeu que pode acontecer em questão de minutos, que sua convicção de que não é possível não basta.

Morgan se pergunta se não é sua culpa. Obviamente, até certo ponto, é. Se tivesse ido buscar Chris como havia combinado, ele não estaria lá fora, não teria sido seqüestrado. Na noite anterior, depois de ouvir a mensagem de Marianne, a mãe de Morgan pediu, por favor, que ele explicasse o que estava acontecendo. Ele contou a verdade, que não sabia. Ela continuou: "Só quero que você entenda isso, está bem? De repente, eu não sei que você é... Você provoca incêndios, abraça uma mulher estranha na delegacia. Quem era aquela, Morgan? O que está acontecendo?"

Ele não contou a ela suas duas visitas à casa de Adam, porque se vai desaparecer, precisa ter alguns segredos. Domingo de manhã, antes de encontrar Cara no

playground, ele disse a sua mãe que ia à biblioteca. Seu coração batia enquanto ele falava, sua primeira mentira, sem contar, é claro, o dia do incêndio, quando ele ficou três horas sentado na mesma cadeira esperando sua mãe chegar e então disse: "Nada", quando ela perguntou: "O que foi?" Agora ele se pergunta se Chris estava seguindo a mesma linha de pensamento, se estava preparando sua própria fuga. "Ela não é ninguém, mãe. Não sei do que você está falando."

"Aquela mulher na delegacia não era ninguém?"

"Não, eu nunca a vi antes."

"Não entendo você, Morgan. Você não é um bom mentiroso. Você obviamente a conhece de algum lugar, não conhece?"

Na cabeça dele, já está fazendo as malas, fazendo uma lista do que precisa. Ele vai precisar de algumas coisas da despensa diante da qual está sua mãe.

"Você sabe do que ela está falando nessa mensagem? Você conhece esse Chris?"

"Eu ia encontrá-lo hoje depois da aula."

"Meu Deus, e agora ele desapareceu?"

Ele vai precisar de macarrão com queijo, garrafas de Yoo-Hoo, cereal Life para o café-da-manhã.

"Morgan, isso é terrível!"

É. Ele sabe que é. Mas o que fazer? Ele é culpado de coisas demais para ser culpado por isso também. Morgan pensa na água, tenta lembrar se Cara tem um filtro ou se usa água da torneira, o que ele não pode fazer. Beber água da torneira, para ele, tem gosto de cano. "Nós temos água de garrafa?", ele pergunta e sua mãe o encara.

"Morgan."

"O quê?"

"Esse menino pode estar morto."

"Eu acho que não", ele diz, vendo, pelo ombro dela, duas garrafas de água na prateleria.

São sete da manhã quando Cara abre a porta, esperando um policial envergonhado e com os olhos sonolentos pedir permissão para usar o banheiro, mas, em vez disso, encontra Morgan, parado em sua entrada com uma mala. "Tenho uma coisa para mostrar para você", ele diz. Ele não explica a grande mala de rodinhas que leva para a cozinha, abre a mochila e tira uma pasta de papéis. "Aqui estão", ele diz.

"O que é isso?" Ela mal conseguiu dormir. Ficou acordada a noite toda, repassando a terrível montanha-russa do dia. Na noite anterior, tinha cometido o erro de assistir ao noticiário até não agüentar mais — um garoto só quatro anos mais velho que Adam? O que isso significa?

Morgan entrega a ela uma pilha de desenhos. "São os desenhos de Amelia, que eu encontrei na escola. Ninguém os viu ainda. A maioria são animais e prédios, mas alguns são de pessoas."

Ela folheia os desenhos e vê que alguns são impressionantes — muito mais sofisticados que a maioria das crianças de dez anos poderia fazer, apesar de pensar no mesmo instante: o que ela sabe sobre o que as crianças de dez anos desenham? Cara só conhece Adam, que faz desenhos de pessoas com cabeças de balão e corpos de pauzinhos e animais que parecem garfos tortos. Os desenhos que Amelia fez de cavalos são outra coisa: ricos em detalhes, crina, rédea, bigodes, e mesmo parecendo impossível, uma sugestão de personalidade. Ela desenha olhos muito bem, e deve ser isso que os distingue — faz um cavalo parecer brincalhão e o outro, mais sério.

A mobília dela inclui uma mesa e uma cadeira com linhas apagadas que mostram que ela estava usando os objetos para desenhar em perspectiva. Cara estuda o desenho da mesa, que não está exatamente bom — um copo para lápis está na beira como se estivesse prestes a se jogar —, mas, ainda assim: uma menina de dez anos que sabe que existem regras para desenho e que tenta aprendê-las sozinha?

No andar de cima, ela ouve Adam acordar e começar a se mexer. Ela vai até a escada e grita: "Adam, querido? Adivinhe só! Temos uma surpresa. Morgan está aqui".

Morgan vai atrás de Cara, mantendo-se a poucos centímetros da mão que segura os desenhos que ele quer que ela veja. Ela quer preparar o café-da-manhã, começar

o dia. Cara havia decidido que o importante era fazer Adam voltar para a escola, para sua rotina. Ela não quer que essa confusão de ontem os detenha, mas pelo jeito Morgan não vai deixar que ela solte a pilha de papéis. "Continue olhando", ele diz, tocando os desenhos com o dedo. "Eles ficam melhores."

Ela se preocupa — o que "melhores" pode significar na cabeça desse menino? —, ouve Adam nos degraus e de repente teme que ele desça de pijama, e Morgan veja, imediatamente, que ele ainda usa fraldas para dormir, e que se não usasse, Cara teria de lavar os lençóis toda manhã. Ela não deveria ligar para essas coisas, mas liga, e sente a vergonha que Adam jamais sentirá. "Escute, Morgan. Adam, às vezes, fica um pouco tímido de manhã. Você se importa de ficar na sala de estar um pouco?"

"Continue olhando." Ele não pode deixar passar, não entende as dicas dela.

"Tudo bem." Ela folheia os desenhos: uma árvore, algumas flores, um cachorro dormindo em um tapete. Quase no fim, encontra os primeiros esboços de pessoas — cerca de dez — que não são tão detalhados ou vívidos quanto os dos animais: são rostos sem profundidade, com olhos amendoados e bravos focados fora da página. Com exceção do cabelo, é difícil dizer quem são os homens e as mulheres, os jovens e os velhos. Ela chega ao final e os devolve. "São ótimos, Morgan. Muito bem. Talvez a gente deva mostrá-los…"

Ela hesita. "Não sei, para a mãe de Amelia, talvez?"

"Você não entendeu?"

"Entendi o quê?"

"Olhe de novo."

"Morgan. É cedo. Temos de ir para a escola." Ela olha para a mala de novo. O que ele está fazendo ali tão cedo? Ela olha os desenhos de novo, e Adam aparece na porta, coçando a cabeça, com calças de pijama amarrotadas no volume úmido da fralda.

"Viu? Viu só?" Morgan abre um sorriso largo, tão entusiasmado que ela fica com medo de que ele faça um buraco no papel com o dedo. "São desenhos do Adam. Três de um menino com — é verdade — semelhanças com os traços de Adam: grandes olhos castanhos e (isso a surpreende um pouco: por que ela não havia

reparado da primeira vez?) cílios extremamente longos. O nariz está um pouco diferente, muito curto, muito achatado, mas a boca está certa, o formato dos lábios, a pequena curva nos cantos. Quanto mais ela olha, mais difícil de acreditar que não tenha notado da primeira vez: é o Adam, seu cabelo, mais cacheado de um lado que do outro, suas orelhas um pouco abertas atrás do cabelo, um dos poucos problemas em um rosto perfeito."

"Meu Deus, Morgan, você tem razão. É impressionante", ela diz, mas quer largar os desenhos, guardá-los para quando puder contemplar a possibilidade que eles sugerem: uma menina tão interessada em Adam que estudou seu rosto, memorizou os detalhes.

"Mas você viu o outro?", Morgan diz quando ela tenta deixá-los na mesa.

"Agora não, Morgan. Para mim, é difícil olhar para eles, entendeu? Sabe o que eu quero dizer?"

"Esse é o úlitmo, eu prometo", ele diz e pega um na pilha que ela viu e ignorou, achando que fosse uma *mulher qualquer,* e o coração de Cara quase pára: uma blusa de gola alta que ela conhece, brincos que ela conhece. Não há dúvida, apesar de ter passado batido da primeira vez: é um desenho dela.

Cara desvia o olhar de Morgan, leva Adam de volta ao andar de cima, para o banheiro, para a pia, para se vestir. Quando eles voltam, Morgan está na mesa da cozinha comendo uma tigela de cereal Life que não existia em sua casa. A mala está aberta, revelando seu conteúdo, que é basicamente comida.

"Ok, Morgan, você precisa nos dizer o que está fazendo aqui."
Vestido e acordado, Adam subitamente fica intrigado com a novidade de Morgan estar à mesa. Ao lado dela, ele se balança para a frente e para trás. "O que você está fazendo!" Ele ri e dá uma pequena volta.

"Minha mãe vai passar a noite fora. Não me importo de ficar sozinho, mas pensei em passar aqui para mostrar os desenhos e ver se vocês, sei lá, não precisam de alguma coisa ou se, talvez, não querem que eu durma aqui hoje."

Ela ri, surpresa pela oferta. Ninguém nunca dormiu lá, claro, é possível que Adam nem saiba o que é isso. Mas talvez seja um boa idéia, talvez os ajude a passar o dia, tirar a cabeça deles de Chris e tudo mais que está acontecendo.

"O que você acha, Adam? Quer que Morgan durma em nossa casa hoje à noite?"

"Durma em nossa casa", ele diz, fazendo voltas menores, tão rápido que ela acaba colocando a mão no ombro dele para que vá mais devagar.

Em todas as salas, fala-se em Chris, mas Morgan não quer pensar nele. Ele quer pensar em passar a noite com Adam e Cara, em sua mãe chegando em casa e encontrando-a vazia, descobrindo que sua mala não está lá. Ele imagina que primeiro ela não vá reparar. Ela vai dar alguns telefonemas, começar sua leitura noturna e então vai se dar conta, pouco a pouco, da comida faltando, da escova de dentes dele, das roupas, dos livros. E só então vai notar a única coisa que ele deixou para trás — seus sapatos ortopédicos — e vai saber que é isso, que ele vai morar com Cara, pelo menos por dois dias, o tempo que ele imagina que vai durar seu suprimento de comida.

Na aula de estudos sociais, ele recebe uma tira de papel rosa normalmente reservada para os alunos em apuros, mas em sua sala, Marianne diz a ele: "Você não fez nada. É sobre Chris, é óbvio", e Morgan fica aliviado. Pelo jeito, ela ainda não ficou sabendo do incêndio, não se deu conta de que, sim, ele está encrencado. "Estamos falando com o maior número possível de amigos dele hoje, mas é com você que queremos começar."

Um policial se inclina na mesa ao lado dela, bloco em uma mão e caneta na outra. Morgan assente e tenta pensar no que pode dizer.

"Você e Chris iam para a casa de Adam ontem à tarde, não é?"

"Sim."

"E o que aconteceu? Por que vocês não foram?"

"Minha mãe me obrigou a fazer outra coisa. Não tive escolha."

"O que ela obrigou você a fazer?"

Ele não tinha planejado o que dizer, não tinha decidido mentir, mas saiu tão naturalmente que ele mal acreditou. "Ela me obrigou a visitar minha avó." Mas as mentiras podem confundir. Significam que tudo pode acontecer — talvez Marianne conheça a avó dele, saiba que ela morreu seis anos atrás.

"Certo", Ela balança a cabeça afirmativamente. "E você ligou para o Chris para cancelar?"

Morgan balança a cabeça. "Não."

"Você entende, Morgan, que quando combina alguma coisa com alguém, assume a responsabilidade de avisar se não puder aparecer?"

Ele sente que a sala começou a girar. Ela está dizendo que o desaparecimento de Chris é culpa dele também. Tudo é culpa dele. Não há como escapar, fugir para a casa de Cara, o único rosto que fica feliz em vê-lo.

"Tudo bem, Morgan. Você cometeu um erro, mas não é sua culpa que Chris tenha desaparecido."

É tarde demais. Morgan começou a chorar forte o suficiente para que o policial dê a ele uma caixa de lenços de papel. "Por que você não nos conta sobre o que conversaram ontem?"

Morgan assoa o nariz: "Os problemas dele, acho. Que as pessoas gostavam de pegar no pé dele. O assassinato de Amelia".

"O que tem o assassinato de Amelia?"

Aqui pareceu tudo bem contar a verdade: "Que ele sabia alguma coisa sobre isso".

Marianne olha para o policial e de volta para Morgan. "O que ele sabia?"

"Ele disse que não podia me contar porque alguém ia matá-lo."

"Foi isso que ele disse?"

Só então Morgan percebeu o que estava dizendo, o que já sabia, mas não tinha registrado na hora. "Acho que talvez Chris saiba quem foi."

"Ele disse 'eu sei quem matou Amelia Best'?"

"Não. Mas eu penso nos valentões e nas pessoas que Chris sempre diz que vai colocar na lista, e me pergunto."

"O quê?"

"Se foi um deles."

"Agora, Morgan, não há dúvida de que Chris estava incomodado com as provocações. As pessoas pegavam no pé dele, e ele ficava muito chateado."

"Sim."

"Mas você entende que há uma diferença entre Chris dizer 'eu conheço pessoas que podem se meter em encrenca por serem más' e 'eu sei quem matou Amelia Best'?"

"Sim, eu entendo que existe uma diferença."
"É possível que ele estivesse dizendo 'conheço pessoas tão más que podem ter matado Amelia'?"

Morgan balança a cabeça. Agora está óbvio para ele, tão óbvio que não dá para entender como ele não percebeu antes. "Acho que ele conhece quem estava no bosque. É uma das pessoas que gostam de maltratá-lo."

Existem três de que ele tem certeza. Talvez mais. Precisa fazer uma lista, escrever os nomes.

A manhã toda, Cara vasculha incansavelmente a pilha de desenhos que não quer ver. Seu próprio desenho está no topo, exato o suficiente para que Morgan identificasse, apesar de nem ele saber no que Amelia acertou — as roupas, as jóias. O que ele viu

que o fez reconhecer essa mulher sem expressão, com olhos tristes e vazios? É possível que ela seja assim agora — que ela mostre sua solidão sem perceber, como uma expressão permanente em seu rosto desarmado?

Por três dias Cara pensou em ligar. É bem fácil encontrar o número na agenda. Ela disca rápido antes que as dúvidas apareçam. "Sra. Best? Quem fala é Cara Miller, mãe de Adam. Eu estou ligando para dizer que sinto muito. Se houver algo que eu possa fazer…" Ela não tem prática nisso. Não é amiga de nenhuma outra mãe porque nunca soube o que dizer a elas.

"Por favor", diz a mulher. Sua voz é suave, reconfortante. "Me chame de Olivia. Eu também queria falar com você."

"Estou com alguns desenhos que Amelia fez na escola. Um amigo os encontrou e trouxe para mim." Ela anda pela cozinha, pega uma faca suja, coloca de volta. "São muito bons. Achei que você gostaria de ficar com eles."

Ao fundo, Cara ouve a voz de uma menina.

"Não, esse não, Katie", diz a mulher.

Meu Deus, Cara se lembra, é por isso que ela consegue soar minimamente normal: ela tem outros filhos. Ela não está tão terrível e incontestavelmente sozinha, como Cara estaria se tivesse sido com ela. "Talvez não seja uma boa hora. Eu só queria dizer que você está nos nossos pensamentos." Ela hesita. Claro que há mais, mas como ela pode fazer a pergunta mais urgente em sua cabeça agora? *Amelia falava de Adam?* Ela olha os desenhos, o de Adam, e toca as pequenas linhas de suas orelhas. Será possível que eles fossem amigos?

A mulher deve estar andando. Ela ouve um bebê chorar e a TV. "Escute, você não gostaria de nos visitar? Somos novos na cidade, e ainda não tenho amigos. Nossos dias têm sido tomados pela polícia. Seria bom conversar com outra mãe."

Cara mal consegue pensar no que dizer. "Posso levar os desenhos?"

"Sim, por favor. Eu gostaria de vê-los."

Cara não foi ao funeral porque foi a uma cerimônia pequena, particular. Ela só conhece essa família pelos fragmentos do noticiário que vê depois que Adam vai para cama. O pai é gerente de supermercado, a mãe usa óculos e, que Cara tenha

visto, nunca chorou diante das câmeras. Eles não culpam a escola, disseram várias vezes, mas gostariam que fosse construída uma cerca, algo que afastasse as crianças do bosque. Cara imagina se conseguiria ser tão pragmática. Seu filho morre e você consegue falar em cercas? De quem essa mulher está com raiva, se não da escola?

Eles vivem em um condomínio fechado entre duas casas idênticas sem número na porta. "Nossa casa é a que tem uma van Dodge vermelha na frente", ela disse, mas poderia ter dito, *Nossa casa é aquele onde parece que explodiu uma fábrica de brinquedos de plástico. Olivia atende a porta vestindo um conjunto de moletom rosa* e com um bebê no colo. "Não repare na bagunça", ela diz. Na mão livre, há uma maçã comida e na outra, embaixo do traseiro do bebê, uma folha de papel toalha acolchoada. Ela apresenta os filhos, Benjamin, o bebê, e Katie, de três anos, sentada a centímetros da TV, apontando um dedo gordinho para a tela. "Está na lâmpada, Steve. Olhe a lâmpada!" Cara mal consegue acreditar que essa frase tenha saído de uma pessoa tão pequena, mas sempre se sente assim quando está perto de crianças com desenvolvimento normal — para ela, todas parecem muito precoces.

"Me desculpe, mas a única coisa que tenho para oferecer é uma maçã. Meu marido trouxe uma caixa de maçãs do supermercado e tenho maçãs e mais maçãs saindo pela janela."

"Eu adoraria uma maçã", Cara diz, percebendo que está com fome, que com a visita surpresa de Morgan, esqueceu de tomar café-da-manhã. "Aqui estão os desenhos", Cara diz, colocando a pilha sobre a mesa da cozinha. Ela havia separado seu próprio desenho e deixado em sua mesa da cozinha, junto com o desenho de Adam, que ela quer mostrar a ele quando chegar a hora. "Ela tinha muito talento."

Por um momento, Olivia não diz nada. Ela coloca o bebê no chão, vai até a pilha e coloca a mão no primeiro. Cara vê o bebê ir direto para a caixa de maçãs, pegar uma e fazê-la rolar até os pés de sua mãe. Quando olha para a frente, vê lágrimas nos olhos de Olivia. "Sinto muito", Cara murmura. "Talvez eu não devesse tê-los trazido."

Ela balança a cabeça. "Não, tudo bem. Você disse que um amigo seu os encontrou na escola?"

"Sim."

"Você sabe onde?"

"Acho dentro de algum jogo."

Ela balança a cabeça. "Ela deve tê-los escondido. Eu falei que ela não podia mais desenhar na escola. Era só isso que Amelia fazia em sua antiga escola. Eles nunca exigiam nada dela, não tinham expectativa nenhuma. Ela não sabia *ler* porque a deixavam desenhar o dia todo."

Ela aponta para os desenhos e dá um passo para trás, acidentalmente chutando a maçã próxima a seu pé.

Cara sabe que Amelia estava na sala especial, mas ninguém nunca disse a ela por quê, ou qual era o diagnóstico. "Ela tinha dificuldade para ler?" Cara pergunta, e acrescenta rápido, "Adam também tinha muita dificuldade. Especialmente no começo."

"Ela estava anos atrasada. Tivemos de tirá-la da antiga escola. Eles não estavam fazendo nada. Era péssimo." É incrível ver: Olivia está brava, mas não com essa escola. "Eles me disseram que ela nunca aprenderia a ler, que eu não estava ajudando em nada a obrigando a fazer coisas que ela não conseguia." Do outro lado da cozinha, o bebê havia começado um jogo de libertar todas as maçãs do confinamento do caixote. Em volta dele, uma dúzia delas se moviam lentamente. "Você quer saber quem a ensinou a ler? Eu. No verão. Dez anos e ela finalmente tinha aprendido a ler."

"Qual era o problema exatamente?"

"Ela tinha uns quatro diagnósticos diferentes. Nós costumávamos dizer que a ficha médica dela parecia uma sopa de letrinhas. Finalmente, eles se decidiram pelo PDD-NOS."9

Cara olha para ela, chocada. Ela conhece a sigla: PDD-NOS, Transtorno Invasivo do Desenvolvimento — Sem Outra Especificação.

"É uma maneira de dizer que estava no espectro do autismo, mas não sabiam exatamente o que acontecia."

"Ela estava nesse espectro?"

"Sem dúvida", Olivia balança a cabeça. "Ainda mais quando era menor. Ela desenhava o tempo todo, brincava com bichos de pelúcia, detestava ter de ir a qualquer lugar, sair de casa. Nós tínhamos umas persianas que ela abria e fechava, abria e fechava o dia todo."

Como era possível? "Por que ninguém nunca me contou isso?"

"Ninguém na escola sabia. Eu não mandei os registros. O pai dela e eu nunca concordamos com isso. Ele não via o progresso dela, mas eu via. Eu ficava com ela o dia todo, ouvia ela falar que queria amigos. À noite, ela deitava na cama e falava que queria ser convidada para brincar, mas, quando eu tentava marcar, todos diziam não." As lágrimas ainda estavam em seus olhos enquanto ela tentava recolher as maçãs. "Com uma garota eu tive um ataque e implorei para a mãe. Falei 'a minha Amelia precisa de ajuda. Ela precisa aprender a brincar com outras crianças de sua idade. Será que a Katie não poderia vir aqui só uma vez e fazer biscoitos com ela?'."

"E o que ela disse?"

"Que se sentia mal, mas não achava que pudesse forçar sua filha a fazer isso." Ela limpava os olhos e balançava a cabeça. "Eu ia dar os registros a eles, só queria esperar um pouco e ver se ela ia melhor sem o rótulo."

Cara quase não teve coragem e perguntar. "E deu certo?"

"Acho que sim. Ela gostava dessa escola. Estava aprendendo. Eu via."

Cara não se conforma: Amelia era autista e tinha se recuperado o suficiente para que ninguém — June, Phil, ninguém — tivesse visto essa possibilidade? O que Phil tinha dito? Que ela devia ter alguma necessidade especial? Ela quer dizer que não é possível e depois perguntar, Como você fez? O que deu certo? "Ela devia estar indo tão bem", Cara diz delicadamente. "Que tratamentos você usou?"

"Tentamos muitas coisas. Mudar a alimentação dela fez diferença."

Cara concorda. Quando Adam foi diagnosticado, a Internet estava cheia de pesquisas dizendo que o autismo poderia ser uma manifestação extrema de alergia a alimentos. Todas as mães que ela conheceu on-line exterminaram os laticínios e o trigo de suas casas, e os depoimentos iam e voltavam, cheios de pontos de exclamação. "Ele consegue fazer frases agora!" "Eu consigo passar o aspirador de

pó na casa sem ataques histéricos agora!" "Ele está brincando com outras coisas além do tampão da banheira!" Depois de colocar Adam na dieta, Cara também viu mudanças — viu a neblina começar a se dissipar. Em três meses, ele ganhou o equivalente a nove de linguagem. Começou a conectar palavras, fazer frases curtas, colocar um pouco de emoção na fala. Agora os anos passaram e ela perdeu contato com todas aquelas mães, parou de entrar na Internet em busca de companhia toda noite, apesar de sempre se perguntar: será que as outras continuaram, ou foi como com Adam, aos poucos e em partes que, às vezes, faziam parecer que nada de bom havia acontecido? Ela sabe que a dieta funciona porque quando se afastam, Adam também se afasta e passa um dia andando em círculos em um canto, mas ela sempre se pergunta: se esse era o problema e foi corrigido, por que ele não ficou normal?

Cara olha para Olivia. "Foi a dieta?"

"Não sei. Às vezes eu achava que sim, mas ela ainda tinha problemas estomacais. Ela, às vezes, tinha incontinência."

Cara balança a cabeça. "Adam também tem acidentes."

"Antes era porque ela não ligava. Mas, recentemente, ela começou e ficar com muita vergonha." Olivia hesita. "E cheia de segredos. Alguns dias ela chegava em casa sem calcinha, eu perguntava o que tinha acontecido, e ela não me contava." Ela não está mais chorando, mas sua voz revela o desejo de chorar. "Eu me pergunto se ela não ia para o bosque enterrá-la. Não acho que foi a primeira vez que foi lá." A cabeça de Olivia se curva com o peso da admissão. "Uma vez ela trouxe para casa um saco de calcinhas cobertas de terra, dois pares. Eu não sabia o que pensar. Falei: 'Amelia, o que é isso?'"

Cara pensa no pé de coelho, encontrado e nunca explicado, nessas conversas sem respostas. Ela sabe o que é ter um filho que continua a ser, em todos os aspectos fundamentais, um mistério. "O que ela disse?"

"Nada." Ela balança a cabeça e se abaixa para recolher as maçãs. "Sinto muito que ela tenha levado seu filho também. Sinto muito que ele tenha sido envolvido."

Cara coloca a mão no braço de Olivia. "Você não deve pensar que a culpa é dela."

"Não, eu sei. Só queria que você soubesse que eu sinto muito. Ela gostava tanto de Adam."

Cara pára. É a primeira vez que ouve alguém dizer isso. "O que ela falava sobre ele?"

"Coisas engraçadas. Que ele murmurava muito. As mãos dele — o que ela falava das mãos? — dançavam quando ele estava feliz. Foi como eu desconfiei que ele também fosse autista. Nas últimas semanas, ela não queria ir para a escola e então lembrava: 'Recreio Adam?' E eu dizia: 'Você tem que ir para a escola para encontrar o Recreio Adam, não é?'"

Meu Deus — parecia uma conversa em sua própria casa.

"Ela queria convidá-lo para vir aqui, mas mudou de idéia. Ela sabia onde ele morava, e acho que ficou com medo do que ele ia achar deste lugar."

Adam? Ela estava falando sério?

"Eu falei que ele provavelmente não ia ligar, mas ela estava nervosa. Amelia falou: 'Ele vai achar que somos pobres', e eu falei: 'Querida, nós somos pobres'."

No caminho, Cara estava pensando no que ia dizer, no que gostaria de ouvir se a situação fosse o inverso. E só conseguiu imaginar isto: ia gostar de ouvir as pessoas contarem qualquer coisa de que se lembrassem sobre ele. Ela iria gostar de reunir evidências de que com todos os seus déficits, Adam era importante para os outros, que tinha feito uma diferença, que tinha um lugar no mundo. Ela toca a mão da mulher. "Eu sei que Adam mudou por causa de Amelia, desde que ficaram amigos."

Isso parece ser a coisa certa. Olivia olha com um sorriso abatido no rosto. "Como?"

"Bem…" Cara tenta pensar: o que seria um bom exemplo? "Adam não é tão falante quanto ela. Especialmente para descrever coisas abstratas como suas emoções. Mas, às vezes, eu sei que ele está pensando nela. Ele foi para a escola outro dia e ficou muito chateado, teve o pior surto que eu vi nos últimos anos, e só posso supor que é porque sente a falta dela. Foi bem antes do recreio, quando eles geralmente se encontravam..." Ela pára de falar. E, pela primeira vez, pensa: *Será que ele achou que ia encontrar Amelia ontem no recreio? Será possível que ele não se deu conta de que ela morreu?* "Ele não consegue me dizer o que aconteceu no bosque ou por que foram até lá, mas sei que ele está pensando nisso. Ele fica

querendo ver uma ópera, *A Flauta Mágica,* em que todos estão no bosque, coisas mágicas acontecem e eu fico..." — ela hesita, escolhe as palavras com cuidado — "desejando que tenha sido assim. Que eles estivessem em uma aventura, dividindo isso um com o outro."

Olivia assente e chora em silêncio, com a mão no rosto. "Eu só queria..."

"O quê?"

Seus olhos estão vermelhos, marejados. "Eu queria ter tido mais paciência com ela. Tenho dois filhos pequenos e, às vezes, Amelia dava mais trabalho que eles, indo de um lado para o outro, repetindo, repetindo, pendurada em meu braço. Eu, às vezes, dizia: 'Amelia, você precisa ir para o seu quarto, não agüento mais'."

Cara também tem esses momentos. Adam entra em transe. Alguns meses atrás, eles tiveram um conflito quando ele ficava repetindo "Um homem velho no Texas", uma frase ouvida no rádio, sem parar. "O que isso quer dizer?", ela gritou e saiu do quarto, batendo a porta para que ele entendesse que não podia simplesmente fazer isso, irritar as pessoas sem parar. Depois, foi ao quarto dele e o encontrou afundado na cama. Ela se deitou ao lado dele e sussurrou, "Desculpe", o que deu a ele uma nova palavra em que se apegar. "Desculpe, desculpe, desculpe", ele dizia incessantemente. Essas brigas eram terríveis.

"Eu já fiz a mesma coisa", ela diz sutilmente. "Sei como você se sente."

Agora que as peças do quebra-cabeça estão montadas, Morgan volta para a aula de álgebra e pensa na única vez que realmente viu Chris ser provocado. Foi de manhã, antes que as aulas começassem, e a princípio não percebeu que era com Chris. Ele viu três alunos da nona série de jaquetas pretas cercando um garoto que estava segurando uma mochila roxa em frente ao rosto, e então reconheceu a voz aguda e familiar. "Meu Deus, que coisa. Por que vocês não me deixam em paz?" Eles o estavam cutucando com pedaços de pau, golpeando seus joelhos e sapatos.

Hoje Morgan percebe que havia coisas que podia ter feito para ajudar. Ele poderia ter gritado, poderia ter procurado um professor, ou Marianne. No entanto, na hora,

nenhuma dessas possibilidades lhe ocorreu. Quando reconheceu a voz de Chris, desviou o olhar e olhou para o chão. Ele foi embora e tentou esquecer a coisa toda, assim como faz quando não tem certeza, mas desconfia que alguém o está maltratando. Ele não conhecia os meninos, que vão tão pouco à escola e estudam tão pouco que nem carregam mochilas, mas existem outros valentões, uma lista que poderia começar com os meninos enormes do curso técnico que têm 14 anos, mas já fazem a barba: Randall Im, Chris Wyant, Brad Stonewall. Também poderia incluir os meninos pequenos, mas malvados: Harrison Rogers, Wilson Burnstein, que uma vez, na quinta série, chamou Morgan de homossexual quando ele entrou em um dos boxes do banheiro para fazer xixi. Pelo mês seguinte, Morgan não bebeu nada no café-damanhã nem usou o banheiro da escola. Um comentário como esse pode ser muito pior que um xingamento, Morgan aprendeu. Alguém cochicha, "Esquisito", quando você passa pelo corredor e é possível acreditar que a pessoa esteja falando de um livro ou esteja cantando. Mas se alguém olha você nos olhos e o chama de retardado, é mais difícil de ignorar.

Se foi um desses meninos que Chris conhece, ocorre a ele, talvez outras pessoas também saibam. Claro que é possível, mas como ele pode perguntar sem que ninguém descubra? Ele olha a lista e tem uma idéia. Durante o almoço, vai a todos os banheiros da escola e deixa a mesma mensagem com uma hidrográfica: você sabe quem matou amelia best? se souber, escreva sim. Nos últimos três banheiros, acrescenta, Por Favor, SEM Piadas ou Mentiras. Isso É Sério. Você Não Precisa se *Identificar. Respeitamos o Anonimato.*

Em cada um dos quatro boxes em que escreve isso, anonimato é grafado de maneira diferente.

Enquanto Cara volta para casa depois da visita a Olivia, sua cabeça se enche com as perguntas que não foram feitas a essa mulher que parece ser a primeira amiga que ela faz em anos. Ela sabe sobre o que Adam e Amelia conversavam? O que disseram quando estavam a sós, no balanço, durante o recreio? Cara supõe que Amelia, que possuía um vocabulário mais vasto, falasse muito mais, mas será possível que Adam lhe tivesse contado alguma versão da horrível história da bicicleta? Teria ele dito Bicicleta *destruída, acabou a bicicleta?* Será possível que ele tenha dito, de alguma maneira compreensível para Amelia, Minha mãe me deixa *louco, ela se importa com as coisas mais bestas?*

Ele deve ter dito alguma coisa, ou pelo menos mostrado Cara para Amelia, senão, como a menina saberia quem ela é? Por que ela teria um desenho de Cara com uma expressão que mais parece uma determinação raivosa e feroz? Tudo o que ela sempre quis para Adam era o que essa menina tinha: uma chance de se recuperar, de estabelecer relações, fazer amigos. Cara sabia que o caminho para essa meta podia parecer tortuoso, mas seus esforços tinham uma lógica. Forçá-lo a aprender a andar de bicicleta, a jogar Uno, a assistir programas de televisão que não o interessavam faziam parte do plano. Ela tinha visto outros garotos da mesma idade de Adam andar de bicicleta, jogar cartas no ônibus. Viu como falavam pouco durante essas atividades e pensou, Meu Deus, ele poderia fazer isso. Mas nunca havia explicado para Adam dessa maneira, nunca havia explicado a ele o objetivo real por trás de forçá-lo a fazer coisas a que ele instintivamente resistia. Cara fica chocada ao constatar que nunca teve uma conversa com ele para explicar que *fazer amigos é bom e essa é uma maneira de fazer amigos*. Ela sempre presumira que ele não entenderia. E mesmo assim, certamente o que ele tinha com essa menina podia ser considerado uma amizade. Mesmo parecendo estranho para os outros, um pouco mais que ficar lado a lado no balanço, no mundo deles aquilo era particular e monumental. De todas as emoções percorrendo Cara, uma deve ser felicidade. Adam fez uma amiga, ele fará mais. Ele deu passo rumo a sua própria vida, afastando-se da mãe. Foi o que ela sempre quis, pelo que rezou. Mas agora que aconteceu, ela se pergunta: Se Adam está melhorando, mesmo que gradualmente, onde isso a deixa?

Ao chegar em casa, Cara entra enquanto o telefone está tocando. Ela atende agradecida, qualquer voz é melhor que seus pensamentos solitários ricocheteando em seu cérebro. "Cara? É você?", ela diz e olha pela janela, pensando que deve ser Teddy, ligando de dentro do carro estacionado em frente a sua casa. Eles haviam tido alguns encontros pouco amistosos quando ele periodicamente usava o banheiro dela. "Como vai a sua família?", ela tentara, e ele respondeu: "Não tenho família. Não sou casado". Talvez ele esteja ligando para consertar a resposta absurda e finalmente converser sobre o que têm em comum.

"Teddy?", ela pergunta, apertando os olhos para olhar pela janela.

"Não", o homem responde, e ela vê que Teddy está no carro, mas não ao telefone. Está tomando café e olhando para a frente.

"Quem fala?" Ela olha para o telefone, para a voz conhecida mas não identificada.

"Sou eu. Kevin."

"Meu Deus."

A ligação é tão estranha, vinda logo após sua visita a Olivia. Em qualquer outra ocasião, suas defesas estariam em guarda. Com seu tom, ela diria, Não, *Kevin, não é assim que funciona. Você não pode entrar e sair da vida das pessoas, não pode encantar e decepcionar.* Mas estar com Olivia tinha sido muito desconcertante e a havia feito relembrar o passado, quando Cara tinha gente da mesma idade com quem conversar sobre a vida. Durante todo o caminho de volta para casa, ela havia pensando em Kevin e Suzette, seus últimos amigos de verdade, e aqui estava ele, como se evocado pelos pensamentos dela, ligando novamente.

"Olá, Kevin", Cara diz calmamente. Ela certamente não vai baixar toda a sua guarda, rir com gosto, dizer, Há quanto tempo, Kevin. Mas também não pode negar isto: é bom ouvir a voz dele.

"Eu só queria saber como você está. Fiquei sabendo do que houve com Adam e queria dizer que sinto muito. Sinto muitíssimo. Deve estar sendo terrível."

"Como você ficou sabendo?" Talvez ela devesse se acostumar com isso agora.

Teoricamente, o nome de Adam não foi citado nos jornais, cuidadosamente mantido em sigilo, mas na verdade todos sabem.
"Suzette me contou. Eu... ela ficou sabendo pelo irmão, acho eu."

Meu Deus, ela pensa. Eu devia desligar agora. Por todos esses anos, ele ainda mantém contato com Suzette? Ainda são amigos depois de ele negar com indiferença tê-la encontrado?

"Tenho tentado manter contato com ela. As coisas não estão bem por lá, eu não quero que ela pense que eu a abadonei."

Você não se importou em me abandonar, Cara quer gritar, mas, em vez disso, pergunta delicadamente: "O que Suzette tem?"

"Ataques de pânico, que a deixaram com medo de sair de seu apartamento. Ela simplesmente não sai mais, pelo que sei. Eu tento ir lá uma ou duas vezes por mês. Nem sempre consigo, mas tento."

É triste ouvir isso, mas não é um choque. Suzette sempre teve uma aversão agorafóbica de sair de seu apartamento. ("Por que sair para tomar cerveja se temos duas na geladeira?" costumava ser uma de suas respostas preferidas aos convites de Cara). Para Cara, o que é interessante é a maneira como ele diz isso, deixando claro que não existe nenhum romance, certificando-se de que ela saiba: eu *faço o que é certo, eu a visito.* Talvez ela esteja sendo dura demais por ainda se perguntar o porquê da mentira que ele contou tantos anos atrás. Foi uma época complicada, todos agiram mal, de uma maneira ou de outra. "Oh, Kevin", ele suspira. "Eu queria..."

"O quê?"

"Eu queria não ter exigido tanto de Suzette. Eu exigi muito dela e tornei impossível que continuássemos amigas." Ela quer entender isso melhor, entender como chegaram a esse impasse.

"Não é por sua causa que ela tem crises de pânico, Cara. Ela tem esse problema há muito tempo. Os remédios não ajudaram, nem a terapia. Ela convive com isso, trabalha em casa. O irmão vive com ela, o que ajuda. Crises de pânico limitam o que você pode fazer. Ela tende a evitar o que quer que possa causá-los, e é provavelmente por isso que ela evita você."

Nunca ocorreu a Cara que os ataques de Adam pudessem ser piores para Suzette que para ela mesma. Naquela época, Cara estava tão envolvida com seus próprios esforços incansáveis para fazê-lo parar que não pensava em mais nada, mas certamente é possível que eles deixassem Suzette aflita também, paralisada pela impossibilidade de ajudar. Era como se fossem melhores amigas que tinham ido para a guerra juntas e foram separadas para sempre pelas imagens terríveis que viram juntas. Talvez não seja uma comparação justa, mas agora parece certa — elas não queriam se ver por não suportar o que tinham visto a outra passar.

"Não sei, Cara. Eu queria ligar para você há tanto tempo. Pensei no assunto muitas vezes. E finalmente decidi ligar."

Ela não gosta da imagem de Kevin sentado em casa pelos últimos anos, pesando os prós e contras de dar um telefonema — isso o faz parecer triste, com muito pouco para ocupar sua vida —, mas também há outra coisa: todas as outras ligações e desejos de melhoras desapareceram. Ele está aqui agora, sendo, ao que parece,

minimamente genuíno.

Ele continua: "Às vezes, quando estou indo para o trabalho, ou minha mãe está me levando, eu me lembro das coisas mais estranhas do colegial. Isso acontece com você?"

"Claro, Kevin. Claro que acontece."

"Eu me lembro de uma coisa que você disse na aula sobre A Letra Escarlate. Que talvez Hester gostasse de ter o A no peito porque isso a libertava de ter de viver a mesma vida que todo mundo. Você se lembra disso?"

"Não."

"Você disse que parecia bom não ter obrigações em relação a ninguém além da filha dela."

Ela realmente falou uma coisa tão presciente? Antecipar seu próprio futuro, com um *A* escarlate, de autismo, marcado em tudo? "Que estranho. Eu não me lembro disso."

"Talvez eu me lembre de coisas demais."

"Tudo bem", ela diz porque a verdade é que não se importa de ouvir isso — não se importa de ser lembrada de quem era antes de Adam nascer e transformá-la em outra pessoa.

"Eu me lembro de como você me observava na quinta série, virada em sua carteira."

Ela fica vermelha, mas agradece por ele não estar lá para ver. "Você tem razão, eu olhava."

"Claro, o que eu ficava fazendo?" Ele ri. "Olhando suas roupas curtas. Acho que talvez a gente ficasse olhando um para o outro sem conversar."

É engraçado, ela pensa: eles nunca mencionaram o período entre a quinta série e o último ano.

"Eu ficava esperando, me preparando para o grande momento, e então comecei a

ficar doente. Mas no outro dia me ocorreu: foi o que funcionou, não foi? Quase morrer. Isso sempre chamava sua atenção. Foi por isso que eu não fui à formatura."

"O que você quer dizer?"

"Se eu tivesse ido, você talvez não tivesse falado comigo, mas se eu não fosse, sabia que você ia reparar."

Ela se lembra de estar sentada no palco naquele dia, cinco fileiras atrás do assento deixado simbolicamente vazio. "Essa é a cadeira de Kevin", a sra. Murphy, organizadora do evento, havia dito. Os assentos dos outros alunos ausentes foram preenchidos, para que a imagem da arquibancada fosse uma sólida massa de becas pretas e apenas uma caderia vazia. Cara passou a cerimônia observando aquela caderia, esperando Kevin aparecer a qualquer minuto em uma cadeira de rodas, ou com um andador, arrastando seu corpo deficiente.

"Eu reparei." Ela sabe que é perigoso voltar demais ao passado, admitir coisas demais. "Eu reparei."

"Lembro da carta que mandei para você."

Ela não diz nada, mas imagina aonde essa conversa está indo.

"E de sua resposta."

Ela deveria relembrá-lo de que era uma adolescente tensa, com medo de tudo o que ele significava — amor verdadeiro, comprometimento, tudo o que aquilo representaria? Deveria dizer a ele que escreveu diferentes respostas, incluindo uma de que ele provavelmente teria gostado mais? Em tudo que ela disser existe perigo, então Cara fica quieta.

"Então por que você não me conta de sua vida?", ele diz para resgatá-los do silêncio.

"Talvez você já saiba disso, mas Adam tem alguns problemas de desenvolvimento. E essa tem sido a minha vida, basicamente. Voltada para ele, tentando ajudá-lo a melhorar."

"E ele está? Melhorando?"

O que ela pode dizer? O que a mãe de Kevin diria sobre o filho?

Subitamente, Cara não quer desviar da palavra, quer ser honesta. "Ele ainda é autista. Vai sempre ser, imagino, mas está melhor. Ele se abre mais, tenta se relacionar. Ele tinha uma espécie de amizade com essa menina, pelo jeito. Eles brincavam juntos no playground e cantavam. Eu realmente não teria acreditado, mas todo mundo me disse que é verdade. Ela o escolheu, ou eles se escolheram, não sei. Então, sim, acho que talvez ele esteja melhor."

"Que bom", ele finalmente diz. "E você? Você está melhor?"

Como responder? Um dia, ela quis que o amor entrasse em sua vida e tomasse conta dela e então, com a chegada de Adam, isso aconteceu. Na época, parecia que a longa espera fazia parte do processo, a maneira como essa criança refletia os homens do passado, a reticência para a qual ela sempre fora atraída. A vida toda, Cara escolhera homens que se esquivavam dela, e então teve um filho que faz a mesma coisa. "O que você quer dizer?"

"Você está feliz? Está casada?"

Casada? Ele provavelmente sabe. "Não, Kevin, não estou casada."

"Porque talvez a gente pudesse almoçar um dia desses. Ou jantar. Qualquer refeição estaria bom."

Ela ri. Seu coração amolece, começa a ver uma nova possibilidade. É claro que ela não precisa dizer a ele que é tarde demais para um romance, que muita coisa aconteceu, mas pensa que talvez seja a chance de aprender o que passou nove anos tentando ensinar a Adam — complexidade, delicadeza e fragilidade de uma amizade verdadeira. Tem sido tão difícil sem ter amizades próprias para usar de exemplo. Talvez seja disso que eles precisem, mais que marcar dias para Adam brincar com outras crianças, grupos de atividades sociais ou Friendshipmakers.com, um site para ensinar crianças a brincar e conversar ao qual Cara se lançou assim que ouviu falar dele. Ela chegou em casa, fez a inscrição, mas tudo que encontrou foram listas e mais listas de conselhos duvidosos, como um dos "dez mais" para iniciar conversas: "Qual é seu doce preferido?" Talvez eles precisem menos disso e mais de exemplos de amizade para Adam observar, pessoas conversando, fazendo perguntas e ouvindo respostas.

Talvez — depois de todo esse tempo — seja isso que Kevin e Cara podem pedir um ao outro e oferecer em troca. "Claro, Kevin, eu adoraria."

Depois de desligar, ela decide que não é só isso que quer. Há mais uma coisa. Ela vai lá fora. Fechando o suéter com as mãos para se proteger do frio, ela bate na janela da viatura de Teddy e se abaixa quando o vidro se abre. "Quero ver Suzette", ela diz. "Preciso falar com ela."

Por um longo tempo, Teddy olha para ela, como se estivesse absorvendo aos poucos o que está pedindo. "Agora?"

"Sim, agora. As aulas só começam daqui a duas horas. Quero ir agora."

Pelo resto do dia, Morgan visita os banheiros sempre que pode. Por três horas, sua pichação permanece sem resposta, e então, no fim do dia, ele sobe as escadas para fazer xixi com privacidade no banheiro vazio do terceiro andar e encontra, escrito a lápis embaixo de sua mensagem, Sim, eu sei. A caligrafia é pequena, mas marcante, tão leve que é como se a pessoa a tivesse escrito com indiferença, um sussurro por escrito. Ele precisa agir rápido. Em cinco minutos, o banheiro estará cheio de gente entrando e saindo. Morgan havia pensado em diversos planos de contingência para essa possibilidade: Escreva um bilhete para mim e enfie no armário 2536 pode ser um convite aos marginais que enfiam fósforos acesos nos armários. Sua maior esperança é uma mensagem que passe batido pelos criminosos e chegue a quem de fato importa. Ele escreve a lápis, bem de leve, Me encontre no Rogers Park depois *da aula,* e para garantir a privacidade, rabisca o que estava escrito antes. Depois disso, Morgan anda pelo corredor, analisando os rostos dos desconhecidos em busca da fisionomia sombria e assombrada do detentor da informação. Alguém nesta escola sabe de alguma coisa, ele pensa, enquanto conta os minutos até que ele também venha a saber.

Talvez isso seja um erro, mas Cara não quer ter dúvidas agora nem questionar o que está fazendo. A ligação de Kevin foi uma descarga de adrenalina, e ela tem a missão de consertar algumas coisas, pedir e receber desculpas, pedir e dar

explicações. Por anos, ela pensou no passado como uma série obscura de mal-entendidos que era melhor deixar intocados. Sempre que alguém perguntava de Suzette, ela dizia a mesma coisa. "Aconteceu uma coisa, mas não sei exatamente o quê" era sua única explicação. "Nós não nos falamos mais." Agora elas vão conversar e ela vai entender melhor o que aconteceu todos aqueles anos atrás para que se afastassem tanto.

O apartamento que Teddy e Suzette dividem em Chester fica a 20 minutos de carro, o que é um risco. Se Adam tiver outro ataque e a escola ligar, vai demorar um tempo para chegar lá, mas que seja, ela decide. Ela precisa fazer isso. Enquanto estão no carro, Teddy conta os detalhes e revela mais que Kevin havia feito. Suzette *continua pintando e trabalha em casa como designer gráfica para sites. E não, ela nunca sai do apartamento, faz mais de um ano.*

Cara balança a cabeça. "Um ano? É mesmo?"

"É mais comum que você imagina. Especialmente hoje em dia, em que as pessoas podem trabalhar em casa e fazer compras pela Internet. Ela não precisa que eu more com ela de verdade, mas ainda não quero me mudar. Mesmo que ela diga que eu posso, não quero deixá-la sozinha."

Cara ouve e tenta absorver tudo. "Eu não sabia, Teddy."

"Não. Claro que não." Sem abordar diretamente a questão, ele parece ter deixado a raiva para trás, o que é um alívio.

"Quando éramos crianças" — a voz dela oscila — "ela era segura de si mesma de uma maneira que eu não era. Não ligava para o que os outros pensavam. Tinha opiniões fortes sobre certas coisas". Ela tenta lembrar exatamente o quê e só consegue pensar no último tópico sobre o qual Suzette tinha uma opinião forte: Kevin. Amizade significa que você ajuda a outra pessoa. Fica ao lado dela. Por que ela não se lembrou disso e percebeu que Suzette não poderia ter mentido sobre sua amizade com Kevin? Como Cara pôde, em um momento tão crucial, ter sido tão cega?

"Ter Adam foi a primeira vez em que eu tive certeza absoluta do que estava fazendo. A única coisa na minha vida que foi assim. E eu me lembro de pensar, Só *quero fazer essa única coisa, ser como Suzette e ter convicção disso.* Acho que jamais poderia tê-lo feito se não tivéssemos sido amigas antes." Cara nunca havia

pensado sobre isso, mas ao dizer as palavras, percebe que são verdadeiras.

Chester é uma cidade triste e desbotada, antigamente dominada por uma fábrica de alumínio abandonada. Os parques têm placas que dizem drogas não serão toleradas aqui, não ficar de bobeira, não invadir depois do horário, não entrar com vasilhames de vidro, precauções contra crimes que eles haviam crescido sem conhecer. O prédio ficava atrás do correio, com uma longa rampa que desce a partir da entrada de modo que, ao chegar, Cara sente que está entrando em um porão. No *hall de entrada, ela se abaixa quando sua cabeça quase bate em um cano de cobre.* Mas não se trata de um porão, é um apartamento, com janelas pequenas no alto de três paredes e — por um segundo Cara prende a respiração — as pinturas de Suzette em todas elas. Ela reconhece uma obra, feita após a formatura do colegial. É um auto-retrato, apesar de Suzette nunca tê-la chamado assim porque é um estudo sem cabeça de seu corpo nu após o banho, refletido em um espelho grande enquanto ela se abaixava para enxugar a perna com a toalha. Cara amava essa pintura, principalmente por ser tão fiel, tão instantaneamente reconhecível: a verruga no tornozelo de Suzette, seus joelhos pontudos, seus seios de cornucópia, redondos e empinados.

Teddy avisa: "Suze! Eu cheguei. E trouxe uma surpresa".

Um silêncio se segue, e então do quarto vem uma voz que Cara reconhece perfeitamente. "Como assim?"

Antes que Cara pudesse dizer qualquer coisa, a porta do quarto se abre por um segundo e se fecha novamente. Apesar de Cara não tê-la visto, não ter virado rápido o bastante, Suzette obviamente a viu.

"Que diabos você está fazendo, Teddy?", ela pergunta.

Cara vai na direção da porta fechada. "Não fique brava com ele, Suze. Eu o obriguei a me trazer. Ele queria ligar antes, mas eu não deixei porque não queria que você dissesse não. Só quero conversar com você. Quero entender o que aconteceu conosco."

Enquanto ela fala, a maçaneta da porta se vira. "O que aconteceu conosco?", ela diz sem abrir a porta. "Talvez a gente deva começar com oi."

Cara ri. "Oi."

A porta se abre. "Oi."

Ela está linda. Seu antigo cabelo, fino e ondulado, uma batalha perdida com mechas levantadas não existia mais e um corte quase militar ocupa seu lugar casualmente, tão curto que é possível ver o couro cabeludo. É um corte terrível, mas não importa, ela ainda está bonita. Sem muito cabelo, seu rosto se destaca, seus olhos enormes e lindamente azuis.

"Uau. Olhe só para você, Suze. Você está ótima. De verdade."

"Não é verdade, mas que gentil de sua parte dizer isso."

"Não, é verdade sim. Eu gosto de seu cabelo assim. Curto assim." Ela se pergunta por que essa é a primeira coisa que lhe ocorre se elas nunca haviam sido amigas que se preocupam com a aparência. Nunca haviam tingido o cabelo nem pintado as unhas uma da outra.

Suzette passa a mão pelo seu tapete de cabelo eriçado. "Isso é meio inesperado."

"Eu sei, me desculpe." Ela reconhece melhor essa nova Suzette por partes — conhece as mãos, os ombros, melhor que a criatura inteira em que ela se transformou. "Teddy, tudo bem se Suzette e eu conversarmos a sós por uns minutos? Tudo bem pra você, Suzette?"

"Acho que sim", ela diz suavemente.

"Certo", responde Teddy. "Vou dar uma volta e já venho."

Suzette diz que precisa salvar seu trabalho e trocar de roupa. Ela está vestindo uma camiseta tão velha que Cara tem quase certeza de já tê-la visto antes e uma calça de moletom cinza com uma mancha vermelha no joelho. Quando volta, está de calça jeans e uma blusa preta de gola alta. Ela vai até a cozinha e pega um copo de água.

Cara começa a dizer o que havia planejado: "Eu sei que tudo isso aconteceu há muito tempo, mas quero dizer que sinto muito, Suze, por tudo que aconteceu. Eu queria que o bebê fosse uma solução para nós duas. E não era, claro. Era uma solução para mim, e eu não deveria ter pedido que você abrisse mão de tanta coisa para me ajudar com uma criança que você nunca planejou nem pediu".

"Eu não deveria ter dito sim e depois mudado de idéia."

Cara balança a cabeça. "É estranho lembrar as coisas dessa forma, mas eu realmente acho que engravidei porque achei que você ia gostar. Eu achava que isso nos reaproximaria, que daria a você um bebê para cuidar como você havia cuidado de Teddy."

Suzette sorri e balança a cabeça. "Muito bem pensado. Mas pelo jeito não estava certo."

"Mas tenho tentado entender por que você ficou tão brava comigo, por que não podíamos mais nos ver."

"Você nem sabia, não é?"

"Sabia o quê?"

Suzette olha pela janela da cozinha, que dá para o parque sem crianças. Um casal de pássaros está empoleirado no balanço. "Kevin tinha um plano. Ele queria conquistar você e depois terminar tudo, queria que fosse algo grandioso, era para você realmente se apaixonar para que ele pudesse machucar você como ele tinha se machucado no colegial. Era para eu falar sobre como ele era incrível e agir como se estivesse apaixonada por ele, e isso abriria as portas. Despertar seu interesse."

Cara tinha ido até lá para falar de Kevin, e a surpresa é que Suzette é a primeira a trazê-lo à tona. "Por que você queria ajudá-lo a fazer uma coisa dessas?", Cara pergunta.

"Eu estava tão confusa, e você era tão..." Suzette vai até a pia, abre a água e a deixa correr. "Segura de si."
"Não é verdade."

"Era como eu via. Foi uma época tão ruim para mim, e você nem notava."

"Eu sabia que você não estava feliz."

"Mas você deveria estar devastada. Sua vida deveria estar arruinada, e você nem via. Você só estava feliz porque ia ter um bebê."

"Eu estava feliz."

"Então você entende que… Não deu certo. Primeiro Kevin foi embora, depois eu, e você nem se importou."

"Eu me importei sim. Eu me importava." Faz nove anos e Cara ainda pensa em histórias para a amiga. Em sua cabeça, Suzette ainda está ali. É claro que ela consegue ver, sentir isso. Ou talvez não. Talvez anos demais tenham se passado e agora elas tenham sido transformadas demais pela vida que tiveram. Por um tempo, as duas ficam ali, cada uma pesando seu próprio arrependimento. "Não sei se ele contou para você que ia fazer isso, mas Kevin me ligou e perguntou se podíamos nos encontrar um dia desses."

Suzette diz que sim com a cabeça. "Eu imaginei. Mais cedo ou mais tarde."

"Eu quero encontrá-lo, mas não quero que seja como da última vez. Não quero aparecer de surpresa."

"Você quer sair com ele?"

"Acho que não. Mas quero encontrá-lo, ver se podemos ser amigos. Você acha que é possível?"

"Ele não é a mesma pessoa de que você se lembra. Kevin está em uma cadeira de rodas agora, ele contou?"

Ela tenta não deixar que a surpresa se revele em seu rosto. "Não."

"Ele provavelmente vai ficar bravo comigo por ter contado para você. Ele quer que você pense nele sem as deficiências, como alguém quase independente. A cadeira de rodas tem a ver com o problema nos rins. Acho que ainda consegue ficar de pé de vez em quando, mas não muito. Não com freqüência, pelo que tenho visto. Nós continuamos amigos porque veja…" Ela mostra o apartamento. "É um apartamento com acesso para ele. Um homem mais velho morava aqui sozinho antes. A questão é que, às vezes, ele está bem, às vezes, não. Às vezes, tem fases ruins e some. Ele desaparece, e eu fico sem saber o que aconteceu."

Cara assente com a cabeça e olha para algumas pinturas novas. São diferentes do antigo trabalho de Suzette — mais acessíveis, mais realistas. Uma é de uma praia, com água no fundo. Mesmo não havendo ninguém, parece um retrato. Uma toalha no

primeiro plano está entre outros objetos — um maço de cigarros, óculos escuros, a sombra de um cachorro. Quanto mais Cara olha, mais acha que o cachorro — ou, mais precisamente, sua sombra — é o verdadeiro tema do quadro, a fonte de tensão. Para onde foi o dono, deixando o cachorro como um objeto? E então ela pensa: como Suzette pintou as rochas, até mesmo o líquen, e a luz perfeita de um dia quente e escaldante neste buraco?

"Eu pinto de memória", Suzette explica, antes que Cara tivesse a chance de perguntar. Ela aponta para a pintura da praia. "É Truro, fomos para lá quando éramos crianças."

Cara finalmente tem idade suficiente para olhar para essas pinturas e ter uma reação. "Ela são muito mais realistas." E são mesmo — os cigarros têm marca, os fósforos estão enfiados no maço, a sombra tem pêlos grudados o suficiente para deixar claro que o cachorro está molhado. Cara não diz o que está pensando: é como se, para ver o mundo tão claramente, Suzette tivesse de se distanciar dele. "Eu adorei esse", Cara finalmente diz. "Adorei mesmo. Se tivesse dinheiro, eu compraria esse quadro de você."

Elas sorriem e dão uma risada constrangida.

Cara está falando sério — e Suzette obviamente fica grata —, mas sente que isso as deixou sem nada para dizer. Ela ouve os passos de Teddy no hall e se lembra de uma coisa. "Eu trouxe algumas imagens para mostrar para você, saber sua opinião sobre..." Ela pega a bolsa e tira a pasta com alguns desenhos de Amelia, os dois que havia guardado e alguns outros que Olivia havia devolvido dizendo "Fique com alguns. Quero que outras pessoas também se lembrem de Amelia." Cara quer conhecer essa menina, entendê-la melhor, e talvez Suzette, com seu olho de artista, possa ajudar. Ela os entrega a Suzette, que olha alguns. "Meu Deus, foi Adam que fez?"

"Não, Amelia. A menina que…"

Suzette balança a cabeça, e continua olhando. "Uau, quantos anos ela tinha?"

"Dez."

Suzette balança a cabeça de um lado para o outro. "Impressionante." Ela começa a analisar cada um lentamente, enquanto Cara observa, esperando que chegue o

desenho de si mesma. Talvez ela os tenha trazido por isso — para ver se Suzette vai reconhecer o retrato triste mais rápido que a própria Cara. Atrás dela, a porta se abre, e Teddy entra. "A gente precisa ir, Cara. As aulas vão terminar logo."

"Um minuto", Cara pede. Ela quer que Suzette vá mais rápido, chegue aos útimos. Nem se importa mais com seu desenho, quer que ela veja o desenho de Adam. *Aí está ele, ela diz discretamente. Este é o nosso menino.*

Quando chega o desenho de Cara, fica claro imediatamente que Suzette a reconhece. Ela pára, olha para a antiga amiga e para o desenho. E fica olhando por tanto tempo que Cara se pergunta se não foi um erro trazê-los, se essa imagem revela muito sobre sua vida. Ela pode dizer a Suzette que está bem, mas basta olhar o desenho e ver que não é verdade. Por um longo tempo, elas permanecem ali, com Teddy olhando, e então Suzette a surpreende: sem dizer nada, ela pega a mão de Cara. Talvez o desenho tenha se incumbido de dizer tudo o que ela precisa saber para que as coisas se acertem entre elas — Suzette teve suas batalhas, assim como Cara.

Cara quer dizer alguma coisa, mas o momento se vai. Suzette passa para outro desenho, e outro, até que pára de novo em um de uma mulher idosa com cabelo encaracolado e rugas exageradas no rosto. "Meu Deus", ela murmura, a Cara se aproxima para ver o que chamou sua atenção nesse desenho específico. Não é ninguém que Cara reconheça. Ela parece estar brava e alterada, como se essas fossem as únicas emoções que a garota soubesse desenhar. "São muito bons", Suzette comenta, balançando a cabeça. E só.

No caminho para casa, Cara estuda o perfil de Teddy do banco do passegeiro. Ela pensa naquele menino de que se lembra — como ele fazia qualquer coisa pela atenção de Suzette, como algumas tardes Cara ia para a casa de Suzette e encontrava os dois enfiados no sofá lendo livros do dr. Seuss. Nunca havia ocorrido a Cara que ver Suzette assumir o papel de mãe a partir dos doze anos tenha influenciado sua formação. A vida toda, Suzette sempre pareceu mais velha, mais sábia e mais madura que as pessoas de sua idade porque nunca se importava com sua posição social: ela tinha isso em casa, um menino que dependia dela completamente. Na época, Cara reclamava de tudo que isso restringia — elas quase nunca faziam compras, raramente saíam —, mas em algum lugar deve ter registrado tudo que aquilo proporcionava a Suzette: a força para se importar tão pouco com o que não era importante, a confiança para tomar suas próprias decisões. Claro, era uma bênção complicada. Suzette provavelmente não tinha ido para a universidade porque

não queria abandonar Teddy. E quando foi morar com Cara, não agüentou ficar longe dele. Agora ele cuida dela em uma vida que aos olhos dos outros deve parecer limitada e triste, mas será que é mesmo? Ou será uma coisa completamente diferente — algo mais próximo da vida que Cara tem: cuidar das necessidades de alguém, algo tão delicado e tão incrível que, às vezes, Cara pensa que ninguém que não tenha feito isso pode saber qual é a sensação, como o próprio sacrifício se recompensa, quão profundo e enorme esse amor pode ser. Às vezes, ela pensa: isso é maior que *a maioria dos pais tem a chance de experimentar.*

Ela olha para o rosto de Teddy, inescrutável e distante, e deseja que fosse possível perguntar.
No parque, Morgan espera encontrar alguém conhecido: talvez alguém do grupo ou outro pária da escola que passeia pelos mesmos cantos escondidos que ele nos últimos meses. Alguém que ouviu conversas de pessoas que nem mesmo notaram sua presença. Ele não sente medo até subir a rua e ver, a distância, uma garota conhecida: Fiona, a garota de cabelo preto e braceletes com quem havia conversado na porta da sala de Marianne. Claro, é uma coincidência ou um erro, ele pensa, até que ela vai até ele e diz: "Achei que fosse você mesmo".

Como é possível?

"Eu uso aquele banheiro às vezes", ela diz de maneira prática. "Ninguém vai lá. Ninguém repara. Não agüento os banheiros femininos. É só entrar em um para você ver do que estou falando."

Morgan não quer pensar nos banheiros femininos nem falar sobre eles. "O que você sabe sobre Amelia?"

"Não é sobre a Amelia que eu sei, é sobre o Chris. Ele toma o mesmo ônibus que eu." Ela encara Morgan enquanto enrola uma mecha de cabelo, como se agora que está lá, não tivesse certeza de que quer dizer nada.

Morgan assente com a cabeça. "E?"

"Um dia depois do assassinato, Chris sentou em minha frente e começou a falar um monte de coisas sobre como espera que as pessoas percebam como as coisas podem piorar, que as pessoas podem morrer por causa do assédio na escola."

"Como se algum valentão a tivesse matado?"

"Foi o que pensei, mas aí ontem, no ônibus, ele me contou que tinha acabado, que não ia mais para a escola, que ele ia para a polícia se entregar."

"Pelo quê?"

"Ele disse que era o motivo por que Amelia estava morta e que não podia mais viver com a culpa."

Uau, Morgan pensa. É muito interessante, e ele é um detetive muito bom por ter chegado ao fundo disso. "Então foi o Chris que a matou?"

"Ele disse que não, mas que era o responsável." A voz dela começa a oscilar um pouco, e Morgan recua. Ele a viu chorar uma vez e com certeza não quer ver de novo.

"Não precisa chorar", ele diz mais abruptamente que gostaria e, de repente, é tarde demais, lá estão as lágrimas de novo, escorrendo pelo rosto dela.

"Ele estava tentando me dizer mais alguma coisa. Estava tentando conversar comigo e eu cortei porque não queria que as outras pessoas do ônibus achassem que nós somos amigos. Falei para ele que precisava fazer minha lição de casa. Agora talvez ele esteja morto, e a culpa é minha porque eu fui tão má com ele."

Morgan se pergunta: se ele morresse, quantas pessoas chorariam quando se lembrassem de como o trataram mal? Mas, por enquanto, o que tem a dizer é: "Você pode torcer para que ele não esteja morto. Se não estiver, acho que você poderia dizer a ele que sente muito e se oferecer para sentar ao lado dele no ônibus. Por uma semana talvez. Isso seria legal".

Fiona olha para ele e enxuga as lágrimas com as costas da mão. "Talvez você tenha razão."

Mais tarde, Morgan vai embora e fica maravilhado com o que descobriu: Chris está envolvido de alguma forma, ou pelo menos se sente responsável pela morte de Amelia, e mais isto: às vezes as pessoas se sentem mal depois de serem más.

Em casa, Cara pensa em Kevin e em tudo que Suzette contou — que ele a amava e também que queria magoá-la. Havia tanta coisa que ela não tinha visto, maneiras como havia magoado as pessoas que só reconhecia agora, enquanto protegia Adam dessa dor. Como podia culpar Kevin? Ela havia feito tantos esforços para ficar amiga dele, gravado fitas para ele, e depois terminado a amizade quando surgiu o peso da expectativa. Ela pensa nele em uma cadeira de rodas, e a estranheza de não ter ouvido isso dele pessoalmente, de que Kevin tenha mantido alguns segredos por razão que ela desconhece.

E, claro, Cara pensa: ela fez o mesmo.

Se alguém imparcial e de fora olhasse para a vida deles, pesasse os pecados de omissão, é provável que Cara fosse considerada muito mais culpada. Enquanto ela espera o ônibus escolar de Adam, não consegue se livrar do desconforto que a visita a Suzette deixou. É uma imagem tão triste de relembrar como cada uma chegou à vida adulta e à independência, mas se recolheu a seu próprio isolamento. Sem terem se visto por nove anos, elas haviam definido os contornos de vida uma da outra — como se, depois de tentar estabelecer uma relação e falhado, ambas tivessem decidido desistir.

Cara se pergunta o que teria acontecido a sua amizade com Suzette se Kevin nunca tivesse aparecido. Claro que por um tempo, Suzette esteve apaixonada por ele, por todo seu potencial, e tenha visto o que sua presença o ajudaria a alcançar. Ela rompeu cada princípio de seu caminho auto-imposto: foi para a faculdade com ele, fez do sucesso dele sua meta pessoal e — o que aconteceu? Ele teria dito, Não, *é a Cara que eu quero,* ou foi Suzette mesma que percebeu, gradualmente, em conversas que voltavam para o tema de vencer alguma guerra que Cara nunca soube estar acontecendo? Talvez — Cara espera — ela não fosse a questão central. Ela pensa nas palavras de Suzette: *Às vezes, ele tem fases ruins... E desaparece.* Ela havia pensando tão pouco no fim de sua amizade com Kevin e em seu desaparecimento. Mas ao pensar nisso agora, percebe que os sinais estavam lá. Uma semana antes de ir à loja onde ele trabalhava e vê-lo pela última vez, eles tinham saído para jantar e Kevin havia ficado furioso com um garçom que não entendia o que ele estava tentando pedir. Depois de tentar duas vezes, o garçom virou para ela e perguntou levianamente, "O que ele está dizendo?"

"Eu estou bem aqui!", Kevin tinha gritado. "E estou dizendo sanduíche de frango *grelhado."*

Apesar de Cara ter entendido, quando Kevin ficou bravo, as palavras se enrolaram em sua boca e se tornaram mais incompreensíveis. Parecia que ele estava dizendo *sandália fraca gralhada. Cara traduziu discretamente, e o garçom desapareceu, mas* esse único surto deixara Kevin exausto, bebendo água desesperadamente. "Me desculpe", ele deve ter dito três vezes enquanto a vermelhidão saía de seu rosto, e eles procuraram algum assunto para resgatar a noite. No final, encontraram um e tudo ficou bem até que o garçom trouxe a comida e colocou cada prato diante deles dizendo: "Aqui está, senhora", e então, muito diretamente para Kevin: "Desculpe, senhor".

Kevin bufou diante das desculpas e, em vez de aceitá-las, disse de forma rude, "Tome cuidado".

Cara se lembra desse momento, gravado em sua memória porque mesmo naquele momento ela havia pensado: Ele realmente guarda rancores, não perdoa facilmente. Agora, ao ver Adam descer do ônibus, parece que seu coração está se revirando em seu peito. Tome cuidado, ele dissera.

E então é como se ela estivesse nadando, ouvindo e deixando de ouvir vozes, ciente de que estão lá, gritando alguma coisa, a versão auditiva de um borrão, uma mancha, palavras apagadas, e então emerge da água para a claridade perfeita — é a mãe dela, rindo, ao lado de seu pai, uma churrasqueira ao longe, carne cozinhando, tudo está bem, mas não está. De repente, seu coração fica congelado diante do pensamento: ela sabe quem Adam está imitando. Não é um sotaque, é um problema de fala, musculatura e controle perdidos, um lado fazendo mais esforço para compensar o outro, um rosto em guerra consigo mesmo. É a voz de Kevin. Ele está imitando Kevin.

Mentalmente, Morgan faz uma lista das coisas que precisa dizer a Cara: 1: sobre o incêndio. 2: sobre Fiona. 3: sobre Chris, que pode ser o responsável pelo assassinato de Amelia, mas também pode não ser.

"Oh, Morgan, que bom que você veio", Cara diz quando ele chega. Obviamente algo está acontecendo. Há uma senhora e um policial na cozinha, e Cara está vestindo uma jaqueta. "Preciso sair um minuto, mas Wendy vai ficar aqui." Ela aponta para a senhora, que levanta a mão. "Prometo não ficar fora muito tempo. Vocês podem…" Ela pára um segundo. "O que vocês podem fazer? Jogar alguma coisa, acho. O que vocês quiserem. Adam está na sala de estar, tem comida na geladeira. Você está com fome?"

Ele balança a cabeça, e os olhos dela pousam na mala que ainda está no canto da cozinha. "Você trouxe sua própria comida, não é? Você pode comê-la se quiser."

Cara está visivelmente nervosa — três pares de olhos observando-a — o que faz Morgan ficar surpreendentemente à vontade. O que tem para contar a ela pode esperar. Em um minuto, ela terá saído, e ele vai ficar sozinho com Adam na sala de estar, vai poder perguntar o que quiser. Talvez eles joguem Boggle, ou talvez ele apenas pergunte se Adam viu algum menino de óculos no bosque com facas ultimamente.

Cara chamou Wendy, enfermeira aposentada e antiga amiga da família que mora na casa ao lado e, em emergências, fora babá de Adam no passado, apesar de Cara raramente chamá-la, em parte porque raramente precisa de uma babá, mas também porque ver Wendy — que tem a idade de sua mãe e era amiga dela — sempre é um pouco triste para ambas. Elas geralmente não passam uma noite sem que Wendy, em algum momento, com olhos marejados, diga "Ela ficaria com tanto orgulho de você, Cara. Tudo o que você fez. Como Adam está. Ela teria tanto orgulho". Cara adora ouvir isso, mas não suporta a enxurrada de emoções que se forma em seu peito: o terrível nó na garganta, o medo de que ela também desabe e chore. Agora, lutando para manter o controle de si mesma e de tudo o que precisa fazer, ela age de forma objetiva e dá instruções a Wendy: jantar aqui, brincadeiras na sala de estar, Morgan pode comer o que quiser.

Cara havia pedido que Teddy a levasse até a casa de Kevin e esperasse no carro porque não havia como saber o que esperar. Tinha dito para Teddy (e para si mesma) que era possível que ele não estivesse no bosque, que Adam estivesse imitando sua voz e suas palavras porque o viu em alguma outra situação. Mas quando bate na porta, seu medo é engolido por uma crescente maré de raiva que faz

com que sua voz fique trêmula e fina quando ele abre e recua de surpresa ao vê-la ali.

"Desculpe por não ligar antes, Kevin, mas preciso perguntar se você viu Adam ou o encontrou recentemente." Não há motivo para uma troca de delicadezas nem para olás quando é isso que quer perguntar. Ela não quer nem olhar para ele, não quer ver o que está diferente, o que continua igual. Em vez disso, Cara olha para a cadeira de rodas em que ele está e os tênis desbotados que está usando.

"Eu estava lá", ele diz, finalmente, "No bosque. Ele contou a você?"

Ela quer dar meia volta e ir direto para o carro de Teddy, dizer a ele para ligar para Matt imediatamente.

"Deixe-me contar o que aconteceu, Cara. Deixe-me contar a história antes que você faça qualquer coisa. Eu não matei aquela menina, se é isso que você está pensando. Eu não fiz nada, mas faz quatro dias que estou tentando descobrir o que fazer, então finalmente pensei, *Vou contar tudo a Cara e deixá-la decidir.* Foi por isso que eu quis que a gente se encontrasse. Eu preciso que você saiba exatamente o que aconteceu."

Ao ouvir isso, ela deixa que seus olhos vão da cadeira de rodas para seu rosto; faz tanto tempo que não o vê que tinha esquecido os detalhes com os quais conviveu todos esses anos — que seu cabelo escuro se enrola, da mesma forma, perto das orelhas e que elas também são um pouco abertas. Os cílios são os mesmos de Adam, o formato das unhas. Ela não sabe bem o que pensar — se Kevin realmente é lindo ou se é ela que adora as partes do rosto dele que vê todos os dias. "Certo", ela diz. "Conte."

"Eu só queria encontrá-lo. Só isso. Eu já tinha visto Adam antes, uns três anos atrás, na biblioteca. Ele se afastou de você e veio direto até mim. Eu vi como ele é e pensei, Chega, *ela vai vir até aqui e nós vamos conversar sobre isso. E então ele* foi embora. Ele sabia que você o estava procurando, e eu o vi sorrir e se esconder entre duas estantes. Você ficava repetindo: 'Adam, isso não tem graça', e então ria, e eu queria dizer alguma coisa, mas era tão bom ficar ali vendo vocês brincarem."

Ela se lembra dessa vez. Ela tinha se esforçado tanto para ensinar Adam a brincar de esconde-esconde, tinha passado por tantas tentativas frustradas, fechar os olhos, contar, e então abri-los e ver Adam ao seu lado, confuso. Ou quando era a vez dela

de se esconder, tinha de ser óbvia — esconder só a cabeça sob uma almofada ou deixar os pés à vista embaixo da mesa — ou Adam esquecia a brincadeira completamente e ia olhar pela janela. Ela se lembra da biblioteca porque foi a primeira vez em que realmente não conseguiu encontrá-lo. É difícil processar isto: Kevin esteve presente, vendo Adam, conheceu partes, mas não a história toda.

"Eu sabia que tinha algo errado com ele — que ele não falava ou alguma outra coisa —, mas ao ver vocês dois rindo, pensei, Eles devem estar bem. Eles parecem *estar bem. Isso me fez querer conhecê-lo. Só isso."*

Ela não quer pensar nisso, que ao negar a Kevin a paternidade, cometeu um erro enorme e irrevogável. "Conte o que aconteceu no bosque."

"Eu costumava ir lá para observá-lo. Podia vê-lo por entre as árvores e gostava de ver as coisas que ele fazia. Ele sempre andava primeiro pela linha amarela, de um lado para o outro, e então ia até os pneus e sentava dentro deles. Eu vi que havia uma menina que sempre o procurava... Amelia. Ela o encontrava nos pneus e se sentava ao lado dele. Um dia, ela foi até o bosque, como se soubesse que eu estava lá, esperando que alguém me ajudasse. Então nós conversamos, fiquei sabendo algumas coisas sobre ela, e ela disse que o traria. Nós combinamos tudo e eles vieram, e por um tempo eu não conseguia acreditar: ele é tão lindo, Cara. Eu só tinha visto Adam de perto aquela vez. Eu só... Não sabia o que dizer a ele. Queria dizer: 'Acho que sou o seu pai', mas fiquei com medo. Não sei se ele entenderia. Fiquei pensando que eu devia ter levado um presente. Algo para quebrar o gelo. É isso que pais ausentes fazem, aparecem com presentes. Eu não tinha me preparado como deveria. Fiquei tentando conversar com ele, e não consegui avançar muito..."

Cara consegue imaginar isso tudo muito facilmente. Qualquer situação em que Adam tenha de conversar, ele se afasta, evita, se puder.

"De repente eu olhei para cima e vi que Amelia tinha encontrado uma faca no chão. Eu pedi que ela a entregasse para mim, mas ela não quis. Ela viu que eu estava ficando nervoso, e eu sei que é horrível dizer isso, mas a verdade é que essa menina era estranha. Parecia que estava tentando fazer alguma brincadeira. E então um homem apareceu, descalço... Muito agitado. Ele ficava dizendo: 'O que vocês estão fazendo aqui?' Eu respondia: 'Nada, estamos indo embora', e então ele viu a faca e disse: 'O que é isso?' Ele obviamente estava muito nervoso e agitado, ou algo assim, então eu disse:'Devolva para ele'."

Cara balança a cabeça. "Foi isso que você disse?"

"Fiquei repassando isso na minha cabeça. Não sei o que eu estava pensando. Eu queria desfazer a tensão, achei que a faca estaria mais segura na mão dele que na mão de uma criança. Obviamente, eu me arrependi no minuto seguinte. Imediatamente, percebi que era perigoso, então tentei pegar Adam primeiro, garantir que ele ficasse longe. Quando me virei, Amelia tinha dado a faca para o homem, e eu sabia, pela maneira como ele a estava segurando, que a faca não era dele. Ele a virava nas mãos com Amelia a poucos centímetros. Quando me aproximei, pude ouvir que ela estava falando com ele, perguntando por que as roupas dele estavam tão sujas, por que estava sem sapatos."

"Meu Deus." Cara mal consegue suportar ouvir isso.

"Eu tentei fazê-la parar, Cara. Tentei ir até ela, mas quando consegui, era tarde demais. Aconteceu tão rápido."

"Por que você não foi imediatamente para a polícia?"

As mãos dele estão mortas em seu colo. Mesmo na luz cinza e fraca da entrada, Cara vê que Kevin está chorando. "Não consegui, Cara. O que eles teriam dito? Eu tinha invadido o terreno da escola, estava conversando com menores. Na minha cabeça, eu ficava pensando: *Finalmente conheci Adam, falei com ele, e se eu for para a polícia, a próxima vez que ele me vir eu vou estar na cadeia.* Mas decidi fazer o que é melhor para ele. É só você me dizer o que fazer. Você decide."

Ela não hesita: "Vá até a polícia, Kevin. Eu vou com você. Tem um detetive de que eu gosto. Ele vai entender. Eu juro".

O dia inteiro na escola, June ouviu todos os boatos possíveis sobre Chris — que estava morto, que tinha sido seqüestrado, que tinha fugido e estava morando em uma lata de lixo. Ela ouvia atentamente, como Marianne os instruíra a fazer, e em um dia inteiro de conversa, apenas uma coisa de todas as que ouviu tinha um fundo de verdade. Foi no fim da manhã, enquanto tentava dividir o grupo para as atividades de leitura. "Eu conheço esse menino. Já vi ele lá fora antes", disse Jimmy.

June parou, as mãos cheias com os livros de atividade que estava distribuindo.

"Onde?"

"No bosque."

"Você viu Chris Kolchak no bosque?"

"Vi. Foi estranho. Como se ele estivesse falando sozinho. Chorando ou coisa parecida."

"Tinha alguém com ele?"

Jimmy pensa, comprime os lábios e balança a cabeça.

"Não, acho que não."

"Quando foi?", ela pergunta, mesmo que estivesse dizendo para si mesma: Não dê *muita importância a isso, não assuste as outras crianças*.

"Não sei. Acho que faz uma semana."

Ela sabia que era possível — que as crianças brincavam mais longe do campo que teoricamente era permitido. Alguma coisa na maneira como Jimmy tinha falado e a maneira como ninguém na sala deu muita importância além dela faziam-na pensar que devia ser verdade. Ele não estava tentando chocar ninguém, porque aparentemente não tinha percebido que aquilo pudesse ser importante.

Quando chegou em casa naquela tarde, tinha deixado um recado para Teddy, e agora esperava que ele retornasse a ligação. Ela se sentia como nas quatro últimas noites — esperando ao lado do telefone, preocupada com ele, falando muito pouco quando Teddy finalmente chegava. Como se o amor a tivesse reduzido a longas noites silenciosas passadas imaginando o dia em que ele seria tirado dela, ferido ou morto, ou simplesmente levado por uma mulher que lidasse melhor com o fato de ele ser policial. June conhece todos os motivos por que não é uma boa candidata: ela se preocupa excessivamente, não possui um ferro de passar roupa nem graxa preta para sapatos. Algumas mulheres são boas em cuidar desses detalhes — ela as conhecera em agosto, no piquenique da delegacia, em que todas as outras mulheres a não ser

June tinham um bebê nos braços. Elas eram gentis e interessantes — algumas também eram policiais, ou tinham sido, todas tão comprometidas com o trabalho quanto com seus homens. "É um pouco como casar com um militar", uma havia dito, olhando fixamente para June, para certificar-se de que ela tinha entendido.

June não sabe se é isso que os impede de falar sobre o futuro e sobre irem morar juntos, ou se é só Teddy e a obrigação que ele sente de cuidar da irmã. "Ela praticamente me criou", ele havia dito, à guisa de explicação. "Quando eu tinha seis anos, minha mãe teve um colapso e Suzette fez tudo por mim. Ela fazia o jantar, brincava comigo, lia para mim. Não fiquei louco basicamente graças a ela", ele dizia, animadamente, talvez sem ver a ironia: Mas você vê? Ela ficou.

Em qualquer conversa sobre Suzette, ele sempre insistia que era uma fase, algo que ela está passando e que vai superar com o tempo. Apenas uma vez, de que June tenha conhecimento, Suzette havia tentado procurar um tratamento para sua agorafobia. Envolvia um retreinamento behaviorista e sair de casa aos poucos. Nada de tentar sair e ir ao mercado no primeiro dia. Você vai de carro até a metade do caminho e volta para casa. Você não prepara um fracasso, e sim se recompense pelos pequenos passos, primeiro por andar a três metros de casa, depois seis, depois meio quarteirão. Você treina seus nervos para exercitar a força de vontade, trabalhar os músculos dos pensamentos calmos. Na época, Teddy fazia os exercícios com ela todo dia depois do trabalho. Elas saíam tarde — onze da noite — e faziam uma caminhada de seis metros pela rua. "Ela não ficaria com menos medo durante o dia?", June perguntava.

"Não. A noite faz bem para ela. Ela vê menos. Excesso de luz é um dos problemas."

Na época, June tinha ficado esperançosa; uma noite, eles foram até o mercado e compraram morangos como recompensa. E então Suzette anunciou que não queria mais ir a esse médico nem tentar essas saídas. "Minha vida está ótima", ela disse. "Gosto das coisas como estão."

Quando Teddy finalmente liga, diz a June que não vai para lá esta noite, que precisa ir para casa ficar com a irmã. Ela sabe que já devia esperar por isso, há dias ele não volta para casa. Suzette também precisa dele, e June teve uma cota de tempo maior que o comum. Ela decide não contar a ele o que Jimmy disse hoje e se concentrar em uma coisa muito mais difícil de dizer. "Teddy? Tem uma coisa que eu quero dizer."

"O quê?"

Ela não sabe de onde ele está ligando, se está sozinho no carro ou na delegacia, cercado de gente perto de quem não pode falar. Há uma semana ela está à beira de revelar seus pensamentos mais secretos para ele. É claro que June já havia se apaixonado no passado, e seu coração já havia sido partido, mais de uma vez, mas a coisa nunca pareceu tão instável, como se a queda fosse ser maior e, de alguma maneira, pior. "Desde que essa história da Amelia aconteceu, fico pensando que é importante dizer para as pessoas, quando se tem a chance, o que elas significam, como são importantes..." June, com seus diplomas e todas as palavras do mundo, gagueja com as únicas que está procurando para dizer. "Eu me importo com você. Teddy. Muito. Não quero que você se machuque."

É isso que ela quer dizer?

No meio de todos os seus medos de se envolver demais com Teddy — de que ela perca o interesse nele ou que ele perca o interesse nela — tem mais uma coisa: policiais se machucam e morrem. É como casar com um militar.

"Do que você está falando, June? Você está terminando comigo?"

"Não!"

Como foi que ela tentou dizer uma coisa e acabou dizendo o oposto? "Escute, eu preciso ir...", Teddy diz, e um segundo depois, ele se foi.
Depois de Cara ter passado a viagem inteira no carro de Teddy reafirmando a Kevin que Matt Lincoln seria compreensivo, ele é completamente duro e frio quando chegam à delegacia. Em menos de um minuto, ele os coloca em duas salas de interrogatório diferentes e se senta em frente a Cara com os olhos apertados, sem acreditar na história contada por ela.

"Quando foi a última vez que você viu Kevin Barrows?"

"Uns quatro meses antes de Adam nascer."

"E você nunca mais o viu?"

"Não."

"Algum tipo de contato? Telefonemas? Cartas? Alguém em sua família teve algum contato com ele?"

"Não que eu saiba."

"Mas supostamente ele desenvolveu um interesse em Adam porque..."

"Ele acredita que é o pai de Adam."

"E é verdade?"

Ela suspira. "É possível. Eu não tenho certeza."

Ele balança a cabeça de uma maneira que Cara não consegue interpretar: talvez ela devesse ter contado isso antes, talvez seja uma reprovação conservadora da parte dele, depois de todos esses anos, ainda seja possível julgá-la pelo imperdoável crime de ter dormido com dois homens no mesmo mês. "Sabe, quero acreditar que minha vida sexual de uma década atrás não seja a questão aqui. A questão é que você tem uma testemunha, perfeitamente convincente e articulada, dizendo que Busker Bob, o Robert Phillips, é o culpado. Seja pelo que for, Kevin tem seus motivos para não ter se pronunciado antes, mas quatro dias depois é melhor que nunca, não é?"

Matt obviamente não vai dar o braço a torcer. "Não é tão simples, Cara. Primeiro, Phillips passou no teste do polígrafo. Reconhecidamente, eles não são cem por cento confiáveis, mas neste caso, acho que é bem significativo. Segundo, nós encontramos as pegadas dele a mais de trinta metros do local do crime, mas nada ao redor delas... Nem pegadas parciais, nada. Mesmo que ele tenha tirado os chinelos e andando na ponta dos pés até o local, rastejado, andado de joelhos, deveria haver alguma coisa, e não há. Pelo que sabemos, o que ele nos disse é verdade: ele *nunca* esteve a menos que trinta e cinco metros de distância. Ele disse ter ouvido uma garotinha cantando quando tocou flauta, e só."

"Ele também foi diagnosticado com algum problema mental, não é?"

Matt mostra a palma da mão. "Posso até admitir isso. Mas também temos Barrows contando uma história que, no mínimo, tem alguns problemas. Se a menina pegou a faca e a entregou a Phillips, onde está essa faca? Phillips não teria onde esconder

algo assim. Nós já a teríamos encontrado a essa altura. Ela teria aparecido no bosque, escondida em um arbusto ou embaixo de algumas folhas."

"O que isso tem a ver com a história de Kevin?"

"O motivo por que não conseguimos encontrar a faca é porque alguém a levou para casa."

Cara olha para Matt. "Você acha que Kevin levou a faca? Isso é um absurdo." Mas mesmo enquanto diz isso, entende aonde ele quer chegar: a história de Kevin não se sustenta totalmente. Ele criou uma imagem de si mesmo no bosque, tenso e desconfortável, falando pouco, falando as coisas erradas, então por que Adam teria repetido suas palavras de raiva? É uma questão, certamente, mas na cabeça dela, não uma grande questão, porque acredita que mesmo que ele tenha mentido sobre os detalhes da história, a essência é verdadeira. A culpa dele está atrelada a sua falta de bom senso: ter ido até lá, ter falado com Adam sem permissão.

Não são questões pequenas, e ela com certeza vai ter de pensar um longo tempo se Kevin poderá ver Adam no futuro, mas isso também não é uma questão sobre a qual a polícia pode opinar, e Cara se sente muito incomodada que uma hora antes estivesse falando maravilhas sobre a sensibilidade de Matt. Se pudesse, ela se inclinaria e daria uma bronca nele: que ele não entende a natureza de amizades longas e complicadas, que as pessoas podem afetar umas às outras sem se ver. Que podem arruinar e ferir umas às outras mesmo que, de certa forma, também se amem. E que essas relações, frágeis como são, causam ações que nem sempre seguem caminhos lógicos.

Quanto mais tempo ela passa ali sentada, mais certeza tem de que está certa. Sejam quais forem as lacunas na história de Kevin, o que quer que tenha vergonha de contar, ele estava lá em um ato de amor, agindo por impulso em nome desse amor. E o que ela não consegue entender — o que realmente acaba com ela — é que não foi o amor por ela que o fez se esconder nem o colocou nessa missão de subterfúgio. Foi o amor por Adam.

"Kevin não a matou. Eu o conheço. Ele não faria isso. Tenho certeza."

Ele levanta um dedo, como se dissesse, *Espere, tem mais uma coisa.* "Imagino que exista uma coisa que Barrows não contou a você." Cara o encara e espera. "Ele provavelmente não contou que ele cumpriu pena na prisão."

Chris não sabe há quanto tempo está ali. Sabe que pegou no sono e acordou. Sabe que ficou escuro por um tempo e agora está claro de novo. Ele comeu toda a comida que tinha trazido, uma mochila cheia de frutas. Não consegue evitar, toda vez que fica nervoso, ouve um barulho ou imagina o que pode acontecer ali, pega a mochila e come mais. Faz seis horas que precisa ir ao banheiro, mas não quer ir antes de terminar o que precisa fazer. Ele tem os desenhos, seu caderno está aberto embaixo de uma pedra. Por um tempo achou que seria muito difícil, que seus braços não eram fortes o bastante; ele só havia trazido o que cabia na mochila, então não tem uma pá de verdade, só a espátula de jardinagem de sua mãe.

O plano é que levaria duas horas.

Estar ali há pelo menos 24 é só mais uma prova de que nada funciona com ele como deveria.

Mas agora está tudo bem. Agora ele está avançando, agachado, abraçado aos joelhos enquanto enfia a espátula no chão duro. É um belo buraco, fundo o suficiente para que seja difícil para ele sair de lá, longo o suficiente para que possa deitar nele sem encostar-se a nenhum dos lados. Essas são as dimensões de que precisa. Precisa ser como um caixão, estava decidido, porque é isso que vai ser.

Morgan não esperava que fosse ser tão fácil. Sem Cara por perto, e com uma senhora nervosa como substituta, ele pode perguntar a Adam o que quiser. Poderia até sugerir que fossem ao quarto de Adam, e o faz. Wendy não vai com eles. Ela não é como Cara, que mal perde Adam de vista. Até agora, ele perguntou a Adam sobre algumas pessoas — Randall Im, Wilson Burnstein — e Adam não disse nada, só ficou olhando para ele sem nenhuma expressão no rosto. "E alguém de óculos?", Morgan pergunta, e Adam pisca. Deixa para lá, decide.

Ele vai tentar outra coisa.

Sozinho no quarto de Adam, ele vasculha as coisas um pouco — Adam ajoelha na cama, pega um pequeno cobertor azul e o enrola nos ombros.

"E então, Adam", Morgan pergunta, "E essa menina, Amelia?"

Ele ouve passos na escada. Precisa agir rápido, e então pensa em outra coisa. Fecha a porta com um chute e os passos param.
Cara precisa deixar Kevin na delegacia, não tem escolha. Ela não acredita no que Matt está sugerindo, que talvez Kevin seja o culpado, mas não pode ficar mais para argumentar. São quase seis horas e Adam vai precisar dela, vai querer jantar logo mais, sua rotina normal, especialmente depois de todo esse tempo atipicamente passado na companhia de outra criança.

Ela não está autorizada a ver Kevin ou se despedir, então pede a uma secretária que ligue para a mãe dele, explique onde ele está e o que está acontecendo. A caminho de casa com um policial desconhecido, ela se pergunta pela primeira vez: onde está a mãe de Kevin? Ela se lembra de Suzette, no jorro da discussão de sua amizade com Kevin, falando tão freqüentemente sobre a mãe dele quanto sobre o próprio Kevin. Não acho que ela tenha tantos problemas. Pelo menos ela fala sobre *eles. Pelo menos ela é honesta. Em todos esses anos, Cara pensou muito pouco nos* meses imediatamente antes de sua gravidez, quando Suzette reapareceu com histórias para contar, sobre Kevin e sua mãe. Agora percebe que nunca havia acreditado que a mãe fosse a paciente. O tempo todo, todas aquelas histórias, ela achava que Kevin fosse o paciente, voluntariando-se com as crianças hospitalizadas. Sua suposição era essa porque isso se enquadrava na imagem de Kevin eternizada em sua cabeça, deitado em uma cama, sussurrando: "Meu corpo está desmoronando". Kevin era o elo frágil, sua mãe era a haste de metal que o ancorava à vida, que o trazia de volta, todas as vezes. Como a mulher de que Cara se lembra, de batom e bobes, o olhar tão solidamente fixado no rosto do seu frágil filho, permitira-se ter um colapso?

Ela nunca soube a resposta. Sua breve amizade adulta com Kevin presumira que Suzette não havia encontrado nenhum dos dois no hospital, que todos estavam bem, exceto, é claro, Suzette. Quando Cara finalmente descobriu que a verdade era muito mais complicada e estava profundamente mergulhada em muitas mentiras que não haviam sido contadas por Suzette, estava a um mês do parto, o que permitiu que dissesse para si mesma: Não vou pensar nisso agora, vou deixar para depois.

E então ela encontrou outra saída. Kevin pode ser o pai de Adam. Mas também

pode não ser. Ela podia decidir não decidir. Transformar em verdade o que dissera a seus pais: *Não importa quem é o pai. Não é importante.* Ela mantivera-se imperturbável durante as visitas do pré-natal, ao chegar ao hospital, durante o processo de preenchimento da certidão de nascimento. *Pai: Desconhecido,* ela escrevia toda vez. Perto do final, as pessoas começaram a perguntar mais no hospital, ela foi encaminhada a uma assistente social que disse, cinco horas depois de dar à luz a Adam, que alguns homens processavam ex-namoradas para ter acesso aos filhos que não sabiam ter.

"Não, não", Cara disse, olhando para o bebê em seus braços, já séria, cenho já vincado pela dúvida em relação a essa história de ter de sair do útero. "Não vai ser o caso."

"Escute", a mulher finalmente disse, "você pode fazer como quiser. Não vou dizer a você como viver sua vida porque nem nos conhecemos. Mas todos os livros que você ler, todos os estudos, vão dizer que uma criança que sabe quem é seu pai é mais equilibrada, mais saudável. Um nome na certidão de nascimento é muito melhor que nada".

Mesmo diante da lógica óbvia dessa mulher grande e persuasiva, ela não cedeu. Apenas disse: "Vai dar tudo certo. Neste caso, ele vai ficar bem. Eu prometo".

Esse tempo todo, ela jamais duvidou de sua decisão nem da certeza com que a tomara. Três anos depois, durante as consultas com neurologistas, com suas baterias de perguntas sobre genética, ela não se questionava.

Ela acreditava que revelar a identidade do pai não mudaria o que estava acontecendo, que o cérebro de Adam e seu desenvolvimento estagnado não tinham nada a ver com a ausência de um pai.

Cara chega em casa e encontra Morgan e Adam totalmente contentes, sentados na mesa de jantar jogando Sorry.10 Ela observa um pouco, ciente de que a logística do jogo é complicada demais para Adam, apesar de ele parecer estar suficientemente feliz em deixar que Morgan mova sua peça enquanto ele lança os dados e diz "Sorryyy" toda vez.

"Está todo mundo bem aqui?", ela pergunta a Wendy, que está sentada no sofá.
"Acho que estamos bem. Todo mundo quis cachorro-quente para o jantar, então foi isso que nós comemos."

Ela volta a olhar os meninos. Adam está ajoelhado na cadeira, inclinado para frente sobre os braços cruzados para que seu nariz fique a poucos centímetros de alguma coisa que chamou sua atenção no tabuleiro.

"Sete", ele diz, estudando os dados, o queixo vincado pela concentração.

Morgan olha mais de perto. "Na verdade são oito. Cinco mais três são oito."

Cara sorri. Ele não é o Rain Man.

"Ah, é. Oito, oito, oito, afoito."

"Você quer mover a peça ou quer que eu mova para você?"

"Mova para você, mova para você", ele ri, e fica claro o que chamou a atenção de Adam, o que ele está adorando nesse jogo: o barulho que Morgan faz quando move a peça. Clique, clique, clique, clique, clique. Adam não consegue parar de rir. Cara também ri e olha para Wendy. Ela sorri e balança a cabeça. "Eles estão bem, de verdade."

Mais tarde, Morgan aceita assistir à ópera com Adam, mas cinco minutos depois, foge da sala de estar e encontra Cara limpando a cozinha. Ela olha e sorri. "Entediado com a ópera?"

"Sim." Ele balança a cabeça. "É em uma língua diferente ou coisa assim."

"É em outra língua. É em alemão."

"Oh. Eu não entendo alemão."

"Nem o Adam."

"Então por que ele gosta daquilo?"

Ela dá de ombros. Apesar de ter tentado, ela mesma não conseguiu entender. Ela assistiu a incontáveis vídeos de ópera com Adam, mas elas continuaram sendo um mistério para Cara — pessoas girando os braços, queixos tremendo embaixo de perucas pesadas. Quando Adam está assistindo a uma, ela geralmente fica sentada

ao lado do filho tentando entender uma trama para a qual ele nem liga. "Ou esses dois se amam, ou ela é mãe dele, não sei dizer", ela diz para Adam, que implora com olhos que ela pare de falar.

"Então, tem uma coisa que eu queria conversar com você", Morgan diz.

"Certo." Ela enxuga as mãos e olha para ele.

Morgan fala rápido, olhando para o chão. "A primeira coisa é que eu causei um incêndio no terreno de minha mãe. Bem, o terreno não é dela, é o terreno que ela tenta salvar. Agora tudo se acabou, os castores e salamandras, tudo morreu."

Cara arregala os olhos. Ela se lembra do incêndio, três semanas atrás, talvez. Os jornais só falavam nisso — fotos dos bombeiros agachados ao lado do chão coberto de cinzas e os esqueletos de árvores enegrecidos. Incêndio criminoso era a suspeita, mas não foi provado. "De propósito?"

"Não exatamente. Mas também não foi um acidente."

O que isso quer dizer? Que tipo de menino ela deixou que entrasse em sua vida?

"Eu nunca quis que aquilo acontecesse como aconteceu. Vou fazer alguma coisa para compensar."

"Como?"

"Vou resolver esse assassinato. Vou descobrir quem é o culpado, e aí ninguém mais vai ficar bravo comigo."

"É por isso que você tem vindo aqui? Para resolver esse caso?"

Ele assente com a cabeça. "Sim. Quero dizer, sim."

"Você achava que Adam contaria a você o que não contou nem para a polícia nem
para mim?"

"Talvez. Nunca se sabe."

Cara se surpreende ao perceber como a raiva toma conta de tudo. Ela passou o dia reagindo com racionalidade a todo tipo de revelação chocante e agora, finalmente, essa a tinha tirado do sério. "Adam gosta de você, Morgan."

Ele não parece estar ouvindo. "Se eu resolver o assassinato, ninguém mais vai lembrar do incêndio. Nem Marianne, nem a policial, nem o juiz. Tem um juiz, acho, que vai decidir minha punição."

"Adam nunca teve um amigo antes. Por alguma razão, ele gosta de você, Morgan. Ele fica feliz quando você está aqui, ele fala o seu nome, quer ficar com você. Isso é tudo muito novo para ele. Se você acha que não pode ser amigo de verdade dele, acho que é melhor você não passar a noite aqui. Acho que você deveria ir embora." Quando diz as palavras, sua respiração fica curta. Por que forçar a questão quando poderia simplesmente engolir o orgulho, dizer a si mesma que não importa, que o importante é passar por isso e Adam acordar amanhã com um sorriso no rosto, acreditando que, pela primeira vez, um amigo dormiu em sua casa? Ela conhece mães que quase subornam as crianças para que venham brincar com seus filhos, então por que insistir na honestidade?

"Você quer que eu vá embora?"

Ela respira fundo. "Não, não quero. Foi um longo dia. Estou defensiva."

"Porque talvez eu devesse. Estou começando a achar que minha mãe pode estar preocupada."

Cara olha para ele. "Espere aí. Sua mãe não sabe que você está aqui?"

Ela chama Wendy de novo e explica o que está acontecendo: houve uma mudança de planos, ela vai levar Morgan para casa. No carro, ele a surpreende. Por um tempo, os dois ficam em silêncio e, do nada, ele pergunta: "Então, quem é o pai de Adam? Algum homem, não é?"
"É", ela diz cuidadosamente. "Ele e Adam não se vêem."

"Sei, meu pai também me dispensa, às vezes."

"Ele não nos dispensou, Morgan. Quando descobri que estava grávida, eu sabia que queria um bebê, então decidi ter um sozinha."

"Então, isso eu não entendo. Por que as pessoas querem essa coisa que estraga a vida delas?"

Ela sabe que não deveria ficar brava com Morgan, mas não consegue evitar.

"Não estraga a vida de ninguém, Morgan", ela diz duramente. "Não sei de onde você tirou essa idéia."

"Não sei. Acho que talvez tenha arruinado a vida de minha mãe."

Quando ela pára o carro na frente da casa de Morgan, a porta de correr se abre, e uma silhueta coloca o corpo para fora. "Por favor, diga que é você, Morgan."

Ele abre a porta do carro. "Sou eu, mãe."

Cara observa enquanto ele vai até a entrada da casa, vê as duas figuras ficarem lá paradas por um minuto inteiro sem se tocar. Ela não consegue ouvir o que estão dizendo, mas fica lá enquanto pode — até que uma das figuras dá passagem, deixa a outra entrar e então a segue.

Honestamente, Morgan está surpreso. Ele sabia que sua mãe ficaria brava, que ela provavelmente perderia o controle que está mantendo desde que soube do incêndio, mas a não ser que esteja errado, parece que ela estava chorando também. "Eu não agüento isso, Morgan. Cheguei em casa hoje, você não estava aqui, e eu pensei que você tivesse morrido."

Eles estão sentados lado a lado no sofá, ela está projetando o corpo para a frente, segurando a cabeça entre as mãos. Ele não sabe dizer o que ela está fazendo, então se inclina para a frente para ver por entre os dedos da mãe. "Você está chorando, mãe?", ele murmura.

"Meu Deus, Morgan!"

"Só estou perguntando."

"Eu sei que não sou a mãe perfeita. Eu sei disso. Sei que você queria que sua vida

fosse diferente e acha que precisa desses grupos melindrosos que eu não suporto. Você não precisa mais queimar nenhum charco para me dizer para não impor minhas opiniões sobre você. Eu entendi. Aprendi a lição. Só fico pensando, *Meu Deus, ele vai morrer para provar o que quer?* Você vai causar sua própria morte para que eu finalmente veja que sim, você tem sua própria vida. Meu Deus, Morgan." Ela nunca fala assim. Nunca. Ela levanta a voz para falar sobre o nível de poluição das águas e a qualidade do ar, não para ele. Agora Morgan vê: ela está chorando. Ele nunca tinha visto isso antes, nunca, em toda a sua vida, tinha visto sua mãe chorar. "Fico pensando, O que eu faria se você morresse?"

"Você está falando sério?", ele pergunta. Ela obviamente deve estar, mas ele não tem certeza absoluta.

Ela diz que sim com a cabeça e suspira. "Oh, Morgan." Acabou. Seja qual for o humor que tomou conta dela, acabou. Suas mãos estão baixas, cobrindo os joelhos como as de um jogador de beisebol no banco de reserva. Ela balança a cabeça. "Estou bem."

"Ok", ele diz. "Tem certeza?"

Apesar de as lágrimas o terem assustado, ele quer voltar, tocar algo que as produza de novo. Morgan havia passado a vida chorando demais, vezes demais, lágrimas derramadas nas salas de orientadores e coordenadores pedagógicos que só conseguiam pensar em uma coisa: ligar para a mãe dele. "Porque não é que eu queria morrer nem nada."
"O que você quer?"

"Sapatos novos, acho. Amigos, talvez."

"Isso é tão importante assim?"

"Acho que sim, é sim."

"Eu não tenho amigos."

"Eu sei, mãe."

"Eu tenho você. E só."

"Eu sei."

"Não estou dizendo que deveria ser o suficiente para você. Só estou dizendo que é o que eu tenho. O que eu tenho é você. Você é a minha vida." Uma lágrima escorre pelo rosto dela, vai até o conta da boca e pára. "É isso."

"Eu sei, mãe", Morgan diz, mesmo se perguntando se tinha se dado conta disso antes de hoje.

A noite toda, June assiste ao noticiário local que está cobrindo a busca por Chris sem parar. Dezenas de voluntários surgiram do nada para fazer uma busca em um raio de oito quilômetros a partir do apartamento do menino, um esforço que se torna um pouco mais lento por dois corpos hídricos — um pequeno lago ao lado do condomínio e o lago Lister, a um quilômetro e meio de distância, no qual mergulhadores estão trabalhando o dia todo e noite adentro. A mãe de Chris reapareceu ao lado do lago para chorar novamente diante das câmeras.

"O meu Chris odeia água... Ele morre de medo. Ele nem chega perto da água."

June quer que Teddy ligue de volta para que ela diga algo que é mais importante que seus sentimentos neste momento: Chris foi visto uma vez no bosque falando sozinho, talvez chorando. Significa que já esteve lá antes, que é um lugar onde ele busca algum tipo de refúgio. E não está no raio da busca.

"Se ele odeia água, significa que não vai chegar perto dela", ela diz, percebendo tarde demais que está falando alto, com a TV. June sente que está enlouquecendo. Ela precisa falar com Teddy de novo, contar sobre Chris. Talvez não seja nada, ou talvez seja a informação de que precisam. Finalmente ela não agüenta e liga para o apartamento dele e, para sua surpresa, Suzette atende e diz que não tem notícias dele desde a tarde.

"Ele disse que estava indo para casa falar com você."

"Foi isso que ele disse?" A voz de Suzette soa trêmula, como se ela também tivesse esperado um telefonema o dia todo.

"Sim. Tenho certeza de que Teddy disse que ia para casa." Ele estava trabalhando em um turno de 24, depois das quais se exige que eles vão para casa — vão para algum lugar — dormir. Então onde ele está?

De repente, no entanto, fica claro que não é isso o que está preocupando Suzette.

"June, você pode me ajudar? Tem uma pessoa com quem eu preciso falar, mas não consigo chegar lá sozinha."

"Você quer que eu leve você a um lugar?" Ela mal consegue acreditar.

"Quero."

Esse tempo todo, June só se lembra de ter ficado sozinha com Suzette na vez em que ela havia dito que estava feliz que June não fosse uma garçonete de 22 anos. "Tem certeza?"

"Fico pensando nesse menino, o Chris. É alguém que pode saber alguma coisa, ela pode saber o que aconteceu com ele."

"Estou indo."

Quando desliga, June olha para a TV e subitamente se dá conta de onde Teddy deve estar. Mesmo que esteja de folga e tenha sido oficialmente encorajado a dormir, ele está com os grupos de busca. Está fazendo um pente fino nos lagos e campos abandonados, procurando qualquer coisa — uma meia, um sapato, uma haste de óculos — porque agora ela está começando a entender o que esse trabalho significa. Nenhum policial vai dormir, ou vai para casa, ou faz qualquer outra coisa, se uma criança da cidade está desaparecida.

Está escuro quando June chega. Ela sabe que Teddy não vai gostar de ela ter se envolvido. Ele acha que a situação de Suzette é uma coisa que as outras pessoas não conseguem entender, que só ele conhece a irmã e quão frágil ela é. Quando June chega até o apartamento deles, Suzette está do lado de fora e parece bem. "Obrigada por fazer isso, June. Eu não podia pedir para mais ninguém. Eu ia telefonar para um táxi quando você ligou." June lembra das descrições de Teddy sobre as caminhadas noturnas — como o corpo dela ficava paralisado a dois quarteirões de casa, e ela não conseguia mais andar. Agora ela ia chamar um táxi, sair sozinha? "O que está acontecendo?", ela pergunta, observando Suzette cuidadosamente.

"Uma antiga amiga minha veio aqui hoje e trouxe alguns desenhos que Amelia fez. Eu reconheci um. Acho que significa alguma coisa. Preciso descobrir."

"A minha Amelia?"

Suzette pisca e parece não fazer idéia do que June está falando.

"Amelia era minha aluna."

Suzette balança a cabeça. "É mesmo? Você a conhecia?"

Teddy não contou nada a ela? "Sim."

"Então talvez você saiba a resposta para isto — como ela conhecia Evelyn Barrows?"

Enquanto volta da casa de Morgan, ocorre a Cara passar na casa de Kevin para ver se ele já voltou da delegacia. Quando o faz, a casa está escura, mas um carro de que ela não se lembra está na garagem. Deve ser o carro da mãe; se ela estiver em casa, ele também deve estar, Cara pensa e toca a campainha. Parada na entrada, ela se lembra da última vez que viu a mãe de Kevin, foi no quarto de hospital onde ele quase morreu. Cara se lembra do rosto dela, lábios comprimidos de preocupação, seu silêncio e a maneira como se recusou a preencher os silêncios desconfortáveis, para tornar a visita mais fácil ou vê-la como algo relativamente simples: duas garotas que foram lá para animar Kevin. Para ela, obviamente não era, havia muito mais medo do que Cara podia reconhecer na época. Mas agora ela entende. E pensa na discussão que acabou de ter com Morgan, no instinto de proteger Adam a qualquer preço. O que ela faria se Amelia, com seus cabelos loiros e olhos azuis, aparecesse na porta de sua casa procurando Adam?

Quando a porta finalmente se abre, Cara mal reconhece a pessoa que está em sua frente. Ela se lembra de uma mulher que ia para a escola com bobes e batom, como se seu rosto estivesse dividido, metade se preparado para uma noite fora, a outra metade, pronta. Ela nunca foi bonita, mas sempre teve algo de chamativo — ou talvez só perceptível. Ela era a primeira mulher que Cara viu fumando um cigarro ultrafino, e de longe parecia estar fumando uma agulha de tricô. Agora parece que ela não fez outra coisa nos últimos quinze anos. Sua pele está manchada, coreácea e enrugada, seus olhos estão sombreados por olheiras escuras, como se não dormisse há dias, apesar de estar de camisola. "Sra. Barrows?"

"O que você está fazendo aqui?"

Ela não sabia se a mãe de Kevin se lembraria. Agora fica óbvio: sim, ela lembra. "Posso entrar?"

A sra. Barrows parece precisar de um minuto para pensar. "Acho que sim", ela finalmente diz e, antes que Cara possa começar qualquer um dos discursos vagos que planejava — *Eu tinha de levá-lo para a polícia, no final vai ser melhor, a senhora vai ver* —, a mãe dele sussurra: "Você pode me dar licença por um minuto?", e desaparece. Cara fica parada na entrada da casa, e, sem saber o que fazer, fecha a porta. É sua primeira vez ali, ela tinha estado do lado de fora, ocupada demais com Kevin e com o que ele estava dizendo para entrar e dar uma olhada, mas agora que o faz, mal consegue acreditar que o lugar esteja tão sujo. No canto, há um saco de lixo que está lá há tempo suficiente para que um líquido tenha vazado, coagulado e formado uma poça no chão. Uma caixa de papelão no canto mais distante parece ser o repositório do correio, mas não o equivalente a uma semana de correspondência que Cara empilha na mesa — essa é uma avalanche, seis meses ou mais de envelopes fechados e circulares de lojas.

Ela adentra um pouco mais com os sentidos aguçados. Como pôde não ter notado o cheiro de mofo da primeira vez? Ela espia a cozinha, que parece um *flashback* congelado de uma época de más idéias de decoração: o chão está acarpetado; o balcão, coberto de placas de linóleo mantidas no lugar por uma fila de eletrodomésticos antigos: uma torradeira, um liquidificador, uma caixa de pão prateada e enferrujada. Pregada em uma parede, há uma caixa de madeira manchada com uma miniatura de cozinha feita com recortes de papel. Cara tenta imaginar a mãe de Kevin em seus melhores dias construindo essa caixa, que misteriosamente se parece com um pequeno caixão. Depois de alguns minutos, ela se pergunta se poderia ir embora sem dizer mais nada, sair da casa e fechar porta silenciosamente atrás de si.

Mas assim que decide se permitir fazer isso — foi um dia muito longo, essa casa é triste demais para que ela pense na vida de seus moradores —, Cara ouve um barulho no vestíbulo. Uma chave sendo virada na porta da frente.

Ela se vira e vê a sra. Barrows na entrada da cozinha. Cara imaginava que ela estava se vestindo, se maquiando, arrumando o cabelo que, pelo que se lembra, estava sempre arrumado ou quase, mas a mulher está diante dela do mesmo jeito,

apenas com um roupão sobre a camisola. "Eles já prenderam Kevin?"

A respiração de Cara fica curta. "Não. Não vão prendê-lo. Ele não fez nada de errado."

Ela ouve e meneia a cabeça cuidadosamente. "É verdade. Ele não fez. Isso é importante. Por que não vamos para a sala? Quero mostrar uma coisa para você."

Cara a segue até a sala, que está em situação um pouco melhor que os outros cômodos, mas não muito. A mobília ainda está intacta, talvez tenha 20 anos, mas a parede mais distante delas foi usada para estocar coisas diversas — há um par de esquis no chão, um violão velho encostado na parede; uma pilha de vestidos ainda nos cabides está colocada sobre uma caixa de papelão que parece, da espiada que Cara consegue dar, estar cheia de mais correspondência.

"Sente, quero mostrar uma coisa a você." Ela vai até a estante e tira uma pilha de álbuns de fotografia. "Tenho algumas fotos aqui. Você vai gostar delas. Os três primeiros álbuns são do Glenn, meu filho mais velho, e os três debaixo, do Kevin."

Cara olha fixamente para ela, e então se vira para a porta de entrada. *E isto agora! "Gostaria de poder, sra. Barrows, mas não posso ficar mais. Tenho um garoto* esperando por mim em casa. Só queria dar uma passada e saber se a senhora tem notícias de Kevin."

A mulher se senta no sofá e abre o primeiro álbum. "Oh, não vá embora. Olhe as fotos um minuto." Ela abre o álbum e bate no lugar ao seu lado no sofá. "Por favor."

Cara vai até lá e senta ao lado dela.

"Este é o álbum do Kevin. Começa depois do acidente." Ela abre o álbum e revela uma montagem sangrenta de fotos do hospital: Kevin, aos onze anos, deitado na cama, rosto e cabeça cobertos de bandagens manchadas e emplastros de desinfetante amarelo pálido e laranja. Um foto, bem próxima, só mostra o travesseiro e as bandagens, e o único traço que pode ser distinguido são os lábios de Kevin, rachados e com sangue seco. Silenciosamente, a mãe dele toca cada foto para depois virar a página. "Essas são depois que as bandagens foram retiradas."

Cara se força a olhar, apesar de a segunda página ser, se é que isso é possível, mais terrível que a primeira. A cabeça de Kevin está raspada, e uma linha de grampos pretos faz um trilho que atravessa o crânio dele. A cabeça está deformada,

afundada e inchada, com manchas amarelas e cor de vinho. "Por que a senhora está me mostrando isso?"

A sra. Barrows levanta as sobrancelhas em sinal de surpresa. "Não acho que sejam tão terríveis, você acha? Veja como ele ficou e como está agora. Ele é lindo, não é? Você acha Kevin lindo, não acha?"

É assustador ficar sentada ali, ver o que uma vida de cuidados pode fazer. A sra. Barrows parece a sombra da mulher de que Cara se lembra — todas as cores foram apagadas, até mesmo o cabelo ganhou uma cor grisalha, uma cabeleira cacheada sem nenhuma cor. Sentada ao lado dela, tão perto, Cara percebe uma coisa estranha: o cabelo está diferente — a parte dos cachos emaranhados está mais perto de uma orelha. Meu Deus, Cara pensa, ela está de peruca.

A mulher balança a cabeça, muda de página e mostra as fotos que registram a terapia: Kevin entre duas barras paralelas, dois auxiliares de cada lado; Kevin em uma esteira no chão vestindo um conjunto de moletom verde, uma perna levantada para tocar a mão suspensa do terapeuta.

Mais páginas, mais fotos, agora muitas com a mãe ao fundo. Apesar de Kevin, às vezes, olhar para a câmera, ela nunca olha, nunca tira os olhos do que o filho está fazendo, mesmo que seja apenas sentar e sorrir. Para Cara, as fotos são perturbadoramente familiares. Ela tem muitos álbuns como esse em casa porque também fez registros das minúcias da vida de Adam. Os primeiros cinco anos dele foram cuidadosamente colados em uma dúzia de álbuns que os dois costumavam levar para a fonaudióloga, porque as fotos eram cruciais para ensinar a Kevin os componentes de sua própria vida: este *é o seu quarto, sua cozinha, seus avós*. Ela ainda se lembra disto: a primeira vez que ele disse Mamãe foi apontando para uma foto. Conforme a mulher vira as páginas e toca cada foto — Kevin bebendo algo em uma caneca que a enfermeira está segurando, Kevin dormindo na cadeira de rodas —, Cara reconhece mais detalhes: o mesmo painel para a coordenação motora fina que ela usava com Adam, os mesmos cartões de alinhavo que ela o fazia costurar. Em uma foto, Kevin até parece ter a mesma idade que Adam hoje e se parece muito com ele, olhando em um espelho na mesa da fonaudióloga, fazendo um *O* com a boca. "Eu queria me lembrar de tudo isso", a sra. Barrows diz quando se aproximam do fim. "Por mais difícil que tenha sido, eu sabia que ia olhar para trás e ver que foi a melhor coisa que fiz. E foi." Ela balança a cabeça com muita certeza. "Fiz tudo o que podia. Nada me deteve. É claro que agora Kevin está tão bravo comigo que não se lembra de nada."

Cara se levanta, não consegue mais ficar sentada ao lado dessa mulher; não agüenta mais olhar para essas fotos nem por um minuto. "Por que ele está bravo com a senhora?"

"Ele acha que eu faço coisas demais para ele. Mas eu preciso fazer. Ele não percebe. Quer se sentir independente. Ele diz: 'Mãe, eu preciso cuidar de mim mesmo'. Mas quando foi a última vez que Kevin foi ao mercado? Pergunte a ele."

Cara dá a volta no sofá, sem saber o que dizer nem onde ficar. "Muito tempo, eu imagino."

"Anos. Só vou dizer isso. Anos. Tudo o que eu fiz foi tentar garantir que ele tivesse a melhor vida possível."

"A senhora fez um bom trabalho", Cara diz, porque quer sair de lá, quer ir para casa ver Adam, e sente que vai precisar da permissão dessa pobre mulher para conseguir sair dessa casa. "A senhora tem sido uma boa mãe...", ela diz, olha para baixo e vê, sob a janela, encostadas na parede, diversas folhas de papelão enlameadas, atravessadas pelas marcas de pneu. "O que é isso?", Cara aponta e pergunta.

"Isso", a sra. Barrows olha e faz um sinal com a mão. "Precisamos usá-las para a cadeira de rodas do Kevin não atolar na lama."

"Onde?"

"Lá fora. Às vezes, ele as leva quando vai passear no bosque."

Cara olha para ela e, na luz da luminária ao seu lado, o cabelo parece horrivelmente artificial, tão ruim quanto o de uma boneca. Ela percebe o que está dizendo? Cara pensa nas palavras de Matt — *Você recolhe duzentas bitucas de cigarro, cinco com batom, e o que isso significa? Alguém usando batom esteve aqui fumando*. Cara volta para a frente do sofá e pára na frente da mulher. "A senhora estava com ele, sra. Barrows? A senhora o ajudou a sair do bosque?"

"Ele queria ver o menino. Kevin tentou ir sozinho, mas no final eu disse: 'Kevin, me deixe ajudar'. Tem uma coisa que você vai descobrir logo logo: não há muita coisa que uma mãe pode fazer depois de um tempo, mas eu posso ajudá-lo a ir aonde ele precisar ir."

Cara pensa em mais coisas ditas por Matt: Ele deve ter preparado isso de alguma *forma, planejado o que ia fazer bem meticulosamente. O papelão explicaria porque* havia tão poucas pegadas. "Então a senhora estava lá quando aconteceu?"

"Kevin não fez nada de errado. *Nada.* Ele teve uma vida difícil e pediu muito pouco das pessoas." Ela olha para Cara para não deixar dúvidas. "Ele pediu muito pouco a você, mas você exigiu muito. Ele está bravo comigo, mas eu só fiz o que tinha que fazer. O que qualquer mãe faria."

Por que Kevin deixaria isso de fora? Uma vez que estava admitindo tudo aquilo, por que não dizer, Minha mãe estava lá. Eu precisava da ajuda dela? Ela pensa nas palavras de Suzette: *Ele quer que você pense nele como alguém sem deficiências, quase independente. É triste que ele tenha admitido tantas coisas, mas não que ainda* precisa da mãe.

"Eu tentei protegê-lo. A vida toda eu disse: 'Escolha seus amigos com cuidado'. Se você gosta das pessoas erradas, vai acabar se machucando." Ela balança a cabeça e se levanta. "Você podia ter pensado um pouco mais no impacto que suas ações têm na vida dos outros de vez em quando. Eu sei que não devo culpar você, mas sinto muito, eu culpo."

Cara sente o ar se esvair de seu corpo. A peruca da sra. Barrows está tão torta que fica difícil olhar para qualquer outra coisa, e Cara pensa em Adam, na única palavra que ele encontrou para descrever sua ida ao bosque — *cabelo* — e lentamente, fica claro: E se a mãe de Kevin não foi apenas uma testemunha? E se ela não for apenas uma mulher triste, destruída e enlouquecida por uma vida inteira de cuidados a um garoto que nunca se recuperou de verdade? E se foi ela quem matou Amelia?

Cara começa a recuar em direção à porta. "Fiz muitas coisas erradas", ela diz.

"Fez mesmo."
"Eu menosprezei Kevin. Eu estava ocupada demais com o meu filho."

"É verdade."

"Tentei criar um círculo a nossa volta. Queria que nossa vida fosse privada. Apenas nossa."

A sra. Barrows balança a cabeça. "Não funciona assim."

O coração de Cara se acelera. A palma de suas mãos fica gelada e úmida. Precisa sair dali. "Preciso ir para casa", Cara diz, tentando manter sua voz calma, revelar o mínimo de emoção possível. Ela anda de lado, afasta-se da janela, com medo de dar as costas para a mulher, o que talvez seja um erro. Confirma-se o que ambas sabem. Não há mais necessidade para pretextos. "Se você for embora, eu te mato", ela diz.

Como? Ela imagina. A faca está sob o roupão? Essa mulher pequenina vai atacála? Por um segundo, essa imagem absurda enche Cara de energia. Ela não é uma menininha pega de surpresa, ela pode lutar com essa mulher e se salvar, só é preciso encontrar uma forma de sair da casa.

"Você não pode sair agora, eu tenho uma faca."

Cara não se mexe. "Se a senhora me matar, sra. Barrows, como isso vai ajudar Kevin?"

"Eu já devia ter feito isso muito tempo atrás."

"Não", Cara diz. A mulher realmente tem uma faca e a tira do bolso. É pequena, fina como uma faca de carne, mas mais longa e serrilhada. Cara se lembra de que uma das principais características apreendidas do ferimento de Amelia: a faca era serrilhada. "Eu sei o que a senhora está pensando, e não é a solução."

"Você não sabe o que eu estou pensando."

"Sei sim. Faz cinco dias que eu fico acordada à noite pensando nessa menina que entrou na vida do meu filho." Cara mantém a voz suave e as palavras firmes. "Eu estava horrorizada de ela ter sido assassinada, é claro, mas de alguma forma fiquei feliz que ela tivesse desaparecido, porque significava que não tomaria uma decisão no futuro que magoaria Adam. Ela não poderia ficar amiga dele e, no ano seguinte, zombar dele no *playground."* Cara vê que está funcionando. A mulher desviou os olhos, mas Cara vê em sua postura, suas mãos, que ela está ouvindo. "Mas agora estou começando a pensar que talvez eu estivesse errada. Talvez essa garota não fosse uma distração, talvez fosse a medida do sucesso que não eu consegui ver. Talvez a amizade de Adam a ajudasse de alguma forma, e ele sabia disso." Ela começa a ir mais devagar, escolhe as palavras com cuidado. "Eu sei que a amizade de Kevin me ajudou. Mesmo que nós não tenhamos conseguido mantê-la. Mesmo

que ele tenha feito aquela escolha..." Ela faz uma pausa para garantir que as palavras estejam claras: Ele fez a escolha. "Eu sei que ele me amava. Sei que ele tem um bom coração, que suas intenções são afetuosas. E ele sabe que as minhas também são. E acho que é possível se sentir amparado por alguns tipos de amor, mesmo que você não veja a pessoa. Saber que Kevin está aqui, conosco, zelando por nós, pensando em nós, me amparou. Não acabe com o que resta do futuro dele. Ele ainda tem uma chance. Não estrague isso, sra. Barrows."

Atrás de si, Cara ouve um carro entrar na garagem.

"Ele não é totalmente inocente, você sabe."

Ouvem-se passos no chão de cascalho aproximando-se da casa. Ela ouve uma voz de mulher, e não de Kevin, como esperava. Cara olha para a frente. "O que a senhora quer dizer?"

Cara dá um passo em direção à entrada. No canto do olho, consegue ver a cozinha, uma porta pintada de vermelho na parede do outro lado. O caminho está livre até a porta, sem cadeiras nem mesas bloqueando a passagem. A questão é se a porta está trancada, e quão difícil será encontrar o caminho no escuro do quintal com cerca até o carro? Ela vai precisar correr, confiando que os reflexos dessa mulher sejam lentos, e sua experiência com facas, restrita.

"Pergunte você mesma a ele. Pergunte a ele por que levou nove anos para que ele entrasse em contato com você. Pergunte a ele se sabe alguma coisa sobre seus pobres pais."

Cara dispara, lançando-se tão rápido que o ombro dela tromba com o batente em um choque que momentaneamente a tira do curso, e ela cambaleia rumo à porta. Atrás dela, há uma movimentação, uma confusão, objetos caindo no chão.

Milagrosamente, quando chega à saída, a porta está aberta e, em um segundo, está do lado de fora, envolvida pela escuridão e pelo ar frio da noite. Ela salta pela varanda e se esconde atrás dos arbustos ao lado da casa para esperar.

Atrás dela, ouve-se alguém tocar a campainha, abrir a porta e chamar, em uma voz familiar: "Evelyn, sou eu".

De um ponto nos arbustos, Cara chega mais perto da janela e levanta para ver o que pode pela janela: as costas da mãe de Kevin na entrada e, atrás dela, Suzette

entrando, abrindo os braços e dizendo: "Eu sinto muito, querida. Conte o que aconteceu".

June não sabe se isso está certo ou não, mas Suzette havia insistido em ser deixada lá. "Eu vou ficar bem, juro", ela prometeu, apesar de não parecer bem. Seus olhos moviam-se bruscamente de uma casa para a outra, de janela para a outra; sua mão tremia discretamente quando foi em direção à porta. "Eu preciso fazer isso sozinha. Estou pedindo, por favor. Volte em uma hora." Na voz dela, havia uma convicção de aço, uma determinação de fazer o que quer que tivesse de fazer sem ajuda. June pensou, Talvez isso seja reviravolta, como nunca aconteceu nas caminhadas de dois *quarteirões com Teddy.*

"Certo", ela concordou. "Eu volto." Talvez isso seja um erro ou talvez seja o que Suzette mais precisa: que confiem nela e lhe dêem uma chance.

Com uma hora para matar, o único lugar que June pensa em ir é o estacionamento atrás da escola que dá para o bosque. Ela não vai à caça, não fará nada perigoso, mas talvez veja se há algum sinal de Chris. Quando chega lá, é impressionante: não há nenhum outro carro, nenhum sinal de vida, mas lá no bosque, vê-se uma luz. É uma luz fraca, laranja, de uma lanterna cuja pilha está acabando.

Antes de sair do carro, June faz uma última ligação para o celular de Teddy e, milagrosamente, ele atende. Ela fica tão aliviada em ouvir a voz dele, tão feliz que esteja vivo e aparentemente bem, que quase diz que o ama ali mesmo.

Mas é claro que isso seria bobo. O que é importante agora é encontrar Chris, seguir essa luz no bosque. Ela diz a ele onde está e o que viu. "Ele já foi lá antes, no horário das aulas."

"Certo. Estou indo aí. Fique onde está. Não vá lá sozinha, está bem?"

"Tudo bem."

"Prometa."

De longe, a luz se apaga, como se quem quer que a estivesse segurando tivesse visto o carro, ou de alguma forma tivesse ouvido o telefonema. Ela sai do carro e atravessa silenciosamente o campo, onde sabe que as crianças mais velhas brincam de um complicado pega-pega que, até o assassinato de Amelia, os adultos consentiam em um acordo tácito de fazer algumas concessões. Ninguém, que ela sabia, havia mencionado isso para a polícia, mas June imagina se não se trata de uma faceta importante do que aconteceu: que as crianças foram autorizadas a ampliar seus próprios limites.

Quase no bosque, ela vai na direção que acredita ser a da lanterna.

June ouve um som que nenhum animal emitiria — um pedaço de pau batendo na terra, uma respiração ofegante por trás. Conforme anda pelas árvores, um galho prende sua camisa e ela grita aterrorizada. Sob um céu sem lua, é impossível ver qualquer coisa além dos galhos bem diante dela, então June segue seu instinto, lentamente, com as mãos a sua frente, tentando fazer o mínimo de barulho possível. Se o assassino estiver aqui, não vai ser fácil encontrá-la, ela diz a si mesma, e segue lentamente em direção ao barulho. Mas o que fazer se estiver em perigo? Não tem nenhuma proteção, nada que se assemelhe a uma arma. Se alguém a atacasse nesse minuto, ela mal saberia o que fazer, além de colocar em prática um plano vago de autodefesa — joelhada na virilha, dedos nos olhos.

Com exceção das folhas, o único barulho no bosque agora parece vir de seu próprio corpo — a batida de seu coração, o sangue correndo em suas orelhas. E então ela vê de novo — um facho de luz amarela.

Do silêncio, June ouve um som agudo e, depois de um momento, descobre o que deve ser: uma criança chorando.

Ela vai mais rápido, ignorando os galhos que prendem suas roupas. Algo rasga sua manga e ela a arranca e só percebe alguns segundos depois que foi arranhada. Quando toca o braço sente o sangue escorrendo.

Ela o encontra, finalmente, porque quase cai sobre ele. Na luz fraca da lanterna agonizante, consegue ver a silhueta de um garoto — a curva de seus ombros, seus sapatos, a borda de seus óculos —, curvado no fundo de um buraco oval com um metro e meio de com
primento e vários metros de largura. Ele está tão empenhado em seu trabalho de cavar que não a vê acima dele. Ela transforma a voz em um sussurro e tenta acalmar

o coração atormentado dele: "Você está bem?"

É impressionante, de verdade: ele continua golpeando a terra e nem ao menos levanta a cabeça para ver quem ela é, não percebe que está sendo resgatado neste momento.

"Estou cavando um buraco", ele diz.

Pelo que consegue ver, é um buraco e tanto, uma obra de persistência.

"Por quê?"

"Não posso contar."

Longe dali ela vê os faróis do carro de Teddy chegando ao estacionamento. "Todo mundo está procurando você, Chris. Estão preocupados com você. Acham que você está ferido ou foi seqüestrado."
"Não, eu precisava fazer isso."

Existe um truque advindo de anos de ensino, uma estratégia intuitiva que, às vezes, faz maravilhas e, às vezes, é um tiro pela culatra: Junte-se a eles. Abaixe-se. *Olhe para o que estiverem olhando.* "Você se importa se eu entrar aí? Ver a profundidade?"

"No momento, quase 30 centímetros."

"Uau", ela senta e deixa os pés pendurados. Eles tocam o fundo, mas por pouco. "Então esse tempo todo era isso que você estava fazendo?"

Ele está agachado, abraçado aos joelhos.

"Nossa. Uma tarefa e tanto."

"Se eu não precisasse fazer, acredite, não faria. Não é como se eu gostasse desse tipo de coisa."

"Certo."

Ela faz que sim com a cabeça e como sente que isso é uma abertura, decide

arriscar: "Por que você precisa fazer isso?" Ela tenta soar casual, como se estivesse puxando assunto e sua próxima pergunta pudesse ser que tipo de música ele gosta.

"Porque era a minha faca, entendeu? Foi tudo minha culpa."

"Oh", ela balança a cabeça. "Você levou uma faca para a escola?"

"Eu precisei levar, não tive escolha."

Atrás dela, June ouve Teddy se aproximando. Ele está com uma lanterna e um rádio gritando. Em um minuto tudo vai acabar, não vai mais estar nas mãos dela. Ele vai chamar reforços, vai avisar os grupos de busca, e ela será uma heroína por encontrar o menino, mas sabe que Chris vai se fechar assim que tudo isso acontecer. "Espere!", ela grita, alto o suficiente para que Chris levante a cabeça e olhe para ela pela primeira vez, e June veja o rosto dele, coberto de terra, com exceção da parte protegida pelos óculos, o que o faz parecer um animal preso no fundo de uma caixa de sapato assustadora.

"Por que você teve de levar uma faca para a escola?", June pergunta.

E ele conta a história toda, olhando para ela, lágrimas traçando caminhos enlameados em seu rosto, tão triste que ela fica com medo que mesmo depois que Teddy apareça atrás dela, pegue-a pela mão, ela vá chorar pela dor que essas crianças estão enfrentando, pelas maneiras que encontraram de prosseguir.

Cara tenta, mas não consegue ouvir o que estão dizendo. A mãe de Kevin está brava, está ficando furiosa, gritando com Suzette, que permanece surpreendentemente calma. Ela só consegue ouvir fragmentos do que estão dizendo: "Eu tentei ligar para você." "Onde ele está agora?" "Você não teve escolha, Evelyn."

Ela rasteja pela lateral da casa até encontrar um lugar de onde possa ouvir melhor. "Você precisa ir, Evelyn. Agora. Só vai piorar para ele."

A sra. Barrows está em silêncio, com a cabeça baixa. O que quer que a estivesse fazendo gritar passou. "Podemos ligar agora ou podemos esperar que a namorada de

meu irmão volte."

Que extraordinário ver Suzette se mover cautelosamente em torno dessa mulher, tocar seu ombro brevemente, se afastar, pegar a faca que caiu no chão. Cara pensa na antiga Suzette de que se lembra tão bem, levando comida para sua mãe, batendo levemente com um dedo na porta. Ela foi boa nisso a vida toda.

Suzette pega o telefone. "Vou ligar e em um minuto eles vão estar aqui, e vai ficar tudo bem." Ela vai até a outra sala para telefonar, e Cara vê a sra. Barrows sentada sozinha, a cabeça nas mãos, respirando lentamente.

Quando a viatura chega, o motorista desliga os faróis na metade do quarteirão. Ela fica paralisada pelo espetáculo, incapaz de ir embora, ao ver a mãe de Kevin, ainda de roupão, mãos algemadas atrás do corpo, ir até o carro. É um drama estranhamente lento, além de silencioso. Nada é dito que ela consiga ouvir, nenhum som além do barulho do rádio. Apenas um minuto depois de partirem, Cara percebe que Suzette não foi com eles. Que deve estar lá dentro, em silêncio. Ela rasteja até a porta da frente e tenta olhar. Suzette está no chão, segurando o telefone: com todo o estresse não demonstrado alguns minutos antes, ela havia desmaiado.

Quando Chris começa a falar, aparentemente, não consegue parar. Ele continua falando, contando tudo a June enquanto vão até a ambulância e depois na viagem até o hospital, onde são recebidos por câmeras da imprensa, médicos, policiais e pelos pais dele. Até ser instalado em um quarto, ele já contou a história toda, com todos os detalhes, e quando June finalmente fica a sós com Teddy, conta o que descobriu: "Pelo jeito, há um ano e meio ele é perseguido toda manhã na escola. Começou meio inocuamente, provocações no ponto de ônibus, mas foi crescendo. No final, esse grupo de garotos — três, principalmente — roubou e quebrou os óculos dele. Daí, piorou: duas semanas atrás, alguém urinou na mochila dele, e na semana passada, ele encontrou um saco de merda em seu armário".

"Meu Deus", Teddy diz, balançando a cabeça.

"Ele foi até as autoridades, tentou fazer uma reclamação formal contra esses meninos, mas não adiantou nada. Eles já estavam sob custódia. O orientador estava

envolvido. Pelo jeito, estavam dizendo para ele tentar resolver o problema sozinho. Ele deveria tomar providências para evitar esses meninos, ficar longe do caminho deles, não fazer nada que os provocasse, como se a culpa fosse dele."

Na ambulância, Chris contou a ela porque levou a faca. "Disseram que alguém tinha oferecido 25 dólares para quebrarem meu braço e 30 para quebrarem minha perna."

"Quem faria..." June começa a perguntar, mas pára. O detalhe é tão estranho que ela teme que deva ser verdade.

"Não sei. Não disseram quem foi. Pelo jeito alguém que me odeia tem muito dinheiro para gastar."

Ela assentiu com a cabeça para dizer, Continue.

"Então eu sabia que iam fazer. Já tinham cortado pedaços do meu cabelo na raiz com uma tesoura. Uma outra vez, jogaram gasolina em meus sapatos." Ele levantou a mão e mostrou um dedo para cada violência sofrida. Quando chegou a cinco, fechou a mão de novo. "Eu tinha de levar uma faca. Tinha de fazer alguma coisa. Tinha de me defender."

June concordou com a cabeça e se ouviu dizer, "Parece uma boa idéia."

Quando finalmente deixou Chris em seu quarto, sozinho com o pai e a mãe, June saiu ao lado de Teddy e entrou na viatura dele. Ela já havia sido filmada, fotografada e avisada de que estaria no noticiário da noite. Quando pediram que desse uma declaração que refletisse a euforia do momento — Ele está bem! Ele foi *encontrado! Ele está com os pais agora! —, ela olhou para a luz branca e ofuscante* da câmera e disse: "Espero que as crianças responsáveis por isso saibam quem são e sejam punidas o quanto antes".

Ela está sentada sozinha ao lado de Teddy, que ficou ao lado dela, quase em silêncio, o tempo todo. Ele faz um comentário que, para ele, deve ser a melhor coisa a dizer: "Eu também tive problemas com os valentões quando era pequeno. As pessoas zombavam de mim porque eu era estranho e tímido e porque minha mãe, às vezes, saia de casa de camisola".

Ele falou tão pouco sobre esse período de sua vida até então que June fica sem saber o que dizer. "O que você fazia?"

"Minha irmã ajudava. Ou pelo menos tentava. Mas mesmo assim eu passei a maior parte da infância com medo dos valentões. Eu me lembro que, no ginásio, eles me faziam comer brasas de cigarro."

June olha para ele. Não consegue se conter e começa a chorar de novo. "Meu Deus, que horrível."

"Era horrível mesmo. Mas sabe de uma coisa? Nunca fumei um único cigarro. Posso agradecer a eles por isso." Ele balança a cabeça. "As crianças sobrevivem. Você ficaria surpresa com o que passam e superam. Ele vai ficar bem."

Ela quer contar a ele como se sente, quer dizer que talvez elas devessem fazer mais que sobreviver. "Aquela hora, Teddy, eu queria dizer uma coisa..."

"O quê?"

"Que eu amo você, e não sei por que é tão difícil para mim dizer isso."

Ele pega a mão dela e coloca no colo, aberta sobre seu joelho.

"Porque é difícil. Mas eu também amo você."

Mas não é só isso. Pela primeira vez na vida, ela não quer ser contida. Quer fazer uma cena. Fazer exigências, dizer algo absurdo como, Você precisa me escolher, não *a sua irmã.* Quer que ele sinta como ela sente — escancarada por isso. "Eu quero que a gente tenha mais." A voz dela é um fiapo, é como se uma estranha estivesse falando. "Quero morar com você."

E então é como se o silêncio os tivesse engolido, como se as palavras tivessem deixado o carro e só as mãos falassem por eles. Ele pega a dela e a prende entre as próprias mãos com cuidado, apertando-lhe os dedos, colocando a palma da própria mão na dela.

"Sim", ele sussurra finalmente. "Parece uma boa idéia."

Assim que chega em casa, Cara tenta reunir os pedaços de tudo o que aconteceu, dar sentido àquilo. Em um silêncio assustador, depois que a sra. Barrows foi levada, Cara rastejou para dentro da casa e acordou Suzette, que sentou e piscou enquanto olhava em volta, tentado lembrar onde estava. Logo ela melhorou, ou pelo menos foi capaz de ir até a cozinha, onde Cara lhe serviu um copo de água e apontou para a caixa de colagem na parede. "A gente não fazia essas coisas?", ela perguntou, e Suzette revirou os olhos, como se dissesse, Fale por si só.

Cara queria desesperadamente entender tudo — Como Suzette era amiga da mãe *de Kevin? Como soube a hora de ir para lá? —,* mas também queria descobrir o território comum de sua antiga amizade, lembrar de como se conectavam nas horas que passavam juntas.

No final, Suzette explicou: Kevin sempre tentou trabalhar, ele ficava mais feliz quando estava ocupado, saindo de casa. Mas nos últimos anos, não estava sendo fácil, e ele foi demitido de alguns empregos. Quando o dinheiro do acordo acabou, ele teve de arrumar um emprego de que não gostava no escritório de uma loja de suprimentos a meia hora de carro. Ficava em Chester, perto do apartamento de Suzette, e, depois de deixá-lo, a sra. Barrows ia visitá-la. Às vezes, ela ficava lá algumas horas, conversando enquanto Suzette trabalhava. "Por algum motivo, não me deixava louca. Não sei por quê. Eu gostava dela, acho. Sempre gostei. Sempre achei que era uma boa mãe para Kevin. Sempre a admirei... De verdade."

Cara balançou a cabeça sem acreditar. "Ela falou alguma coisa sobre levar Kevin para o bosque?"

"Não, nunca." Ela pensou por um segundo. "A questão é que ela falava muito você. Ela sempre foi um pouco obcecada com você. Até mais que Kevin, acredito eu. Foi idéia dela, anos atrás, que eu deveria mentir e dizer que ela estava no hospital, em vez de Kevin. Ela queria que você pensasse que Kevin podia até ter alguns problemas físicos, mas, de um modo geral, estava bem."

"O que importa o que eu pensava?"

"Não sei. Ela sempre quis que você acreditasse que Kevin tinha feito muitos avanços."

Na verdade, Cara entendia esse impulso: ela fazia a mesma coisa com as pessoas que não viam Adam com freqüência — especialmente os médicos que faziam suas

avaliações ano sim ano não. Ela praticava com ele semanas antes da consulta, tentando adivinhar as perguntas que seriam feitas, tudo para que pudesse ouvir de um estranho de jaleco, *Ele está melhorando.* Havia tão poucos dias para medir o sucesso, que só restava isso a fazer, escolher juízes arbitrariamente. Ela pensa na sra. Barrows pegando o caderno de recortes, insistindo para Cara olhar e se lembrar de que era uma estrada longa e difícil. Ela já sabia, já conhecia bem essa estrada.

No final, a conversa perdeu o fôlego. Cara não conseguiu dizer *Me conte, de verdade, como é a sua vida,* envergonhada pela idéia das respostas limitadas que receberia, e Suzette não perguntou nada sobre Adam, nem mesmo as coisas mais básicas como em que ano ele estava, o que gostava de fazer. Elas ocuparam o tempo como nunca haviam feito quando crianças, falando de outras pessoas: Kevin, a mãe dele, colegas de escola com quem tinham perdido contato havia muito tempo. Quando chegou a hora de ir embora, porque Teddy e June estavam na porta, ambas pareceram felizes de serem privadas da conversa que estavam tendo tanta dificuldade em manter.

Agora Cara deseja ter se esforçado um pouco mais. Talvez ela devesse ter falado de Matt Lincoln, visto que Suzette se lembrava dele sentado com a irmã no refeitório, o que ela provavelmente lembraria. Ela se lembraria de detalhes estranhos — que ele usava uma camiseta do Def Leppard ou suspensórios claros, mas também lembraria do que é importante. "Ele era um garoto legal", ela diria. "Eu me lembro."

Naquela noite, depois que finalmente colocou Adam para dormir, Cara andou pela casa, arrumando as coisas e tentando tirar Evelyn Barrows da cabeça, até que a campainha tocou. Ela vai até a porta hesitante, é quase meia-noite, tarde demais para visitas, e não é um policial pedindo para usar o banheiro, porque, pela primeira vez em dias, nenhuma viatura está estacionada na frente de sua casa. Ela acende a luz da varanda e vê primeiro as barras prateadas de uma cadeira de rodas.

"Preciso falar com você, Cara", Kevin diz pela porta.

"Está tarde, Kevin. Você não devia estar aqui."

"Não sei por que minha mãe está fazendo isso. Ela não matou a menina."

O coração dela começa a bater mais rápido. Se não foi a mãe dele, só pode ter sido uma pessoa. "Não posso deixar você entrar, Kevin. Me desculpe."
"Ela nem estava lá."

"Estava sim. Ela me disse que estava."

"Ela esteve lá nas outras vezes, quando eu falei com Amelia. Mas quando finalmente fui encontrar Adam, não falei para minha mãe. Eu não queria que ela tivesse nenhuma participação. Eu queria ter isso só para mim. Eu queria parecer um pai de verdade e achava que não ia conseguir com ela por perto."

Cara ouve a emoção na voz dele, sabe que deve estar falando a verdade, assim como sabia, vagamente, que antes ele não estava. Ela abre a porta e dá um passo para fora. "Eu vou conversar com você aqui na varanda. Adam está dormindo. Não quero que ele acorde." Na verdade, mesmo com sua audição tão aguçada, Adam não acordaria. Uma vez adormecido, nada o desperta além dos misteriosos ritmos de seu próprio cérebro.

"Pedi que Scott me levasse. Ele colocou o papelão, e eu pedi para ficar sozinho. Ele voltou e esperou na van na entrada no bosque."

"Por que sua mãe fez todo mundo pensar que ela matou Amelia?"

"Não sei. Ela deve estar achando que fui eu. Que precisa me proteger."

"E foi você?"

"Não. Cara, me escute. Essa é a verdade que eu não pude contar antes. Eu fui embora. Eu armei a coisa toda e depois entrei em pânico. Depois de todo esse tempo, eu finalmente vi Adam. Ele apareceu com a menina, estava usando uns sapatos engraçados, uns tênis sem cadarço, e eu pensei, meu Deus, por todos esse anos você comprou sapatos para ele. Você o leva para a loja de sapatos, ele provavelmente não gosta, e você o convence, promete alguma coisa se ele experimentar um par. E eu pensei, se eu estivesse com Adam, não saberia comprar sapatos para ele. Não saberia como conversar com ele, como convencê-lo a fazer alguma coisa."

"Você aprende, Kevin. Não é tão difícil." É tarde, e ela está cansada, sua paciência está acabando.

"Quando o vi ali, percebi que a coisa toda era um erro. Ele estava murmurando e se balançando de um lado para o outro, e eu percebi que ele estava nervoso. A

garota começou a conversar com ele, não consegui ouvir o que ela estava dizendo, mas deu para ver que ajudou. Ela o estava convencendo a vir até mim. Então ele olhou para mim, e o contato visual foi perfeito. Como se ele me reconhecesse, como se entendesse. Juro que foi isso que eu senti."

Ela conhece essa sensação, a magia de quando Adam faz contato visual. Mas também sabe que pode ser perturbador e fazê-la esquecer o que quer que fosse dizer.

"E eu entrei em pânico. Olhei para ele e pensei, *Meu Deus, ele tem uma vida aqui. Ele tem você, tem a escola, tem uma amiga. Se eu surgir, vou estragar tudo de* alguma forma, e achei que seria melhor se eu fosse embora. Então foi o que fiz."

"Você nem falou com ele?"

"Não. Eu rolei minha cadeira de rodas até o carro e pedi que Scott fosse pegar o papelão. Ele pegou, demorou um minuto, e nós fomos embora."

"Você não falou nada?" Como Adam pode tê-lo imitado se Kevin não disse nada?

"Devo ter gritado alguma coisa para Scott, não lembro."

"'Cuidado'?"

"Sim, acho que sim. Eu não queria que ele falasse com eles nem nada."

"Então talvez você tenha dito 'que merda você está fazendo?'"

Ele olha para as próprias pernas. "Talvez."

"Por que você contou aquela história toda sobre um desabrigado antes?"

"Eu sabia que a polícia o havia prendido. Deduzi que fosse o culpado e não queria contar a verdade para você."

"Mas não pode ter sido ele. Ele não chegou perto o suficiente."

"Não sei, Cara. Então alguém mais esteve ali."

"Mas quem?"

"Não sei."

"Você ficou lá quanto tempo?"

"Cinco minutos. Talvez menos."

O que significa que houve tempo suficiente, 45 minutos talvez. Qualquer um poderia ter aparecido. "Você deixou duas crianças assustadas sozinhas no bosque e foi embora?" Ela diz isso, mas não está mais pensando na irresponsabilidade dele e em sua péssima idéia. Só está pensando, Meu Deus, voltamos à estaca zero. Ainda existe alguém por aí à solta que matou Amelia e, talvez, se possível, queira matar Adam.

"Não foi Evelyn Barrows", Matt Lincoln diz a Cara desnecessariamente, quando ela liga, depois que Kevin foi embora. "A faca não é nem parecida. Ela é só uma senhora louca contando uma história louca. É triste, mas acontece. Sinto muito que você tenha sido envolvida."

"E Kevin?", ela experimenta perguntar.

"Também não foi ele."

"Como você sabe?"

"Por alguns motivos. O ferimento, principalmente. Foi causado por alguém que estava de pé, alguém com uma altura entre 1,65 m e 1,70 m. Tentamos fazer Barrows admitir que conseguia levantar, o que ele não fez, mas a prova decisiva veio quando ele tentou assinar suas declarações. Ele tem mãos incrivelmente fracas, mal conseguia segurar a caneta." Ela pensa nas embalagens de iogurte que costumava abrir para ele. Meu Deus, pensa, ele tem razão.

"Ele contou a história toda?"

"Que deixou os dois sozinhos lá? Sim, basicamente. É como se tivesse feito toda a parte sinistra — planejar e preparar — e então tivesse deixado os dois sozinhos tempo suficiente para que alguém viesse e fizesse o trabalho sujo."

"Não parece estranho que tanta gente estivesse no bosque naquela manhã?"

"Na verdade não. Há duas trilhas de pegadas, uma que começa na estrada e outra, menos óbvia, que começa na escola. Em um dia qualquer, nós presumimos que de sete a dez pessoas, em média, passem por ali. Crianças do ginásio. Eles não deviam, mas vão. Você provavelmente deve estar sabendo que encontramos o menino desaparecido, que era lá que ele estava. No bosque."

Ela não sabia. Nas últimas cinco horas, não tinha visto o noticiário.

"E...?"

"E ele está bem. Vou até lá falar com ele neste minuto. Até agora, não falou nada sobre por que estava lá. Mas estamos deduzindo, tudo indica, que existe uma relação."

Depois de desligar, Cara liga o noticiário e vê uma repórter em frente ao hospital para onde Chris foi levado. Ela descreve o estado dele como bom, desidratado, mas estável, depois de um desaparecimento de 24 horas no qual ele escapou de uma cidade inteira que o procurava. "A escola e o bosque ficam a quase 15 quilômetros da casa dele. As autoridades locais estão investigando, neste momento, como ele chegou tão longe da própria casa sem ser visto, como pôde ter ficado tão perto dos funcionários da escola o dia todo e passar despercebido. Até agora, temos poucas informações, exceto que ele estava determinado a permanecer escondido e conseguiu."

À noite, ela deita na cama, imaginando o caminho descrito por Matt Lincoln, saindo do ginásio até o bosque. Talvez esse tempo todo ela tenha tido medo das coisas erradas — de estranhos ameaçadores e rostos de seu passado mal resolvido — quando o maior perigo realmente é o inevitável futuro: Adam vai crescer e ir para o ginásio, em que o mundo vai avançar em um ritmo mais inclemente, e aqueles que não conseguirem acompanhar sofrerão as conseqüências. Ela pensa em Morgan e no incêndio que ele provocou, sua estranha determinação em resolver esse assassinato que, há quase uma semana, confunde a todos. Subitamente, Cara se lembra de um acordo feito com a orientadora pedagógica do ginásio para que Morgan levasse um garoto chamado Chris para a casa dela. Será possível que Morgan conhece esse

menino? Ela fica relembrando a confiança que ele tinha de que resolveria o caso e se pergunta: *Por que ele teria tanta certeza se não soubesse alguma coisa que os demais não sabiam?*

Quando Morgan acorda, mal consegue acreditar no que vê: Cara está em seu quarto, olhando para ele. A princípio, ele acha que é um sonho, mas ao olhar para o quarto, vê que são quase nove da manhã. Sua mãe deveria ter decidido que ele não precisava ir para a escola hoje. Ele quer encontrar seu caderno e escrever: Surpresa *número sete da minha mãe: A escola não é necessária depois que você passa a noite com medo que seu filho tenha morrido.* Pensando bem, também tem outra coisa: Supresa número oito: Ela deixou Cara entrar.

"Desculpe acordar você, Morgan, mas preciso perguntar: você conhece Chris bem?"

Ele senta na cama. "Fazemos educação física juntos. E aquele grupo que eu comentei. Às vezes, nós almoçamos juntos, mas foram só duas vezes. Não sei se vamos almoçar juntos de novo."

"Você acha possível que ele tenha matado Amelia? Fico pensando que, como ele ficou no bosque a noite inteira, sem ter medo do assassino, talvez tenha sido ele."

Morgan não acredita que ela esteja perguntando isso. É impressionante, de verdade. A noite toda, depois que Chris foi encontrado, tudo o que ele queria era falar sobre isso com alguém, mas sua mãe se recusou. Ela queria pegar os álbuns e falar dos bons e velhos tempos, antes de todos os problemas reais aparecerem. ("Lembra disso?", ela ficava repetindo. "Lembra de quando fomos para Gettysburg? Foi divertido.") Agora Cara está aqui, fazendo perguntas que ele mesmo se fez. "Eu pensei nisso, na verdade, mas acho que não. Tenho uma teoria diferente." Ele pega seu caderno embaixo da cama e se dá conta de que é a primeira vez que alguém de fora da família entra em seu quarto e vê sua pilha de cadernos. "Minha teoria é que Chris sabe quem foi, mas acha que se disser alguma coisa, vão matá-lo porque... Bom, provavelmente vão mesmo."

"Alguém de sua escola?"

"Aliás, eu tenho uma lista. De todo mundo que já ouvi ou vi provocando Chris."

Ele tem muitas listas, infelizmente, e leva um tempo para encontrar a certa. Conforme Morgan folheia as páginas, Cara olha para alguns títulos: *Possíveis suspeitos: Funcionários da escola.* Ela lê um nome e levanta as sobrancelhas. "A sra. Tesler, a diretora?"

"Tenho meus motivos. O importante é não excluir ninguém."

Finalmente, ele encontra a lista certa: Pessoas que assediavam Chris. São catorze nomes.

"Uau", Cara exclama. "É muita gente."

"Alguns zombavam dele pelas costas. São simplesmente maus, não cruéis." Para Morgan, é uma distinção importante. Pessoas más usam palavras, pessoas cruéis usam outras coisas.

"Você já viu alguém o maltratando?"

Morgan faz que sim com a cabeça. De repente, ele fica com medo que Cara pergunte especificamente o que viu.
"Fisicamente tentando machucá-lo?"

Ele faz que sim com a cabeça de novo. Morgan nunca contou a ninguém o que viu porque, durante muito tempo, fez um grande esforço para esquecer — os pedaços de pau batendo em Chris, como um acertou seu joelho e o outro bateu na cintura com tanta força que ele se curvou e seus óculos caíram no chão. Como um dos garotos, com botas de motociclista pretas, pisou nos óculos dele. Morgan fez muita força para tirar isso da cabeça.

"Uma vez eu vi uma coisa. Uns meninos estavam usando pedaços de pau", sussurra. Ele balança a cabeça, não quer falar mais. "No dia que aconteceu, eu provoquei o incêndio."

Na cabeça dele, fazia sentido: um crime fora cometido e alguém deveria ser punido. A mãe dele acredita que certas coisas são simples. Se alguém é mau com você, você conta para o professor. Ela não entende as repercussões. Que dedurar pessoas significa ser torturado ainda mais. Que vão sentar atrás de você no ônibus e

derreter as alças de sua mochila com um isqueiro, ou arrancar seu cabelo, um fio de cada vez. Às vezes, fazem você tropeçar no corredor do ônibus ou escrevem eu sou *bicha* na parte interna de seu braço, em que a pele é fina e dói muito. Ele nunca contou essas coisas a ninguém porque quer fingir que elas acontecem com outra pessoa, o que parece possível quando vê o que fizeram com Chris, como o nariz dele estava sangrando quando ele rastejou até onde estavam seus óculos e tentou colocálos de volta, como o sangue e a meleca de nariz fizeram traços no rosto dele, e quando Morgan viu que Chris tinha feito xixi na calça, lembrou de ter feito a mesma coisa quando escreveram no braço dele, o que fez parecer possível — ele não sabe explicar exatamente — que nada daquilo fosse real.

Mas é confuso, porque quanto mais tenta esquecer, menos consegue lembrar o que aconteceu consigo mesmo e com Chris. Ele não pode dizer tudo isso a Cara porque, no fim das contas, não há palavras para explicar como o ginásio é difícil.

"Posso ficar com a lista?", ela pergunta delicadamente. "Talvez ajude Chris. Ele precisa de ajuda, e talvez isso seja um começo."

Morgan faz que sim com a cabeça, mas não olha para ela, porque se olhar, talvez comece a chorar. Ele não quer arrancar a lista do caderno, então acha um pedaço de papel e faz uma cópia.

"Por que você não coloca uma estrela ao lado de quem parece ser um problema maior", ela propõe, e ele o faz. Contanto que não precise dizer nada, pode escrever os nomes e colocar as estrelas.

De um modo geral, Chris está feliz consigo mesmo. É verdade, ele contou coisas demais para a professora, mas foi só uma história, não foi a história toda nem a história verdadeira, o que significa, por enquanto, que está seguro. Era difícil ficar quieto com ela porque ela era bonita e estava chorando quando ele olhou de dentro do buraco, o que o fez desejar que ela fosse uma das professoras do ginásio para que pudessem ficar amigos e talvez ele pudesse almoçar na sala dela e depois pudessem jogar damas, como ele fazia com a sra. Montgomery na quinta série, antes que sua vida ficasse complicada pelo fato de que todos o odeiam tanto.

No hospital, ele descobre que não falar com a polícia é surpreendentemente fácil:

é só fingir que tem cola na boca e, se disser alguma coisa, seus lábios vão rasgar.

"Você pode nos dizer o que estava planejando fazer com o buraco?", o detetive pergunta. "Porque é um buraco impressionante. Deve ter dado trabalho."

Deu sim, ele não diz.

"É como se você quisesse enterrar alguma coisa, talvez?"

Sim.

"Ou alguém?"

Talvez. Chris viu como é fácil. Como é rápido.
Como só é preciso ser cuidadoso depois e limpar melhor, não deixar um corpo lá deitado para alguém encontrar.

"Qual era seu plano, Chris? Você provavelmente tinha um plano."

Sem plano.

"Você estava lá sozinho, a noite toda. E provavelmente sabia que as pessoas ficariam preocupadas e iriam atrás de você, certo?"

Sim, claro. Minha mãe, é óbvio. Ele sabia que ela ia chorar e ficar preocupada com o inalador para asma, que ele havia esquecido de levar. Mas também pensou: *Se todo mundo está preocupado, então quem interessa vai vir procurar. Essa era a* única forma.

"Tenho uma sensação de que isso tem a ver com Amelia Best. Você pode, quem sabe, balançar a cabeça? Só dizer, sim, não, isso tem a ver com a menina? Você a conhecia? Ou a viu, talvez?"

Chris sabia como era fácil de acontecer. Como não é preciso ser especialmente forte. Só é preciso estar bravo e pegar alguém de surpresa.

"A menina que morreu, Chris. Amelia. Você a viu?"

Ele não a estava vendo naquela hora, mas podia ouvir a voz dela. É como se

Amelia estivesse dentro da cabeça dele lhe dizendo o que fazer. Tem um homem, ela diz, preciso encontrá-lo.

"Você sabe quem a matou? Você viu?"

Chris acha interessante que ninguém acredita que tenha sido ele. Alguém como eu *não é possível. Porque não entendem que* é *possível.* Se alguém é provocado o suficiente, vai fazer o que tem de fazer. O investigador continua falando, o que leva Chris a usar um truque antigo: ele olha tão fixamente para os lábios do homem se movendo que não ouve nem uma palavra do que está sendo dito.

Depois que o investigador vai embora, a mãe de Chris chora na cama dele por um
tempo e o pai, como de costume, fica piscando diante da TV, que está ligada no noticiário porque Chris não vai desgrudar os lábios, nem mesmo para dizer: "Controle remoto, por favor". Os pais parecem achar que tudo bem assistir ao noticiário, apesar de sua mãe estar atenta, com um saco plástico com o inalador para asma na mão. Na TV, ela diz que é a mãe mais feliz do mundo por ter seu filho de volta, são e salvo, apesar de, ao olhar para ela agora, chorando na cama, Chris duvidar. Ele balança a cabeça. A única coisa que importa é o que dizem no final: "Até o momento, o menino se recusou a responder todas as perguntas feitas pelas autoridades sobre o período que passou desaparecido".

Se eu estou vendo isso, Chris pensa, *ele também deve estar. Ele vai achar que sou incrível por fazer tudo isso por ele, porque não faz idéia.*

"Aqui está a lista", Cara diz. "Sei que parece bobo, catorze nomes de alunos do ginásio, mas juro, Matt, acho que pode ser alguma coisa. Está claro que Morgan estava obcecado com o assassinato, e talvez Chris também estivesse. Morgan entrou em nossa vida porque queria que Adam o ajudasse a resolver o caso, mas eu honestamente acho que ele já sabe mais do que está revelando."

"Como o quê?"

"Que ele testemunhou algumas coisas. Que viu até onde esse tipo de violência

pode chegar. Ele tem listas e listas de suspeitos... Essas listas absurdas, a diretora, metade dos professores da escola primária, os funcionários da enfermaria, mas ali no meio existem nomes que ele obviamente quer que a gente encontre, mas não consegue dizer em voz alta."

"Interessante." Matt Lincoln olha a lista com o cenho franzido e um dedo na boca. "Nós já falamos com alguns desses nomes. Randall Wu, Harrison Rogers, esse tal de Welton. Nenhum deles é incrivelmente agradável, posso dizer. Sabe, é engraçado... Os três estiveram aqui por causa daquele incêndio de algumas semanas atrás, falamos com eles sobre o assassinato, e todos tinham uma arrogância: 'Qualquer coisa que aconteça nessa cidade vocês querem colocar a culpa em nós'. Dá vontade de dizer, meninos, olhem-se no espelho, vejam as correntes e as botas, e adivinhem por que vocês estão sendo interrogados."

Cara olha para ele. "Eles não provocaram o incêndio."

"Não, eu sei."

"Por que você os interrogou?"

"Nós achamos que tivéssemos uma testemunha ocular. Alguém alegou tê-los visto por lá."

"Quem?"

"Foi uma informação dada por telefone, mas as roupas estavam certas. E foi corroborado por uma segunda testemunha."

"E essas duas informações vieram pelo telefone?"

"Acho que sim. Sim."

"É possível que tenham sido dadas por crianças?"

"Crianças podem dar informações. Elas, às vezes, dão."

"Mas você tem uma gravação disso?"

"Temos um registro. Não uma gravação. Por quê?"

"Porque eu continuo achando que o incêndio está ligado a isso tudo. Morgan viu alguma provocação e quis pará-la de alguma forma, ou expressar sua indignação, não sei. Mas ele provocou o incêndio no mesmo dia que viu algum incidente especialmente repulsivo. Faz sentido que depois ele desse uma pista falsa, tentasse causar algum problema para esses meninos, mesmo que não tenham sido eles os responsáveis."

"Hum."

"E talvez Chris também tenha ligado. Talvez eles tenham descoberto quem os delatou."

"Mas o que isso tem a ver com o assassinato de Amelia?"

"Pense", ela diz, mas a verdade é que não sabe. "Se eles estavam bravos com Morgan e Chris, por que matariam uma menina do primário, uma menina que não conheciam, porque ela tinha mudado para cidade seis semanas antes."

"Meu Deus", Matt exclama, batendo a caneta no alto da lista.

"Acabei de pensar em uma coisa." Ele levanta da cadeira e se debruça para revirar uma pilha de arquivos atrás de si.

"O quê?"

Ele encontra um arquivo e começa a folhear as páginas, folheia mais e balança a cabeça. "Idiota", ele murmura para si mesmo. "Sou um idiota."

"O quê?"

Matt encontra um pedaço de papel e o coloca ao lado dos três nomes com estrela na lista de Morgan. "Este aqui", ele diz apontando para o segundo nome com estrela. "Bem aqui. Harrison Rogers. Eles o chamam de Cabelo."

A mãe de Morgan acha que ele deveria visitar Chris, que se quer tanto ter amigos,

precisa aprender a ser um amigo. Ele quer dizer a sua mãe que Chris faz parte do problema todo. Se eu não tomar cuidado, vou ficar exatamente como ele e não vou *nem saber como aconteceu.*

Morgan não diz isso em voz alta, mas sua mãe deve ouvir seus pensamentos.

"Não faça isso, Morgan. Não faça com Chris o que outras pessoas fizeram com você. Você quer amigos, é assim que começa. Ligue para ele. Diga: 'Posso ir aí?'"

Quando Morgan liga para perguntar se pode visitar Chris, fala com a mãe dele, que parece suficientemente feliz em recebê-lo. "Claro", ela diz. "Ele voltou a falar, graças a Deus, mas não sobre o bosque. Se você pergunta sobre isso, ele faz aquela coisa em que sua boca fica parecendo um zíper. É só falar sobre outras coisas, e ele vai ficar bem."

O que parecia ótimo para Morgan, mas agora que está aqui, é difícil pensar em outra coisa para dizer. Chris está deitado na cama, mesmo que, tecnicamente — ou de acordo com o noticiário da TV —, ele não tenha nada de errado. Morgan quer perguntar tudo que não deve perguntar sobre o que ouviu até agora: *A faca era mesmo sua? O que você ia fazer com ela? Ele sabe como é ficar sozinho no bosque* e se sentir capaz de fazer qualquer coisa, até mesmo desobedecer à lei. O que ele realmente quer perguntar é: Você queria matar alguém? Ainda quer?

Morgan pensa que se tiver coragem de perguntar isso a Chris, talvez conte como tentou fazer Harrison ser preso semanas atrás. O problema de contar isso a Chirs é que foi uma idéia idiota e não deu certo.

Também envolveria contar que o viu apanhar e molhar as calças, o que é um tópico no qual Morgan não quer entrar agora. Ele tem medo de começar a chorar ou de admitir seu próprios problemas nessa área; o dia que ele próprio passou com a calça molhada, com um moletom amarrado na cintura, linhas vermelhas no braço onde as palavras foram escritas.

Chris não parece estar especialmente feliz em ver Morgan, mas também não parece infeliz de ter um visitante. Ele senta na cama e olha em volta do quarto. "Você quer ver minha coleção de origami?", ele finalmente propõe.

Morgan consegue vê-la na prateleira, fileiras e fileiras de figuras dobradas, algumas tão pequenas que parecem embalagens de chiclete amassadas recolhidas na

rua. *Na verdade não,* ele quer dizer. Mas, em vez disso, aponta e diz, "Você fez todos esses?"

"Fiz. O da ponta esquerda é uma girafa, um hipopótamo, uma garça real, um ornitorrinco, um cisne, claro. Eu mesmo invento, o que é bem difícil."

E meio inútil, Morgan pensa, uma vez que nenhum deles parece o animal que deveria ser.

"Posso ensinar se você quiser. Minha mãe diz que a maioria das pessoas não se interessa por origami."

"Eu provavelmente sou uma delas", Morgan diz. "Não tenho muito interesse."

"Sei. Tudo bem. No que você tem interesse?"

"Não sei." Ele quase falas das coisas antigas: a Guerra Civil americana, trens, os presidentes americanos, sua coleção de moedas de 25 centavos. Em vez disso, opta por "Mistérios, acho eu".Chris o surpreende. "Como o que aconteceu no bosque?"

"Exatamente."

Não funcionou. Nada funcionou.

Chris ia matá-lo, mas agora não pode, e finalmente se dá conta: *Por que me preocupar em não falar agora, se não faz diferença o que eu não disser?*

Por um dia, Chris pensou em formas de se matar.

Parece o próximo passo lógico. Pensa em fazer da forma mais difícil — afogamento, o que não é fácil uma vez que tocar na água o faz hiperventilar. Quer fazer de um jeito difícil para que, no último minuto, não pense nas coisas boas da vida e mude de idéia.

Mas não sabe nem se deveria tentar, uma vez que nada dá certo com ele. Nem

planejar um assassinato, nem impedir a vingança de Harrison. Olhando para trás, ele admite que funcionou por um tempo. Ele pensa nos dez minutos antes de irem para o bosque como os mais felizes que teve na vida.

Por duas semanas, Harrison falou em quebrar o braço de Chris por chamar a polícia e tentar culpá-lo pelo incêndio. Ele dizia que as pessoas o pagariam para fazê-lo, pessoas que estavam cheias daquele seu jeito de dedo-duro. Chris não negou — era bem possível que Harrison fosse o responsável pelo incêndio, porque há anos ele carregava isqueiros e os acendia no ponto de ônibus, colocando fogo em tudo: folhas de grama, puns, o barrado branco das minissaias das meninas. Uma vez Chris o viu atear fogo a um grilo vivo. No final das contas, Chris estava errado. Harrison não podia ser o responsável pelo incêndio porque estava na escola, na detenção, quando o fogo começou.

"Eu sei que foi você, você vai morrer, seu merdinha", ele disse um dia depois que Chris chamou a polícia. Harrison, mais que os outros, gostava de arrastar as coisas, passar dias falando sobre o que ia fazer, quais ossos ia quebrar, como ia quebrá-los. "Primeiro vai ser seu braço. É mais fácil do que você pensa." Na noite anterior ao suposto dia D, Chris ficou acordado até tarde, bolando um plano. Ele sabia que precisava de uma arma e um elemento surpresa. E decidiu o seguinte: aceitaria um confronto e então assumiria o controle. Se soubesse de alguém que tivesse uma arma de fogo, ele usaria, mas como não era o caso, iria usar o que tinha à mão: a faca de cozinha de sua mãe, enrolada em uma meia, enfiada no fundo de sua mochila. Ele sabia que não podia levá-la à escola, que se alguém a encontrasse, ele seria suspenso, então deixou a faca no bosque enrolada na meia. Saber que sua arma estava lá era como ter uma prova, saber que vai colar e não ser pego. Isso fazia com que ele se sentisse sortudo e o fez dizer "Tudo bem" quando Harrison disse que deveriam resolver aquilo de uma vez e cabular o terceiro período.

"Certo", Chris respondeu. "Mas a gente devia ir para o bosque para que ninguém tente nos impedir."

Harrison olhou para ele. "É sério?"

"Claro. Por que não?" Até então, ele nunca havia feito nada além de implorar que esses meninos o deixassem em paz.
"Você quer que eu quebre seu braço?"

"Talvez você consiga, talvez não. Eu sei um pouco de judô."

Ele apertou os olhos. "Quanto judô?"

"Um pouco."

Foi aí que Chris percebeu como era fácil, a força vinha simplesmente de não ter medo. No caminho até o bosque, ele falou o tempo todo e contou a Harrison sobre suas internações. "Se você quebrar meu braço, imagino que vou passar no máximo uma noite, mas vai ser bom. Eles têm alguns canais de televisão que eu não tenho em casa. Também tem um Nintendo. Você ficaria surpreso com as coisas que tem lá."

Harrison parou de andar. "Você é maluco ou alguma merda do gênero?"

Chris deu de ombros. "Acho que sim. Você não é o primeiro a me perguntar isso. Um cara no ônibus — acho que o nome dele era Neil — me perguntou isso uma vez, e eu respondi: 'Sim, algum problema?' Então, esta é a parte engraçada. Bem, não engraçada, do tipo ha ha. Mas eu, algumas vezes, perguntei-me se você gosta de ser mau ou se você acha que precisa ser assim para que ninguém pense que você é um esquisito também. Mas de certa forma, é tarde demais, se você não se importa que eu diga, porque a maneira como você e seus amigos se vestem... Bom, muita gente acha que você também é meio esquisito, Cabelo. Tudo bem eu chamar você de Cabelo?"

"Não."

Ele estava se divertindo tanto que não conseguia parar. Parecia a coisa mais divertida que já tinha feito. "Cabelo! Cabelo! Cabelo!", ele dizia, porque em um minuto, ia abaixar, pegar a faca e rir por último.

"Cale a boca, sua aberração. Cale a boca, merda!"

Claro que ele não calou. Chris continuou falando até chegarem ao bosque e então ficou quieto porque percebeu, imediatamente, que alguma coisa tinha acontecido. Eles não estavam a sós. Foi pegar sua arma, e a meia estava lá, mas a faca não, o que significava que nada disso ia dar certo, que Harrison ia quebrar seu braço e ele ia ter problemas por causa da faca.

Agora ele percebia quanta coisa tinha feito de errado, todos os incontáveis erros

cometidos. Se não tivesse levado a faca, não a tivesse escondido no bosque, não tivesse provocado Harrison porque era tão gostoso provocá-lo — se tivesse feito uma dúzia de coisas diferente, a menina ainda poderia estar viva, e não na cabeça dele, onde ela fica, o tempo todo, sentada com seu vestido rosa dizendo a ele o que fazer.

Cara fica na delegacia tempo suficiente para ver Harrison Rogers quando ele é trazido. É um menino ruivo, coberto de sardas, usando uma camiseta preta, jeans pretos e sapatos pretos, e vem seguido da mãe, que grita coisas sobre assédio policial de um menor. "É a terceira vez que vocês o interrogam. Estou falando em três vezes. Alguém faz qualquer coisa nesta cidade e a vida de meu filho é interrompida para que ele fale com a polícia. Estou dizendo, quero falar com quem quer que seja o responsável por aqui."

Ela fala tão alto que até seu filho parece estar com vergonha de ficar perto da mãe. Matt dá um passo a frente e levanta a mão. "Neste momento, eu sou o responsável. Investigador Matt Lincoln, senhora. Que bom que senhora veio também."

"Foi com você que falamos da última vez? Sobre o incêndio?"

"Foi sim."

"Porque ele não provocou nenhum incêndio."

"Exatamente, senhora. Não precisamos fazer nenhuma pergunta sobre isso."

Enquanto a mãe bufava de um lado para o outro, com os braços cruzados na frente de um peito largo, o filho parecia encolher ao seu lado. Ele estava inclinado à parede, cutucando a unha do polegar, ombros encurvados, um pé sobre o tornozelo da outra perna.

"É perseguição, é o que isso é. E pode acreditar que vou chamar um advogado amanhã."

Matt transforma a própria voz em um sussurro. "Nós dissemos para a senhora, sra.

Rogers, ter um advogado presente. Nós explicamos por que ele está aqui." Ao dizer isso, ele deixa assustadoramente claro: essa mulher está apavorada e fazendo um escândalo. Ela ouviu uma coisa e disse a si mesma que não é nada, só mais assédio porque seu filho usa muito preto para ir à escola.

Ela balança a mão no ar. "Não, não. Vamos só resolver isso e ir para casa."

"Não, sra. Rogers, eu não recomendo. Temos um advogado aqui que pode representar Harrison por enquanto e responder às perguntas que a senhora tiver."

Para Cara, é óbvio: Matt não quer dar nenhum passo sem fazer isso, não importa o que a mulher diga. "Preciso dizer que vai ser muito melhor para Harrison se alguém estiver aqui, protegendo os interesses dele."

Ela revira os olhos. "Olhe, faça o que quiser. Eu não me importo."

Cara observa o menino e se pergunta se ele está ouvindo isso. A expressão dele inexiste, como se há muito tempo tivesse parado de ouvir a maioria das coisas que a mãe diz. Essa visão cria uma estranha quebra — o rosto parece muito mais velho, tão endurecido quanto o de um rapaz de 20 anos que conhece as ruas e já viu coisas demais para registrar algo, mas o corpo é surpreendentemente pequeno, com braços finos de menino, como dois cabos de vassoura e pés pequenos. Ao se dar conta disso, ela percebe outra coisa: ele está usando tênis sem cadarço, como os que compra para Adam, que ainda não consegue amarrá-los sozinho. São pretos, uma cor que nunca compraria para Adam, mas quando olha mais de perto, ela vê: são da mesma marca, com — dá para ver pela maneira como ele fica parado — a mesmíssima sola.

Aí está, Cara pensa. É por isso que pareciam só dois pares de pegadas. Ela tenta fazer um sinal para Matt, que se afastou da mãe de Harrison para cuidar da logística — conseguir uma sala, localizar o advogado. Cara se coloca atrás dele e sussurra, enquanto ele lê uma anotação na própria mão.

"Ele está usando os mesmos sapatos que Adam."

Matt faz um aceno de cabeça por sobre o ombro dela e levanta dois dedos para a secretária no canto. "Sala dois?", ela checa e vira para Cara. "Eu percebi", ele diz baixo.

No minuto seguinte, eles desaparecem.

De algumas partes, Chris simplesmente não se lembra. Ele lembra que a menina apareceu, disse que precisava encontrar um homem em uma cadeira de rodas, que estava tentando ajudá-lo, mas ele tinha ido embora. Harrison foi o primeiro a ver que ela estava segurando uma faca.

"Me dá", Harrison disse. "Dá aqui." Ele abriu a mão, e então Chris se perguntou se havia alguma coisa de errado com a menina, porque ela não fez o que Harrison mandou, não entregou a faca. Em vez disso, ficou olhando as árvores, sorrindo como se simplesmente não estivesse ouvindo Harrison.

Ele se lembra disto: ela começou a cantar, o que fez Harrison gritar: "Me dê essa merda de faca ou eu vou machucar você", o que não fazia sentido porque era com Chris que ele estava bravo, não com ela, e então se lembrou de antes, como ter uma faca o fazia se sentir mais forte, e não ter o paralisava. Parecia que Harrison tinha esquecido Chris, esquecido até que ele estava lá, porque só estava bravo com a menina, que não fazia o que ele mandava e não estava com medo como deveria estar. Ela estava cantando na cara dele, fazendo perguntas que não faziam sentido sobre pessoas que não estavam lá, dançando de um lado para o outro, segurando a faca. Em um minuto, ela estava preocupada com o homem na cadeira de rodas; no minuto seguinte, estava olhando Harrison de perto, perguntando o que eram aquelas coisas no rosto dele: "A gente pode chamar de sardas mesmo quando são tantas assim?"

Chris sabia que se ela não tivesse uma faca, Harrison a teria machucado. Ele a teria empurrado no chão e a teria feito comer um pedaço de papel ou realizado uma de suas torturas favoritas, mas aquela faca longa e brilhante significava que ela podia fazer o que Chris tinha acabado de descobrir. Ela podia dizer o que quisesse. "Sardas são como sujeira, só que não saem", ela tinha dito, tocando o rosto dele e então — ele ainda não entende essa parte — ela olhou para a própria mão, viu a faca e a jogou no chão. Chris não tinha nenhuma chance, estava longe demais. Harrison pegou a faca.

A garota se afastou e a voz de Harrison se tornou suave, como se tivesse tido uma idéia. "Ei, venha aqui um pouco. Quero mostrar uma coisa para você", ele chamou a

menina enquanto colocava as mãos na calça. Chris pensou, Meu Deus, ele vai fazer *xixi nela assim como fez nos meus sapatos*. Ele abriu a braguilha e colocou sua coisa para fora. "Venha aqui!", ele disse, acenando para ela com a faca. Chris desviou o olhar, começou a pensar em outras coisas, como a aula de inglês que estava perdendo, e como na aula de matemática, quando terminavam a tarefa, podiam ler as revistas de quadrinhos que ficavam na mesa da professora, e que tinha uma com um vilão que Chris adorava e se chamava Líquido Viscoso.

"Venha aqui, menininha. Não vou machucar você, prometo. Só quero mostrar uma coisa."

Chris tentou pensar em Líquido Viscoso e em seu pai, Ódio Venenoso, que tinha um laboratório onde criou seu único filho, um vilão que podia se transformar de humano para líquido e se tornar humano de novo em sete segundos.

"Eu conheço a pessoa que você está procurando. Eu já o vi. Venha aqui e eu conto onde ele está."

Chris queria dizer, Não, não acredite nele. Não vá, mas não podia falar, não podia abrir a boca nem dizer nada, porque se dissesse qualquer coisa, Harrison lembraria que ele estava lá e quebraria o seu braço, ou talvez fizesse alguma coisa pior com a faca. Ele pensou em Líquido Viscoso, que se enfiava na boca dos outros para afogálos, e então desaparecia sem deixar vestígios. Chris tentou imaginar a própria boca se enchendo, cheia de folhas pontudas de pinheiro e terra do chão da floresta, pedras e sangue, e talvez sua meia. Não importava o que Chris dissesse ou não porque Harrison foi até ela, pegou-a pelos ombros e sussurrou na nuca da menina, "O que eu acabei de dizer? Você viu que agora eu estou com a faca? Que eu poderia machucar você se quisesse?" Ele começou a puxá-la, "Mas eu não quero te machucar. Quero que você venha aqui. Quero ficar seu amigo para você ver o que eu tenho. O que ele faz. É uma surpresa."

Ela andou com ele porque não tinha escolha, e Chris desejou que talvez ela fosse pequena o suficiente para não saber o que estava acontecendo ou não se lembrar. E então viu os pés dela se afundarem na lama, como se talvez ela pudesse parar o que estava acontecendo com os dedos dos pés. "Não", ela disse e foi quando ele se deu conta de que ela não era pequena demais, era outra coisa — talvez louca, porque começou a chamar bem alto pelas árvores, "eu trouxe ele! ele está aqui! não fique com medo. eu ajudo você a falar com ele!" E dizendo aquilo tudo, sendo tão estranha, sem fazer sentido, ela, de alguma forma, se livrou dele. Harrison a teve por

um minuto, tentou levá-la onde queria ir, e então ela se libertou, sem problemas, como se não fosse nada, e ele estava ali, sozinho, com a coisa pendurada para fora da calça.

Chris não lembra exatamente o que aconteceu depois. O rosto de Harrison ficou tão vermelho quanto seu cabelo e ele explodiu. Chris pensou que talvez fosse possível que pessoas de verdade se metamorfoseassem em outras formas ou forças agentes. Que podem ficar tão bravas que transformam a paisagem como lava de vulcão ou uma tempestade de neve. Em um minuto, tudo está de uma cor, e no seguinte, é uma cor totalmente diferente, que é como pareceu, quando ele a pegou, perdeu e pegou de novo, e Chris pensou que houve um grito, mas não saiu nenhum som, só a boca de Harrison escancarada com um grito e tudo ficou quieto, só a respiração e o som dos corpos colidindo, e Chris fechou os olhos com força no momento em que viu a faca desaparecer no vestido dela, dentro de um círculo de sangue, porque ficou com medo que se continuasse olhando, fosse ver os órgãos aparecerem.

"Puta merda. Olha o que você me fez fazer", ele ouviu Harrison dizer. "Porra, você tem que me ajudar, a culpa é sua." E ele sabia que era o culpado, que tinha começado aquilo tudo quando tentou se manifestar. Que se tivesse ficado quieto, não tivesse falado nada, eles estariam bem. Chris não precisava das ameaças de Harrison, ou do que ele disse enquanto voltavam sobre matá-lo se contasse a alguém. Ele já sabia o que ia fazer. Tinha decidido quando viu Harrison puxar a faca — com as mãos tremendo — e limpá-la com a meia, para enfiá-la no bolso de sua jaqueta. Ele sabia quando fechou os olhos e ouviu pela primeira vez o que a menina estava ouvindo, em vez de Harrison — que havia mais alguém no bosque, uma pequena flauta tocava como se nada daquilo tivesse acontecido. E foi isso que ele decidiu dizer a si mesmo até encontrar uma maneira de matar Harrison.

Morgan tem certeza de que ficou tempo suficiente. Eles falaram principalmente sobre hobbies, e todos os de Chris parecem meio estranhos, para falar a verdade. Por um tempo, ele tinha se interessado por balões de ar quente, depois tratores, e agora estava interessado, principalmente, em motores de popa antigos de barco, o que parece estranho para Morgan diante dos sentimentos de Chris sobre a água. Morgan fica nervoso por terem tanto em comum, ou pelo menos isto: paixões antigas que não

funcionam mais. Ele pensa, *Se Chris algum dia for em casa, vou ter de esconder a maior parte das minhas coisas*. E então pensa em outra possibilidade: Chris sentado no quarto de Morgan, olhando seus cadernos, acenando com a cabeça e respirando ruidosamente, apontado seu dedo ossudo para um decalque de lápide e dizendo: "Uau. Onde você conseguiu essa?" Talvez sua antiga vida parecesse diferente com alguém para ver essas coisas. Alguém que entendesse.

"É melhor eu ir embora", Morgan diz e olha para o relógio para ver que só está lá há 25 minutos, que parecem duas horas. "Posso voltar se você quiser. Não me importo."

Chris olha pela janela. "Você quer saber por que eu fui para o bosque? A segunda vez, quando eu fugi?"

Morgan se senta de novo. Até onde sabe, Chris não contou a ninguém por que ou como fez isso até agora. "Claro."

"Eu sabia que Harrison ia aparecer uma hora e me procurar. Eu ia matá-lo e enterrá-lo para que ninguém encontrasse o corpo, e ninguém ia ligar porque o mundo ia ficar melhor sem ele. Ele seria só um desaparecido."

Morgan não acredita que ele esteja dizendo isso. Por um segundo parece que Chris está contando tudo a ele, e Morgan teme que talvez seu cérebro exploda com toda essa informação. Ele respira fundo e se lembra disto: o nome de Harrison está na lista que deu a Cara e tinha uma estrela. "Uau. Eu preciso dizer, eu não ia me importar se aquele cara morresse."

"Agora eu fico pensando...", Chris começa a falar mais e então pára.

"O quê?"

"Tem um motivo por que eu não posso fazer isso. É como se aquela menina estivesse dentro de mim."

Morgan olha para a porta e, de novo, para o relógio. Um minuto se passou desde a última olhada. "Dentro de você?"

"É como se ela ficasse falando sobre um homem e como está tentando ajudá-lo, mas ele fugiu. Fico ouvindo a voz dela dizer essas coisas."

Morgan arrisca. "Às vezes, quando fico pensando em alguma coisa, falo para mim mesmo: 'Pare'."

"É como se ela estivesse no meio de uma coisa e nós a tivéssemos interrompido. Ela ficava falando: 'ele está machucado, e eu preciso ajudá-lo.'"

Chris deve estar tentando imitar a voz dela, mas acaba soando como se estivesse imitando a Branca de Neve. Morgan se pergunta se ele está tendo um colapso nervoso ou se enlouquecer é assim.

"Fico pensando, o que ela estava tentando fazer? Como se talvez eu pudesse ajudar. Tinha a ver com esse homem."

E Adam, Morgan pensa. Não se esqueça do Adam.

"Então." Chris desvia o olhar da janela para Morgan e parece se lembrar com quem está falando. "É melhor você ir. Se quiser, da próxima vez, posso mostrar o resto de meus origamis. Tem um sapo muito bom e mais algumas girafas."

Passam-se 24 horas até que Cara ouça a história toda de Matt, que liga para ela em casa. "Esse menino é uma coisa. Levou uma hora e meia, mas conseguimos uma confissão. Para um menino, é bastante tempo. Eles geralmente cedem logo, mas esse... Ele deixou a mãe falar o tempo todo e então finalmente, enquanto ela saía por alguma tangente, ele simplesmente explodiu como um vulcão. Começou a chamá-la de esquisita que não sabia porra nenhuma do que estava dizendo, que ela deveria tentar calar a boca uma vez na vida. Um bom menino. Uma verdadeira pérola."

Isso devia ser um alívio, Cara pensa. Acabou, ela tenta se convencer, mas tudo em que consegue pensar é no menino no corredor com sapatos que a faziam pensar em Adam, com uma mãe por quem ela se compadece; uma mãe cuja vida, como ela a conhecia, tinha acabado.

"Ele contou o porquê?"

"Não sei se existe um porquê. Ele diz que não tem culpa, é claro. Eles nunca têm.

A versão dele é que ele e Chris foram para o bosque brigar e que a menina já estava lá, segurando uma faca. Ela não os deixava em paz. Ficava perturbando Harrison, perguntando se tinha visto um homem de cadeira de rodas. Acredito que ela estivesse procurando Barrows."

Cara pensa em uma coisa e mal pode acreditar no que essa história sugere. "Espere um pouco. Adam não estava com ela?"

"Pelo jeito não. Harrison diz que não viu outra criança, apesar de obviamente Adam tê-los ouvido gritar."

"Mas ele não a viu morrer?" Isso realmente é um alívio e uma surpresa, e Cara quer se demorar no assunto.

"Nós achamos que não, mas tem muita coisa que ainda não sabemos, ainda temos muitas perguntas."

"Como o quê?"

"Como, de acordo com Harrison, ela não ia embora, não os deixava em paz. Ela ficava perguntando as mesmas coisas, até que começou a cantar diante dele. Mas por que uma garotinha faria isso com um garoto mais velho que obviamente parece ameaçador? Por que ela não se afastou?"

Cara sabe a resposta, mas não sabe se deve dizê-la. Obviamente, Olivia decidiu, mesmo após a morte da filha, poupar Amelia de estigma dos rótulos. "Porque ela era autista", Cara diz. "Era leve, mas ela tinha alguns sintomas residuais. Cantar na frente de alguém para diluir a tensão é uma coisa tipicamente autista." É muito fácil visualizar a cena toda facilmente. Nos dias que se seguiram ao acidente dos pais dela, Adam lidava com a dor dela, com o misterioso desaparecimento dos avós, com o estresse de tudo cantando *The Wheels on the Bus* repetidas vezes, tão incessantemente que Cara acabou ameaçando confiscar todos os vídeos de ópera se ele não parasse.

Matt assobia em sinal de surpresa e então revela: "Sabe o que eu fico pensando?"

"O quê?"

"Adam nos deu o nome dois dias atrás. Ele nos contou quem foi. É inacreditável,

de verdade."
Adam acena com a cabeça porque fazer isso significa que está ouvindo, e ele está ouvindo.

"Ela morreu", sua mãe diz. "Alguém ficou tão bravo que acidentalmente a matou, mas não acho que foi de propósito, porque ela era uma menina muito legal. Ela era sua amiga e não deveria ter morrido, mas morreu, e eu sinto muito, querido. Eu sinto muito, muito mesmo, mas foi isso que aconteceu."

Agora ele sabe. Morta significa para sempre e não toque, e ela está no céu, onde a vovó e o vovô moram, que talvez seja nas nuvens e talvez não seja. Uma vez sua mãe disse que céu significa estar com Deus, e uma vez a sra. Ellis, sua professora do jardim de infância, disse que não sabia onde Deus morava, talvez nas nuvens, talvez nas árvores e plantas. É um alento saber que ela está morta, mas talvez vivendo nas árvores, nos bosques aonde ela sempre quis ir.

Morto significa que ele não vai mais vê-la porque nunca mais viu a vovó e o vovô.

Morto significa que as pessoas choram, mesmo ele sabendo que não vai chorar.

Morto significa jogar fora, como flores e pilhas.

Morto significa dormindo, mas sem acordar.

Ele consegue ouvi-la dentro de sua cabeça. Lembra dela cantando. Ele nunca precisou ver dentro da garganta dela, mas consegue imaginar se quiser: uma longa fila de cordas com pequenos martelos de feltro, ou um pequeno pássaro com um bico que se abre e fecha dentro de sua boca.

Ele não precisa mais se preocupar com ela. Não precisa mais ir para a escola procurar os sapatos dela. É um alívio saber disso.

Triste, talvez. E um alívio.
À noite, Cara tem um antigo sonho, que costumava ter anos atrás — Adam entra no quarto dela uma manhã falando frases inteiras, pensamentos originais, entrelaçados em parágrafos. A princípio, ela fica surpresa e então, quanto mais ele fala, menos chocada ela fica. Não são os pensamentos de um típico menino de nove anos, mas soam exatamente como Adam, a maneira como ele deve pensar: "Ouvi uma coisa interessante. Um claque-claque". Nesses sonhos, o impulso dela é sempre o mesmo,

se dessem a ela um Adam que pudesse falar livremente, ela começaria a fazer perguntas, que vêm tão facilmente, como se ela estivesse esperando por isso e estivesse pronta: Por que você ri dos fogos de *artifício? Por que chora quando a água entra no ralo? Por que você odeia algumas portas da escola? Por que você ainda adora o sr. Rogers?* No sonho, existem respostas para cada pergunta; respostas óbvias e simples, se-ela-tivesse-pensado-a-respeito. Fogos de artifício são *foguetes estelares dançantes, engraçados. Água pelo ralo morre. Portas deveriam abrir para fora, não para dentro. E o sr. Rogers? Os sapatos dele. Quando acorda,* ela indaga por que não pediu a ele para contar mais sobre o que aconteceu quando estava com Amelia. O que exatamente você viu no bosque? Foi feio? Ela acha que conhece o filho, já sabe as respostas que surgiriam, mas essa parte ainda é um mistério.

Ela havia lido o depoimento de Busker Bob e, a partir dele, soube que Adam se *afastou de Amelia e fez o que normalmente faria, seguir a música, até encontrar o* músico. Ela sabe que deve ter sido Adam pela descrição, parado, ao lado de uma clareira, ouvindo a flauta, acompanhando a música com a mão. Na declaração, Robert Phillips tinha sido generoso o suficiente para acrescentar que: "Quando eu parei de tocar, o menino cantou as últimas sete notas que eu havia tocado... Lindamente, afinação perfeita".

No entanto, também dizia que Adam não ficara com Busker Bob por mais que sete minutos.

Para animar o filho, Cara aluga um dos seus vídeos favoritos: Eu Adoro *Tratores e Máquinas de Construção. Fazia anos que ela o havia deixado assistir a esse vídeo,* feito para crianças menores. Era bobo e cheio de escavadoras movendo montes de terra em câmera lenta, mas cinco minutos depois ele está sorrindo. Ela também fica feliz, porque Morgan havia ligado mais cedo para perguntar se podia levar algumas coisas que tinha pegado emprestado com Adam.

Quando a campainha toca meia hora antes, Cara dá um pulo e grita: "Ele chegou! É o Morgan, Adam" da outra sala, antes de abrir a porta e descobrir que não é Morgan.

É Kevin, de novo. Ela dá um passo para trás e respira.

"Eu queria conversar com você um pouco. Achei que se ligasse antes, você diria não."

Ele provavelmente está certo, mas agora que está aqui, ela não tem muita escolha. "Tudo bem, Kevin. Pode entrar."

Ele rola a cadeira de rodas até a sala, até a prateleira onde estão as fotos de Adam quando bebê ao lado da foto do 30o aniversário de casamento dos pais de Cara, que pareciam surpreendentemente jovens: a mãe em um vestido floral, o pai com um terno que depois foi entregue para o diretor da funerária para ser usado no enterro. Por muito tempo, Cara não diz nada. Finalmente, Kevin quebra o silêncio.

"Você provavelmente ficou sabendo que eu passei um tempo na cadeia."

Cara faz que sim com a cabeça, mas ele não estava olhando para ela.

"Foi uma primeira infração. Minha mãe contratou um bom advogado, para que eu pudesse ser inocentado, mas eu nem tentei, porque na noite que fui preso, uma coisa ruim aconteceu."

Ela pensa sobre o que a mãe dele havia dito: Pergunte se ele sabe alguma coisa *sobre seus pobres pais*. *Mas ela não* quer perguntar, não quer ouvir o que ele está prestes a contar.

"Eu estava com eles na noite em que morreram, Cara. Foi terrível. Eu tinha saído com Scott, que estava traficando cocaína na época, a gente estava dirigindo pela cidade e comemorando quando vimos seus pais saindo de um filme, e a primeira coisa que pensei foi, *Ótimo, posso perguntar como você está.* Eu esqueci... Que eles não sabiam quem eu era. Que eu só os conhecia porque sabia tudo sobre sua vida. Quando fui até lá, eles pareceram confusos, então Scott disse: 'Ele conhece a Cara' e imediatamente sua mãe perguntou: 'Como?', e eu me senti mal. Eu estava chapado, fui até uns velhinhos e comecei a conversar como se estivesse completamente fora de mim. Eu estava indo embora quando seu pai me segurou pelo ombro e disse: 'Não, nós gostaríamos de saber como você a conhece'. Sua mãe estava chorando. Scott estava tão nervoso que disse: 'Fudeu' e começou a rir."

Cara mal consegue suportar o que está ouvindo.

"Eu falei: 'Me desculpem. Nós éramos amigos faz um tempo. Nada de mais'. E seu pai disse: 'É alguma coisa sim. Tem uma criança envolvida'. Viu, essa é a história toda, Cara. Eu sabia que você tinha um filho, mas não fazia idéia de que podia ser

meu."

Cara olha para ele. "O que você fez?"

"Eles foram até o estacionamento. Nós entramos em nosso carro e falei para Scott segui-los."

"Vocês estavam no carro atrás deles?"

"Não estávamos tão perto. Não fizemos nada. Juro por Deus, não foi culpa nossa. Eu só queria saber se Adam era meu filho."

"Você estava com eles quando morreram?"

Ele acena com a cabeça. "Eu me sinto péssimo, Cara. Foi horrível."

Como ele pode dizer isso — como se sente péssimo, como foi horrível — quando nunca vai entender a perda dela naquele dia; naquela tarde ela tinha uma família e no dia seguinte não tinha mais?

Depois do acidente, ela ficou desesperada para conseguir o nome das pessoas no carro, porque sua perda a consumia tanto que Cara achou que saber de tudo a aliviaria da alguma forma. Apesar de sua mãe, no banco do passageiro, ter morrido imediatamente, ela sabia que seu pai tinha ficado vivo por quase uma hora, e ela sempre quis saber se ele havia dito alguma coisa naqueles momentos finais. Agora não importa, ela não quer ouvir. Os pais dela morreram em um momento terrível de confusão, sua desorientação era uma medida do amor desmedido e, muitas vezes, não expressado por ela. É muita coisa.

"Você precisa ir embora, Kevin", ela diz simplesmente.

"A polícia vasculhou o carro e nos prendeu por posse de drogas, mas eu juro que o acidente não foi culpa nossa."

Ele havia dito isso tantas vezes naquela noite que ela tinha medo de começar a acreditar — nada é culpa dele, apesar de Kevin estar envolvido na morte de três pessoas. "Saia, agora. Saia."

Atrás dela, a campainha toca, assustando-a por um momento. Ela abre a porta e

encontra Morgan na entrada com um saco de papelão na mão. "Eu não posso entrar. Minha mãe está no carro. Só queria devolver algumas coisas que peguei dele." Ele entrega o saco a Cara, que o abre e vê, em cima de tudo, o suéter que Adam estava usando no dia que Amelia foi assassinada.

"Tudo bem", ela diz, tentando manter a voz calma. "Obrigada."

"Eu também queria dizer que sinto muito, e que se você precisar de um voluntário de novo, é só me chamar. Eu prometo que se você me convidar de novo para vir aqui, não vou roubar nada da próxima vez. Eu gosto de Adam. Gosto de ficar com ele." Ele não a olha nos olhos enquanto diz isso, mas não faz mal. Ela acredita. As palavras dele vêm com tanta sinceridade que, por um momento, ela esquece a raiva que está sentindo de Kevin.

Para surpresa de Cara, Adam surge do nada ao seu lado, o que significa que deve ter ouvido a voz de Morgan e abandonado seu vídeo para vê-lo. Ela sorri para o filho. "Morgan disse que quer vir aqui de novo. O que você acha?"

Adam se balança e sorri. "Oi, Morgan! Soryyyyy!!"
"Sim. A gente pode jogar isso de novo. Não ligo."

"Soryyyy!! Não ligo. Soryyyy!!"

"Não é meu jogo favorito, mas tudo bem."

Adam faz um círculo e pára, apontando o nariz na direção de Morgan.

Apesar de seus olhos estarem virados para o lado, ela sabe que ele está oferecendo a coisa mais próxima que pode de um contato visual. Ela espera que ele repita o que ouviu, e, de certa forma, ele o faz: "Qual é seu jogo favorito?", Adam pergunta.

Por um segundo, ela não se dá conta. É uma pergunta, uma pergunta que começa com qual, que ele está fazendo voluntariamente para outra criança. Ela não o induziu, não pensou de antemão o que ele deveria dizer. Cara nunca tinha visto isso antes, na verdade, ela não pensava que fosse possível.

"Não sei. Detetive é legal, mas acho que a gente não deveria jogar."

O impulso de Cara é prolongar a conversa e dar dicas para as respostas de Adam é tão forte que é quase impossível parar. Mas ela pára, respira fundo e espera.

"Tudo bem. Nada de Detetive então."

Ela solta o ar. *Meu Deus, eles conseguiram. Eles tomaram uma decisão, um plano de não jogar alguma coisa. Na estranheza do que se segue, Morgan olha por* sobre o ombro dela e vê Kevin na sala. Ele olha para Kevin e de volta para ela. "Uh, Cara, posso falar com você em particular por um minuto? Quero dizer, a sós?" Ele aponta para a varanda, e ela sai porque Adam parece estar bem, murmurando distraidamente.

"O que foi, Morgan?"

"Eu só preciso perguntar: Você conhece esse homem? O da cadeira de rodas?"

"Conheço."

"Certo, porque isso é meio estranho. Era isso que eu queria perguntar a você. Conversei com Chris, e ele me disse que no bosque Amelia estava procurando um homem de cadeira de rodas. Parece que ela ficava falando 'tem um homem de cadeira de rodas, e ele precisa de minha ajuda'."

Cara olha para ele. "Foi isso que ela disse?"

"Muitas vezes. 'Ele está assustado e precisa de minha ajuda.'"

Pela vidraça, ela olha para Kevin lá dentro. Ele foi até a cozinha e está sentado do lado oposto de Adam, que percebe, pela primeira vez, essa adorável surpresa: uma cadeira de rodas na cozinha! Surpreendentemente, ele parece bem, como se não se lembrasse de ter visto Kevin antes e estivesse apenas curioso com todos os aparelhos e dispositivos, suficientemente interessado para não se importar em se aproximar da pessoa que os detém.

Ele está assustado e precisa de ajuda. "Essas foram as últimas palavras dela?"

"Acho que sim." Ela não consegue ouvir o que está acontecendo lá dentro, mas vê pelo vidro: Kevin está falando sobre a cadeira de rodas, apontando para as diferentes partes, e Adam está ouvindo, pairando a centímetros do controle que chamou sua atenção. Ela poderia ter dito a Kevin que conversar com Adam não seria tão difícil

quanto ele imaginava, que ele está sentando em uma cadeira de rodas, e só isso já atrairia o interesse de Adam por boa parte da semana.

Observá-los é bom, mas também a deixa nervosa.

"Então, o que eu posso fazer é dizer a Chris que acho que encontrei o cara. Talvez ele queria vir aqui, falar com ele, descobrir que tipo de ajuda ele precisa."

"Eu acho que sei", ela diz.

Morgan olha para cima surpreso. "Sabe?"

Isso faz parte de algo maior, que envolve deixar Adam crescer e assumir a própria vida, em que partes existem e o separam dela. Kevin tomou decisões ruins no passado que provocaram um dano irreparável, mas existe algo mais: ela também fez isso. E é possível que ele seja bom para Adam. Ela quer tentar, pelo bem de Adam, de Kevin e talvez o dela própria. Neste momento, não há como dizer ao certo.

Uma semana depois, Cara está em um *drive thru* de hambúrgueres de beira de estrada que existe há tanto tempo que ela se lembra de ir de bicicleta com Suzette até lá para dividir uma porção de batatas fritas em uma embalagem imitando um barco. Agora ela observa Kevin, estacionado com uma moeda de 25 centavos em cada joelho, maravilhado com Adam, que ainda está no mesmo jogo de pinball há dez minutos. "Você vai ver", ela tinha dito antes, comprando só um dólar em fichas. "Adam é estranhamente bom em pinball." Ela não se lembra de quando fizeram essa descoberta — talvez dois anos atrás —, mas tem sido uma bênção para os dias chuvosos, em que ela pode levá-lo ao fliperama, conduzi-lo até as máquinas de pinball que ninguém mais quer e, por dois dólares, mantê-lo ocupado pela maior parte da tarde. Ela olha atentamente o rosto de Kevin, o olhar chocado de surpresa e prazer. "Ele é inacreditável, Cara."

Ela ri. "Eu avisei."

"As pessoas deveriam ver esse menino. Vou inscrevê-lo em competições."

"Claro, Kevin. De que competições você está falando exatamente?"

"Não existem mais campeonatos de pinball?"

"Talvez na Rússia."

"Vou descobrir."

Ela ri, apesar de parecer meio forçado.

Cara deseja que fosse mais fácil conversar com Kevin. Essa é a primeira vez que saem, mas ele ligou duas vezes para marcar, e em ambas a voz dele ao telefone estava cheia de uma combinação de receio e pavor. Ela tem medo de dizer a coisa errada, de dar a impressão errada ou não falar o suficiente e perdê-lo de vez. É um equilíbrio delicado, como andar na ponta dos pés em um campo minado de possibilidades perigosas.

Na mesma semana, dias antes, ela havia convidado Matt Lincoln para almoçar, dizendo que tinha algumas perguntas para fazer e um favor para pedir, presumivelmente para que ele não tivesse a impressão errada, e então mudou de roupa três vezes antes de encontrá-lo. Quando Matt chegou, ela quase ruiu alto, ao ver que ele tinha feito a mesma coisa: a camisa era nova, recém-passada, o rosto estava barbeado, o cabelo molhado, o que só podia significar que ele tinha ido para casa tomar banho antes do almoço. Depois disso, conversar com ele não foi tão difícil quanto ela achava que seria. Ela se lembrava da antiga Cara, das piadas que costumava contar nas festas, bebendo cerveja e vestindo regatas. Com ele, podia até contar alguma das antigas — sobre os professores do colegial, o antigo treinador de futebol americano. No final acabaram entrando nos tópicos mais sérios. Matt contou a ela sobre seu sobrinho, e ela falou a única coisa que achou mais importante no começo. "Todos os pais desejam ter começado a terapia — qualquer uma — mais cedo. Tente de tudo. Quanto mais, melhor. Ele vai mudar muito, você vai ver." Ele acenou com a cabeça quando ela disso isso. "Quem sabe? Ele pode ficar bem. Mas o que quer que aconteça, a vida fica muito mais fácil, muito melhor que você acha que vai ser." Ela também deseja que alguém tivesse dito a ela que adaptar as expectativas não é uma tragédia.

Teoricamente, ela o convidou para almoçar porque queria que ele devolvesse o saco de coisas que Morgan havia levado, todas as coisas que Adam tinha, mas, em algum momento, tinham pertencido a Amelia: um livro com o nome dela escrito,

outro com um cavalo na capa que ela havia copiado em um de seus desenhos. Também havia um lápis, algumas pedras e — o coração de Cara quase parou — duas meias diferentes femininas. Como Morgan encontrou essas coisas e soube que pertenciam a Amelia, a não ser que Adam tenha entendido o que ele estava perguntando e disse a ele? Ela queria ligar para Morgan e fazê-lo explicar exatamente o que tinha sido dito, o que Adam fez, mas então pensou, *Não, deixe isso ser particular. Deixe que eles tenham sua própria amizade e suas próprias conversas*.

Na última semana Cara havia percebido que ter tantas respostas só havia trazido mais perguntas, perguntas mais difíceis de responder. Como Amelia convenceu Adam a ir com ela? Ela disse: "Seu pai está esperando? Ele quer conhecer você?" Ele conseguiu entender essa promessa? Ela pensa no próprio impulso de sondar, descobrir tudo que puder sobre Amelia, que, no final — independentemente do que descubra — será só uma menina, uma menina de dez anos com uma mistura misteriosa de forças e déficits, intenção e inocência.

Ela poderia acumular detalhes, mil fragmentos de informações e ainda assim nunca saber o que fora dito no banheiro, o que era cantado no balanço. Talvez, no final, aquilo que procura não tenha muito a ver com Amelia. Talvez o que ela queira seja a perspectiva de Amelia — o que ela via em Adam, o que a atraía nele, porque o verdadeiro mistério da vida de Cara tinha sido sempre o mesmo: Adam.

Matt disse que ficaria feliz em levar os pertences de Amelia para Olivia, o que deixou as perguntas pendentes. Na verdade havia apenas uma: "Você se lembra onde as fibras do suéter foram encontradas no corpo de Amelia?"

"Uma no colarinho, acho. Ao redor dos ombros e no pescoço."

Ela assentiu de novo e agradeceu. "Foi o que pensei."

Fora do restaurante, ele a acompanhou até o carro e ficou parado com o saco de papel nos braços. Na luz do sol, ela viu traços do menino de que se lembrava: o pequeno sorriso torto, a maneira como os dentes se pronunciavam.

Ele era o primeiro homem com quem ela se sentia confortável em tanto tempo, e isso a fez querer se aproximar e dizer alguma coisa que evidenciasse perfeitamente seus pensamentos: Se você quiser sair uma noite dessas, posso arrumar uma babá. Ela quase disse e então se conteve, mesmo que tenha suspeitado que isso também estivesse passeando pela cabeça dele, no fundo do resto da conversa.

Vai chegar a hora, ela diz a si mesma agora, sentada em um café. O importante, por agora, é acertar as coisas entre Kevin e Adam. Em meio a hambúrgueres que Adam come sem o pão com os dedos, brincando com o controle da cadeira de rodas, Kevin conta a eles sobre sua vida e ela imagina que não tenha sido tão diferente da que eles próprios tiveram, vivendo em casa, cercados pelo passado. Quando o nome de Suzette surge, ele diz a Cara: "O irmão dela vai morar com a namorada, você ficou sabendo?"

Ela imagina Teddy e June, na entrada para buscar Suzette na casa de Kevin naquela noite. Fora uma surpresa tão desconcertante — como ver dois personagens de filmes diferentes aparecerem juntos. Então, um minuto depois, ficou perfeitamente claro: sim, eles eram um casal, a maneira como se comportavam juntos, a maneira semelhante como conversavam com Suzette, direta e tranqüilizadora ("sra. Barrows vai ficar bem... Vou levar você para casa... June vai nos seguir até lá..."). Ela os viu e pensou: É assim que as pessoas enfrentam crises *e sobrevivem. Eles se concentram nos detalhes, nas caronas e na comida. Elas transitam, por instinto, pela dor e permanecem juntas.* Se ela quer que Adam conheça o pai, precisa ser justa e perfeitamente clara. Cara espera até que ele tenha se distraído e volte para a máquina de pinball. "Tem uma coisa que eu preciso dizer sobre os encontros", Cara diz. "Precisamos de algumas regras. Não acho que seja uma boa idéia você ficar sozinho com ele. Pelo menos até que nós dois tenhamos conhecido você de novo."

Para sua surpresa, Kevin sorri e acena com a cabeça. "Parece justo", ele diz. "Mas eu pensei muito sobre isso e acho que seria bom para Adam ter você na vida dele. Isso ampliaria o mundo dele e, no final, eu espero que ele possa aprender maneiras de ajudar você. Sei que seria bom para ele não ser sempre aquele que recebe cuidados. Sentir que é forte e capaz às vezes. Não acho que ele tenha muitas chances de se sentir assim."

Apesar de Kevin não responder, ele assente, olhando para o chão em sua cadeira de rodas. Ele parece entender o que ela está tentando dizer.

Quando vão para o lado de fora, ela se lembra da pergunta que queria fazer a Kevin porque a tinha feito certa vez a Matt e ele não sabia responder. "Você por acaso se lembra, quando viu Adam no bosque, no começo... Ele estava usando ou carregando um suéter?"

"Carregando, acho. Eu me lembro de ter pensado que estava frio, que talvez ele devesse colocá-lo."

Eles estão no estacionamento, ao lado da van de Kevin com seu elevador mecanizado para a cadeira de rodas, e Adam pula ansioso e feliz ao ver a rampa abaixar, o mesmo entusiasmo que sente quando vê vídeos de empilhadeira. "Obrigada por tudo, Kevin", ela diz.

Enquanto a rampa se abaixa lentamente, Adam dá gritinhos e bate palmas pelo pequeno e maravilhoso espetáculo de mecânica. "Obrigada por tudo, obrigada por tudo", ele repete com o rosto a centímetros da caixa com alavanca mecânica que faz a rampa funcionar. Kevin vai até Adam, aponta para uma das alavancas e mostra a ele o que precisa. "Quando eu falar já", ele diz e rola a cadeira até a rampa. Ele faz que sim com a cabeça e Adam vira a chave que eleva Kevin até o carro e o leva para dentro. Até Cara tem de admitir: no que diz respeito a máquinas, esse é um belo modelo.

"Obrigado, meu pequeno Mago do Pinball ", Kevin diz quando está dentro do carro, inclinando-se na direção de Adam, que ri e não olha para cima.

Na viagem para casa, sozinha com seus pensamentos, ela repassa tudo em sua cabeça. Kevin não perguntou por que ela queria saber sobre o suéter, pelo que ela fica grata. Talvez, quando ele conhecer Adam melhor, ela explique o que acha que significa, enquanto desvenda a linha do tempo dos acontecimentos do bosque, como tudo deve ter acontecido do ponto de vista de Adam. Por um tempo havia poucas pessoas, falando de um jeito que Adam não entendia, e então por um tempo havia essa música, linda e etérea, que o levou. Ela sabe que Adam deve ter ficado o mais longe possível, pela maior parte do tempo, mas no final deve ter feito outra coisa também. Depois que todos foram embora, ele deve ter surgido dos arbustos e ido até sua amiga e confortado-a da única maneira que conhece, colocando o suéter em volta do pescoço dela de forma a lembrar seu próprio cobertor, prendendo os cantos, segurando-o da mesma maneira. Ela nunca vai saber que palavras foram trocadas entre eles, se é que alguma foi, mas sabe que ele fez algo que a maioria das crianças da mesma idade jamais conseguiria fazer. Talvez ele tenha cantado uma música sobre cores ou murmurado um trecho de uma de suas óperas. Talvez tenha sido menos romântico: *The Wheels on the Bus,* cantando fervorosamente no ouvido de Amelia enquanto a vida dela se esvaía. Mas o que Cara sabe, do que tem certeza, mesmo que seja surpreendente pensar a respeito é: ele ficou com ela o tempo todo, sem medo.

AGRADECIMENTOS

Estamos em meio de uma epidemia de autismo que está sendo combatida por laboratórios em Washington D.C. e por milhões de lares no mundo todo. Enquanto os pais, dada a oportunidade, podem não ter se oferecido para participar dessa batalha, um grande número de heróis tem lutado nela, e eu gostaria de agradecer a cada professor, auxiliar, terapeuta, enfermeira, trabalhador de refeitório e secretária de escola que dedicou um segundo de seu tempo para conhecer o meu filho, e ao fazêlo, ampliou seu universo e o ajudou a acreditar que existe um lugar para ele no mundo.

Eu também gostaria de agradecer às muitas pessoas que ajudaram em vários aspectos da pesquisa deste livro: Cathy Baechle, Doug Bolton, Jay Federman, Laura Lefebvre, Brent Nielsen, Steve Paterniti e Derek Shea. E aos meus queridos leitores: Mike Floquet, Bill Lychack, Bay Anapol, Beth Haas, Bill e Katie McGovern, Simon Curtis e Elizabeth McGovern. Um agradecimento especial ao meu irmão, Monty McGovern, por ler uma modificação do texto no último instante e oferecer sugestões que fizeram tanto sentido que tomei a decisão de última hora de usar todas. Um muitíssimo obrigada a Molly Stern, Mary Mount, Clare Ferraro e a todos na Viking pelas críticas inteligentes e pelo apoio cheio de entusiasmo e generosidade para este livro. Por último, mas não menos importante, preciso dizer que minha vida e minhas experiências como escritora mudaram muito, e para melhor, no dia em que, quatro anos atrás, Eric Simonoff telefonou e gentilmente se ofereceu para ser meu agente.

Finalmente, uma parte de toda a renda deste livro será destinada à Whole Children em Hadley, Massachusetts, um centro de recursos para famílias com crianças com necessidades especiais, e eu gostaria de agradecer meus intrépidos comparsas lá: Sue Higgins, Lisa Kirwan, Noreen Cmar-Mascis, Bob James, Sam McClellan e, especialmente, Carrie McGee, cujo espírito brilhante e benevolente nos ensinou muito sobre amar nossas crianças paciente e completamente, pelo que são e por tudo o que podem fazer.

Notas

1. Jogo de formação de palavras em que quatro fileiras de quatro dados com uma letra em cada face são dispostas em um cubo. A partir da combinação de letras resultante, os jogadores devem tentar formar o maior número possível de palavras. (N. da T.)
2. Jogo de cartas, 108 no total, em que os jogadores, seguindo regras específicas, vão diminuindo as cartas na mão até ficarem com uma (quando girtam "uno"), e vence quem ficar sem nenhuma. (N. da T.)
3. Jogo de cartas baseado e derivado do mangá japonês Yu-Gio-Oh! Cada jogador cria seu próprio baralho: um mínimo de 40 cartas, representando monstros, magia e armadilhas; há cartas que não podem entrar, e outras limitadas. É jogado entre dois oponentes, e vence quem destrói as vidas (8000, inicialmente) do outro. (N. da T.)
4. Nome informal para Associação Cristã de Moças (em inglês, Young Women´s Christian Association). (N. da T.)
5. ABA, sigla em inglês para "Applied Behavior Analysis". (N. da T.)
6. Sigla para "Scholastic Aptitude Test" exame para ingresso em uma faculdade. (N. da T.)
7. NOVA é uma série de televisão, apresentanda pela rede Public Boadcasting Services, devotada à divulgação de fatos ligados à ciência, tecnologa, história etc. (N. da T.)
8. Apresentadora de um programa de entrevistas na televisão (N. da T.).
9. Sigla em inglês para "Pervasive Development Disorder-Not Otherwise Specified". (N. da T.)
10. Jogo semelhante ao Ludo, jogado com dados ou com cartas. (N. da T.)

Sumário

Capa
Folha de Rosto
Créditos
Dedicatória

1
2
3
4
5
AGRADECIMENTOS Notas